

**MACIEL, LUCIANA NOVAIS**  
Organização

# **A BASE COMUM CURRICULAR E OS DIREITOS E OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM**

**ANAIS ELETRÔNICOS**

**VII SEMANA DE LETRAS DA FACULDADE PIO DÉCIMO**  
de 28-30/05/2018

**FACULDADE  
PIO DÉCIMO**

**REALIZAÇÃO:**





ISSN: 2359 1250

# VII SEMANA DE LETRAS

E SEMINÁRIO DE PESQUISA EM LINGUAGENS E PRÁTICA DOCENTE

A Base Nacional Comum Curricular e os Direitos e Objetivos de Aprendizagem

28, 29 e 30 de maio  
Auditório do Bloco C  
Campus Jabotiana

2

## COMISSÃO ORGANIZADORA E CIENTÍFICA

Prof<sup>a</sup> Me. Luciana Novais Maciel (Presidente)

FACULDADE  
PIO DÉCIMO



ISSN: 2359 1250

# VII SEMANA DE LETRAS

E SEMINÁRIO DE PESQUISA EM LINGUAGENS E PRÁTICA DOCENTE

A Base Nacional Comum Curricular e os Direitos e Objetivos de Aprendizagem

28, 29 e 30  
de maio  
Auditório do Bloco C  
Campus Jabotiana

3

---

**COPYRIGHT 2018© LUCIANA NOVAIS MARCIEL (ORG). É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização expressa do autores e organizadores. Por se tratar de uma publicação do tipo ANAIS, a comissão organizadora da VI SLFPD, isenta-se de qualquer responsabilidade autoral de conteúdo, ficando a cargo do autor de cada artigo completo/resumo tal responsabilidade.**

---

## **Organização Editorial**

**Profª Me. Luciana Novais Maciel**

## **Marca e Identidade Visual do Evento**

**Alberto César**

## **Capa, projeto gráfico e diagramação dos Anais**

**Profª Ms. Luciana Novais Maciel**



### Ficha Catalográfica

Catálogo na publicação (CIP) Ficha Catalográfica produzida pela editora executiva MACIEL, Luciana Novais. *et al.* **Base Nacional Comum Curricular e os direitos e objetivos de aprendizagem.**

Anais eletrônicos da VII Semana de Letras da Faculdade Pio Décimo / Luciana Novais Maciel. [org.]. – Faculdade Pio Décimo, 2018.

223p.: 4ª ed. ISSN 2359-1250

1. Ensino. 2. Língua. 3. Espanhol. 4. Literatura. 5. Anais.



**FACULDADE  
PIO DÉCIMO**

**PROF. JOSÉ SEBASTIÃO DOS SANTOS**  
DIRETOR GERAL

**PROF. JOSÉ JÚLIO SEABRA SANTOS**  
VICE-DIRETOR

**PROF<sup>a</sup> Me. LENALDA DIAS SANTOS**  
DIRETORA ACADÊMICA

**PROF<sup>a</sup> Me. LUCIANA NOVAIS MACIEL**  
COORDENADORA DO CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS E ESPANHOL

**ARACAJU/SE 2018**

## APRESENTAÇÃO GERAL

A VII Semana de Letras da Faculdade Pio Décimo soma-se agora à realização da primeira edição do Seminário de Pesquisa em Linguagens e prática docente, pensadas e organizadas pelo colegiado do curso de Licenciatura em Letras Português e Espanhol, a fim de provocar a reflexão sobre o ensino atual de Língua e Literatura, ampliando os olhares sobre as práticas de linguagem nos contextos de ensino/aprendizagem, e promovendo discussões acerca da formação inicial e continuada de professores para atuarem na Educação Básica, no ensino de línguas e literatura. Nesta edição, o debate será acerca da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), com foco na ressignificação dos conhecimentos pedagógicos, desenvolvendo uma consciência crítica dos docentes que estão inseridos num contexto contemporâneo para um repensar das práticas pedagógicas em torno dos aspectos da linguagem.

FACULDADE  
PIO DÉCIMO

A Comissão Organizadora da VII Semana de  
Letras da Faculdade Pio Décimo (SLFPD)

### SUMÁRIO

CONFERÊNCIA DE ABERTURA.....	11
MINICURSOS .....	122
ARTIGOS COMPLETOS.....	155
A CARACTERIZAÇÃO EM VIDAS SECAS PARA A CONSTRUÇÃO DO EFEITO CATÁRTICO	15
POLÍTICAS LINGUÍSTICAS PARA A CONSTRUÇÃO DA LÍNGUA BRASILEIRA: A defesa da Identidade nacional .....	27
A IRONIA COMO RECURSO ARGUMENTATIVO NAS CRÔNICAS: PRÁTICA EM SALA DE AULA.....	42
DO CAPUZ VERMELHO À CHAPEUZINHO AMARELO.....	61
O ENSINO DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA NOS ESTADOS UNIDOS: UM CASO VOLTADO AO ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS EM PERSPECTIVA INTERCULTURAL.....	72
O REGIONALISMO E AS MEMÓRIAS EM "O SERTANEJO" .....	87
SARAU "OCUPE A PRAÇA": a importância dos saraus como espaço de construção de cidadania.....	99
UMA ANÁLISE DAS REPRESSÕES NA LITERATURA INFANTIL .....	109
A AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM NA CRIANÇA COM AUTISMO .....	121
A INTOLERÂNCIA E A VIOLÊNCIA EM "A FEITICEIRA" DE INGLÊS E SOUZA.....	129
SIMÃO DIAS E O CORTIÇO: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE AS PERSONAGENS LUIZA, POMBINHA E DO CARMO.....	143
A PERDA DA INOCÊNCIA INFANTIL EM "NAS ÁGUAS DE DALILA", DE ANTONIO CARLOS VIANA .....	153
Monteiro Lobato: Começo da literatura que faltava às crianças brasileiras.....	163

AS RESSIGNIFICAÇÕES SATÍRICAS DA HISTÓRIA PELO NARRADOR CASMURRO .....	171
A IDENTIDADE DO SUJEITO PÓS-MODERNO EM <i>REPRODUÇÃO</i> , DE BERNARDO CARVALHO.....	187
RESUMOS.....	194
ILUSTRAÇÃO E SENTIDOS: EFEITOS DA ILUSTRAÇÃO NOS LIVROS DE LITERATURA INFANTIL.....	194
A FORMAÇÃO DOCENTE NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO BIOCÊNTRICA .....	195
FONÉTICA E FONOLOGIA: DIALETOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO .....	197
A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	198
SIMETRIA PROFESSOR-ALUNO: RELACIONAMENTO CRUCIAL PARA O DESENVOLVIMENTO DO ENSINO-APRENDIZAGEM EM LINGUAGENS .....	199
A METÁFORA ZOOMORFOLÓGICA NA POÉTICA DE BANDEIRA.....	200
A IMPORTANCIA DO USO DE MÚSICA NAS AULAS DE LÍNGUA ESPANHOLA.....	201
O REGIONALISMO CRÍTICO EM <i>O CABELEIRA</i> .....	202
FONÉTICA E FONOLOGIA: FONÉTICA ARTICULATÓRIA .....	202
A UTILIZAÇÃO DO CELULAR COMO SUPORTE PEDAGÓGICO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA .....	203
<i>JOSÉ</i> , DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE.....	204
À VIDA, OS CORAÇÕES NÃO VOLTAM MAIS .....	204
A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE LITERATURA NO ENSINO MÉDIO, PARA FORMAÇÃO DE LEITORES CRÍTICOS E REFLEXIVOS.....	205
FORMAÇÃO CONTINUADA PARA PROFESSORES:.....	206
OFICINAS DE CONFECÇÃO DE RECURSOS PEDAGÓGICOS PARA ALUNOS AUTISTAS .	206
A LINGUAGEM POÉTICA DE CECÍLIA MEIRELES .....	207

A UTILIZAÇÃO DA MÚSICA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS CONTEÚDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA.....	208
A PERSPECTIVA DA VIOLÊNCIA NA OBRA DE ANTÔNIO CARLOS VIANA.....	208
A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO COM OS GÊNEROS TEXTUAIS .....	209
EM SALA DE AULA .....	209
O EXISTENCIALISMO NO ROMANCE "JANE BRASIL", DE GIZELDA MORAIS .....	210
A ESTÉTICA DO POEMA MEUS OITO ANOS DE CASIMIRO DE ABREU .....	210
A INFLUÊNCIA DA TECNOLOGIA NA FORMAÇÃO DE LEITORES EM LÍNGUA PORTUGUESA .....	211
A HISTÓRIA EM QUADRINHOS COMO FORMA DE ENSINO CULTURAL E LITERÁRIO NA SALA DE AULA .....	212
A MULHER NA LITERATURA E SEUS ASPECTOS SOCIAIS NO CONTO <i>A BELA E A FERA</i> .....	213
A DOR FINGIDA DE UM POETA FINGIDOR? .....	213
ANÁLISE DE PROCESSOS INTERTEXTUAIS ENTRE OS CONTOS: "O BARBA AZUL" E "A FILHA DO BARBA AZUL" .....	214
PERFIL DA ESCRITA DE HERMES FONTES: Angústia e ternura .....	214
AS EDIFICAÇÕES DA TRANSITORIEDADE EM <i>MOTIVO</i> , DE CECÍLIA MEIRELES .....	215
PRESENÇA DOS HETEROSSEMÂNTICOS NO GÊNERO DIGITAL MÚSICA E O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA LÍNGUA ESPANHOLA .....	215
A PRÁTICA DO PROFESSOR DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....	216
A CONTRIBUIÇÃO NA OBRA DE AMANDO FONTES "OS CORUMBAS" PARA A LITERATURA SERGIPANA .....	217
A INFLUÊNCIA DAS MÍDIAS SOCIAIS COMO FERRAMENTA METODOLÓGICA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO .....	218
A METALINGUAGEM NA PÓETICA DE MÁRIO DE ANDRADE .....	218



ISSN: 2359 1250

# VII SEMANA DE LETRAS

E SEMINÁRIO DE PESQUISA EM LINGUAGENS E PRÁTICA DOCENTE

A Base Nacional Comum Curricular e os Direitos e Objetivos de Aprendizagem

28, 29 e 30 de maio  
Auditório do Bloco C  
Campus Jabotiana

A INFLUÊNCIA DA MÚSICA NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM NAS AULAS DE LÍNGUA ESPANHOLA .....	219
A ATUAÇÃO DO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA E A CONSTRUÇÃO DE SABERES NO CONTEXTO DO ALUNO SURDO .....	220
O ESTÍMULO DA LEITURA ATRAVÉS DO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA .	220
PROUNI: UM ESTUDO SOBRE A IMPORTÂNCIA DO PROGRAMA PARA A FORMAÇÃO DE FUTUROS PROFESSORES.....	221
A IMPORTÂNCIA DOS CLÁSSICOS DA LITERATURA BRASILEIRA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO LEITOR .....	222

10

FACULDADE  
PIO DÉCIMO

## CONFERÊNCIA DE ABERTURA

11

### DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR PARA A FORMAÇÃO DOCENTE

Prof<sup>a</sup>. Ma. Joniely Cheyenne Moura Cruz (SEED/SE)



FACULDADE  
PIO DÉCIMO

## MINICURSOS

12

### MINICURSO 1

**Professor de Espanhol e suas áreas de atuação**

**Prof. Me. Andrés Alberto Soto Tello (Faculdade Pio Décimo/ UFS/CESAD)**

### MINICURSO 2

**Oficina de Elaboração de referência bibliográfica de acordo com ABNT**

**Prof. Me. Anselmo Guimarães (Faculdade Pio Décimo/UFS)**

### MINICURSO 3

**Oficina de Braille**

**Prof<sup>a</sup>. Esp. Aurora Ferreira Vilalba (Faculdade Pio Décimo)**

### MINICURSO 4

**Preenchimento do Currículo Lattes**

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Josevânia Teixeira Guedes (Faculdade Pio Décimo)**

### MINICURSO 5

**Educação e Diversidade: metodologias e interdisciplinaridade**

**Prof. Me. Francisco Diemerson de Souza Pereira (Faculdade Pio Décimo)**

### MINICURSO 6

### Discurso e imagem: perspectivas para análise crítica de textos

**Prof<sup>a</sup>. Me. Edna Caroline Alexandria da Cunha Oliveira (UFS)**

13

Linguagem, discurso e poder estão na ordem para compreensão do texto como prática social, ou seja, funcionam como os pilares para a formação crítica do sujeito contemporâneo diante do mundo. De fato, pelo texto identificamos as estruturas de dominação, discriminação, a ideologia, o poder, o controle e a relação de forças entre os agentes sociais. Tal perspectiva é a pauta de debates deste minicurso cuja vertente prossegue pela análise crítica do discurso. Assim, reunimos exemplos relativos à linguagem verbal e não verbal presentes nas materialidades linguísticas como charge, tirinha, vídeo e cartaz publicitário, e fotojornalismo. Cada suporte comunicativo apresenta textos com temáticas sociais, mediados pela fala de grupos minoritários e envolvidos pela injustiça social. Trata-se de questões inerentes ao referido estudo discursivo no qual o analista se posiciona a fim de contribuir e/ou propor meios de intervir e mudar a realidade descrita na enunciação, sobretudo, no discurso da mídia e na publicidade. Desse modo, direcionamos nossa análise a partir do modelo tridimensional proposto por Norman Fairclough, delineada entre estrutura textual (vocabulário, gramática, marcadores coesivos), prática discursiva (interdiscursividade e intertextualidade) e prática social (sentidos/ideologia, figuras de estilo e contextos sociocultural, político, econômico). Neste percurso cabe considerar a participação dos sujeitos sociais que são influenciados pelas práticas discursivas. Logo, ao investigarmos os textos supracitados diante de uma proposta linguístico-discursiva, enfatizamos também toda a cadeia de elementos inerentes a tais processos, envolvendo a formação de identidades, os valores culturais, a consciência de si perante a sociedade, de modo que, a articulação entre tais fatores representa as pistas para o analista elucidar as relações de poder, de como esses aspectos se materializam pela linguagem.

**Palavras-chave:** Análise crítica do discurso; Práticas sociais; Linguagem verbal e não verbal.

### **MINICURSO 7**

## As ressignificações satíricas da história pelo narrador Casmurro

Prof<sup>a</sup>. Me. Tatiana Cintia da Silva (Faculdade Pio Décimo/PIC/NELL)

14

O posicionamento do narrador machadiano pelo viés da ironia é de grande relevância para que se perceba que não cabe ao leitor analisar o "real" pertinente à obra, mas as relações desse enredo com a sociedade pela égide da crítica verossímil e ressignificada do autor pela dramatização de Dom Casmurro. Outrossim, a sátira do escritor realista nos servirá como lastro para mostrar um paralelo entre o romance *Dom Casmurro* e a História de seu tempo através de suas personagens e dos acontecimentos do enredo, os quais vão se entrecruzar com alguns episódios que estavam se delineando no século XIX. Por esse motivo, será destacado no presente artigo todo um contexto sociocultural que se interliga às caracterizações das personagens, evidenciando questões como a religião, pensando na promessa de uma mãe que entra em "dívida" para com Deus; fazendo uma ponte entre o enredo verossímil à construção do Brasil Império; a formação de família e pensamentos patriarcais, machistas e tradicionais de um narrador parcial perante o que nos conta. Propomos, desse modo, um diálogo com os teóricos Adorno (2003), Gledson (2005), Caldwell (2002), Iser (1983), Schwarz (2000) etc.

**Palavras chaves:** Sátira. Brasil Império. Sociedade. Formação da família.

## ARTIGOS COMPLETOS

15

### A CARACTERIZAÇÃO EM VIDAS SECAS PARA A CONSTRUÇÃO DO EFEITO CATÁRTICO

Alexsson Keven Mota Silva (PIC / NELL / FPD) <sup>1</sup>Tatiana Cíntia da Silva (PIC / NELL / FPD) <sup>2</sup>

#### Resumo

Este artigo vem com o propósito de fazer a contextualização e a análise da importância da caracterização da obra "Vidas Secas" do ponto de vista da proposta narrativa, ou seja, da construção da identidade nordestina por meio da caracterização de personagens, cenografia e dialeto que marcam fortemente o regionalismo aproximando demasiadamente o leitor ao efeito catártico de Graciliano Ramos, por isso, o presente estudo tem como foco a caracterização do enredo para melhor compreender os efeitos catárticos, assim sendo, aprofundaremos as linhas sertânicas pelo andar da família de Fabiano.

**Palavras-chave:** Vidas Secas. Construção do Efeito. Caracterização do Enredo.

#### Resumen

Este artículo científico viene con el propósito de hacer la contextualización y el análisis de la importancia de la caracterización de la obra "Vidas Secas" del punto de vista de su propuesta narrativa, o sea, de la construcción de la identidad nordestina por medio de la caracterización de sus personajes, escenografía y dialectos que marcan fuertemente el regionalismo acercando demasiado el lector al efecto catarsis de Graciliano Ramos, por eso, el presente estudio tiene como enfoque la caracterización del enredo para comprender mejor los efectos catarsis, siendo así, profundizaremos las líneas "sertânicas" por los pasos de la familia de Fabiano.

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Letras Português/Espanhol da Faculdade Pio Décimo (FPD). Membro do grupo de pesquisa do projeto de Iniciação Científica através do Núcleo de Estudos em Literatura do Curso de Letras (NELL), introdução ao cinema hispânico (O Cinespañ). Monitor de língua espanhola I.

<sup>2</sup> Professora Especialista em Letras, Linguística e Literatura; Mestre em Literatura e Cultura. Além de cátedra em Literatura na Faculdade Pio Décimo (FPD), tem como linhas de pesquisa a prosa machadiana e a poética intertextual entre o medievo e o sertão em Elomar Figueira de Mello pelas trilhas da memória e das metáforas de saudade. Outrossim, é pesquisadora do projeto de Iniciação Científica através do Núcleo de Estudos em Literatura do Curso de Letras (NELL), orientadora da Linha de Pesquisa: Literatura, Regionalismo, Memória e Ensino.

**Palabras Clave:** Vidas Secas. Construcción del Efecto. Caracterización del Enredo.

## INTRODUÇÃO

Para um leitor comum, as narrativas — ou textos em geral — podem ser categorizadas em leituras que lhe agradaram e as que não, mas se analisarmos mais a fundo a criação de um texto, pensando que algo pode não estar ali por simples coincidência, mas propositalmente construído pelo escritor, a exemplificação de cenas que podem passar despercebidas e, mais à frente, fazerem sentido para um desfecho. Desse modo, refletindo intimamente sobre uma obra por completa, nas características que lhes foram empregadas, podem fazer total sentido — dentro da narrativa — quando se analisadas e não somente lidas superficialmente. Além disso, abre-se uma reflexão sobre qual o propósito temático do texto analisado e, talvez, esse seja o ponto chave para o início de uma análise aprofundada. É bem possível que tais características distingam as narrativas que obtiveram e obterão grande influência no ramo literário, assim pensaremos na caracterização de “Vidas Secas” como a obra de maior importância do grandioso Graciliano Ramos.

## 1. EFEITO CATÁRTICO NAS TRILHAS DO SERTÃO E DO HOMEM SERTANEJO

A princípio, faz-se necessário pensarmos em o que é efeito catártico e qual a importância para a cativação de uma leitura. Aristóteles, que se aprofundou no efeito catártico em “Arte Poética” (2014), contextualizando a importância do conjunto da obra ao purgar emoções, mais precisamente na tragédia, pois esse fora seu gênero de atuação mais importante dentro da literatura, afirmou que a:

Tragédia, assim, é a imitação de uma ação séria, completa, que possui certa extensão, numa linguagem tornada agradável mediante cada uma de suas formas em suas partes, empregando-se não a narração, mas a interpretação teatral, na qual [os atores], fazendo experimentar a compaixão e o medo, visam à purgação desses sentimentos. (ARISTÓTELES, 2014, p.49)

Graciliano Ramos ao escrever “Vidas Secas” é bastante influenciado pela sua vida de um modo geral e, principalmente, pelo momento em que se encontra. No capítulo “Cadeia”, Fabiano é preso sem motivo para se firmar um cárcere, pois mesmo sendo gente de bem e obediente, tinha poucas informações sobre seus direitos enquanto cidadão. Ramos (2018, p.28) “Levantou-se e caminhou atrás do

amarelo, que era autoridade e mandava. Fabiano sempre havia obedecido. Tinha muque e substância, mas pensava pouco, desejava pouco e obedecia.”

Na continuidade do capítulo, observa-se o teor crítico referente ao governo ao usar o Soldado Amarelo para representá-lo:

E, por mais que forcejasse, não se convencia de que o soldado amarelo fosse governo. Governo, coisa distante e perfeita, não podia errar. O soldado amarelo estava ali perto, além do grande, era fraco e ruim, jogava na esteira com os matos e provocava-os depois. O governo não devia consentir tão grande safadeza. (RAMOS, 2018, p.33)

Dentro do principal conflito do aporte, há a relação do romance com o momento anterior da vida de Graciliano <sup>1</sup>, quando o escritor sofre uma prisão no Rio de Janeiro pelo governo de Vargas, onde não lhes deram grandes justificativas para tal ato. É notória a imitação da Literatura com o momento marcante de sua vida, por isso, traz fortes críticas ao governo e às idealizações de perfeição, aos quais a sociedade acreditava plenamente no momento histórico que o Brasil vivia. Afirmamos então que efeito catártico é a descarga emocional cultivada a partir do que se lê — para a narrativa escrita — ou daquele que a escreve. Pensando mais amplamente, o efeito catártico dar-se-á a partir de momento em que o leitor ou escritor sente-se parte do que ali está escrito, ou seja, adentra à narrativa. Em *Vidas Secas*, há vários momentos propensos ao efeito catártico pela intensidade como se apresenta a descrição do cenário e da vida que as pessoas levam em meio ao sertão. Ao expor a vida da família descrita em terceira pessoa por um narrador tipicamente nordestino — notando-se a partir do uso de dialetos únicos dessa região — aproximando-se fortemente da proposta da narrativa.

Sinha Vitória estirou o beijo indicando vagamente uma direção e afirmou com alguns sons guturais que estavam perto. Fabiano meteu a faca na bainha, guardou-a no cinturão, acorcorou-se, pegou no pulso do menino, que se encolhia, os joelhos encostados no estômago, frio como um defunto. Aí a cólera desapareceu e Fabiano teve pena. Impossível abandonar o anjinho aos bichos do mato. Entregou a espingarda a Sinha Vitória, pôs os filhos no cangote, levantou-se, agarrou os bracinhos que lhe caíam sobre o peito, moles, finos como cambitos. (RAMOS, 2018, p.10)

<sup>1</sup> Não afirmamos aqui que a obra seja um reflexo da vida do autor, pois não se trata de uma autobiografia, mas que há pontos relevantes na História, inclusive do autor, que se amalgamam pela verossimilhança literária.

Na voz do narrador — que predomina em toda a narrativa — vê-se o emprego de dialetos nordestinos em: “estirou o beijo”, “acocorou-se”, “pôs o filho no cangote” e “finos como cambitos”. Tais palavras e expressões ainda muito usadas em meio aos nordestinos, estirar o beijo referindo-se ao ato de esticar os lábios, acocorar-se forma regional de descrever o ato de agachar-se, cangote sendo para descrever a região da nuca e cambito é um pedaço fino de madeira que prende os bois, assim construindo a metáfora entre a circunferência da madeira e os braços do menino mais novo. Tal aspecto empregado pelo narrador conduz facilmente o leitor ao efeito catártico ao aproximá-lo à realidade social da qual se passa o enredo quando não se é apresentado um menino com circunferências mais avantajadas, senão um menino raquítico pela falta de alimentação adequada, também é possível ver, ao longo da narrativa, palavras como: rês, arremedando, aligeirou, alpercatas, finara, tapera, ventas, vistosas, bicheira, camarinha, esgaravatou etc. No fragmento destacado, é evidente o uso de “aí” como linguagem informal para a sucessão de informações apresentadas, levando o leitor a aproximar-se do narrador como se houvesse um diálogo informal e o leitor passa a ter a sensação de, indiretamente, fazer-se parte do enredo.

A voz do narrador apresenta-se carregada de características que são emanadas do lugar. Aparentemente o narrador também é um nordestino e isso é possível de ser notado pelos dialetos empregados. Além do código dialetal, esse mesmo narrador usa, às vezes, outras técnicas para dar realidade ao que se quer apresentar dentro das cenas, levando o leitor a imaginar o mais próximo do desejado, afinal o enredo tem pouquíssimos diálogos, quase tudo é legado ao narrador em terceira pessoa.

Após a cena em que o dono da fazenda vai falar com Fabiano sobre suas terras, as quais o homem ruivo e mancando havia se instalado com a família, o narrador, passa a descrevê-lo pela técnica de zoomorfismo. Ramos (2018, p.19) “O corpo do vaqueiro derreava-se, as pernas faziam dois arcos, os braços moviam-se desengonçados. Parecia um macaco.” Essa metáfora o animaliza, passando uma imagem do homem próximo ao comportamento de um macaco para dizer que ele era um ser do campo e sem modos finos de elegância, assim firmando a temática por meio da mensagem da narrativa, que abordaremos mais a seguir.

Encolho no banco do copiar, Fabiano espiava a catinga amarela, onde as folhas secas se pulverizavam, trituradas pelos redemoinhos, e os garranchos se torciam, negros, torrados. No céu azul as últimas arribações tinham desaparecido. Pouco a pouco os bichos se finavam, devorados pelo carrapato. (RAMOS, 2018, p.117)

Observando a objetividade nas palavras secas do narrador para transmitir fielmente a imagem da catinga em épocas difíceis de grande seca, evidenciando-se o céu azul, límpido pela falta de nuvens, assim como a plantação morta a ponto de se desfazer com facilidade, os animais emagreciam demasiadamente chegando a morrer, trazendo a água como representação da vida que germinava e coloria a catinga nas temporadas chuvosas, mas sua falta germinava a morte.

Pode-se, ainda, refletir acerca do ambiente que contribui para adentrar à narrativa, a exemplo de vários momentos em que são transcritos os conflitos psicológicos, onde apresentam-se de fato a compreensão e os questionamentos do que se é pensado a respeito do que é vivido pelas personagens. Outrossim, existe um propósito crítico por trás da temática dessa narrativa — que abordaremos mais à frente — assim fazendo com que as personagens não tenham grande quantidade de falas em discurso direto ou até mesmo em qualquer outro tipo de discurso. O drama psicológico em cada capítulo leva, de certo modo, à construção das personagens remetendo às características de famílias pobres do interior do Nordeste, a fim de usar seus ideais de convívio, interação e injustiças sociais, tensão social e tensão psicológica para apresentar subjetivamente às críticas abordadas.

O ambiente, certamente, é o segundo pondo chave para o feito catártico. GANCHO (2002, p.23) “Ambiente: É o espaço carregado de características socioeconômicas, morais, psicológicas, em que vivem os personagens.”

Uma das crianças aproximou-se, perguntou-lhe qualquer coisa. Fabiano parou, franziu a testa, esperou de boca aberta a repetição da pergunta. Não percebendo o que o filho desejava, repreendeu-o. O menino estava ficando muito curioso, muito enxerido. Se continuasse assim, metido com o que não era da conta dele, como iria acabar? (RAMOS, 2018, p.10)

Havendo uma crítica social entre a separação das classes e seus “deveres”, nessa passagem da narrativa, Fabiano repreende os filhos, pois, esse fora ensino assim e passava o mesmo para eles. Apresenta-nos subjetivamente o ensinamento das diferenciações comportamentais entre as classes sociais. Por serem pobres, eles não podiam nem sequer cogitar a possibilidade de questionamentos, tinham que ser submissos e aceitar tudo, mesmo que houvesse pensamentos contrários a atitudes de outros, destacando a hierarquia de submissão dentro da pirâmide socioeconômica, a qual essa família encontra-se na base.

## 2. A VEROSSIMILHANÇA QUE EXTERNA AS PALAVRAS

O elemento primordial para o efeito catártico está na verossimilhança empregada ao texto, desse modo, ela desempenha o papel de quão verdadeiro o texto apresentar-se-á ao leitor, se mais verossímil, mais credibilidade lhe dará, ao saber que se trata de uma ficção; contudo, carregada de características verdadeiras. 20

É a lógica interna do enredo, que o torna verdadeiro para o leitor; é, pois, a essência do texto de ficção.

Os fatos de uma história não precisam ser verdadeiros, no sentido de corresponderem exatamente a fatos ocorridos no universo exterior ao texto, mas devem ser verossímeis; isto quer dizer que, mesmo sendo inventados, o leitor deve acreditar no que lê. Esta credibilidade advém da organização lógica dos fatos dentro do enredo. Cada fato da história tem uma motivação (causa), nunca é gratuito e sua ocorrência desencadeia inevitavelmente novos fatos (consequência). A nível de análise de narrativas, a verossimilhança é verificável na relação causal do enredo, isto é, cada fato tem uma causa e desencadeia uma consequência. (GANCHO, 2002, p.10)

Ao analisar-se o conjunto de capítulos do livro, em um primeiro momento a família está de mudança, consequência das agruras da vida, tendo a forte seca como causa, pois viviam sem nada para comer e sem condições de produzir alimentos, tomam o caminho para o sul do país e passam a andarilhar pela terra seca.

Os fatos vão transcorrendo e, já próximos à temporada de chuva, encontram uma casa com um sítio em volta onde se mantêm por todo inverno. Com o passar do tempo, a seca volta a apresentar-se e se agravar com o decorrer dos meses, então, no último capítulo, "Fuga", a família tem que voltar para as trilhas em direção ao sul. Nessa breve descrição, constata-se a seca como causa, que desencadeia a mesma consequência em ambas vezes, a família tem que tomar a andarilhar em busca de outro lugar para tentar a sobrevivência.

A verossimilhança está associada à proximidade das características empregadas ao texto com características externas a ele, ou seja, características reais ao mundo, mesmo que haja modificação para mais intensa ou para menos semelhante ao externo, mas sempre se assemelhando ao que de fato existe ou faz sentido fora dele, buscando características e apropriações de fatos históricos, geográficos e culturais pela verossimilhança.

Aristóteles ainda comenta sobre a verossimilhança que deve ser empregada à tragédia.

No que diz respeito à tragédia, porém, os poetas recorrem aos nomes reais. A razão disso é o possível parecer plausível; no que tange à possibilidade de coisas que não aconteceram não dispomos ainda de certeza; entretanto, a possibilidade de eventos reais EVIDENCIA-se por si só: não teriam se produzido se não houvesse sido possível. (ARISTÓTELES, 2014, p.55)

“Vidas Secas” não se tratando de um poema, mas de uma narrativa, traz consigo elementos importantes apresentados por Aristóteles, a possibilidade real por trás da tragédia vivida pelo sertanejo em fugir da seca à procura da sobrevivência em outro lugar, tão verossímil a fatos históricos, externos ao livro, assim, tornando-o plausível em sua construção.

Assim, entendemos que há limitação para o emprego de características baseadas na verossimilhança, mesmo que sejam intensificadas ao empregar-se no texto, há o compromisso de manter-se na linha da possibilidade real dos fatos apresentados.

Há, notoriamente, uma verossimilhança interna na obra em estudo, pois o contexto, dentro da própria narrativa, faz sentido para todo o enredo e, também, há a verossimilhança externa por ser possível a ligação entre pessoas comuns do agreste do país e que passaram e passam pelo mesmo enredo da narrativa de Graciliano Ramos, transcrevendo, desse modo, quase a biografia de famílias fora da literatura. Nos filmes, emprega-se a frase “baseado em fatos reais” para dizer que tal filme fora fundamentado em algo que de fato ocorrera e, para melhor assimilação, pode-se associar verossimilhança à “baseado em fatos reais”, tendo ciência de que verossimilhança e amplamente maior do que basear-se em tais fatos, pois é necessário que haja nexos entre as características e os fatos, mesmo que ainda seja um texto fictício, faz-se necessário que esteja dentro do campo da coerência.

Graciliano Ramos traz a exemplificação perfeita de como empregar a verossimilhança, pois, em “Vidas Secas”, temos uma família que tenta a sobrevivência em meio ao sertão nordestino, mas não se trata somente desse fato, as características empregadas lhes constrói próximo ao real — verossimilhança externa — remetendo-lhes a histórias de vida do povo nordestino que são massacradas pela seca e, mesmo assim, com bravura e esperança, são indivíduos capazes de sobreviver às inconstâncias em meio a tudo que lhes faltam, menos à determinação de prosseguir fortalecidos nessa mesma esperança e pela marcha lenta do andar de quem não sabe o que verá, mas espera por algo.

Para Gancho (2002, p.23), “Espaço é, por definição o lugar onde se passa a ação numa narrativa.” e, desse modo, em “Vidas Secas” não seria diferente, pois

na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andava pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredia bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da catinga rala. (RAMOS, 2018, p.9)

Observando a narrativa, logo no primeiro capítulo — Fuga — é descrito verossimilmente a caatinga que castiga a pobre família de Fabiano: sem grandes elevações, com a terra avermelhada, possível coloração do barro ou avermelhada pelo sangue dos animais que morrem nela, em que se podiam ver as ossadas, essas, que outrora quando ainda havia vegetação, faziam parte de animais vivos:

A catinga estendia-se, de um vermelho indeciso salpicando de manchas brancas que eram ossadas. O voo negro dos urubus fazia círculos altos em redor de bicho moribundos. (RAMOS, 2018, p.10)

A seca se agravava que até mesmo o rio já secara, mas como é biologicamente da vegetação da caatinga, ao longe, alguns galhos com poucas folhas podiam ser vistos contrastando com todos aqueles outros que nem sequer folhas produziam mais pela insolação intensa. A seca ali devastava a vida e aquela família estava frente à morte e os urubus que os sobrevoavam, traziam o presságio dessa, enfatizando ao leitor que a morte e a sobrevivência na caatinga é algo quase palpável e essa dualidade é marcada dentro do enredo.

Graciliano Ramos usa de uma família pobre, nordestina e do interior — a qual fora sua realidade quando jovem — para abordar críticas sociais na narrativa. Passando-se em meio ao sertão nordestino, há a obrigatoriedade de caracterizar o espaço com verossimilhança, levando o leitor ao tão estimado efeito catártico. Essa caracterização é necessária para que se torne possível o enredo ocorrer no sertão. Imaginemos a importância dessa caracterização corretamente empregada, pensemos na mesma família em uma metrópole como São Paulo, alguns, possivelmente todos os conflitos vividos pela família não seriam possíveis que se passassem ali, ou ainda, na mesma família de Fabiano vivendo naquela região do nordeste; porém, com um nível socioeconômico melhor do que se apresenta ao longo na narrativa, consecutivamente, teriam um nível de estudo que resultaria em seres mais questionáveis, menos inocentes, não aceitariam os desmandos do governo e a omissão do seu papel social, teriam conhecimento de seus direitos e de como reivindicá-los, assim não possibilitando o capítulo Cadeia, onde a

representação do governo abusa do seu poder para prendê-lo sem motivos, senão pelo único desejo de demonstrar a sua superioridade.

Por isso, torna-se a obrigatoriedade de que se haja a caracterização de acordo com os objetivos que se querem expô-los, dentro desta narrativa, pode-se cogitar que seria a vida miserável e sofrida com que grande parte do Nordeste sobreviveu e sobrevive ainda na atualidade. Logo, afirma-se que a forma como um texto será ou foi escrito, sofre influência de seus objetivos almejados, mantendo-se vinculados e trazendo para áreas da lucidez, onde de fato tal enredo poderia ser transcrito verossímil com os seus objetivos.

### **3. OBJETIVOS DA PALAVRA SECA NA DÉCADA DE 30**

Tratando-se de uma obra da Segunda Geração Modernista, focada no movimento regionalista, a objetividade seca da escrita de Graciliano Ramos mostra-se condizendo com seu momento histórico. No fundo do livro, na edição de 2018, a editora traz a um breve comentário, do escritor, sobre a profissão das lavadeiras de Alagoas como tantas de outros interiores nordestinos:

Deve-se escrever da mesma maneira como as lavadeiras lá de Alagoas fazem seu ofício. Elas começam com uma primeira lavada, molham a roupa suja na beira da lagoa ao do riacho, torcem o pano, molham-no novamente, voltam a torcer. Colocam o anil, ensaboam e torcem uma, duas vezes. Depois enxáguam, dão mais uma molhada, agora jogando a água com a mão. Batem o pano na laje ou na padra limpa, e dão mais uma torcida e mais outra, torcem até não pingar do pago uma só gota. Somente depois de feito tudo isso é que elas dependuram a roupa lavada na corda ou no varal, para secar.

E logo conclui dizendo: "Pois quem se mete a escrever devia fazer a mesma coisa. A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso; a palavra foi feita para dizer", ou seja, o autor endossa que o texto literário não foi feito para derramamentos emotivos ou retóricos, mas são elementos fulcrais e verossímeis para um possível efeito catártico. Sendo, claramente, seu objetivo em meio a literatura, alcança com maestria no livro que, talvez, seja o mais importante em sua carreira de modo geral.

Trata-se, na verdade, do único enredo de produção de Graciliano em terceira pessoa e isso ocorre justamente porque o autor queria tratar de existência silenciada no homem do sertão. Tudo é evidenciado pelo olhar no narrador onisciente e, às vezes, temos inclusive o pensamento das personagens pela boca do narrador através dos monólogos interiores, pois a motivação era exatamente mostrar como aos pobres tudo é negado, inclusive a voz.

Ao analisar uma narrativa, faz-se necessário pensar profundamente acerca do propósito do enredo para conseguir chegar de fato na essência do texto. Deve-se, portanto, pensar nas motivações para tal escrita e, da mesma forma, nos objetivos pretendidos alcançar.

Já dizia Aristóteles (2014, pa.43) "São essas, portanto, as três distinções que servem de base à imitação, como dissemos no começo, nomeadamente meios, objetos e modos." Mormente, o texto em si antes de sua criação física tem como obrigação nortear-se a ponto de extrema importância, como maior para o efeito, objetivo catártico e modo de enunciação, antes mesmo de ser escrito e *posteriori* ao livro ser apresentado ao leitor. Contudo, sendo mais específico às narrativas, Gancho (2002, p.30) propõe que ao analisar se pense a respeito de: tema, assunto e mensagem.

Abordando a seca como temática evidente, mas não puramente no sentido de seca como falta de água, senão a seca de vida, cultura, condições sociais humanas; a falta desses aspectos por parte daquela família pobre, do interior nordestino. Vidas Secas por personagens humanos, secos emocionalmente — personagens planos — tendo Baleia, a cachorra, como a personagem mais redonda, dispondo de conflitos internos e em vários momentos sendo descrita através da técnica de humanização:

Defronte do carro de bois faltou-lhe a perna traseira. E perdendo muito sangue, andou como gente, em dois pés, arrastando com dificuldade a parte posterior do corpo. Quis recuar a esconder-se debaixo do carro, mas teve medo da roda. (RAMOS, 2018, p.88)

A voz do narrador não a humaniza sem almejar objetivos, como visto anteriormente, as personagens humanas são zoomorfizadas, adquirindo características animais, havendo um propósito ao empregar essas técnicas, deixando enfatizado que a vida levada por aquela família era de extrema pobreza, onde há a omissão do Estado em lhes dar melhores condições sociais e, por isso, viviam puramente dominados pelo instinto de sobrevivência, explicitando que também socialmente estariam abaixo dos animais.

Essas vidas estavam tão atreladas à sina social e ao instinto de sobrevivência que lhes faltaram demonstração de afeito. Além disso, faltava-lhes cultura escolar e, até mesmo, conhecimento para a comunicação mais básica, outrossim, dentre os humanos da família, sinha Vitória é a mais inteligente da casa porque consegue fazer contas usando os caroços de feijão, já que ela "tinha miolos". Sendo vidas de profunda miséria, a falta também era de alimentação; por isso, acabavam sujeitando-se a tudo por pouco alimento e um teto para passar as noites frias da caatinga.

Continuando a pensar sobre a crítica social como mensagem atrelada ao texto, quando usado — propositalmente — a falta de diálogos entre as personagens para explicitar a falta de informação e do não acesso à escola para o desenvolver de uma interação sociocomunicativa melhor, pois a falta de dinheiro e a não intervenção do poder público a garantir a educação como necessidade básica e de acesso a todos, os fizeram lutar pela sobrevivência diária por não terem a oportunidade de estudo na idade adequada, assim repetindo-se com seus dois filhos, sendo que o mais velho pensa em ser alguém socioeconomicamente melhor com os estudo que almeja, mas que a realidade não lhe é favorável e o mais novo sonha em ser como o pai, um vaqueiro. Essas duas versões entre os filhos revela a hereditariedade econômica, por mais que o menino mais velho queira algo melhor, irá ser como o pai — aceitando ou não — e o menino mais novo, que nunca vivenciara outra realidade a não ser a do pai, já está conformado com aquilo e passa a admirar a profissão do seu pai, tudo como um reflexo determinista pelas trilhas do sertão.

Havendo mais dualidades nas vidas secas, pela rotina de sobrevivência que os seguiam e por ser reflexo de como foram criados, passando assim de pai para filho — unicamente — a esperança, porque bem material nenhum, aquela família possuiria, todos estavam fadados a repetir-se com outras histórias de vida que, também, seriam secas.

Para Gancho (2002, p.30) "Assunto é a concretização do tema, isto é, como o tema aparece desenvolvido no enredo. Pode-se identificá-lo nos fatos da história e corresponde geralmente a um substantivo (ou expressão substantiva) concreto(a)." Desse modo, pode-se dizer que o assunto abordado em "Vidas Secas" é: a triste sina do sertanejo para fugir da morte em tempos de seca.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como intuito apresentar a análise da caracterização de "Vidas Secas" do ponto de vista da sua criação e as motivações por trás da mesma, de como dar-se essa construção ao ser apresentada ao leitor, partindo de dois pontos principais para os textos: a verossimilhança e o efeito catártico. Mas, também, refletir sobre a composição de características trazidas pelo escritor para fundamentar mensagens e críticas subjetivas à narrativa, sabendo que existe um limite e uma obrigatoriedade no uso das características empregadas ao texto, assim, vinculadas com o propósito literário almejado pelo escritor.

Tratando-se de uma obra pensada e construída minimamente a partir de propósitos críticos, o livro vem carregado de características nordestinas que lhes são propensas à escrita crítica por parte da literatura e sabiamente abordadas em

minúcias pelo seu escritor, assim levando uma obra completa e cheia de possíveis aprofundamentos temáticos a serem discutidos. Como o próprio Graciliano Ramos disse e pôs em prática: "A palavra foi feita para dizer."

### REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES; BINI, E. **Poética**. São Paulo: Edipro, 2014.  
GANCHO, Cândida Vilares. **Como Analisar Narrativas**. São Paulo: Ática, 2002.  
RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. Rio de Janeiro: Record, 2018.



FACULDADE  
PIO DÉCIMO

## **POLÍTICAS LINGUÍSTICAS PARA A CONSTRUÇÃO DA LÍNGUA BRASILEIRA: A defesa da Identidade nacional**

Gilmar Fabiano da Silva Santos<sup>1</sup>Waldéia do S. Bastos daPaixão.<sup>2</sup>

27

### **RESUMO**

O presente artigo tem como objetivo abordar a valorização da cultura popular, principalmente as de heranças indígena e africana as quais, por muitos anos, foram tidas como bárbaras, mas auxiliaram na entrada dos portugueses nos sertões brasileiros através da língua geral que até o século XVIII foi a língua mais falada nesta terra. Iremos discorrer sobre as determinações do pensamento iluminista do Marquês de Pombal onde expulsa os jesuítas e os educadores, impondo assim, a língua portuguesa como idioma falado na colônia. Este projeto científico visa uma análise perspicaz da trajetória da língua brasileira que absorveu os falares indígenas, africanos e dos imigrantes europeus e a constituição de uma nova cultura. O resultado desses quinhentos anos de Brasil, é de um país dividido economicamente, que valoriza a cultura e valores europeus como modelos de civilidade e o popular que obteve um direito à educação de forma tardia onde tenta adequar sua cultura linguística às necessidades econômicas, sociais e políticas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Língua; Políticas; Cultura; História; Popular.

### **ABSTRACT**

The purpose of this article is to assess the value of popular culture, especially those of indigenous and African heritage, which for many years were considered barbaric but helped the Portuguese to enter the Brazilian backlands through the general language that until the 18th century was the most spoken language on this earth. We will discuss the determinations of the Enlightenment thought of the Marquis of Pombal where he expels the Jesuits and the educators, thus imposing the Portuguese language as the language spoken in the colony. This scientific project aims at an insightful analysis of the trajectory of the Brazilian language that absorbed the indigenous, African and European immigrant discourses and the constitution of a new culture. The result of these five hundred years of Brazil is from an economically divided country that values European culture and values as models of civility and the popular that has obtained a right to education in a late form where it tries to adapt its linguistic culture to the economic, social and policies

<sup>1</sup>Licenciado em Letras-Português pela UNIT - Universidade Tiradentes -SE - 2008 e Pós-Graduado em Língua Portuguesa - Pio X-SE - 2010

<sup>2</sup>Licenciada em Letras-Português/Inglês pela Faculdade Atlântico-Se-2007 e Pós-Graduanda em Metodologia do Ensino da Língua Inglesa-Faculdade Atlântico.

**KEY-WORDS** : Language; Politic; Cultura; History; Pop

## INTRODUÇÃO

28

Este artigo tem como base teórica os pesquisadores Ataliba de Castilho e Marcos Bagno que fizeram um estudo de décadas sobre as políticas linguísticas do idioma nacional e da necessidade de mudança no ensino da gramática e na forma de ver as variações lingüísticas, como cultura e não como uma forma de excluir, pois toda e qualquer forma de comunicação não deve ser vista como incorreção, mas como adequações locais para as trocas de conhecimentos, é incontestável dizer que, uma padronização na escrita é necessária para a documentação dos fatos.

Alterações entre linguagem e sociedade tem sido tema de estudos da Sociolinguística, da Análise do Discurso, da Pragmática, da Sociologia e de outros campos de estudos. Nosso texto se insere no conjunto desses estudos por abordar alguns aspectos das relações sociolingüísticas e da história por traz delas, dentre as quais destacamos as políticas linguísticas.

Há dentro deste estudo a confirmação de como ao longo dos tempos, houve e ainda há, uma guerra de poder usando as políticas lingüísticas como instrumento dessa disputa.

Dentro deste contexto iremos, inicialmente, fazer uma síntese sobre a história de nossa língua, na pretensão de corroborar estudos já existentes.

A proposta deste artigo é no mínimo desafiadora, pois tenta resgatar a identidade de uma língua que não possuía registro escrito e uns dos fatos que colaboraram para isso, foi a falta de conhecimento da existência dos metais e da escrita por parte dos silvícolas, onde viviam, naquela época, com características de homens do período Neolítico, sendo toda sua cultura transmitida de forma oral, pelas gerações.

### DESENVOLVIMENTO

29

A descoberta ou conquista do Brasil, em 1500, trouxe problemas lingüísticos notados até os dias de hoje. Visto que, os nativos americanos possuíam uma língua e uma cultura que foi extirpada em benefício da chamada civilização europeia, no auge do Renascimento Europeu<sup>1</sup> trazendo ares de embelezamento artístico. A vinda dos primeiros jesuítas da Companhia de Jesus<sup>2</sup> de Santo Inácio de Loyola como, Manuel da Nóbrega e padre José de Anchieta, possibilitou uma troca de culturas. Fazendo com que os nativos assimilassem a cultura cristã em troca de um interesse político, pois ocorreu, simultaneamente, na Alemanha, em 1517 a Reforma Protestante<sup>3</sup> de Martinho Lutero e na Suíça com João Calvino, acontecia uma guerra por almas tendo o Brasil fornecido um número significativo de pessoas adoradoras de deuses pagãos (culto à natureza).

A conquista dessas almas para Coroa Portuguesa e para a Santa Igreja Católica Apostólica Romana traria uma conveniente hegemonia pois, o Estado e a Igreja pensavam de uma forma única. O Marquês de Pombal<sup>4</sup>, durante o reinado de Dom José I, instituiu a Língua Portuguesa como idioma oficial para ser falado nas colônias e em 1757, fora imbuído de um espírito Iluminista<sup>5</sup> do século XVIII, com isso resolve expulsar os jesuítas da formação educacional, pois acreditava que tal ensino era um retrocesso aos novos ideias do século das Luzes com Luiz Antonio Verney. Com o trabalho de coleta das tradições indígenas, uma delas a língua, que

<sup>1</sup> **Renascimento, Renascença ou Renascentismo** são os termos usados para identificar o período da [história da Europa](#) aproximadamente entre meados do século XIV e o fim do século XVI. Chamou-se Renascimento em virtude da intensa revalorização das referências da [Antiguidade Clássica](#)

<sup>2</sup> A Companhia de Jesus (em [latim](#): *Societas Iesu*, S. J.), cujos membros são conhecidos como jesuítas, é uma [ordem religiosa](#) fundada em 1534 por um grupo de [estudantes](#) da [Universidade de Paris](#), liderados pelo basco [Íñigo López de Loyola](#), conhecido posteriormente como Inácio de Loyola. A Congregação foi reconhecida por [bula papal](#) em 1540. É hoje conhecida principalmente por seu trabalho [missionário](#) e [educacional](#)

<sup>3</sup> **Reforma Protestante** foi um [movimento reformista cristão](#) do [século XVI](#) liderado por [Martinho Lutero](#), simbolizado pela publicação de suas [95 teses](#) em 31 de [outubro](#) de 1517

<sup>4</sup> **Sebastião José de Carvalho e Melo, Marquês de Pombal e Conde de Oeiras** (Lisboa, 13 de maio de 1699 – Pombal, 8 de maio de 1782<sup>[1]</sup>) foi um [nobre](#), [diplomata](#) e estadista [português](#). Foi [secretário de Estado do Reino](#) durante o [reinado](#) de [D. José I](#) (1750-1777), sendo considerado, ainda hoje, uma das figuras mais controversas e carismáticas da [História Portuguesa](#).

<sup>5</sup> O **iluminismo**, também conhecido como [século das luzes](#)<sup>[1]</sup> e [ilustração](#),<sup>[2][3][4][5]</sup> foi um movimento [intelectual](#) e [filosófico](#) que dominou o mundo das ideias na Europa durante o século XVIII, "O Século da Filosofia"

se pautava no tronco Tupi-guarani, deu origem a Língua Geral e no Norte, o Nheengatu.

No Paraguai há duas línguas oficiais: espanhol paraguaio e o guarani (chamada de abanheenga, língua de homem ou de gente). Durante as Entradas e Bandeiras<sup>1</sup> o contato entre esses portugueses e as nações indígenas se fez por intermédio desta língua que tem valor crioulo, isto é, uma linguagem intermediária entre os indígenas e os portugueses. A Língua geral é o resultado de uma troca cultural que estabeleceu vínculo com a terra brasilis durante o período da monocultura da cana de açúcar e as minerações nas regiões das Minas Gerais, Goiás, Rio de Janeiro, avançando para os sertões de 1536 até 1822 com a Independência.

As palavras, expressões, proposições... mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é em relação às formações ideológicas. (PÊCHEUX, 1995, p. 160)

A língua é a maneira mais clara de se perceber a origem de uma pessoa, independente de sua classe social, status, cor, etnia e gênero. O Brasil é um país de dimensões continentais e abrigou uma diversidade de povos, culturas, hábitos e modelos de convivência. Neste conjunto de valores é necessária uma reestruturação do significado de ser brasileiro. Diante disso, como desenvolver políticas linguísticas para valorização do português brasileiro?

É imprescindível fazer um estudo sobre as políticas linguísticas para analisar as variações linguísticas no campo da sociolinguística, é primordial uma nova avaliação sobre a ideia de Língua Portuguesa, pois o Brasil construiu sua independência política, econômica, social e o país continua preso a um valor linguístico. Os brasileiros não falam português e sim um reflexo da assimilação

<sup>1</sup>As palavras **entradas**, **bandeiras** e **monções** são utilizadas para designar, genericamente, os diversos tipos de expedições empreendidas à época do [Brasil Colonial](#), com fins tão diversos quanto a simples exploração do [território](#), a busca de riquezas minerais, a captura de [indígenas](#), para [escravizá-los](#), ou de [africanos](#) escravizados fugitivos, e o ataque e destruição de tribos ou populações tidas pelos assentamentos coloniais como hostis ou indesejadas.

entre os portugueses, indígenas e as nações africanas construindo a verdadeira identidade nacional.

### *A necessidade de uma independência lingüística*

31

Durante o ensino de Língua Portuguesa em escolas particulares, percebeu-se que esta disciplina é algo a se aprender como se nunca tivesse sido vista pelos alunos. É muito comum em aulas de gramáticas, alunos relatarem que: “eu não sei Português”, “Português é difícil” e a mais interessante “as exceções”, como se existissem as regras, mas que essas regras não se aplicam a todas as situações. Podemos dizer que acontece uma troca de valores na gramática por parte de quem está aprendendo(docente).

A Língua é vista pelos estudiosos como um organismo vivo, isto é, nasce, cresce, envelhece e morre, claro que a esta sequência ocorreram algumas mudanças em estudos linguísticos: há a necessidade de representar algo, objeto, ações, sentimentos, lugares e pessoas e assim, definindo a palavra ocorre o segundo passo, a divulgação e aceitação da palavra para a comunidade falante. Logo, há um estágio de amadurecimento entre os conservadores e os rebeldes até um acordo em comum e por fim surgem outras palavras e o novo se torna obsoleto e ela (a palavra) entra em um processo de embotamento, com um detalhe, nenhuma palavra morre, ela fica guardada nos anais da história dos falantes.

Toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2002, p. 113, grifos do autor)

A formação da identidade nacional se faz pela construção da língua, pois quando se diz “Língua Portuguesa” demonstra-se que se fala algo que não se aprendeu, e um processo de ensino transmite um processo de inferiorização, assim

é o sentimento do povo brasileiro, julga-se (em alguns momentos) inferior por não possuir uma língua sua, como se ainda fossemos reflexo do pensamento europeu e que este dialeto chamado língua brasileira deve ser reprimida em nome do processo civilizador. Diante disso, deve ser mobilizada uma política linguística, como defende o estudioso Ataliba de Castilho:

32

A agenda da política linguística alargou-se consideravelmente no Brasil, desde que os pioneiros Antonio Houaiss e Celso Cunha chamaram a atenção para essa temática, debatendo o problema do padrão brasileiro da língua portuguesa: Houaiss (1960), Cunha (1964). Veio depois a coletânea de Orlandi (org. 1988) e, em 1999, um debate promovido pela Associação Brasileira de Linguística, de que resultou o documento "Definição da política linguística no Brasil" (Scliar-Cabral, 1997:7-17). Desde então os temas de política linguística têm frequentado com assiduidade nossas universidades, congressos, seminários e publicações especializadas. Os debates então desencadeados têm considerados pelo menos cinco tópicos: a língua oficial do Estado e sua gestão, a gestão das comunidades bilíngues ou plurilíngues, a gestão das minorias linguísticas, o Estado e a questão das línguas estrangeiras e, finalmente, as políticas linguísticas supraestatais e os projetos de integração regional. Para dar voz aos debates nessa área, foi fundada em 1999 o Instituto de Desenvolvimento em Política Linguística (Ipol), sociedade civil sem fins lucrativos com sede em Florianópolis, responsável pelo site: WWW. Ipol.org.br (CASTILHO, 2010, p.97)

Desta forma, é necessário que o Governo, a sociedade civil e os meios de comunicação, levantem uma bandeira pela nacionalização do idioma e que haja uma nova ordem no Ministério da Educação e nos conselhos de educação pela elaboração de um modelo de livro didático adequado às diversas variações linguísticas em um padrão nacional e com identidade nacional. A língua representa o povo de forma geral, não deve haver manifestações de excluídos linguísticos, não há fala melhor ou pior, mas um conjunto de saberes útil a diversas situações diante de um país de dimensões continentais e uma miscelânea cultural.

Portanto, deve-se pensar em uma independência linguística, e isso se faz urgente, pois possuímos um continente cinco vezes maior que Portugal, uma sociedade literária reconhecida internacionalmente com nomes como: Jorge Amado, Paulo Coelho, Machado de Assis, José Lins do Rêgo e outros; a economia forte e o mercado do livro em alta, mesmo tendo uma população que ler pouco,

em média três livros por ano, porém com uma população de 200 milhões de habitantes é favorável a balança comercial do livro.

### *Formação da identidade da Língua Brasileira*

Enquanto estiver presa, no Brasil, a ideologia de que: “Portugal emprestou a língua deles para nós falarmos”, continuaremos com o complexo de colonizados e a ideia de identidade nacional não irá prevalecer. Como diria Heródoto<sup>1</sup>, historiador grego, “Um povo se conhece pelo sangue que corre por suas veias ou pela língua que ele fala”. Um dos pilares para construção da unidade nacional é a língua atrelada à palavra brasileira e não portuguesa.

Durante o período da colonização os portugueses, para alargar os domínios do império, desbravaram os sertões do Brasil tendo contato com mais de 300 línguas indígenas e os desafios da própria terra. As Bandeiras paulistas e as Entradas avançaram os limites do Tratado de Tordesilhas de 1492 que dividia o continente americano entre espanhóis e portugueses.

Uma das primeiras dominações feitas pelos portugueses foi a captura dos índios na chamada “guerra justa”. O idioma Tupi falado entre os silvícolas e a contribuição dos jesuítas que ao invés de impor uma língua culta e civilizada, que não teria utilidade alguma no Brasil do século XVI, a Companhia de Jesus envia estudiosos para entender este novo dialeto, já que não havia uma unidade linguística e sim muita luta por territórios. Diante disso, os padres desta companhia criaram o processo de aldeamento, que consistia em reunir um grupo significativo de índios para compreender sua fala, seus hábitos, seus costumes, rituais e convivência social.

Os primeiros séculos foram difíceis, pois estava acontecendo uma guerra religiosa, na qual, os Protestantes enviaram representantes religiosos como Jean de

---

<sup>1</sup>Heródoto foi um [geógrafo](#) e [historiador grego](#), continuador de [Hecateu](#) de [Mileto](#), nascido no [século V a.C. \(485?-420 a.C.\)](#) em [Halicarnasso](#) (hoje [Bodrum](#), na [Turquia](#)).

Léry que veio ao Brasil na expedição francesa de Villegaignon<sup>1</sup> em 1555 e pretendia fundar uma colônia francesa nas terras onde hoje é o Rio de Janeiro, para em seguida ser expulso por tropas portuguesas. Em um de seus registros ele relata que:

Na primeira visita que lhes fiz, três semanas depois de chegamos à ilha de Villegaignon, um interprete me levou a quatro ou cinco aldeias de terra firme. Quando chegamos à primeira, chamada Jaburaci em língua do país e Pepinpelos franceses, situada a apenas duas léguas de nosso forte vi-me de repente cercado por selvagens que me perguntavam "Marapê-dererê, marapê-dererê", ou seja, "Como é seu nome? Como é seu nome?" (o que para mim, naquela época soava como grego), enquanto um pegava meu chapéu e o punha na cabeça, outro tomava minha espada e meu cinto, pondo-o sobre o corpo totalmente nu, outro ainda pegava e vestia meu casaco. Em suma, senti-me aturdido com aquela gritaria e correria pela aldeia com meus equipamentos, o que não só me fazia pensar que tinha perdido tudo como também me deixava sem saber onde estava (OLIVIERI & VILLA. 2002, p.73)

No relato do cronista percebe-se que o contato com o homem branco europeu e o indígena foi o europeu quem assimilou a fala do índio. Desta forma, entender que naquele momento em uma terra estranha e cheia de perigos compreender e assimilar esta língua seriamuito útil e vital para o projeto de expansão pelos sertões. Mas, em 1757 o Marquês de Pombal, banuiu das colônias os jesuítas, porém, eles eram os únicos que falavam com os indígenas. Com a saída dos jesuítas do Brasil, acabaram abortando uma língua que estava se formando independente da portuguesa, no entanto seu legado permaneceria em alguns falantes, principalmente entre tropeiros e viajantes aqueles que perceberam, compreenderam e interpretaram o tupi e transformaram em língua geral, isso foi um ato danoso para nossa independência lingüística.

É claro que uma língua não deixa de ser falada por decreto, por mais que isso tenha algum impacto real sobre a vida dos falantes. Os principais fatores históricos que determinaram o desaparecimento da língua geral paulista são de ordem econômica. Com o descobrimento do ouro nas Minas Gerais, no final do século XVII, a captura de índios para a escravização declinou em favor do envio de grandes contingentes de escravos negros para as minas.

<sup>1</sup>Nicolas Durand de Villegaignon ([Provins, 1510](#) — [Grez-sur-Loing, 9 de janeiro de 1571](#)) foi um cavaleiro da [Ordem de Malta](#) e diplomata que, como oficial naval, alcançou a distinção e título de vice-almirante da [Bretanha](#). Notabilizou-se, entre outros feitos, pela fundação de um estabelecimento colonial na costa do [Brasil](#), a [França Antártica](#), combatida e erradicada por forças portuguesas.

Ocorreu também uma migração de portugueses (cerca de 300 mil) para o Brasil, desejosos de enriquecer com a exploração do ouro. Isso decerto favoreceu a expansão do uso do português, tanto em sua versão europeia quanto em sua versão brasileira, que já ia se constituindo graças, sobretudo aos escravos. O deslocamento do principal polo da economia colonial também provocou o deslocamento da capital da colônia de Salvador para o Rio de Janeiro em 1756, porto que se firmou como o principal escoadouro do ouro do interior. (BAGNO, 2011, p.230)

35

Portanto, o processo de formação da língua nacional teve seu primeiro corte político e econômico no século XVIII com as medidas pombalinas, claro que algo ficou e se infiltrou na língua portuguesa e deixou sua herança que iria se manifestar na cultura e rituais dos rincões brasileiro. Atualmente o povo brasileiro conseguiu unir gramática portuguesa, os nomes indígenas, a contribuição das diversas nações africanas e por fim, no século XIX, a imigração italiana para substituir a mão de obra escrava negra. Esta última permitiu uma construção rica em vocábulos por conta das diversas contribuições.

#### *A língua popular vista como cultura (Literatura Brasileira)*

Existem no Brasil, discursos que remetem a uma cultura de ódio disfarçada de liberdade de expressão. No país há uma divisão clara, de um lado os considerados escolarizados que frequentaram a escola dos níveis básicos aos superiores e que se impõem sobre uma grande massa, do outro lado os que frequentaram os níveis básicos da educação, os chamados "analfabetos funcionais", estes se limitam apenas aos dois primeiros passos da educação: ler e escrever e não compreendem, não interpretam e não criticam as informações e conhecimentos vistos como essenciais, há ainda outro lado, uma minoria que frequenta escolas regulares, é mergulhado em uma cultura que valoriza o luxo, o extravagante, tudo se resume na linguagem da moda, da gastronomia, dos desenhos arquitetônicos e paisagismo e se afastam em seus blocos sociais cada vez mais altos. Um dos motivos desta distância é a língua: uma culta, valorizada julgada como espólio para ascensão social, outra a popular, marginalizada,

fragmentada e de poucos vocábulos adaptada para suas necessidades lingüísticas, para os meios em que vive.

Na ideologia os homens exprimem, com efeito, não as suas relações nas suas condições de existência, mas a maneira como vivem a sua relação às suas condições de existência: o que pressupõe, ao mesmo tempo, relação real e relação "vivida", "imaginária" (ALTHUSSER, 1979, p. 206).

36

A língua popular é o reflexo de seu povo, pois os falantes se comunicam e interagem a partir dessas trocas sociais, dessa forma, o popular também deve ser visto como algo que acrescenta funcionalidade à dinâmica comunicativa. Nem todos têm acesso à educação de qualidade, dever do Estado e responsabilidade da Família, mas nem por isso, a sociedade civil deve ver tais grupos sociais como excluídos da cultura nacional. Pensar cultura não se restringe a assimilar cultura, mas a produzi-la e disseminá-la. A língua popular com seus desvios gramaticais deve ser reinterpretada, pois há uma necessidade sociolinguística de se falar desta ou daquela forma e a gramática as condena a um ostracismo discursivo.

Recentemente, andando em uma comunidade pobre do município de Nossa Senhora do Socorro no Estado de Sergipe chamado Taiçoca de Fora, observei um dialogo de dois rapazes de 16 anos e como pesquisador da língua, percebi uma troca de pronomes entre "eu" e "mim", ex: "ela foi com eu (comigo) o trabalho é para mim (eu) fazer. Eles falavam tão naturalmente e se entendiam que não havia o que corrigir, já que a correção supostamente agravaria a comunicação.

Desde Saussure, a maioria dos linguistas admite que descrever uma língua é descrever certas relações – sobre a natureza das quais eles podem discutir – que existem entre seus elementos. Decide-se, assim, que dois sons correspondem a fonemas diferentes ou são variantes de um mesmo fonema, conforme eles sejam capazes ou não, quando substituídos um pelo outro, de acarretar uma mudança de sentido; duas palavras pertencem ao mesmo paradigma se podem ocupar o mesmo ponto da cadeia falada; ou ainda, na perspectiva de Hjelmslev, caracteriza-se uma unidade gramatical por meio de recções que ela impõe. A tese que discutimos consiste em dar à relação de inferência entre enunciados o mesmo estatuto linguístico conferindo à comutação, à possibilidade de substituição sintáxica ou à recção. Assim como "valor" de uma palavra reside nas suas relações paradigmáticas e sintagmáticas, o "valor" de um enunciado estaria ligado, ao menos

parcialmente, ao conjunto de possibilidades de inferência que ele encerra. (DUCROT, 1981, p.11)

Portanto, a fala popular deve ser analisada no que tange as necessidades de comunicação em comunidade de poucos recursos gramaticais, semânticos, sintáticos e discursivos, pois devido a um conjunto limitado de saberes é realizado um processo de seleção natural da linguagem para uma adaptação discursiva e não um resultado mal sucedido da implementação da norma padrão da língua, tampouco uma corrupção dela.

*O discurso do empoderamento linguístico (somos filhos do Nheengatu)*

O tema "Língua Brasileira" é motivo de discórdia entre linguistas e gramáticos, isto é, a fala, como expressão de ideias, independente da forma como se fala, mas como se faz entender; e a norma, que sistematiza a forma de pensar, de expressa seus sentimentos através da escrita como ferramenta de poder. O discurso embutido na ideia de que o bom o uso da língua portuguesa o diferencia dos não escolarizados. Logo, é uma discriminação disfarçada em liberdade de expressão.

O Brasil já conquistou seus valores político, econômico e social. Padrões de comportamentos são aceitos com mais naturalidade, principalmente a ideia de que as tradições e costumes têm valor cultural e não mais a incorporação de valores norte-americanos e europeus. Pode-se ver isso nas artes com Artur Bispo do Rosário em Sergipe, na música com a valorização do pagode, samba, sertanejo, funk como expressão da cultura popular, na literatura com Jorge Amado, Paulo Coelho, Machado de Assis, José de Alencar, Mario de Andrade, Oswald de Andrade, Renato Mazze Lucas que exploram a língua falada e não escrita.

A língua não divide grupos sociais, por isso, em algum momento o choque linguístico se faz no meio de falantes de diferentes classes sociais e é condição essencial que a pessoa escolarizada detentora de um saber acadêmico e ginásial ouvir e aprender com o conjunto de experiência e não discriminar e excluí-lo da

comunidade falante. Não se defende escrever como se fala, pois isso construiria guetos linguísticos e geraria uma divisão maior o que é defendido é sobre a fala como um resultado cultural.

Convém destacar que, em suas distintas fases, essas discussões se processaram todas dentro de um pequeno círculo de letrados – essencialmente masculino, branco e oligárquico –, de dimensões ínfimas em relação ao restante da população, constituída de mulheres, que tinham acesso nulo ou restrito a uma educação formal, de milhões de escravos negros destituídos de seu estatuto de seres humanos e dos numerosos grupos étnicos e estratos sociais desprestigiados que desde sempre têm sido a grande maioria do povo brasileiro. Assim, os apelos inflamados em favor da “língua brasileira” compartilhavam, no fundo, o mesmo espírito elitista e conservador de seus supostos adversários, os defensores intransigentes da identidade linguística de brasileiros e portugueses. Como bem analisa o historiador Sergio Buarque de Holanda: “Tradicionalistas e iconoclastas movem-se, em realidade, na mesma órbita de ideias. Estes, não menos aqueles, mostram-se fiéis preservadores do legado colonial, e as diferenças que os separam entre si são unicamente de forma e superfície”. Assim é que nunca se fará a defesa das características linguísticas das variedades “populares”, usadas pela maioria não branca da população. (BAGNO. 2011, p.243)

Desta forma, um país de predominância negra e indígena não deve se submeter a um poder de origem repressor e colonial com traços de colonizador onde o falante visto como não privilegiado gramaticalmente, tem um poder latente na construção da cultura da nação. Os excluídos são formadores de opinião e expressam suas ideias e pensamentos nas chamadas limitações vocabulares da língua, em contrapartida a comunicação desse tipo de grupo fala com mais palavras simples e não sintetiza o pensamento. Há na cultura indígena, resquícios da língua geral e do Nheengatu nos locais, nos animais, na flora e nas ações coletivas.

*A importância das línguas de Matriz Africana na formação da identidade linguística brasileira.*

O negro chegou ao Brasil sendo fruto do comércio da escravidão entre portugueses e tribos africanas, que viviam em constantes lutas tribais em que capturavam negros e os trocavam por mercadorias como açúcar e tabaco. Algo é bom salientar, a África não é um país e sim um continente com vastas terras e

uma diversidade cultural e linguística bem significativa. Uma das manobras dos colonizadores portugueses era nunca deixar negros da mesma etnia juntos, pois poderiam se rebelar contra os senhores de engenhos, desta forma negros, inclusive inimigos, de locais diferentes da África eram colocados na senzala, por isso houve a escravidão no Brasil durante quase 300 anos.

Com a chegada dos negros africanos ao Brasil veio com eles também trouxeram as tradições, culturas, rituais e uma variedade de palavras que deu origem ao léxico brasileiro como: bafafá, beleléu, caçua, cafuné, cachimbo, fiofó, macumba, mocotó, tribufu, xingar e zangar. Esta contribuição fortaleceu as tradições brasileiras: na culinária, na moda e na linguagem. Os principais grupos que vieram ao Brasil foram: banto, jeje-mina, nagô-ioruba oriundo da Angola, Moçambique e Guiné e esses povos deram uma característica peculiar a forma de falar do brasileiro:

A pesquisadora Yeda Pessoa de Castro considera que além do léxico, as línguas africanas também contribuíram para formar o que ela chama de matriz africana do português brasileiro. Segundo a autora, é possível identificar no PB, em suas variedades "populares", outras influências dos idiomas africanos:

- A tendência do falante brasileiro em omitir as cosoantes finais de palavras ou transformá-las em vogais (fazê, dizê, Brasiu, sinhô, mulhé) que coincide com a estrutura silábica das palavras em banto e ioruba, que nunca terminam em cosoantes;
- Nessas línguas não ocorrem encontros consonantais, o que explicaria a ocorrência de formas como sarava (salvar), fulo (flor), terem (trem) etc,;
- A concordância de número presente apenas no artigo ou outro determinante (as casa, esses menino, uns livro, dois carro), tal como em banto, onde o plural dos nomes é marcado por meio de prefixos.  
(BAGNO. 2011. p.239 – 240)

Portanto, o negro também foi marginalizado juntamente com o indígena em detrimento ao processo civilizador europeu que extirpou essa contribuição, legando uma margem puída de português arcaico e que continua no interior do país nas regiões do Nordeste e Norte e locais afastados do Centro-Oeste. A elite intelectualizada com os padrões americano e europeu esquece que vive em outra realidade discursiva.

## JUSTIFICATIVA

O presente artigo foi idealizado e planejado para ser um manifesto para uma segunda independência, a cultural e linguística, já que a independência política não extirpou os valores europeus e um deles é a língua, tendo em vista que esta transição não foi violenta, mas política e tardia, pois enquanto as outras colônias americanas conseguiram sua independência após o período napoleônico, isto é, na segunda década do século XIX, no Brasil isso ocorreu em 1889.

No processo republicano a nação brasileira ficou sobre a tutela militar, não teve o dever cívico de valorizar os recursos da terra se apoiando em ideais positivos e conservadores euro centrais. O país não teve uma política pública para o enredamento da cultura nacional em valores populares, mas por valores vistos como civilizatórios que de forma danosa excluíram do circuito cultural a herança dos indígenas e comunidades africanas.

Por isso, este artigo visa conscientizar os órgãos responsáveis por patrocinar o desenvolvimento da cultura a partir do fator local, regional e nacional e com uma postura determinante aprovar novos conceitos para o que é ser brasileiro que fala uma língua carregada de história, lutas e dores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É necessário uma avaliação da Base Nacional Curricular com o objetivo de incorporar a herança cultural deixada pelos indígenas e africanos os quais foram a base comunicativa até a formação dos primeiros centros educacionais de caráter acadêmico no Brasil, que ganharam força no século XX. Teóricos como Ataliba de Castilho e Marcos Bagno esforçam-se para mostrar que há uma forma eficaz de se ensinar a língua brasileira nas escolas e construir a identidade nacional a partir da idealização de uma língua forte.

Analisar a trajetória histórica e cultural da língua brasileira, traços de identidade com as heranças indígenas e africanas e perceber que esta contribuição

fortaleceu os laços de pertencimento nacional. A postura dos intelectuais, gramáticos e linguísticos deve estar em consonância com a realidade brasileira, atentar-se as condições de país em desenvolvimento, mas carregado de mazelas sociais e culturais.

A herança deixada por uma elite que massacrou o negro na condição de escravo, negado o direito a liberdade, dignidade, oportunidades de trabalho e educação. Não é possível que se negue as contribuições linguística deixa por uma massa que foi excluída do processo escolar e por conta de um meio de adaptação social desenvolveu uma linguagem própria e que esta não deve ser mal vista e excluída do bojo da cultura nacional.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**ALTHUSSER**, Louis. **A favor de Marx**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

**BAGNO**, Marcos: **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

**BAKHTIN**, Mikhail (VOLOCHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. e org.: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Annablume; Hucitec, 2002.

**CASTILHO**, Ataliba T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. 1ª edição -São Paulo. Contexto, 2010

**DUCROT**, Oswald. **Prova e dizer: linguagem e lógica**. São Paulo: Global Ed. 1981.

**OLIVIERI & VILLA**. Antonio Carlos & Marco Antonio. **Cronistas do descobrimento**. 3ª edição. Editora Ática. São Paulo, 2002

**PÊCHEUX**, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Trad. EniOrlandi. 2 ed. Campinas, SP: Pontes, 1995.

## **A IRONIA COMO RECURSO ARGUMENTATIVO NAS CRÔNICAS: PRÁTICA EM SALA DE AULA**

Amanda de Andrade Nascimento Chaves<sup>1</sup><sup>2</sup>Kéziah Conceição Almeida Santos Carvalho<sup>2</sup>

### **RESUMO**

O objetivo deste artigo é apresentar uma análise sobre a importância do trabalho em sala de aula com o gênero textual crônica construída a partir da ironia como mecanismo de suporte da argumentação, partindo do conhecimento prévio do aluno, de forma a melhorar e ampliar a sua capacidade de compreensão na leitura e aprimorar sua capacidade de produção escrita. Diante da desmotivação dos nossos alunos com relação à leitura, apresentamos algumas metodologias que podem contribuir para desenvolver em nossos educandos o gosto pela leitura e transformá-los em leitores-sujeitos críticos e atuantes nas práticas de letramento da sociedade na qual estão inseridos. O interesse por textos irônicos surgiu doravante a crescente frequência com que esse recurso vem sendo utilizado em textos jornalísticos, opinativos e em crônicas. O interesse de analisar a função argumentativa da ironia pelo viés linguístico deu-se em função de que a enunciação irônica mobiliza diferentes vozes e instaura a polifonia, o que resulta em um trabalho mais atrativo e significativo para o discente.

**Palavras-chave:** Gênero. Crônica. Ironia. Argumentação.

## **LA IRONÍA COMO RECURSO ARGUMENTATIVO EM LAS CRÓNICAS: PRÁCTICA EN EL AULA**

### **RESUMEN**

El objetivo de este trabajo es presentar un análisis sobre la importancia del trabajo en el aula con el género textual crónico construido a partir de la ironía como mecanismo de soporte de la argumentación, partiendo del conocimiento previo del alumno, para mejorar y ampliar su capacidad de comprensión en la lectura y perfeccionar su capacidad de

<sup>1</sup>Graduada em Letras Português/Espanhol – Faculdade Pio Décimo. Professora de Educação Básica no Grêmio Escolar Serrano-Itabaianinha e no Colégio Prisma e São Salvador - Umbaúba. E-mail: amandaandradenas@outlook.com.

<sup>2</sup> Especialista em Tradução, Cultura e Ensino da Língua Espanhola- Faculdade São Luís de França. Graduada em Letras Português/Espanhol – Faculdade Pio Décimo. Professora de Educação Básica da Rede Estadual de Ensino (Sergipe). E-mail: keziahkt@hotmail.com.

producción escrita. Ante la desmotivación de nuestros alumnos con relación a la lectura, presentamos algunas metodologías que pueden contribuir a desarrollar en nuestros educandos el gusto por la lectura y transformarlos en lectores-sujetos críticos y actuantes en las prácticas de letramento de la sociedad en la cual están insertos. El interés por textos irónicos surgió en adelante la creciente frecuencia con que ese recurso viene siendo utilizado en textos periodísticos, opinativos y en crónicas. El interés de analizar la función argumentativa de la ironía por el sesgo lingüístico se dio en función de que la enunciación irónica moviliza diferentes voces, instaura la polifonía. Lo que resulta en un trabajo más atractivo y significativo para el estudiante.

**Palabras clave:** Género. Crónica. Ironía. Argumentación.

## INTRODUÇÃO

A partir dos debates a respeito do que é a linguagem e de como se constituem os interlocutores de uma determinada circunstância ou em momentos de interação, as teorias linguísticas direcionaram seu olhar aos estudos da linguagem social. Tendo como uma das preocupações básicas, o real funcionamento da língua em seus diferentes meios e situações discursivas, essas teorias têm se preocupado em investigar a língua não somente na forma estrutural do enunciado, como também o valor dessa forma e seus efeitos em uma enunciação.

Consequentemente, os reflexos desses estudos repercutem no ensino de Língua Portuguesa, o qual também perpassa por mudanças substanciais. Na perspectiva de entender os sujeitos participantes do momento de interação, os objetivos centrais do processo pedagógico são preparar os alunos para dominar a língua em circunstâncias diversas e com subsídios suficientes e desenvolver um comportamento discursivo consciente por meio de estratégias eficazes.

Dessa forma, é importante que sejam oferecidas condições para que os alunos entrem em contato com uma extensa diversidade de textos, em diferentes contextos, para que possam ampliar suas capacidades comunicativas a fim de atingirem os efeitos de sentidos pretendidos. Por conta disso, trabalhar com textos de opinião na escola é fundamental, uma vez que a argumentação é uma atividade essencial do discurso.

O objetivo desse artigo é apresentar uma análise sobre a importância do trabalho em sala de aula com o gênero textual crônica construída a partir da ironia como mecanismo de suporte da argumentação, partindo do conhecimento prévio do

## 1- LINGUAGEM E DISCURSO

A linguagem, característica inata do ser humano, tem como objetivo o ato de comunicar-se, desenvolvendo a vida social, uma vez que, simultaneamente, fisiológica e psíquica. Sendo um traço genético, como bem descreve Fiorin (2015) em sua obra *Linguística? O que é isso?*, a partir do conceito de Hjelmslev sobre o papel da linguagem na vida dos seres humanos:

A linguagem [...] é uma inesgotável riqueza de múltiplos valores. A linguagem é inseparável do homem e segue-o em todos os seus atos. A linguagem é o instrumento graças ao qual o homem modela o seu pensamento, seus sentimentos, suas emoções, seus esforços, sua vontade e seus atos, o instrumento graças ao qual ele influencia e é influenciado, a base última e mais profunda da sociedade humana. Mas também o recurso último e indispensável do homem, seu refúgio nas horas solitárias em que o espírito luta com a existência, e quando o conflito se resolve no monólogo do poeta e na meditação do pensador. Antes mesmo do despertar de nossa consciência, as palavras já ressoavam à nossa volta, prontas para envolver os primeiros germes frágeis de nosso pensamento e a nos acompanhar inseparavelmente através da vida, desde as mais humildes ocupações da vida cotidiana aos momentos mais sublimes e mais íntimos dos quais a vida de todos os dias retira, graças às lembranças encarnadas pela linguagem, força e calor. A linguagem não é um simples acompanhante, mas sim um fio profundamente tecido na trama do pensamento; para o indivíduo, ele é o tesouro da memória e a consciência vigilante transmitida de pais para filho. Para o bem e para o mal, fala é a marca da personalidade, da terra natal e da nação, o título da nobreza da humanidade. O desenvolvimento da linguagem está tão inextricavelmente ligado ao da personalidade de cada indivíduo, da terra natal, da nação, da humanidade, da própria vida, que é possível indagar-se se ela não passa de um simples reflexo ou se ela não é tudo isso: a própria fonte de desenvolvimento dessas coisas. (Hjelmslev apud Fiorin, 2015, p. 15)

A linguagem não se restringe apenas a ação de comunicar, pode ser múltipla e apresenta particulares de acordo com o (s) objetivo (s) do falante. Convencionalmente, a linguagem tem seis funções para cada situação linguística.

Se o anseio for transmitir uma informação objetiva, faz-se uso da função referencial, como encontrando em textos científicos, jornalísticos. Por sua vez, se o desejo for transmitir emoções e sentimentos, utiliza-se a função emotiva. Nas situações em que o emissor explica a língua usando o próprio código, tem-se a metalinguística. Quando a pretensão é expressar sentimentos através de textos que obedeçam a uma estrutura característica da construção (poemas), apropria-se da função poética. A função fática, por sua vez, centra-se no canal de comunicação e estabelece uma relação (contato) com o emissor, a fim de verificar o funcionamento adequado do canal ou prolongar uma conversa. No que lhe concerne o propósito de convencer ou influenciar o receptor, vale-se da função apelativa, a qual está diretamente vinculada à composição da argumentação. 45

Para que estas funções fossem estabelecidas, a linguagem humana foi concebida de diferentes maneiras ao decorrer dos anos. Geraldi (2014) sintetiza, fundamentalmente, três concepções: linguagem como representação do mundo e do pensamento; linguagem como instrumento de comunicação; linguagem como forma de ação ou interação.

Para o autor, na primeira concepção, a linguagem nada mais é do que a verbalização do pensamento. Sendo assim, pessoas que não conseguem se expressar, não pensam. Já na segunda concepção, a linguagem é vista como um código capaz de transmitir ao receptor certa mensagem. Na terceira concepção, finalmente, a linguagem, mais do que transmitir informações de um emissor a um receptor, é vista como um lugar de interação humana, que possibilita aos membros de uma sociedade a prática dos mais diversos tipos de atos que resultaram em reações e/ou comportamentos. O teórico acredita que:

Por meio dela, o sujeito que fala pratica ações que não conseguiria levar a cabo, a não ser falando; com ela o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não preexistiam à fala. [...] Acredito que ela implicará uma postura educacional diferenciada, uma vez que situa a linguagem como o lugar de constituição de relações sociais, onde os falantes se tornam sujeitos. (GERALDI, 2014, p. 41)

Tida como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social, caracterizada com seus aspectos discursivos e enunciativos, a linguagem é privilegiada pelo aspecto funcional e interativo.

Por meio do discurso, definido por Fiorin (2007, p.11) como:

as combinações de elementos linguísticos usadas pelos falantes com o propósito de exprimir seus pensamentos, de falar do mundo exterior ou de seu mundo interior,

de agir sobre o mundo, o homem interage socialmente, tenta exercer influência sobre o comportamento dos seus enunciatários ou faz com que compartilhem seu modo de pensar.

Dessa forma, o discurso é o lugar em que se pode observar a relação entre língua e ideais compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos, já que a linguagem está relacionada à sua exterioridade e pautada na tríade: ação, ideologia e intencionalidade, recuperando Koch (2007, p. 29), "o uso da linguagem é essencialmente argumentativo".

## 2- ARGUMENTAÇÃO

Inserido no contexto social, a linguagem está diretamente ligada à argumentatividade, pois, como todo indivíduo dotado de razão e anseios, o homem tende a estar num constante processo de formação de valores. Carregados de intencionalidades, os discursos proferidos pelos locutores buscam aproximar o interlocutor às suas convicções através das tentativas de persuasão.

(...) O ato de argumentar constitui o ato linguístico fundamental, pois a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia, na acepção mais ampla do termo. A neutralidade é apenas um mito: o discurso que se pretende "neutro", ingênuo, contém também uma ideologia – a da sua própria objetividade. (KOCH, 1984, p.19).

Wachowicz (2012), em sua obra *Análise Linguística nos Gêneros Textuais*, nos apresenta os auditórios definidos por P&O que podem ser persuadidos pelos discursos argumentativos: o auditório específico e o auditório universal. Este último é a imagem que o texto projeta de seu leitor. Essa ideia é a mesma do fundamento dialético do discurso, também definida por Platão e pela tradição filosófica do discurso. Para eles, a argumentação prevê a dialética e a prática do raciocínio da prova pela ação discursiva.

O surgimento da argumentação remonta a Antiguidade, mais precisamente o século V antes de Cristo, na Grécia. Nessa época, a arte da retórica ou da oratória predominava e, quando os proprietários de terra se sentiam prejudicados, reclamavam suas terras por meio dos ensinamentos que os advogados lhes transmitiam, já que esses não podiam representar seus clientes nas tribunais.

Em Atenas, na segunda metade do século V a.C., um grupo de filósofos, conhecidos como sofistas, iniciaram um processo de alteração na tradicional

educação grega: formar cidadãos críticos e capacitados por meio do poder da palavra para assim, exercerem sua democracia ao invés de apenas formar atenienses atletas ou combatentes.

Essa mudança colaborou para o desenvolvimento de um estudo mais coletivo, já que no período pré-socrático, o centro dos estudos era o cosmos, em que o filósofo era um intelectual que meditava solitariamente. Após os sofistas, o homem e a sociedade se tornaram objeto de preocupações. Neste período, a arte da palavra ganhou mais destaque com as contribuições de caráter artístico de Górgias (487 a.C. – 380 a.C.) por meio de ritmos poéticos, simetrias e antíteses.

Ademais, o trabalho dos sofistas colaborou de forma tão efetiva para a retórica, que desenvolveu três gêneros de discurso: o forense, o político e o epidítico. Esses, foram então, definidos por Aristóteles (383 a.C. – 322 a.C.), sendo o forense destinado a acusar ou defender alguém perante um tribunal. O segundo, agregava discursos relacionados ao povo e a administração da cidade que eram proferidos mediante uma assembleia. Por fim, o discurso epidítico tinha o objetivo de enaltecer ou censurar alguém.

Após a decadência da Grécia, no início do século II a.C., os retóricos gregos acompanham a mudança do eixo cultural de Atenas para Roma, dedicados ao ensino e ao estímulo à arte da palavra. A partir das obras de Marco Túlio Cícero (106 a.C. – 43 a.C.), a oratória latina conquista espaço na capital italiana e seus discursos seriam usados para toda e qualquer produção posterior.

Abalados por uma crise econômica, social e política, a cultura romana entra em decadência e tudo que é produzido já começa a referir-se à Idade Média. Neste período, a retórica não estava voltada para a exploração do valor moral do tema, mas na exaltação do objeto, resgatando nomes como Virgílio, autor de 'Eneida' e 'Homero', escritor dos poemas épicos 'Ilíada' e 'Odisseia'.

A epistolografia, arte ou técnica de escrever cartas, foi uma área do ensino retórico que se destacou na Alta Idade Média, tendo como representantes São Jerônimo e Santo Agostinho. Este último, muito sustentou a ideia de que os estudos culturais deveriam estar de acordo com a fé, e caso contrário, os estudos agregavam conotações obscuras.

No Renascimento, a eloquência foi privilegiada, pois, segundo Reboul (1998) houve a separação entre o argumentativo e o oratório nesta mesma época. A decadência da retórica deu-se pela dissociação da mesma com a dialética, pois enquanto essa relacionava-se a argumentação racional, a outra, ao enriquecimento e a agradabilidade do texto.

Nesta mesma época, iniciaram-se os estudos das figuras de linguagem, os estudos acerca dos sentidos das palavras e o envolvimento da retórica para com as outras artes.

Enquanto a retórica não é valorada no Renascimento, durante o século XVIII, há uma relevância em seus estudos. Entre os motivos desse prestígio, destaca-se o valor das questões retóricas nas publicações portuguesas. Outro motivo que explica essa renascença foram os trabalhos de tradução comentada das obras de Quintiliano, o qual dividiu a gramática em três partes: a ciência do bem falar, a interpretação dos poetas e a arte de escrever. Devido a esse método, desde o Império Romano até a Revolução Francesa, toda a arte literária repousa sobre a retórica escolar.

Todavia, no início do século XIX, nota-se o declínio dos estudos retóricos já que, em 1868, é anulado o ensino da disciplina nas escolas portuguesas. A valorização do individual e o repúdio as normas estabelecidas foram comportamentos característicos do Romantismo, fato que ridicularizou a retórica.

Após muitos anos de instabilidade, destituída de seu status racional, desde a Idade Média, a retórica, finalmente, no século XX consegue se consolidar como um relevante objeto a ser estudado. Filósofos e estudiosos delinearam uma corrente filosófica que objetivava a recuperação da dignidade dessa forma de conhecimento tão arcaica e intimamente associada à história da humanidade.

Já então considerada objeto de estudo, teóricos e filósofos analisaram a retórica sob a sua vertente formal e até mesmo pela sua perspectiva de instrumento de persuasão. De modo que, nosso trabalho diz respeito a esse segundo aspecto, dedicaremos nossa atenção, de forma seletiva, às contribuições de Chaim Perelman, filósofo polonês, radicado na Bélgica, autor do Tratado da Argumentação.

Perelman defendia uma lógica de inserção de juízos de valores na esfera racional, uma lógica que pudesse fornecer critérios objetivos e universais para a aferição dos valores, e não, simplesmente relega-la ao critério de cada um. Ao contrário da ótica positivista que alegava que "sempre se pode demonstrar a veracidade de alguns fatos e proposições lógicas e matemáticas, mas nunca de um juízo de valor, que sempre será controvertido, Chaim lançou-se então a procura de uma racionalidade ética, de uma lógica específica para os valores. Todavia, confirmou que não há uma lógica dos juízos de valor, mas, constatou a influência da retórica, por meio das técnicas argumentativas em todas as áreas do conhecimento, como a filosofia, a moral, o direito, entre outros, quando ocorre contradição de opiniões.

Com o intuito de renovar a retórica originária dos gregos e dos romanos, Perelman elevou a retórica a uma maneira de discutir e chegar a um acordo sobre valores sem abandonar o campo da razão, mas ao mesmo tempo transcendendo as categorias da lógica formal. Estabeleceu também a argumentação como princípio da pesquisa filosófica a respeito da noção de justiça. 49

Em sua obra, *Traité de l'argumentation*, publicada em 1958, escrita em parceria com L. Olbrechts-Tyteca, Perelman (1996, p.5) direciona os estudos "às técnicas discursivas que permitem provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que são apresentadas ao seu assentimento", retomando as noções de acordo e auditórios até então somente definidos pela visão positivista. Para o escritor, o conceito de acordo se dá pelo conceito dos acordos prévios, os quais são determinadas proposições incontroversas que já se encontram aceitas pelo auditório antes do discurso. Auditório, por sua vez, é o conjunto de todos aqueles que o orador quer influenciar mediante o seu discurso. E, logicamente, quanto melhor se conhece o auditório, maior será o número de acordos prévios que se tem à disposição, fundamentando ainda mais a argumentação.

### 3- ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS

Ao passo que Ducrot (1981) supõe que a argumentação é a essência da língua, o teórico Pécora (1999, p. 81) compartilha desse pensamento ao afirmar que todo texto teria uma base argumentativa, uma vez que "para a teoria do discurso, a argumentação não representa um privilégio desse tipo particular de discurso: qualquer uso de linguagem, desde que efetive um vínculo intersubjetivo desde que se possa reconhecer nele um efeito de sentido, constitui uma argumentação".

Levando-se em consideração que a linguagem não é neutra, já que utilizamos de recursos linguísticos para expor e defender nossas convicções sobre o mundo, reconhecemos que em todo texto existe uma intenção de provocar no leitor algum efeito desenvolvendo seu poder persuasivo, todavia, é perceptível que este objetivo esteja mais explícito em alguns textos.

De acordo com Dolz e Schneuwly (1996), os gêneros textuais se organizam em cinco agrupamentos de acordo com suas finalidades, os contextos de uso e os tipos textuais: ordem do relatar, ordem do narrar, ordem do expor, ordem do descrever ações, ordem do argumentar. Este último, se apresenta por meio dos textos de opinião, debates, diálogos argumentativos, editoriais, cartas de reclamação, requerimentos, ensaios, dissertações.

Dentre esses textos, nota-se que a argumentação surge em face de ideias controversas, sendo inevitável o confronto de pontos de vista por diferentes vozes no discurso. Assim, é necessário criar estratégias para enfrentar as diferentes vozes e responder a diferentes interlocutores.

Branks-Leite (apud Leal & Moraes, 2007) nos traz três operações para o desenvolvimento das estratégias de argumentação: sustentação (apresentação de dados que apoiam as afirmações); construção e interpretação do referente (apresentação dos objetos e conceitos sobre os quais se refletem) e operações de implicação do locutor (definição das posições do autor e do locutor sobre o objeto em discussão).

Nessa perspectiva, Blair e Johnson (apud Leal & Moraes, 2007) nos afirma que na conclusão, as premissas devem contemplar três critérios: relevância, suficiência e aceitabilidade. No critério de aceitabilidade, tem-se uma preocupação quanto à suficiência das evidências para que a justificativa seja aceita. Se o redator acredita que a justificativa será aceita como verdadeira para os interlocutores, não será necessário apresentar mais evidências. Caso contrário, se houver dúvidas, é preciso saná-las.

Sobe a relação entre o posicionamento defendido e a justificativa apresentada, tem-se a relevância, ou seja, o que se diz para argumentar a favor do ponto de vista é realmente importante para que se aceite a posição proposta?

Por fim, o critério da suficiência, refere-se à avaliação sobre a força da justificativa. Assim, deve-se questionar: as justificativas apresentadas são suficientes para a defesa do ponto de vista?

Em resumo, para que os efeitos da argumentação sejam eficazes, faz-se importante as representações sobre os interlocutores e sobre a situação de interação a fim de encontrar as estratégias plausíveis.

#### **4- IRONIA**

Segundo o dicionário Aurélio, da Língua Portuguesa, ironia é a utilização de palavras que manifestam o sentido oposto do seu significado literal. Desta forma, a ironia afirma o contrário daquilo que se quer dizer ou do que se pensa.

A partir desse conceito, a ironia popularizou-se como a arte de gozar de alguém. Porém, tal gozação está imbuída de um intuito, seja criticar, denunciar, censurar, ou até mesmo, mecanismo de resistência contra a própria censura.

Etimologicamente, o vocábulo *ironia* originou-se do grego *eironeia*, interrogação. O recurso de interrogar, segundo Nascentes (1955), era o método aplicado por Sócrates para perquirir seus discentes, fingindo desconhecer o assunto. Para que, através das indagações do filósofo, os alunos desenvolvessem conceitos e senso crítico.

Diante desse cenário, o termo adquiriu, na Retórica, e o mais proliferado, o sentido de “ expressão que consiste em dar a entender o contrário do que se quer dizer” (CUNHA, 1999, p. 446). Ainda, Charaúdeau & Maingueneau (2004, p.292) apontam o caráter aberto da ironia. Já que ela surge quando se assume uma atitude crítica de mofa em relação a algum objeto ou fenômeno, fingindo o contrário.

Isto é, aquilo que o enunciador comunica globalmente, para além da gramática normativa, pois o processo comunicativo, envolve muito mais que regras, já que este, está ligado ao social. Uma vez que, a gramática está atrelada ao sentido literal, enquanto que, os extragramaticais estão pautados nos princípios que norteiam a conversação, bem como seu objetivo.

Conforme Pires (1981), existem três tipos de ironia:

1- Asteísmo (quando louva)

“ A excelente dona Inácia era mestra na Arte de Judiar Crianças”. (Monteiro Lobato)

2- Sarcasmo (quando zomba)

“Moça linda bem tratada

três séculos de família,

burra como uma porta:

um amor!”

(Mário de Andrade)

3- Antífrase que é quando engrandece ideias funestas, erradas, fora de propósito e quando se faz uso carinhoso de termos ofensivos.

“ Ele teve uma grande ideia e arruinou a nossa viagem”.

Além disso, o contexto é primordial para a compreensão da ironia, dada que o processo psicossocial, assim, considerando a situação linguística e a entonação do falante, observamos em qual sentido as palavras foram usadas. Por exemplo, “parece um anjinho aquele menino”, a frase só pode ser compreendida ironicamente se levarmos em consideração o seguinte contexto, “ o menino briga com todos que

estão por perto”. Logo o termo *anjinho* denota o sentido irônico que o enunciador pretende expor.

Vivemos em uma sociedade de signos e convenções, que coercitivamente induz o indivíduo a praticar certos papéis sociais, e em consequência disso, desenvolvemos comportamentos “engessados”, no qual, oprimem-se, não apenas a conduta, mas também o discurso.

Sem a liberdade de expor a cosmovisão, seja acerca da vida ou da organização social, o sujeito fica submetido aos ditos construídos propositalmente para nos desestabilizar. Nesse contexto, a ironia surge como uma “válvula de escape”, pois é o meio que usamos para expor-nos, quer de forma direta, quer de maneira subentendida.

Pautado nessa conjuntura, Proudhon (1849) ratificou: “ Ironia, verdadeira liberdade! És tu que me livras da ambição do poder [...] do fanatismo dos reformadores, da superstição deste grande universo, e da admiração de mim mesmo”. Destarte, não há dúvida de que ao usarmos a ironia, estamos antes de tudo exercendo nosso direito de acesso à liberdade.

## 5- ARGUMENTAÇÃO IRÔNICA

Para que se alcance o objetivo da argumentação é necessário que o argumentante faça uso de escolhas estratégicas de caráter discursivas a fim de fortalecer o seu enunciado. Além disso, adaptar-se a seu auditório é um ponto crucial para o desenvolvimento da argumentação, pois, uma imagem inadequada do mesmo pode levar uma argumentação persuasiva a ter um efeito contrário sobre ele.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996, p. 235) ponderam sobre o fenômeno da ironia ao apresentarem o ridículo e o seu papel na argumentação. Para eles, “a argumentação quase lógica pelo ridículo consistirá em admitir momentaneamente uma tese oposta àquela que se quer defender”.

Para os autores, este raciocínio se caracteriza com a figura da ironia, pois por meio dela é possível defender um ponto de vista, quando na verdade, se quer defender o oposto. Outro ponto destacado é a utilização do ridículo, por parte do orador, para que a sua argumentação se caracterize como irônica.

A prática argumentativa está permeada de valor, a qual, ainda consoante Perelman e Olbrechts-Tyteca, é um dos elementos que servem como premissa da

argumentação quando se deseja a adesão de um grupo particular. Esses valores estão atrelados as ideias e opiniões que os carregam consigo, sendo fruto de sua formação sócio-ideológica, para que outrem possa aderir seu ponto de vista e, assim a manutenção de valores sociais, éticos e morais.

A partir dessa premissa, Ducrot (1977), Anscombre (1995) e colaboradores sistematizaram a Teoria da Argumentação, na qual, a língua vai além da função informativa, pautada não apenas na descrição da realidade, ela assume função argumentativa. Ou seja, a língua passa a ser sob a perspectiva, uma prática plural e não singular.

## 6- CRÔNICA

### 6.1- GÊNERO TEXTUAL

Desde a Antiguidade Clássica o tema gênero textual já era discutido. Todavia, desde esse período até a hodierna, o conceito de gênero assumiu um novo formato, principalmente, a partir dos postulados de Bakhtin: “todos os nossos enunciados se baseiam em formas – padrão e relativamente estáveis de estruturação de um todo” (KOCH, 2003).

Desse modo, gêneros textuais são todas as formas de expressões (verbais ou não verbais) que encontramos no meio social e que têm função comunicativa. Já que, um texto está para além da forma, ele centra-se em sua função medular: a comunicação.

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variadas como as próprias esferas da atividade humana (...). O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas não só por conteúdo temático e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais – mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. (BAKHTIN, 1992, p. 179)

Então, todas as vezes que nos comunicamos, obedecemos a uma estrutura de construção de sentido padrão e de forma relativamente estáveis de suporte de um texto. Outrossim, os gêneros estão no amago atrelados a correlação que têm com seu público alvo, como bem salienta Martins (1985) “os gêneros textuais contemporaneamente estão determinados pelo tipo de relação que se estabelece

## 6.2- GÊNERO TEXTUAL CRÔNICA

Originalmente o termo crônica deriva dos termos *chronica*, latim, que refere-se à acontecimentos marcados pelo tempo (cronológico) e deriva também do grego *khronos*, que na mitologia grega simboliza o deus do tempo. Por essa razão, esse gênero textual recebeu o nome de crônica, por estar intimamente ligada ao tempo e a contemporaneidade de fatos pautados na análise do cotidiano.

No Brasil a crônica tornou-se popular a partir do século XIX com a publicação dos *folhetins*, os quais eram periódicos difundidos nos jornais destinados à corte. Tais crônicas abordavam o dia a dia da aristocracia, as histórias, os reis e seus atos. Contudo, posteriori, grandes escritores passaram a fazer uso desse mecanismo, não apenas para retratar a nobreza, mas também para, com muita destreza, refletir sobre a vida social, a política, os costumes e o cotidiano do proletariado.

A princípio, por ter sido muito difundida nos jornais, a crônica e o meio jornalístico mantêm uma profunda ligação, como ressalta o escritor Drummond de Andrade:

A crônica é fruto do jornal, onde aparece entre notícias efêmeras. Trata-se de um gênero literário que se caracteriza por estar perto do dia-a-dia, seja nos temas ligados à vida cotidiana, seja na linguagem despojada e coloquial do jornalismo. Mais do que isso, surge inesperadamente como um instante de pausa para o leitor fatigado com a frieza da objetividade jornalística. De extensão limitada, essa pausa se caracteriza exatamente por ir contra as tendências fundamentais do meio em que aparece (...). Se a notícia deve ser sempre objetiva e impessoal, a crônica é subjetiva e pessoal. Se a linguagem jornalística deve ser precisa e enxuta, a crônica é impressionista e lírica. Se o jornalista deve ser metódico e claro, o cronista costuma escrever pelo método da conversa fiada, do assunto-puxa-assunto, estabelecendo uma atmosfera de intimidade com o leitor. (DRUMMOND, 1999, p.12-15)

Ainda norteados pela reflexão de Drummond, vemos que a crônica não se diferencia de outras tipologias textuais apenas por seu viés subjetivo, pois a sua linguagem também possui singularidades específicas que a torna única, como por

exemplo, a coloquialidade e o desprendimento de toda formalidade. Características essas que dão leveza e dinamicidade ao texto tornando-o atrativo para o leitor.

O uso de uma linguagem mais próxima a oralidade é entendida por Coutinho (1986) como uma estratégia discursiva, já que há um tom de conversa proporcionando o diálogo com o seu leitor. Ainda que suas opiniões não assumam um caráter de verdades a não serem contestadas, para não afugentar os leitores que delas discordam, será a sua habilidade a responsável por fazer o leitor assimilar sem que o perceba, as ideias defendidas.

O professor Antônio Cândido em seu artigo "*A vida ao rés-do-chão*" (1980), assim como Coutinho, chama a atenção para características fundamentais sobre a crônica, por exemplo, a aproximação com o público na medida em que contém uma linguagem mais direta e despretensiosa.

A crônica não é um "gênero maior. Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor. "Graças a Deus", seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica mais perto de nós. E para muitos pode servir de caminho não apenas para a vida, que ela serve de perto, mas para a literatura. (...) Ora, a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas, sobretudo porque quase sempre utiliza o humor. (CÂNDIDO, 1980, p. 89-99)

## **7- CRÔNICA NA SALA DE AULA**

Diante o desafio de despertar o interesse dos alunos pela leitura disputando com os meios de comunicação (redes sociais), o professor deve aproveitar o que há de melhor para o ensino. E é nesse contexto que a crônica aproxima a relação aluno-professor facilitando o processo de ensino-aprendizagem.

Ao mesclar literatura e jornal, a crônica possui características que auxiliam o incentivo à leitura e a promoção à crítica social. Um dos elementos que se destaca é a capacidade de aproximação entre a crônica e o leitor. A crônica simplifica este contato e transmite leveza ao leitor. Através de uma linguagem simples, a crônica

estabelece a dimensão das coisas e das pessoas por trabalhar com assuntos que levam o aluno a um contato mais direto com a verdade.

É curioso como elas mantêm o ar despreocupado, de quem está falando coisas sem maior consequência; e, no entanto, não apenas entram fundo no significado dos atos e sentimentos do homem, mas podem levar longe a crítica social (CANDIDO, 1993, p. 26)

Outra marca apontada é o coloquialismo presente nas crônicas. Os traços de oralidade em meio a escrita, nos apresenta um tom mais popular, e logicamente, um tom familiar. Ao mesmo tempo que aproxima o texto e o leitor, colabora para a construção de uma oralidade equilibrada com a escrita e enfatiza um dialogismo entre cronista e leitor, permitindo a revelação de pensamentos profundos a partir de um fato, sem abandonar a magia da literatura.

Próxima do cotidiano dos alunos, a crônica pode auxiliar até mesmo na construção da identidade do aluno, uma vez que conhecerá e refletirá sobre fatos do seu cotidiano. "Daí a importância do instante, porque é o flash do momento presente que nos projeta em diferentes direções, todas elas basicamente voltadas para a elaboração da nossa identidade". (SÁ, 1987, p. 15).

Outro fator é o também já comentado humor, recurso quase sempre utilizado pelos cronistas para dar ao texto mais leveza, um tom de simplicidade e para enfim, divertir. De acordo com A. Candido, muitas vezes, os professores procuram "incutir nos alunos uma ideia falsa de seriedade" (1993, p. 27), como se os assuntos sérios só pudessem ser tratados de forma grave, como se leveza fosse algo superficial, ou seja, não se leva em conta o princípio da crônica de produzir reflexão através de um "ar de conversa fiada". Entendemos que a crônica é capaz de ensinar e de, através da diversão, "inspirar, atrair e fazer amadurecer a visão das coisas". O próprio Candido reconhece o quão significativa é a leitura de crônicas com os alunos.

O trabalho com as crônicas em sala de aula também possibilita o desenvolvimento de algumas estruturas linguísticas próprias, uma vez que, além das características acima descritas, a crônica, ao narrar eventos, mobiliza estruturas como os verbos no pretérito perfeito e imperfeito e as formas narrativas em primeira pessoa. Além disso, é um excelente ponto de partida para os exercícios de leitura e escrita, especialmente a partir do Fundamental Maior por se tratar de um texto muito acessível.

Para orientar esse trabalho em sala de aula, sugerimos algumas práticas de uso da crônica em sala de aula. O primeiro ponto que destacamos é o olhar épico para a crônica, através do qual o professor proporia aos alunos uma produção

textual em que criariam, com base em um fato cotidiano, uma crônica com características de narrativa ficcional. A fim de trabalhar a interdisciplinaridade com outras disciplinas, a exposição de uma crônica medieval, levaria a um estudo temporal, sociocultural e até mesmo dos aspectos geográficos de uma determinada sociedade.

57

Por meio da escolha das crônicas por parte dos alunos, amplia o prazer do contato com um texto simples, muitas vezes engraçado, sem deixar de lado a reflexão e a crítica social. As leituras coletivas e interpretativas seriam mais uma opção para um trabalho específico com crônicas. Mediante as leituras, os alunos produziram seus textos e o professor, os publicaria por meio de blogs, jornais internos da escola, e até mesmo na rádio escolar. Tal proposta despertaria o interesse dos alunos, pois veriam a valorização da sua criatividade e função social em suas produções.

Outra proposta é a realização de encenações baseadas na leitura de crônicas. Nessa atividade, os próprios alunos criariam o texto para a representação teatral, transformando a crônica em texto dramático, os diálogos da encenação poderiam ainda ser a simples reprodução de diálogos presentes em muitas crônicas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir do exposto, é possível concluir que a crônica é um gênero peculiar, que humaniza e dialoga com o leitor através de coloquialismo, leveza e subjetividade. Justamente por esses traços específicos que a aproximam do nosso cotidiano, entendemos que um trabalho com a crônica em sala de aula pode contribuir de maneira significativa para o ensino de língua portuguesa e literatura, funcionando como um ótimo recurso para o estímulo à leitura e à reflexão.

Diante das dificuldades encontradas pelos professores para despertar nos alunos o interesse pela leitura, encontrar um gênero textual com características capazes de incentivar e promover estratégias adequadas ao alcance desse objetivo, não é algo que possa ser desprezado. Nossa intenção nesse trabalho foi apontar para algumas possibilidades de um trabalho mais específico com a crônica, de forma a reverter positivamente para o aprendizado da língua portuguesa e da literatura. Cabe a todos nós descobrir a grandeza desse gênero menor na busca de outros caminhos para o desenvolvimento da leitura e produção.

Nessa direção, o uso de crônicas argumentativas que utilizam a ironia como mola propulsora faz-se primordial no tocante a sala de aula. Como, magistralmente, descreve Ducrot (1977), sob a perspectiva polifônica, o qual afirma que “o locutor faz ouvir um discurso absurdo, mas que o faz ouvir como um discurso de um outro, como um discurso distanciado”. Uma vez que, a ironia sendo um recurso sistemático, a qual, descreve as vozes que compõem o texto, torna-se responsável pelas palavras expressas no contexto, bem como sua significação.

Reys (1984) também caracteriza os enunciados irônicos como polifônicos, os quais resultam em uma sagaz ferramenta argumentativa e reforça o êxito de textos que utilizam como mecanismo de construção do conhecimento. “ el locutor no assume totalmente su enunciado de outro (pero sin marcar esa cita por médios sintáticos); crea de este modo de las significaciones: la significación del ‘outro’ y la própria.” A essa tese, a autora, reforça que a ironia por se um fenômeno pragmático, deve ser analisado à ótica de um contexto.

Logo, mediante a urgência em mudarmos o cenário escolar atual, o qual faltam leitores e produtores textuais, usar o gênero crônica com viés irônico, é não somente mudar uma metodologia pedagógica, mas também instigar aos discente, através daquilo que faz parte do seu cotidiano, para além do texto, até a prática social.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Uma prosa (inétida) com Carlos Drummond de Andrade**. Caros Amigos. São Paulo. N.29. Ago. 1999.
- ANSCOMBRE, J-C. (1995) La théorie des topoï: sémantique ou rhétorique?. Hermès, no prelo. (1995) (org.) Théorie des Topoï. Paris: Kimé.
- BAKHTIN. Mikail. **Estética da Criação Verbal**. 2 ed, São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BAKHTIN. Mikail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem** (trad. M. Lahud e Y. F, Vieira, 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1982.
- CANDIDO, Antonio. Radicais de ocasião. In: Teresina etc. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. **A vida ao rés-do-chão**. In: CANDIDO, Antonio et al. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: Ed. Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CANDIDO, Antonio. **A vida ao rés do chão**. In: CANDIDO, Antonio. Recortes: São Paulo: Cia. das Letras, 1993

CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil – relações e perspectivas**. 3ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, Niterói: EDUFF, 1986. V.6.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 3 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 1999.

DOLZ, J. & SCHNEUWLY, B. **Genres et progression en expression orale et écrite - Éléments de réflexions à propos d'une expérience romande**. Enjeux, no 37-38, p. 31-49, 1996.

DUCROT, Oswald. **Dizer e não dizer**. Princípios de semântica linguística. São Paulo, Cultrix, 1977.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010. 2222 p. ISBN 978-85-385-4198-1.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 2015.

FIORIN, José Luiz. **Linguística? O que é isso?** São Paulo: Contexto, 2015.

GERALDI, João Wanderley (org). **O texto na Sala de Aula**. São Paulo: Anglo, 2014.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 2007.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 1984.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

LEAL, Telma Ferraz. MORAIS, Artur Gomes de. **Argumentação em textos escritos: a criança e a escola**. São Paulo : Autêntica, 2007

MARTINS, Dileta Silveira. **As faces cambiantes da crônica moreyriana**. Porto Alegre: PUCRS, 1985. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: 1955.

- PÉCORA, A. **Problemas de redação**. 5a Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- PERELMAN, Chaim; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da Argumentação: a Nova Retórica**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- PIRES, Orlando. **Manual de teoria e técnica literária**. Rio de Janeiro, Presença, 1981.
- PROUDHON, P.J. **Les confessions d'un révolutionnaire, pour servir à l'histoire de la Revolution de Fevrier**, 1849. Oeuvres. Paris: éd. Daniel Halévey, 1929.
- REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- REYS, Graciela. **Polifonia textual: la citación em el relato literario**, Madrid, Gredos, 1984.
- SÁ, Jorge de. **A crônica**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987.
- WACHOWICZ, Teresa Cristina. **Análise linguística nos gêneros textuais**. São Paulo: Saraiva, 2012.

FACULDADE  
PIO DÉCIMO

## DO CAPUZ VERMELHO À CHAPEUZINHO AMARELO

Heloisa Santos Andrade(FPD)<sup>1</sup>  
Tatiana Cíntia da Silva (PIC / NELL / FPD)<sup>2</sup>

61

### RESUMO

Este trabalho intenta evidenciar alguns pontos relevantes na construção do conto infantil "Chapeuzinho Vermelho", suas adaptações e ressignificações pela sociedade até chegar em "Chapeuzinho Amarelo". Para tal estudo, analisaremos as produções dos irmãos Grimm e de Chico Buarque, além de teóricos como Lajolo (1993), Palo e Oliveira (2006), Bettelheim (2018), Zilberman (2006) e Coutinho (2003). Os referidos teóricos nos embasarão para uma melhor compreensão a respeito do tema proposto, auxiliando-nos na busca de fazer notória a relação entre as duas obras.

**Palavras-Chave:** Chapeuzinho Vermelho. Chapeuzinho Amarelo. Adaptações.

## DE LA CAPUCHA ROJA A LA CAPERUCITA AMARILLA

### RESUMEN

Este trabajo intenta evidenciar algunos puntos relevantes en la construcción de los cuentos infantil "Caperucita Roja" y sus adaptaciones y resignificaciones por la sociedad hasta llegar en "Caperucita Amarilla". Para tal estudio, analizaremos las producciones de los hermanos Grimm y de lo Chico Buarque, además de los teóricos como Lajolo (1993), Palo (2006), Bettelheim (2018), Zilberman (2006) Coutinho (2003). Los referidos teóricos nos embasaran para una mejor comprensión sobre el tema propuesto, nos ayuda en la búsqueda de hacer notória la relación entre las obras.

**Palabras-chave:** Caperucita Rojo. Caperucita Amarilla. Adaptaciones.

### 1. INTRODUÇÃO

<sup>1</sup> Graduanda no curso de licenciatura em Letras Português e Espanhol da Faculdade Pio Décimo e pesquisadora da Literatura Infantil tendo como foco os intertextos entre o tradicional e o contemporâneo.

<sup>2</sup> Especialista em Letras, Linguística e Literatura; Mestre em Literatura e Cultura. Além de cátedra em Literatura na Faculdade Pio Décimo (FPD), tem como linhas de pesquisa a prosa machadiana e a poética intertextual entre o medievo e o sertão em Elomar Figueira de Mello pelas trilhas da memória e das metáforas de saudade. Outrossim, faz parte do Projeto de Iniciação Científica (PIC) através do Núcleo de Estudos em Literatura do Curso de Letras (NELL) como orientadora da Linha de Pesquisa: Literatura, Regionalismo, Memória e Ensino.

Apresenta-se este artigo como propósito de explorar aspectos relevantes nas obras "Chapeuzinho Vermelho" e "Chapeuzinho Amarelo", mostrar a dimensão desses contos e das adaptações para o leitor, expondo a importância de passarem de geração em geração sempre se adequando ao contexto social de sua época. Para realizar o presente trabalho, o referencial teórico de subsídio na análise foram Bettelheim (2018), Coutinho (2003), Zilberman (2003), Lajolo (1993) e outros. Além disso, temos como foco a observação das posturas das crianças e dos adultos nas duas obras, afinal, são de contextos distintos.

É de grande importância que o adulto, responsável pela formação da criança, identifique as similaridades e diferenças existentes entre duas obras literárias, publicadas em épocas completamente diferentes, mas que trazem características comuns; porém, com finalidades totalmente opostas. É imprescindível que busquem conhecer os contos e as influências que os mesmos transmitem à criança na construção de sua identidade, pois é comum que ela se espelhe nas personagens desses contos literários trazendo para sua vida atitudes e mudanças de comportamento. O que torna fundamental que os adultos conheçam as histórias e observem seus elementos e suas finalidades antes de passarem para suas crianças, visto que cada conto se refere a uma determinada idade e situação.

É necessário observar aspectos como desobediência e submissão, constantes em obras tradicionais, quando tinham por finalidade "domesticar" as crianças, prendendo-as as consequências possíveis ao descumprimento de uma ordem. Já em textos contemporâneos temos o comportamento inverso, pois se retrata a liberdade e a autocrítica desenvolvidas pela criança.

Desse modo, o nosso interesse surge da necessidade de se compreender e analisar as diferenças e semelhanças entre os textos e os contextos históricos dos enredos. As duas obras em análise possuem a magnitude de textos perpetuados pela cultura. "Chapeuzinho Vermelho", dos Irmãos Grimm, tendo em vista as várias versões feitas da obra e como ela se remodelou pelos séculos tanto pela oralidade como pelas transmissões familiares e/ou escolares; "Chapeuzinho Amarelo", narrativa poética modernista de Chico Buarque, pelas inovações do modelo de protagonista, enredo, vocabulário, imagens etc.

Ainda é almejado neste trabalho a percepção do conto e de sua relação com a criança da época em que foi escrito, sendo que os petizes são esboços da sociedade e os contos retratam os comportamentos deles perante suas

comunidades. Sabendo que os contos se inspiram no comportamento da sociedade para descrever a criança, evidenciaremos a seguir esse relevo e a necessidade de o leitor ter um olhar crítico em relação aos contos infantis, pois é fundamental fazer uma análise minuciosa do texto para ser possível depreender elementos antes não encontrados.

63

## 2. AS VOZES TEXTUAIS E IDEOLÓGICAS EM VERMELHO E AMARELO

As narrativas são criadas e adaptadas segundo o pensamento e as ideologias de uma época. No caso das narrativas infantis, isso é ainda mais evidente, pois o perfil das crianças muda e o poder do mercado também.

Além disso, as adaptações servem como renomeação de um passado social que, às vezes, afirmar-se-á no nosso contexto, pois uma boa obra nunca fica no passado. Ela pode ser referida via alusão, paródias ou paráfrases.

Notamos isso nas readaptações do conto escrito pela primeira vez por Charles Perrault, "Capuchinho Vermelho", no século XIV. Os irmãos Grimm readaptaram o conto transformando-o em "Chapeuzinho Vermelho", no século XVIII, ambos tendo como moral as consequências sofridas por desobediência da criança à voz do adulto. Já no século XX, com "Chapeuzinho Amarelo", Chico Buarque retrata a menina moderna que vence seus medos sem a presença de alguém experiente.

Em Chico Buarque e nos Irmãos Grimm, a diferença textual existente é notável, visto que Chico Buarque retrata a criança autônoma e autocrítica, que vence seus medos sozinha. Notadamente, temos uma postura ideológica diferente da que uma criança deveria ter nos séculos passados, pois a Chapeuzinho Amarelo idealiza em seu inconsciente o medo por tudo, não saia de casa nem brincava com as outras crianças, por pavor do que poderia encontrar fora da sua casa, mas ela mesma quem toma a iniciativa de superar os medos. Percebemos isso no seguinte fragmento:

Era a Chapeuzinho Amarelo.  
Amarelada de medo.  
Tinha medo de tudo,  
aquela Chapeuzinho.  
Já não ria.  
Em festa, não aparecia.  
Não subia escada,

nem descia.  
Não estava resfriada  
mas tossia.  
Ouvia conto de fada  
e estremecia.  
Não brincava mais de nada  
nem de amarelinha.

Tinha medo de trovão.  
Minhoca, pra ela, era cobra.  
E nunca apanhava sol  
porque tinha medo da sombra.  
Não ia pra fora pra não se sujar.  
Não tomava sopa pra não ensopar.  
Não tomava banho pra não descolar.  
Não falava nada pra não engasgar.  
Não ficava em pé com medo de cair.  
Então vivia parada,  
deitada, mas sem dormir,  
com medo de pesadelo.

Era a Chapeuzinho Amarelo...

E de todos os medos que tinha  
O medo mais que medonho  
era o medo do tal do LOBO.  
Um LOBO que nunca se via,  
que morava lá pra longe,  
do outro lado da montanha,  
num buraco da Alemanha,  
cheio de teia de aranha,  
numa terra tão estranha,  
que vai ver que o tal do LOBO  
nem existia. (BUARQUE, 2014, p.6).

Pelo poder lúdico, Buarque rememora o lobo imaginário, imagem cristalizada pela cultura e pelo discurso do medo, mas que “nem existia”. Enquanto

no texto contemporâneo temos o humor, para a superação do medo, nos textos tradicionais, ele existia com finalidade educativa e pedagógica pela coerção.

Os irmãos Grimm, por exemplo, trouxeram a criança que não seguiu o caminho imposto pela mãe e, sua desobediência, trouxera um castigo para Chapeuzinho, menina passiva e inocente, é induzida pelo lobo a seguir por outro lugar, colocando ela mesma e a avó em perigo, ou seja, a menina aparece como uma pessoa boba frente aos perigos da vida, pois é um reflexo de uma construção sociocultural.

Da mesma forma que Palo e Oliveira (2006) e Zilberman (2003) falam da diferença das crianças pelo contexto histórico, na citação acima, retratando a diferença entre elas, podemos notar que a criança de Chico Buarque foge totalmente dos padrões tradicionais dos enredos. O mesmo traz, em forma de paródia, uma menina cheia de medos, que se isenta das aventuras do mundo por receio de que algo ruim aconteça, mas decide vencer todos esses problemas, buscando uma maneira de transformar seus medos em coisas boas, um exemplo seria o lobo, afinal ela o transforma em bolo, virando "lobo-bolo", ou seja, o poder mágico dos contos de fadas é substituído pelo poder criativo de Chapeuzinho.

É também fundamental que se entenda que a noção de criança altera-se com o tempo: que a criança da qual falava Rousseau não é a mesma para a qual escrevia Perrault; e que esta, por sua vez, não é a criança para a qual Edmond de Amicis escreveu *Coure*; a qual, seu turno, é diferente do pimpolho para o qual Collodi escreveu *Pinocchio*, e assim indefinidamente, como na 'Quadrilha' de Drummond, em que João amava Teresa que amava Raimundo que amava Maria que etc., etc., no rodopio sem fim das cirandas. (LAJOLO, 1993, p.22).

Dessa forma, cada conto é escrito conforme a criança de sua época, apresentando os costumes e situações da sociedade além, é claro, do estilo de cada escritor. Além disso, há a diferença na moral existente em cada história, pois cada uma se refere à cultura imposta da época. Notadamente, no enredo de Chico Buarque, já não temos a mão do adulto que vigia e castiga. A menina é um reflexo, possivelmente, das novas construções familiares, em que a criança já tem a voz e é mais livre.

A criança do século XX não se identifica com situações retratadas em contos de séculos distantes do que vive. Isso se dá pela forma em que a sociedade se comporta perante o menor. Se perguntarmos a uma criança de hoje em dia qual

estória traz traços que estão presentes no seu cotidiano, entre “Chapeuzinho Vermelho” e “Chapeuzinho Amarelo”, a mesma informará que é “Chapeuzinho Amarelo”, observando que nos dias atuais as crianças querem ser independentes e resolver seus conflitos sozinhas, diferente do que se pensa tradicionalmente, pois a criança sempre fora vista como um ser conduzido submissamente pelo adulto, apenas.

66

A criança não pode ser chamada de classe, pois não possui poder algum, não tem direito a voz. Deve ser conduzida pelos valores daqueles que tem autoridade para tal: os adultos. São esses que possuem saber e experiência suficientes para que a sociedade lhes outorgue a função de condutores daqueles seres que nada sabem e, por isso, devem ser-lhes submissos: as crianças. (PALO, OLIVEIRA 2006 p.6)

É então que entra o método capitalista de organização social, o dominador e o dominado. A criança seria o dominado e o adulto, o dominador. Isso acontece quando os textos trazem só o que é de interesse dos mais experientes. Visando que a criança não tem um pensamento formando, devido a isso é facilmente controlada, impondo assim o domínio do adulto.

Os elementos mencionados por Palo e Oliveira (2006) como o poder autoritário dos adultos, seres detentores da experiência e do conhecimento, servem-nos para compreender como “Chapeuzinho Vermelho” é conduzida/persuadida ora pela mãe ora pelo lobo, pois enquanto criança, ela é submissa à primeira e inocente às maldades do segundo. Já em “Chapeuzinho Amarelo”, temos ainda a inexperiência de uma criança e de uma das simbologias da cor amarela, no entanto, a imaturidade não configura um bloqueio, pelo contrario, corporifica a negação e o enfrentamento do medo. A criança cria uma identidade e transforma sua insegurança em brincadeiras típicas de sua idade.

Lembramo-nos ainda, que a criança é essencial para a cultura, por isso precisa ser ouvida. Como criar texto para elas sem reproduzir sua visão quanto ao mundo? As temáticas abordadas no texto trazem problemas do contexto social, como abandono de menor retratado no conto “João e Maria”, escrito pelos irmãos Grimm entre outros enfoques da realidade social. É através de tais textos que as crianças aprendem a verdade sociocultural e econômica, ou seja, pela ficção e pelo olhar infantil, compreendem os dilemas da sociedade.

Segundo Coutinho (2003, p.214) “A literatura infantil não busca seguir um sistema”, ela educa recriando, retratando a realidade de forma fictícia, sem

apavorá-las, fazendo com que se identifiquem com a personagem ou com o enredo, formando assim crianças leitoras, mudando seus comportamentos perante a sociedade. Temos, então, o efeito catártico, pois a criança lê e entende a moral estabelecida no texto, impondo suas emoções perante a estória.

Um exemplo explícito da influência literária na criança é a narrativa de “Chapeuzinho Vermelho”, cuja finalidade é mostrar as consequências da desobediência, fundamentando para a criança a necessidade de ouvir atentamente seus pais, seguindo sempre o caminho descrito por eles.

Com Chapeuzinho Amarelo percebemos a mesma influência, só que dessa vez a poesia retrata a criança de hoje em dia, que busca, de certa forma, uma autonomia para lidar com a vida, vencendo os perigos sozinha, evidenciando que consegue viver sem a proteção exagerada dos pais, desprendendo-se da presença do adulto.

Tanto em “Chapeuzinho Amarelo” como “Chapeuzinho Vermelho”, percebemos uma leitura diferente dos outros contos de fadas devido ao fato de não encontrarmos príncipes encantados nem bruxas ou madrastas, personagens presentes em muitos contos como, a citar, “Cinderela”, estória que tem em seu enredo tanto o príncipe quanto a madrasta.

Os enredos infantis tradicionais, geralmente, trazem reflexões sobre a espera da menina pelo matrimônio, mostrando que, para encontrar a felicidade eterna, as jovens precisam de um marido, induzindo as mesmas à procura de um príncipe para se tornarem completas. Nisso, podemos dizer que Charles Perrault e os irmãos Grimm já inovaram.

A imagem da bruxa é substituída em “Chapeuzinho Vermelho”, por exemplo, pelo lobo, animal fictício que transmite medo às pessoas. Outro diferencial de Chapeuzinho é a estratégia usada pelo lobo para conseguir o que quer. As bruxas possuem poderes mágicos, usam desses poderes para conseguir atingir suas vítimas. O lobo, por sua vez, não tem poderes fabulosos, mas isso não o deixa menos perigoso, ele usa do seu poder de persuasão para convencer chapeuzinho, de modo cativante e sedutor.

Veja que bonitas flores Chapeuzinho Vermelho. Por que não dá uma espiada à sua volta? Acho que você nem ouve os pássaros cantando, está séria como quem vai para a escola. Tudo é tão alegre aqui na floresta. Chapeuzinho ergueu os olhos e, quando viu a luz do sol dançando entre as árvores e todas as flores vivamente coloridas,

pensou: Tenho certeza de que vovó ficaria satisfeita se eu lhe levasse um buquê de flores. (GRIMM, 2005, p.285).

Outrossim, notamos o momento em que o lobo indaga Chapeuzinho por qual caminho deve seguir. É nítido que o lobo sabe quais argumentos usar para induzir a menina. Ele cita coisas de fácil apreciação às crianças. Primeiro o canto dos pássaros, em seguida a palavra “alegria” que para os menores significa brincadeira, pois tudo que transmite alegria é divertido, e não é interpretado pelas crianças como errado ou desobediência. O poder de persuasão não é usado só com “Chapeuzinho Vermelho”, o lobo engana também a avó, passando-se por sua neta; “Quem é?” Pergunta a vovó, “Chapeuzinho Vermelho, que veio lhe trazer bolo e vinho. Abra a porta!”. (GRIMM, 2005, p.285).

Chapeuzinho Vermelho ergueu os olhos e, quando viu a luz do sol dançando entre as árvores e todas as flores vivamente coloridas, pensou: “Tenho certeza de que vovó ficaria satisfeita se eu lhe levasse um buquê de flores. Ainda é muito cedo; terei bastante tempo para apanhá-las”. (GRIMM, 2005, p. 285).

Devido o despreparo de Chapeuzinho para a vida fora de sua casa, a mesma não conhecia o lobo e, por não o conhecer, não tinha noção dos perigos apresentados por ele, percebemos isso na fala do narrador: “[...] quando a menina chegou à floresta, encontrou o lobo. Mas não sabia que ele era um animal malvado, por isso não teve um pingo de medo”. (GRIMM, 2005, p.283).

Com isso, nota-se a inocência de Chapeuzinho que, por não conhecer outro mundo além do manto materno, estava totalmente despreparada para os perigos da vida, sendo iludida facilmente por alguém desconhecido. Sua retardação quanto ao lobo fez com que os atrativos da floresta lhe fizessem esquecer o motivo de ter ido para lá, só quando se cansa de pegar as flores é que se dá conta de que precisa ir à casa da avó: “Chapeuzinho Vermelho andou colhendo flores por todo lado até encher os braços e então tornou a lembrar da avó.” (Grimm, 2005, p.285), dando chance para o lobo chegar primeiro ao seu destino e seguir com o plano de devorar as duas.

A proteção exagerada transmitida por sua genitora teria colocado “Chapeuzinho Vermelho” em perigo? Supondo que se a mesma conhecesse o lobo e a ameaça transmitida por ele, não teria parado para conversar, nem passaria informações de como chegar à casa da avó.

Onde mora sua avó, Chapeuzinho?

– A mais ou menos quinze minutos de caminhada. A casa dela fica à sombra de três grandes carvalhos, próxima a uma sede de nogueiras que você deve conhecer – respondeu Chapeuzinho Vermelho. (GRIMM, 2005, p.283).

69

No fragmento acima, é certo que a menina informa detalhadamente como ir para casa da avó, sem perceber nenhuma intenção do lobo e isso possibilitou a aproximação do mal inclusive pelo complexo de Édipo castrado em toda a sua vida, afinal:

[...] “Chapeuzinho Vermelho” retoma alguns problemas cruciais que a menina em idade escolar tem de solucionar se as ligações edipianas persistem no inconsciente, o que pode leva-la a se expor perigosamente a possíveis seduções. (BETTELHEIM, 2018, p.239).

Segundo Bettelheim (2018) “a casa na floresta e o lar paterno são o mesmo lugar”, ambos os lugares retratados de forma distinta no inconsciente da menina. Em sua própria casa, Chapeuzinho tem a proteção dos pais, sentindo-se livre de qualquer problema; quando vai para casa da vovó, sente-se frágil e impossibilitada de resolver suas questões, notando que sua avó era idosa e estava muito fraca para ajudar.

Nessa narrativa é evidente a presença do adulto a todo o momento da estória, seja impondo uma ordem ou ajudando nos problemas apresentados pela personagem principal. Em Chapeuzinho Amarelo essa presença é inexistente, em nenhum momento aparece o adulto. Isso faz o leitor questionar-se onde estão os pais dessa criança, cheia de conflitos causados por sua mente, ilustrando todas as coisas como bichos assustadores.

De acordo com Coutinho (2003), os contos são adaptados conforme a época em que se vive e a idade para as crianças. As estórias que conhecemos hoje são readaptações feitas de contos antes existentes apenas na oralidade. As recriações dos textos surgiram devido à necessidade de existirem narrativas voltadas para o público infantil. Visto que os contos eram marcados por retratarem a violência da época. Que pais comprariam livros para seus filhos cuja finalidade fosse de nenhum ensinamento? Demonstrando violência e sexualidade? Para que a literatura exista,

a mesma necessita de leitores, pessoas que amem suas histórias, viajem em seus aspectos fictícios e que se identifiquem com seu enredo, via efeito catártico.

Os contos têm o poder de entrar em nossa mente, fazendo-nos viajar pela ficção, eles nos levam para cada cenário existente no enredo construindo, tanto nos adultos quanto nas crianças, identidades. Através das estórias, distinguem-se o bem do mal, o mocinho do vilão, associa-se o mundo da ficção com a realidade e, inclusive, poder-se-á ter a mudança de comportamento.

Ademais, a criança não possui uma identidade própria, ela constrói ao longo do tempo, as personagens dos contos são aliadas importantes nessa fase, pois é através de uma imagem que foi retratada no texto com a qual a criança harmonizou-se, a ponto de adaptar seu comportamento ao dela, idealizando que agindo conforme a personagem tanto resolveria seus conflitos, como se transformaria nela. Nos enredos, da mesma maneira que aparecem os conflitos, o autor traz as soluções. Assim as crianças acreditam que, seguindo o protagonista, conseguirão respostas para suas hostilidades.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou apresentar uma análise entre duas obras de suma importância para a literatura infantil: "Chapeuzinho Vermelho", na versão dos Irmãos Grimm e, "Chapeuzinho Amarelo", uma adaptação contemporânea de Chico Buarque, conhecida por ser uma prosa em versos modernistas.

Identificamos as diferentes posturas das crianças nos enredos conforme o período em que foram escritos, tendo em vista as questões sociais e culturais. Destarte, foram fundamentais para relacionar as diferenças e as semelhanças entre as obras a forma como cada sociedade conceituava a criança, sendo que uma tem um aspecto moral, trazendo as consequências para desobediência, retratando de forma violenta tais atitudes; enquanto a outra, busca a autonomia das crianças, relatando uma menina cheia de liberdade para descrever seu caminho.

Por fim, pretendemos que, a partir da leitura deste artigo, as pessoas leiam com outros olhos os contos, questionando-os e buscando seus contextos históricos, pois só assim poderemos compreender com profundidade um texto.

## REFERÊNCIAS:

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

BUARQUE, Chico. **Chapeuzinho Amarelo**. São Paulo: Editora José Olympio, 2014.

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. São Paulo: Editora Global, 2003.

GRIMM, **Contos dos Irmãos Grimm**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

LAJOLO, Marisa. **Do Mundo da Leitura a Leitura do Mundo**. São Paulo: Ática, 1993.

PALO, Maria Jose; OLIVEIRA, Maria Rosa. **Literatura infantil**: voz de criança. São Paulo : Ática, 2006.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola**. São Paulo: Global, 2003.

FACULDADE  
PIO DÉCIMO

## **O ENSINO DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA NOS ESTADOS UNIDOS: UM CASO VOLTADO AO ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS EM PERSPECTIVA INTERCULTURAL**

72

James Rocha Smith<sup>1</sup>  
Isabel Cristina Michelan de Azevedo<sup>2</sup>

### **RESUMO**

Este trabalho propõe a análise de um relato feito por um professor de Português como Língua Estrangeira que ministra aulas em Chicago, Estados Unidos. Por meio de uma entrevista, em vídeo, foi possível observar como o ensino de PLE se articula com os elementos livro didático e aspectos culturais, quando se tem o propósito de preparar os estudantes para interagir pela linguagem. Para as análises das informações, este trabalho se apoia nas contribuições de autores como Hall (1987), Kramsch (1993, 2002) e Candau (2002, 2016), quando estão sendo tematizadas as questões culturais, principalmente no que diz respeito à interculturalidade/multiculturalidade e aos direitos humanos, em turmas voltadas à aprendizagem da língua portuguesa fora do Brasil. Pretende-se também refletir acerca das pertinências dos materiais didáticos utilizados para apoio das atividades propostas aos estudantes, com base nas contribuições de Diniz, Stradiotti e Scaramucci (2009). A partir da análise empreendida, percebeu-se que as aulas de PLE estão associadas a uma tradição de ensino-aprendizagem de língua estrangeira que se observa no Brasil e no exterior. Este estudo busca também contribuir com a organização didática de outros professores, por meio de uma reflexão vinculada ao alinhamento entre teoria e prática, no sentido de apontar alguns pontos considerados essenciais em uma proposta de ensino específica, além de colaborar com a compreensão dos caminhos percorridos pelo docente desde o planejamento até o desenvolvimento efetivo de um curso de PLE sob uma perspectiva intercultural/multicultural.

**Palavras-chave:** Português como Língua Estrangeira. Estudos Culturais. Livro didático. Interculturalidade.

### **L'INSEGNAMENTO DEL PORTOGHESE COME LINGUA STRANIERA NEGLI STATI UNITI: UN CASO DEDICATO ALL'INSEGNAMENTO E APPRENDIMENTO DELLE LINGUE IN PROSPETTIVA INTERCULTURALE**

**RIASSUNTO:** Quest'articolo propone un'analisi da un resoconto fatto per un insegnante di Portoghese come lingua straniera che insegna a Chicago, Stati Uniti. Per mezzo di un colloquio attraverso una chiamata in video è stato possibile osservare come l'insegnamento

<sup>1</sup> Graduando em Letras Português e Inglês pela Universidade Federal de Sergipe, bolsista voluntário do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e participante do Grupo de Estudos Interinstitucional de Português como Língua Estrangeira. E-mail: <betterthanbond@hotmail.com>.

<sup>2</sup> Doutora em Letras Clássicas e Vernáculas pela FFLCH da Universidade de São Paulo, mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (SP), graduada em Pedagogia pela Universidade de São Paulo e Letras e coordenadora do Grupo de Estudos Interinstitucional de Português como Língua Estrangeira E-mail: <icmazevedo@hotmail.com>.

di PLS si articola con gli elementi del libro di testo e gli aspetti culturali, quando si ha l'obiettivo di preparare gli studenti per interagire tramite il linguaggio. Per le analisi delle informazioni, quest'articolo si basa sui contributi di autori come Hall (1987), Kramsch (1993, 2002) e Candau (2002, 2016), quando vengono affrontate questioni culturali, principalmente quello che riguarda l'interculturalità/multiculturalità e i diritti umani, nei gruppi dedicati all'apprendimento della lingua portoghese fuori dal Brasile. Si intende pure riflettere in merito alle pertinenze dei materiali didattici utilizzati per il supporto delle attività proposte agli allievi, sulla base nei contributi di Diniz, Stradiotti e Scaramucci (2009). A partire dall'analisi intrapresa, ci si è accorti che le classi di PLS sono associate a una tradizione di insegnamento e apprendimento di lingua straniera che si osserva in Brasile ed all'estero. Questo studio cerca pure di contribuire con l'organizzazione didattica di altri professori, per mezzo di una riflessione vincolata all'allineamento fra la teoria e la pratica, nel senso di mirare ad alcuni aspetti considerati essenziali in una proposta di insegnamento specifica, oltre a collaborare con la compressione dei cammini percorsi per il docente dalla pianificazione allo sviluppo effettivo di un corso di PLS da una prospettiva interculturale/multiculturale.

**Parole-chiavi:** Portoghese come língua straniera. Studi Culturali. Libro di testo. Interculturalità.

## INTRODUÇÃO

A preocupação formal com o ensino de português como língua estrangeira (LE) surge nos anos 1960 e 1970, enquanto cresce também as iniciativas de pesquisas na área da abordagem comunicativa intercultural. Seguindo a crescente criação de eventos, publicação de trabalhos e uma preocupação com a gramatização do português brasileiro, houve também a criação de uma associação, a SIPLE (Sociedade Internacional de Português como Língua Estrangeira), com o objetivo de organizar as pesquisas na área e fortalecer os estudos sobre esse campo da Linguística Aplicada.

Na década seguinte, observa-se também a preocupação com a elaboração de materiais, particularmente os esforços estavam voltados a uma organização de atividades decorrentes de variadas discussões existentes na área ou mesmo à padronização desse ensino, com o que já acontecia com línguas de alcance mundial, como o inglês e o espanhol. A maior parte da demanda surgia de países da América Latina, devido à proximidade com o Brasil, mas aos poucos foi crescendo ainda mais com a diáspora para países nos Estados Unidos da América e no Canadá, em

diferentes países europeus, no Japão, na África do Sul, no Paraguai e na Venezuela, contabilizando atualmente de 7 a 9 milhões de falantes.

Em momentos como esse é notável o papel das políticas linguísticas voltadas à difusão de uma língua, mas isso depende de planejamento linguístico, o que está relacionado com o papel da língua, seu status social e as relações com outras línguas. A partir das primeiras leituras basilares para o desenvolvimento desta pesquisa, um texto de Leffa (2005, p. 203) se destacou por apontar que o ensino de línguas não está relacionado apenas à esfera educacional e metodológica, mas também à política. Nas palavras do autor:

Vemos o ensino de LE como um problema metodológico quando estamos preocupados, por exemplo, com a atuação de um professor em sala de aula, com ênfase na escrita ou na fala, com a melhor maneira de ensinar determinado conteúdo. Vemos o ensino de LE como um problema político quando nos preocupamos, por exemplo, com a escolha de uma língua estrangeira que um aluno de uma determinada comunidade deve estudar, com o impacto de hegemonia de certas línguas sobre outras [...]. (LEFFA, 2005 p. 203).

Assim, é importante fazer menção às posições da língua portuguesa mundialmente. De acordo com as pesquisas desenvolvidas por Oliveira (2013, p. 412), o português tem alcance de 29 mil km de fronteiras, o que permite inúmeras trocas linguísticas. O autor também menciona a importância da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) e do Colóquio Internacional de Maputo sobre a Diversidade Linguística nos Países da CPLP. Sobre isso, ele pontua:

Internamente aos países da CPLP o português convive com aproximadamente 339 diferentes línguas, com variado número de falantes e diferentes graus de vitalidade, línguas estas constituintes das culturas nacionais dos respectivos países e hoje objeto de uma série de programas de promoção por parte dos governos [...]. A CPLP inicia, por este canal, um diálogo com as políticas contemporâneas do multilinguismo, e os Estados Membros desenvolvem crescente atenção a estas línguas, vetor de integração dos cidadãos às sociedades nacionais que, no século XXI, vão se configurando de modo cada vez mais plural, tanto cultural como linguisticamente (OLIVEIRA, 2013, p. 412).

Essa ideia de pluralidade se confirma na página da CPLP, quanto trata da difusão da língua portuguesa (LP). Nesse texto, a organização afirma a função da língua como promotora de trocas culturais, realçando um posicionamento universalista. Isso é interessante, pois o fato de o português ser a sexta língua mais falada no mundo, sendo 23 milhões como segunda língua e não nativos, torna mais relevante a constante preocupação em como a língua-cultura chega àqueles que a estudam.

Assim, este trabalho seguirá a seguinte linha de reflexão: uma análise elaborada a partir das contribuições de um professor/diretor de uma escola de PLE em Chicago, justamente para tentar entender como as questões políticas e culturais estiveram influenciaram (ou não) o planejamento do curso, a escolha dos materiais, as atividades realizadas, além dos resultados alcançados.

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

O elemento cultural na sala de aula na maioria das vezes é introduzido de forma dissociada da língua, e ainda é frequentemente apenas reforçar estereótipos, seja por meio de materiais didáticos ou de projetos diversificados, como mostras culturais e feiras.

Claire Kramersch (2017, p. 135) acredita que diversos currículos escolares bipartem o ensino de idiomas em língua e literatura, sendo a última associada à Cultura (com C maiúsculo) retida ao que for culto, canonizado e hipervalorizado por uma suposta elite. E o que vale acrescentar é que tais escolas com seus currículos levantam a bandeira de um ensino apoiado na abordagem comunicativa de línguas, indo de encontro ao que de fato se caracteriza como uma proposta de ensino baseada nessa abordagem, e esse embate aumenta a força de uma abordagem comunicativa intercultural.

Nesse tipo de trabalho, como sugerido por Byram, Gribkova e Starkey (2002, p. 7), o estudante deve ser capaz de construir a competência comunicativa intercultural ao longo do desenvolvimento das aulas do curso. Essa competência diz

respeito a possuir um entendimento mais amplo e reflexivo sobre as trocas culturais, os espaços e os papéis sociais desempenhados seja por aqueles cuja língua-cultura se está sendo explorada seja em relação à própria cultura. Assim, o estudante deve fazer apropriação de informações, valores, ideologias etc. e incorporar o conhecimento adquirido além dos círculos que constrói nos círculos relacionados exclusivamente à língua materna.

Outra autora que também agrega elementos a essa discussão é Vera Maria Candau (2016). A estudiosa afirma que as relações entre grupos culturais não são idílicas, ou seja, as marcas históricas dos embates são constantes e construídas de inúmeras formas. Nesse sentido, um currículo que se proponha a oferecer um ensino intercultural deve dispor de uma labuta constante na criação de aulas que promovam o debate, a atualização e um entendimento mais empático de acordo com o princípio da alteridade. Também precisa proporcionar ao estudante uma compreensão da variedade de expressões, uma vez que cada indivíduo carrega um mundo de significações em si, podendo pertencer a grupos diversos. Isso pode ser associado ao hibridismo cultural, descrito por Stuart Hall (2015, p. 36). Segundo esse autor, a ideia da etnia e de “um só povo” é ainda difundida, mas já não funciona mais como antes, uma vez que “as nações modernas são todas híbridos culturais”. Permitindo concluir que não existe nação composta por apenas um povo.

Assim, quando se tenta trazer à sala de aula uma perspectiva intercultural, um ensino precisará promover discussões desse âmbito, e o professor pode se valer de diversos materiais que encaminhem os estudantes a tais reflexões, como também a concretizar conhecimentos adquiridos e as ações construídas no curso. Para isso, a adoção de um livro didático pode servir como um guia para as atividades didáticas e, seguindo essa linha de pensamento, o material deve ser bem estruturado a fim de que por meio dele os aprendizes tenham perspectivas de como a língua-alvo funciona, ciente de que nenhum material representa a realidade de todo um povo.

No caso do português do Brasil, a historicidade da publicação de materiais didáticos começa por volta dos anos 1950, com livros escritos por não nativos. Décadas adiante, acontece uma crescente produção de livros, publicados provavelmente graças às preocupações com a língua, motivadas pelas organizações como CPLP.

Para compreender melhor essa questão, a dissertação de Leandro Alves Diniz *Mercado de línguas: a instrumentalização brasileira do português como língua estrangeira* permite entender que os processos de produção e as perspectivas editoriais da publicação de livros de PLE interfere na seleção dos conteúdos trabalhados. Sobre a nova fase dos lançamentos dos livros didáticos, o autor comenta:

Essa mudança na produção editorial brasileira aponta, novamente, para a constituição de uma posição de autoria do Estado/cidadão brasileiro, o que marcaria, segundo Zoppi-Fontana (2004, 2007), um novo período no processo de gramatização brasileira do português. [...] É importante destacar, ainda, que a configuração do Mercosul parece, de fato, representar um marco na produção dos LDs brasileiros de PLE, já que, como observamos, essa sofre um grande impulso a partir do fim da década de 1980, período que coincide, justamente, com o início da consolidação desse bloco econômico – que, institucionalmente, se dá em 1991, com a assinatura dos Tratados de Assunção (DINIZ, 2008, p. 76).

Como se vê, as políticas governamentais também influenciam o mercado editorial, por isso neste trabalho buscou-se com Diniz (2008) aprofundar o crescimento do ensino da língua portuguesa na última década, mais especificamente em 2008, ano de publicação do trabalho, principalmente nos Estados Unidos. O pesquisador se vale de uma matéria publicada na revista *Língua Portuguesa* intitulada “I love Portuguese”. A matéria relata que além da procura pelos cursos, o número de falantes de português quintuplicou naquela época, incentivada pela soma de nativos e não nativos que chegaram lá. A revista ainda pontua que os estudantes veem um horizonte mais oportuno no estudo do português do Brasil, em um contraponto com

a variante europeia, e que algumas universidades estavam em fase de reestruturação de cursos de graduação em línguas latino-americanas.

Grande parte da carga discursiva divulgada nos Estados Unidos advém do Brasil, segundo Diniz (2008, p. 117), incluindo nesse acontecimento uma série de questões colocadas por visões que por muitas vezes levam os estudantes a reproduzirem estereótipos. Isso é um problema para uma sala que se diz intercultural, já que um dos propósitos desse tipo de perspectiva não é estudar a língua de maneira estática, mas sim com base nas mesclas e influências que se desenvolvem sincrônica e diacronicamente.

Na seção seguinte, encontra-se a análise da conversa entabulada com o professor e diretor do curso *Brazil in Chicago*. A partir de alguns recortes selecionados foram realizadas transcrições dos fragmentos relacionados às discussões deste trabalho. Especificamente, a análise concentrou-se em três elementos: o ensino de língua portuguesa, o ensino de cultura e a elaboração de material didático, por estarem implicados ao trabalho com a abordagem comunicativa em perspectiva intercultural.

## **ANÁLISE DA ENTREVISTA**

O contato com o curso iniciou-se a partir de uma busca feita no Google por escolas de português nos Estados Unidos, motivada pelo fato de as leituras mostrarem a grande quantidade de brasileiros no país ocasionada pela diáspora em países da América. Houve a tentativa de contato com algumas escolas, somente *Brazil in Chicago* se mostrou disponível.

A partir das primeiras trocas de e-mails foi sugerida uma entrevista via *Skype* com o Marcelo Jarmendia, diretor e professor da escola, para a coleta de informações importantes sobre as motivações para criação do curso e a elaboração do currículo de aulas voltado à demanda identificada em Chicago.

Para a conversa, foram elaboradas as seguintes perguntas:

1. Quais as razões que motivaram oferecer o curso de PLE nos Estados Unidos?
2. Houve um planejamento ainda no Brasil? Dentro desse planejamento alguma coisa precisou ser adaptada ao público? O que foi?
3. A procura pelo curso é influenciada por algum fator, segundo depoimentos dos estudantes?
4. A escola se preocupa com o componente cultural em sala de aula ou mesmo em atividades extraclasse? Se sim, como isso é feito? Que atividades são realizadas?
5. Na visão, quais são as perspectivas para o ensino de PLE?
6. Há outras escolas ou universidades que ofertem cursos na área do Português e/ou na variante brasileira?
7. O curso já fez parte ou se envolve com alguma pesquisa?
8. Quais as principais dificuldades identificadas no ensino de PLE para falantes do inglês?

Essas questões permitiram desenvolver outros debates que fossem valiosos à pesquisa, pois inicialmente o professor falou um pouco sobre a escola e o perfil dos aprendizes<sup>1</sup>.

Marcelo possui formação em Ciências Sociais voltada para a área de Relações Internacionais na USP e já dava aulas de espanhol na modalidade *in company* em São Paulo. Quando concluiu sua graduação, ele foi para Chicago. Em 2015, contou que a demanda de estudantes de português era composta por pessoas que possuíam alguma conexão afetiva com algum brasileiro ou que faziam aulas de samba e capoeira.

Percebeu-se, na época, que havia uma relação direta com a situação que o Brasil gerava mais interesse das pessoas em aprender a variante brasileira do português. Fato corroborado pelo entrevistado enquanto marcava que a busca pelo

---

<sup>1</sup> A entrevista foi gravada contando com o consentimento de Marcelo Jarmendia.

português se dava em razão do crescimento econômico, o que garantiu ao Brasil uma notoriedade mundial. Em função disso, o professor abriu a escola somente de português, pois, até então, as aulas aconteciam em uma escola de italiano.

Ainda de acordo com os dados fornecidos pelo entrevistado, o curso começou em 2006, com sete grupos, totalizando 60 estudantes, sendo que um terço deles eram hispanofalantes: “comparado aos anos de 2010 a 2012, eram 13 turmas com sete professores. Então, naquela época, que era quando o Brasil tava no auge da economia, tinha uma demanda bem grande de alunos”.

Os futuros estudantes respondiam a um questionário ao realizar a matrícula, nas alternativas, os grupos eram divididos em três, conforme o objetivo de aprendizado da língua. Os grupos eram: *Business* (português para negócios), *fun learners* (aprendizes da língua por prazer), composto por aqueles que tinham relacionamento com algum brasileiro e aqueles que se conectavam com o idioma por meio da arte (capoeira, música...). Segundo o professor, quando o interesse era o português para negócios, o interesse em aprender os aspectos culturais da língua eram mais restritos: “[...] quando entram esses alunos de business, cai bastante o interesse pela cultura... O pessoal quer uma ferramenta para fazer negócio no Brasil”, explicou Marcelo Jarmendia.

## **ANÁLISE DOS ELEMENTOS CULTURAIS**

Devido aos limites deste trabalho, foi selecionado um elemento cultural presente em sala de aula, selecionado pelo entrevistado ao longo da conversa. Marcelo descreveu algumas atividades desenvolvidas no curso, explicou que foram realizadas adaptações de outros materiais, a partir de suas primeiras experiências de ensino para adultos. A partir disso pode adequar suas práticas à realidade de pessoas com as quais trabalhava. Além disso, resolveu considerar a carga de tempo disponível fora da sala para definir as atividades.

Uma coisa que era muito comum, era a questão do social. Uma das turmas mais longas, pessoal do bate-papo, tinham terminado todos os níveis, mas continuamos com aulas de conversação, cada curso com um tema diferente: história do Brasil, Brasil e suas regiões, mas os alunos faziam disso um evento social, e a escola aproveitava dessa estratégia (informação de Marcelo Jarmendia).

31

Para o professor e diretor, esse lado social era muito importante por dois motivos: por um lado, compreende que o aprendizado de uma língua tem que ser social, então os estudantes eram encorajados a interagir entre si e, por outro, a questão comercial também tinha seu lado positivo, uma vez que os aprendizes que criavam laços tendiam a mantê-los, dando prosseguimento ao curso.

No que tange à abordagem do componente cultural no currículo do curso, o professor esclareceu que a escola possuía DVDs de filmes brasileiros, que semanalmente realizava encontros em que os estudantes poderiam assistir aos filmes. Além dos filmes, o professor promovia outras atividades que complementavam os estudos regulares:

Pela minha formação também, em sociologia, eu sempre trouxe muita cultura. Fazíamos workshops, lembro que tivemos um workshop sobre um "head hunter" que foi trabalhar no Brasil, tivemos um outro sobre cachaça, aula de culinária, aulas de samba e com isso a escola virou um ponto central da comunidade brasileira, para pessoas interessadas na cultura brasileira dentro de Chicago, ou seja, as, tanto é que por muitos anos se fosse procuradas com as palavras "Brasil" e "Chicago", o resultado daria no endereço do curso antes mesmo do consulado brasileiro no local (informação de Marcelo Jarmendia).

As atividades se organizavam a partir de elementos culturais brasileiros divulgados como característicos, por isso Marcelo Jarmendia também destacou a criação de uma ONG chamada "Casa de Cultura Brasileira", concretizada com muito custo, que infelizmente perdeu a força que tinha no seu início, mas ele completa:

O curso foi o primeiro patrocinador de um festival do cinema brasileiro, que foi uma iniciativa nós fizemos junto com *Partners of the Americas*<sup>1</sup> em 2009. O interessante da mostra é que são filmes somente com temas sociais, curtas, documentários. Além de que eram realizadas em salas de universidades, o que representa uma aliança forte com seis delas o que aprofundou bastante a questão cultural, educacional e acadêmica. Já que quem organizava era uma professora da escola e contava com o trabalho voluntário de alunos e outros professores do curso (informação de Marcelo Jarmendia).

Marcelo complementou que as atividades idealizadas pela escola contavam com as parcerias com um grupo de samba chamado “Chicago Samba” e com a “Organização das mães brasileiras de Ilinóis”. É notório que os esforços do curso em promover uma visão interculturalista em um contexto de não-imersão tornam a difusão um pouco mais específica, principalmente em âmbitos socio-culturais e em espaços nos quais a língua inglesa é hegemônica. O que serve para retomar o que é proposto por Kramersch (1993, p. 205) acerca das influências que a cultura exerce em relação ao aprendizado de uma língua estrangeira na articulação com a visão que se tem da língua materna. Ou seja, a visão da cultura-materna influencia a forma como o estudante vê outras culturas em função das lentes sociais construídas durante a história.

## **IMPORTÂNCIA DOS ELEMENTOS DIDÁTICOS**

No que diz respeito ao material utilizado, Marcelo relata que, na época de abertura, a escola optou por usar o livro didático *Falar... Ler... Escrever... - Português para Estrangeiros*, das autoras Emma Eberlein O. F. Lima e Samira A. Iunes, e que algum tempo depois um estagiário foi contratado para montar um material com base em outros livros de português como língua estrangeira. Além do que foi mencionado,

---

<sup>1</sup> Segundo o professor, o *Partners of the Americas* “é uma organização que começou o presidente Kennedy com a iniciativa de juntar os países da América, e onde cada estado dos Estados Unidos tem como parceiro um país, quando pequeno, ou um estado. O estado de Illinois é aliado do estado de São Paulo, e então oferecem oportunidades de intercâmbio, em suma, atividades em conjunto.”

Marcelo citou alguns outros livros: *Pois não - Brazilian Portuguese Course for Spanish Speakers, with Basic Reference Grammar*, do autor Antônio Roberto Monteiro Simões; *Bom Dia, Brasil*, de Rejane Oliveira Slade; *Ponto de Encontro*, de autoria de Anna Klobucka, Clemence M. C. Jouet-Pastre, Patricia Isabel Sobral et al.

Cabe pontuar aqui que o modo de compor um material didático ainda é feito pelo professor e é influenciado por variados fatores, assim como acontece com quem elabora um livro didático (LD), como explica Diniz:

Não podemos nos esquecer de que o elaborador do LD, assim como o professor, também tem suas visões, crenças, valores, que se concretizam na elaboração dos materiais, na determinação de seus conteúdos e atividades. Embora Ur [(1995)] mencione, como um de seus critérios, o conceito de abordagem ("a adequação educacional e social da abordagem"), apenas a considera em relação ao público-alvo, e não em relação ao professor. Em outras palavras, as concepções orientadoras dos LDs, ainda que não claramente explicitadas, deveriam ser o critério fundamental de escolha do livro pelo professor, dada sua importância, juntamente com o público-alvo, na definição dos objetivos, conteúdos e atividades de sua prática (DINIZ et al., 2009, p. 271-272).

Essas considerações indicam que a seleção de materiais existentes no mercado por parte de Marcelo Jarmendia e sua equipe ocasionou o alinhamento da escola às concepções que sustentam a criação dos livros didáticos, mesmo que não houvesse clareza disso na época.

Há ainda a questão dos altos preços dos livros. Como o número de exemplares de cada tiragem é pequeno e as taxas de importação encarecem as edições, tornava-se muito oneroso para os estudantes sua compra. Trata-as de um problema de ordem mercadológica que também incentivou a criação do material pelo Marcelo.

## O ELEMENTO PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA

Questionado sobre as perspectivas para o ensino de Português como Língua Estrangeira, o professor contou como está a situação da escola na atualmente. Explicou que há um novo formato em vigor, bem menor, uma vez que a demanda

diminuiu demasiadamente. Com isso, o professor passou a viver no Brasil e administra a empresa daqui. Ele ressaltou que sempre acontece algum evento cultural em Chicago, seja de música, ou de teatro, embora em número muito menor, e que mantém contato com os estudantes e professores por meio de grupos de *Facebook*.

Sobre o futuro do ensino de PLE em Chicago, Marcelo explica:

Eu acho que, infelizmente, dada a nossa conjuntura política, eu lembro que em 2014, nas Olimpíadas, teve uma campanha muito negativa em relação ao Brasil. Problemas relacionados à segurança, Zika vírus; assuntos que viraram notícia internacional e que se tornaram motivo de chacota e isso influi na questão do interesse, na demanda. Por outro lado, tivemos várias iniciativas do próprio Itamaraty que possui um departamento dedicado à promoção da língua portuguesa. Eu tive dois cursos nos EUA, um em Washington e outro em São Francisco, ofertados pelos órgãos diplomáticos sobre ensino de PLE e de Português como Língua de herança. Esses cursos foram ofertados em outros países, mostrando a preocupação a nível governamental, digamos assim, de políticas de Estado, dessas instituições com ensino de Português como Língua Estrangeira. Reconheço que essa preocupação foi mais presente durante os governos do PT que viam uma necessidade do Brasil internacional de uma maneira muito mais forte do que no governo atual (informação de Marcelo Jarmendia).

Prosseguindo, Marcelo relata que o Itamaraty passou por uma greve, o que se tornou uma situação desfavorável, pois não permite dar continuidade às políticas linguísticas. Ele fez comparação com outros países que têm organizações dedicadas à difusão da sua língua, e destacou que no caso do português brasileiro essa circunstância fica muito agravada, pois o português não é uma língua com tanto interesse comercial como outras.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A entrevista com Marcelo trouxe ricas contribuições para um entendimento das posições da língua portuguesa em um contexto internacional. Foi possível perceber que os avanços permanecem acontecendo, porém, como relatado pelo

próprio entrevistado, as políticas linguísticas para a promoção do português têm que ser mais ativa e que, seguramente, as questões políticas influenciam diretamente a escolha da língua que se almeja estudar. Para alcançar um patamar mais alto, a difusão cultural do português brasileiro pode ser mais dinâmica, desde que haja mais estímulo à produção e pesquisa de assuntos relacionados ao tema.

85

## REFERÊNCIAS

BYRAM, M.; GRIBKOVA, B; STARKEY, H. **Developing the Intercultural Dimension in Language Teaching**. Estrasburgo: Council of Europe, 2002.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Cotidiano escolar e práticas interculturais. **Revista Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 46 n. 161 p. 802-820, jul./set. 2016. Disponível em: <<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/3455>>. Acesso em: 18 mar. 2018.

DINIZ, Leandro Rodrigues Alves. **Mercado de línguas: a instrumentalização brasileira do português como língua estrangeira**. 2008. 208f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008. Disponível em: <<https://goo.gl/nviLMz>>. Acesso em: 01 maio 2018.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

KRAMSCH, Claire. Teaching language along the cultural faultline. In: \_\_\_\_\_. **Context and culture in language teaching**. Oxford: Oxford University Press, 1993. p. 205- 232.

\_\_\_\_\_. Cultura no ensino de Língua Estrangeira. Tradução de Celso Roberto Paschoa. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, São Paulo, v. 12, n. 3, set./dez. 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/xkAqbw>>. Acesso em: 18 mar. 2018.

LEFFA, Vilson José. O professor de línguas estrangeiras: do corpo mole ao corpo dócil. In: FREIRE, Maximina M.; ABRAHÃO, Maria Helena Vieira; BARCELOS, Ana Maria Ferreira. (Org.). **Linguística Aplicada e contemporaneidade**. São Paulo: ALAB/Pontes, 2005. p. 203-218.



ISSN: 2359 1250

# VII SEMANA DE LETRAS

E SEMINÁRIO DE PESQUISA EM LINGUAGENS E PRÁTICA DOCENTE

A Base Nacional Comum Curricular e os Direitos e Objetivos de Aprendizagem

28, 29 e 30  
de maio  
Auditório do Bloco C  
Campus Jabotiana

ÉTICA na pesquisa. 2004. Disponível em: <<http://apostilas.eticanapesquisa/36.rtf>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de. Política linguística e internacionalização: a língua portuguesa no mundo globalizado do século XXI. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, n. 52, v. 2 p. 409-433, jul./dez. 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/ELarXp>>. Acesso em: 18 mar. 2018.

ZOPPI-FONTANA, Mônica Graciela; DINIZ, Leandro Rodrigues Alves. Declinando a língua pelas injunções do mercado: institucionalização do português língua estrangeira (PLE). **Revista Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 37, n. 3, set./dez. 2008. Disponível em: <<https://goo.gl/7JP3uh>>. Acesso em: 18 mar. 2018.



FACULDADE  
PIO DÉCIMO

### O REGIONALISMO E AS MEMÓRIAS EM "O SERTANEJO"

Jane Kelly de Santana Silva (PIC / NELL / FPD) <sup>1</sup>  
Tatiana Cíntia da Silva (PIC / NELL / FPD) <sup>2</sup>

87

#### RESUMO

O presente trabalho tem como meta fazer uma análise do romance *O Sertanejo*, de José de Alencar. A obra evidencia as tradições locais, a criação de um passado comparado ao da Europa, o regionalismo e as memórias como principais características que serão detalhadas. Ademais, Alencar se apropria da história e dos costumes dos sertanejos para mostrar a dificuldade do povo do sertão, além de explorar a beleza da natureza do Nordeste, ou seja, trilharemos os caminhos das memórias regionais pela impostura romântica do enredo. O aporte teórico utilizado para a elaboração deste artigo consiste basicamente nas teorias de Benjamim Abdala Júnior e Samira Youssef Campedelli (1989), Walnice Nogueira Galvão (2000) e Alfredo Bosi (1994).

**Palavras-chave:** Regionalismo. Memórias. Costumes.

#### RESUMEN

El presente trabajo tiene como meta hacer un análisis del romance "O Sertanejo" de José Alencar. La obra evidencia las tradiciones regionales, la creación de un pasado comparándolo al de Europa, el regionalismo y las memorias como principales características que se detallarán. Además, Alencar se apropria de la historia y de las

<sup>1</sup>Graduanda do Curso de Letras Português/Espanhol da Faculdade Pio Décimo (FPD), aluna pesquisadora do Projeto de Iniciação Científica (PIC) através do Núcleo de Estudos em Literatura do curso de Letras (NELL), Linha de Pesquisa: Literatura, Regionalismo, Memória e Ensino, orientado pela professora Mestra Tatiana Silva.

<sup>2</sup>Especialista em Letras, Linguística e Literatura; Mestra em Literatura e Cultura. Além de cátedra em Literatura na Faculdade Pio Décimo (FPD), tem como linhas de pesquisa a prosa machadiana e a poética intertextual entre o medievo e o sertão em Elomar Figueira de Mello pelas trilhas da memória e das metáforas de saudade. Outrossim, faz parte do Projeto de Iniciação Científica (PIC) através do Núcleo de Estudos em Literatura do Curso de Letras (NELL) como orientadora da Linha de Pesquisa: Literatura, Regionalismo, Memória e Ensino.

costumbres de los sertanejos para mostrar la dificultad del pueblo de sertão, más allá de explorar la belleza de la naturaleza del noreste, o sea, recorreremos los caminos de las memorias regionales por la imposición romántica del enredo. El aporte teórica utilizado para la elaboración de este artículo consiste basicamente en las teorías de Benjamim Abdala Júnior y Samira Youssef Campedelli (1989), Walnice Nogueira Galvão (2000) y Alfredo Bosi (1994).

**Palabras- llave:** Regionalismo. Memórias. Costumbres.

## 1. INTRODUÇÃO

O Romantismo tinha como objetivo trazer uma identidade nacional. O amor à pátria, população, natureza, religião e costumes foram muitas vezes aflorados na escola literária. José de Alencar, sem dúvida, traz uma grande contribuição para esse movimento quando aborda o regionalismo, com sua franca aderência à realidade socioeconômica do país em suas obras.

Segundo Bosi (1994, p. 144) "Alencar cioso da própria liberdade, navega feliz nas águas do remoto e do longínquo". Liberdade essa exposta em diversas obras, mas iremos nos deter apenas em *O Sertanejo*. O romance foi publicado em 1875 e o enredo evidencia as crenças e características do povo sertanejo, além de trazer consigo profundidade regional e memorial de tradições particulares de uma determinada região. Além disso, a obra aponta o sofrimento da população devido à grande seca existente no sertão. Podemos destacar também uma influência europeia ainda presente na classe média alta ou abastada da sociedade daquela época. Segundo Bosi (1994, p.146) "alguma coisa como a Europa pré-industrial, mas regenerada pela seiva da natureza americana".

Alencar cria seu personagem principal, Arnaldo Louredo, sertanejo de perfil peculiar, homem bruto e, ao mesmo tempo, dócil perante as mulheres e a religião. O autor faz uma descrição minuciosa das características humanas e animais de Arnaldo, segundo Alencar (S.D. p.18) "seus olhos rasgados e vivos, dardavam as veemências de um coração indomável". Dessa maneira, o escritor transmite ao seu leitor não apenas um homem, mas um herói em meio ao campo e, portanto, diferente dos heróis do mundo urbano. No entanto, essa visão heroica é empregada a um trabalhador rural que é submisso aos patrões e a um amor idolatrado, porém, há um espírito livre e inquieto, apaixonado por sua liberdade e pela natureza que o cerca como sua fiel companheira.

Alencar tenta trazer uma independência para a literatura brasileira e, para isso, projeta em um homem simples a representação vivida do país, para Nogueira (2000, p.45) "o fascínio do sertão se faz presente em nossas letras e a atração pelas entranhas do território seria responsável pela perpetuação de uma linhagem literária que se deu o nome de regionalismo". Para aprofundarmos a visão acima, iremos trilhar um emaranhado de memórias através do ideário do sertanejo exposto no enredo de Alencar, seja por seu culto à natureza regional, sua atração ao pitoresco, idealização de um herói agreste ou o seu interesse pela vida e pelos hábitos daquela região.

## **2. A PLURALIDADE REGIONAL PELAS MEMÓRIAS DO NARRADOR**

A abordagem temática remetida na obra traz um pluralismo de costumes e descrições de um ambiente peculiar esquecido nas veredas do país. Pluralismo esse presente nas memórias do narrador no romance. Já no primeiro capítulo é perceptível uma oscilação entre narração e descrição quando são apresentadas

primeiramente as paisagens para depois aparecer os personagens principais e o enredo. A descrição relembra uma paisagem geográfica que é pertencente ao cotidiano dos leitores nordestinos, criando uma verossimilhança e, posteriormente, um efeito catártico.

O narrador onisciente em terceira pessoa descreve o sertão cearense de uma maneira poetizada e próxima a ele (S.D. p.9) “Esta imensa campina, que se dilata por horizontes infindos, é o sertão da minha terra natal”. Dessa maneira, ele traz consigo uma memória emocional de um passado não muito distante onde talvez vivesse e tivesse laços afetivos e afinidades que são responsáveis pelo seu crescimento, quicá de um passado romantizado pela memória. É nítido como isso influencia na descrição do ambiente feita por ele como em (S.D. p.13) “a chapada, que os viajantes atravessavam neste momento tinha o aspecto desolado e profundamente triste que tomam aquelas regiões naquele tempo de seca”. Os viajantes citados podem ser comparados também aos retirantes, que fogem da seca que entristece o sertão, trazendo uma imagem desoladora do ambiente onde não existe água para a população tampouco para o gado, retrata também a vegetação predominantemente escassa do semiárido naquela época que induz a uma ação emergencial de mudança para outro local.

O escritor se apossa da descrição geográfica para evidenciar a grande escassez do sertão cearense e os múltiplos problemas de uma fragilidade geográfica causada pelo clima árido e quente do local favorecendo queimadas e a destruição da vegetação. No capítulo II da primeira parte do romance, intitulado “Desmaio”, quando D. Flor se vê encurralada por um incêndio criminoso causado por um desafeto do capitão mor, o narrador chega a personificar o incêndio para mostrar a grande proporção e a devastação causada.

Ouviu-se mugir o vento, agitado pelo ressolho ardente e ruidoso das chamas; um trovão soturno repercutia nas entranhas da terra, e a cada instante, no meio do constante estridor da ramagem, reboavam

com surdos baques dos troncos altaneiros os estertores da floresta convulsa. O dragão de fogo se arremessava desfraldando as duas asas flamantes, cujo bafo abrasado já crestava as faces mimosas de D. Flor e a revestiam de reflexos purpúreos". (ALENCAR S.D. p. 21).

O narrador cria uma hipérbole para mostrar a dimensão da devastação, ressaltando o rigor e o poder de destruição da seca causada naquele tipo de situação que, pelo calor ardente, torna-se mais propício. Quando se apossa de palavras como "repercutia nas entranhas da terra", ele traz um evidente exagero para mostrar como o incêndio tinha proporções gigantescas e chega até a personificá-lo como um "Dragão de fogo com asas flamantes cujo bafo era abrasado". Ao colocar D. Flor ao meio do incêndio, o autor causa uma oposição de ideias, pois a donzela que se encontrava em perigo era dona de traços delicados e de "linda frente" (S.D. p. 23), tudo isso para trazer ao seu leitor a imensidão dos prejuízos causados pelo mesmo e a delicadeza de um ambiente fragilizado por sua condição geográfica.

Há uma preocupação ao ressaltar as diversas características da região desde a sua beleza geográfica até a riqueza de espécies de animais e vegetação. São sempre aspectos selvagens que atraem o olhar do narrador e, assim, trazem um olhar detalhado de riqueza e imagens em um luxo de fantasias.

As sombras das colinas do poente desdobravam-se pelos campos e várzeas e cobriam a rechã desse candor da tarde, que em vez da alegria da alva matutina tem o desmaio, a languidez e a melancolia da luz que expira. Por aquelas devesas já envoltas no umbroso manto, só destacam-se as copas das árvores altaneiras ainda emergidas nos fogos do arrebol, e que de longe parecem chamas de um incêndio rompendo aqui e ali a mata. (ALENCAR. S.D. p.181)

O autor revela uma desenvoltura aparente para recobrir um trabalho esclarecido em detalhes e inspirações, quando diversas vezes se encontra no olhar do narrador como em (S.D. 9) "Quando te tornarei a respirar tuas auras impregnadas de perfumes agrestes, nas quais o homem comunga a seiva dessa

natureza pulsante?” para mostrar a diversidade regional presente no Nordeste. O escritor tem um reflexo fotográfico do ambiente, um cunho saudosista que embora ficcional remeta ao espaço regional que aponta para um mundo histórico-social, uma região geográfica rural internalizada nos preceitos e na religião seguida com tanta profundidade.

O narrador expõe uma diversidade de ideias para ressaltar os costumes daquela região, destacando a influência europeia presente na classe alta do enredo, fazendo assim uma distinção entre ricos e pobres. Trata-se de relatar os modos de expressão, desde as minúcias dos vestuários até os costumes provindos da Europa.

D. Genoveva e as moças, vestidas de amazonas, com seus roupões de fino droguete guarnecido de alamares, trajavam com o mesmo, senão maior, luxo e primor das fidalgas de Lisboa; pois naquele tempo era, sobretudo nas casas dos opulentos fazendeiros do interior que se encontravam o fausto e os regalos da vida. (BOSI. 1994, p. 146)

Podemos considerar também como uma crítica à classe alta, que vivia uma “encenação” ao seguir esses hábitos estrangeiros, como se não considerassem os costumes do seu país. Onde os grandes fazendeiros abastados viviam uma vida longe da realidade social, repleta de luxos. Quando o narrador descreve cavalheiros corajosos, disputando “montearias, ou caçadas à moda europeia, com a diferença de serem as armas e trajes venatórios substituídos pelos petrechos do vaqueiro” (S.D. p.235). Segundo Cirlot (2005, p. 144) “o cavaleiro é um aspecto histórico, um real esforço para criar um humano superior a todos os demais” e assim se assemelha no enredo em estudo.

O narrador onisciente em terceira pessoa participa de todo o enredo, aparentemente, tentando ressaltar a diferença entre as classes, segundo Abdala e Campedelli (1989, p. 70) “A literatura do período clássico identificou-se historicamente com a aristocracia. Os padrões estéticos que para tornar a nobreza constituíam verdades absolutas”. Para as considerações Alencarianas, essa

influência era extremamente prejudicial à construção de uma literatura nacional sem influências externas. Para Bosi (1994, p.146) "O Brasil para Alencar seria uma espécie de cenário selvagem onde expulsos os portugueses, reinariam os capitães altivos, senhores de baração e cutelo rodeados de sertanejos e peões, livres sim, mas fiéis até a morte".

O objetivo de Alencar era criar um projeto nacional sem semelhanças com outras culturas, uma literatura evidentemente brasileira focalizando o homem do sertão que seria uma forma de ir contra às influências europeias.

### 3. O CARÁTER DO SERTANEJO

O personagem Arnaldo Louredo é encarnado em um sertanejo cearense anelado a um espírito tradicional que tem a liberdade como sua fiel companheira e a natureza como a sua casa. Sertanejo de raiz, que faz questão de seguir seus preceitos, rigidez e seus ideais, formados em um anseio natural do seu caráter, característica tipicamente sertanista que cultua suas tradições e, sobretudo, seu caráter inquestionável além de ter todas as virtudes da terra, todos os dons e conhecimento da natureza, é idealizado em um herói à moda do campo, um cavaleiro medieval que, cheio de virtudes, vive em busca de aventuras, além de atender aos apelos da mulher amada. Segundo Le Goff e Schmitt (2000, p.196) o herói medieval "exalta as boas maneiras, ao serviço da senhora tido como amor "cortesão" e isso é o que aparece notadamente em Louredo, como um resquício do heroísmo medieval.

No mais seu caráter heroico e seu tom bravo pela proteção, configuram a vassalagem amorosa à donzela, pois

Apenas o sertanejo conheceu o perigo em que se encontrava a donzela, rompeu-lhe do seio um grito selvagem, o mesmo grito que

fazia estremecer o touro nas brenhas e que dava asas ao seu bravo campeador. No mesmo instante achava-se perto da moça, a quem tomara nos braços. Para salvá-la era preciso voltar antes de fechar-se o círculo de fogo, que já o cingia por todos os lados com exceção da estreita nesga da terra por onde acabava de passar. (ALENCAR S.D p. 23)

Outrossim, Alencar se apossa de um gênero descritivo para sugerir um vínculo entre Arnaldo e o espaço onde o enredo se passa, o retrato do sertanejo faz uma ligação com o ambiente selvagem em questão, desde sua estatura (S.D. P19) “era um viajante de vinte anos, de estatura ágil e delgado de talho” até a caracterização da marcas do seu rosto provindas do sol ardente da região (S.D. 19) “sobrava-lhe o rosto queimado do sol, um buço negro que anelavam-se pelo pescoço”; o autor ao descrever seu personagem ratifica as marcas do seu rosto e indica uma vida livre em meio à natureza, com “seus olhos, rasgados e vívidos, dardavam as veemências de um coração indomável” (S.D. p.19) um reflexo externo de sua alma e a amplitude do seu olhar que tudo enxerga, que tudo vê.

Arnaldo que, após a morte do pai, assumiu o lugar de primeiro vaqueiro na fazenda do capitão-mor, esse que impõe sua vontade sobre o sertanejo que aderiu à ordem depois de muito renegar, pois seu espírito não se via preso a lugar algum a não ser ao sertão que tinha o seu redor que para ele estaria onde ele fosse, ou ao amor que sentia por D. Flor, filha do seu patrão, sua irmã de leite e companheira de infância, por quem o rapaz fazia qualquer façanha ou corria os maiores perigos para realizar suas vontades e, também, para protegê-la de qualquer perigo ou qualquer homem que a desejasse por esposa, Arnaldo era o tipo de herói romântico que faz tudo por sua amada, que anseia um amor que nunca será seu. Era um amor endeusado onde a Donzela é vista quase sempre por uma figura santa, a quem merecia sua devoção, afeto e estima.

Flor corou; e afastou-se lentamente. Quando seu vulto passou o limiar da porta, Arnaldo ajoelhando, beijou o ar onde ainda impregnado da suave fragrância que a donzela derramava em sua paisagem. (ALENCAR S.D. p. 433)

95

*A priori* esse amor para Arnaldo não passava de um sentimento idolatrado, ele sabia o seu lugar, pois não havia possibilidades de uma donzela como D. Flor, de classe média alta e abastada, chegasse a enxergar o mancebo além de um irmão de criação. Mesmo assim, ele continuava a protegê-la de qualquer risco ou qualquer casamento que, por ventura, aparecesse. “o sertanejo alçou as mãos para render graças a Deus que lhe conservava pura e imaculada a mulher de sua adoração”. (S.D. p.435)

Para dar forma ao herói, Alencar não via meio mais eficaz do que amalgamá-lo à vida da natureza. É a conaturalidade que o encanta: desde as linhas do perfil até os gestos que definem um caráter, tudo emerge do mesmo fundo incôscio selvagem. (BOSI, 1994, p.145)

Esse selvagem é visto na figura de Arnaldo que tinha a natureza como a sua casa e dela se apropriava com louvor e conhecimento de todos os perigos que ali existiam; desde a forma como tratava uma onça, o seu bicho de estimação, “amigos não, camaradas” (S.D. p.122), como na sabedoria que tinha sobre cada espaço explorado ou na facilidade de reconhecer cada som da floresta, fosse de animal ou sinais e linguagens usados por nativos da mata que Arnaldo sabia distinguir como ninguém, ou ainda, quando dormia no alto das árvores para se proteger de possíveis ameaças ou observar tudo a sua volta de uma maneira abrangente

Devia de achar-se a mais de cem pés acima da terra; e nessa grande altura, suspenso por duas finas cordas de algodão trançado, estava mais tranquilo do que se pousasse no chão, onde o poderiam incomodar a má companhia dos répteis e a vista de alguma fera. Ali em seu alto pavilhão de verdura, grimpado nos ares, não tinha outros vizinhos além de uma jurití, que fabricara ninho no próximo galho, e

acabava de ruflar as asas à sua chegada para dar-lhes a boa noite. (ALENCAR. S.D. p. 54).

Arnaldo é descrito ao longo da obra como arredio, simples e bom, um sinônimo de herói romântico do sertão; chega a ser uma figura misteriosa que, com sua coragem inigualável, supera todos os perigos e inimigos. O colaço<sup>1</sup> chega a vencer uma figura quase mística da Oiticica<sup>2</sup> no capítulo III da segunda parte da obra, "O Dourado". Um boi indomável que se afastara dos rebanhos domesticados por sete anos, invencível, sem que nenhum homem jamais o conseguisse capturar, a não ser o sertanejo que se compadecendo no olhar do animal preso o solta, pois como poderia permitir que um boi livre por tanto tempo se reduzisse a um animal preso de curral.

96

Fique descansado, camarada, que não o envergonharei levando-o à ponta do laço para mostrá-lo a toda aquela gente! Não; ninguém há de rir-se de sua desgraça. Você é um boi valente e destemido; vou dar-lhe a liberdade. Quero que viva muitos anos, senhor de si, zombando de todos os vaqueiros do mundo, para um dia, quando morrer de velhice, contar que só temeu a um homem, e esse foi Arnaldo Louredo. (ALENCAR, S.D. p. 259)

O colaço contenta-se apenas em marcá-lo com o ferro que é um emblema de D. Flor, e dizia: "Mas o ferro da sua senhora, que também é a minha, tenha paciência, meu Dourado, esse você há de levar; que é o sinal de ter rendido o meu braço" (S.D. p.259). É a representação do seu amor pela donzela e uma maneira de presenteá-la, dedicando para a moça sua vitória sobre o Dourado.

Desta maneira, Alencar o descrevia em linhas um perfil peculiar e pitoresco, um homem tipicamente sertanejo que, apesar de arredio e rude, tinha um coração enorme e presava sempre em ouvi-lo. Um homem que não dispensava um bom desafio e uma boa cavalhada. Um homem, que com o seu jeito rústico,

<sup>1</sup> Colaço: conjunto de organismo da mesma espécie e que vivem juntos.

<sup>2</sup> Oiticica: Árvore com 15 metros de altura nativa do Brasil (PI até BA). Na obra Oiticica é um dos espaços onde se passa o enredo, a fazenda da Oiticica.

representava um povo humilde e sofrido que enfrentava a seca e todas as dificuldades vindas com ela, porém, não perdia a sua fé que era uma das suas principais características.

No personagem de Arnaldo, eterniza-se aqueles sertanejos que, pelo amor, humildade, inocência e subjetividade traçavam um perfil completamente brasileiro sem influências externas, exceto a de cavaleiro ao estilo medieval. Um homem portador do símbolo da autenticidade nacional, que leva os leitores do enredo ao um mundo histórico-cultural e à região rural eternizada na ficção.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

José de Alencar, com o desejo de expor o interior, pinta o sertão da forma mais bela que um escritor poderia fazer. Ao idealizar um herói rural, ele caracteriza também a população daquela região, remetida a uma época. Trilhando os caminhos para uma nova literatura, completamente brasileira, o autor demonstra seu amor à pátria, mesmo que, de certa forma, ufanista. O sertanejo revela muito do que se espera de um romance brasileiro: o enobrecimento do caráter, as habilidades físicas, a identificação do herói com a natureza, a idealização de um amor e a subjetividade, todos presentes no enredo. O escritor quando exalta o seu ardor despreendido inicia, de certo modo, a ficção brasileira com seus quadros e personagens típicos pela vertente romanesca, claro.

Ele trouxe uma visão opulenta da natureza brasileira, soberbamente plantada em suas linhas e palavras. O autor, quando exalta a “soberania” do seu personagem, que é feita através da descrição de suas características, abrange também os traços de um povo sofrido em um cenário ainda coronelista.

Além disso, o ambiente transmitido na literatura de José de Alencar celebra um ponto de partida para o movimento literário Romântico. O enredo dava

expansão ao seu gênero pincelado nas cores e paisagens da vida no sertão romântico quando retrata os aspectos sociais, geográficos e temáticos daquela época, caracterizando uma região de beleza singular, rica em espécies de animais e vegetação.

No conjunto da obra, há uma aspiração em identificar os anseios nacionalistas tão atuantes no romance brasileiro. Trata-se; portanto, de uma identidade cultural e, ao mesmo tempo, um reconhecimento do espaço regional como um portador de símbolos sertanejos, resultado da tentativa de autenticidade do Romantismo brasileiro, por isso se focalizava o homem do sertão como uma maneira de introduzir o sertanejo como uma idealização heroica do país.

## REFERÊNCIAS

- ABDALA JÚNIOR, Benjamin; CAMPEDELLI, Samira Youssef. **Tempos da literatura brasileira**. São Paulo: Ática, 1989.
- ALENCAR, José. **O Sertanejo**. São Paulo: Melhoramento. S.D.
- AMARAL, Emília, et al. **Novas palavras**. São Paulo: Ática, 2003.
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1970.
- CIRLOT, Juan-Eduardo. **Dicionário de Símbolos**. São Paulo: Centauro, 2005.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. **Anotações à margem do Regionalismo**. São Paulo, 2000. Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/l/article/view/18327/20390>> Acesso em: 07 jun. 2018.
- LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário Temático do Ocidente Medieval I**. São Paulo: Edusc, 2006.
- FERREIRA, Mariana Baird. **Aurélio, o Dicionário da Língua Portuguesa**. Paraná: Editora positivo, 2010.

## **SARAU "OCUPE A PRAÇA": a importância dos saraus como espaço de construção de cidadania.**

JEFFERSON MATHEUS LIMA DOS SANTOS<sup>1</sup> 99

### **RESUMO:**

São considerados saraus os encontros entre pessoas com o objetivo de compartilhar a literatura, a qual está presente na arte, na música, na dança, no teatro, na vida das pessoas. O objetivo principal deste estudo é entender qual a importância dos saraus como espaço de construção do indivíduo pensante e crítico, através da liberdade de expressão que a literatura proporciona. Para tanto, tomou-se como campo de pesquisa o sarau "Ocupe a praça", na cidade de Aracaju/SE, ao longo do ano de 2017. Os resultados validaram que o sarau promove o compartilhamento de ideias entre as pessoas, sobretudo, entre a juventude, e desse modo, esses eventos podem influenciar a criticidade social e política, através da literatura intercalada com os problemas sociais. Portanto, os participantes desses saraus deixam de serem meros ouvintes de discursos político-sociais e, pois, tornam-se indivíduos pensantes e críticos, inerentes ao ofício da cidadania.

**Palavras-chave:** Literatura e sociedade. Cidadania. Democracia. Saraus.

## **SARAU "OCUPE LA PLAZA": la importancia de los saraus como espacio de construcción de ciudadanía.**

### **RESUMEN:**

Se consideran saraus los encuentros entre personas con el objetivo de compartir la literatura, la cual está presente en el arte, la música, la danza, el teatro, la vida de las personas. El objetivo principal de este estudio es entender cuál es la importancia de los saraus como espacio de construcción del individuo pensante y crítico, a través de la libertad de expresión que la literatura proporciona. Para ello, se tomó como campo de investigación el sarau "Ocupe la plaza", en la ciudad de Aracaju/SE, a lo largo del año 2017. Los resultados validaron que el sarau promueve el intercambio de ideas entre las personas, sobre todo, entre la juventud, y de ese modo, esos eventos pueden influenciar la criticidad social y política, a través de la literatura intercalada con los problemas sociales. Por lo tanto, los participantes de estos saraus dejan de ser meros oyentes de discursos político-sociales y, pues, se convierten en individuos pensantes y críticos, inherentes al oficio de la ciudadanía.

**Palabras-clave:** Literatura y sociedad. La ciudadanía. Democracia. Saraus.

1 Graduando em Letras Português e Espanhol (NELL/Faculdade Pio Décimo); atua em projetos educacionais, com ênfase na leitura literária. E-mail: jefferson.teorialiteraria@gmail.com

## 1 INTRODUÇÃO

A literatura quando dá sentido a vida das pessoas, torna-se um palco de muitas aventuras e desaventuras; construção e desconstrução. É, pois, através da literatura – e, neste caso, não referindo-se à disciplina, mas a arte das palavras – que nós podemos refletir sobre as coisas, as pessoas, o mundo e, o mais importante, sobre nós mesmos. Um exemplo disso são os saraus literários: encontro entre pessoas com objetivo de compartilhar a literatura, a qual está presente na arte, na música, na dança, no teatro, na vida das pessoas. Foi nesta perspectiva que o presente estudo se tematizou.

A necessidade dos saraus é vista como uma libertação das opiniões alheias acerca da atual sociedade, utilizando-se da arte como porta-voz para denunciar, compartilhar ideais, protestar, confraternizar e entre outros objetivos. Geralmente, os jovens são os principais autores deste evento literário, seja informal, seja formalmente. Os resultados gerados são de suma importância para o exercício da cidadania, uma vez que se constitui um espaço de formação social, possibilitando reflexões sobre o meio em que se vive, além de ser um meio de se entreter e interagir com a sua comunidade.

De acordo com o art. 205 da Constituição Brasileira de 1988: “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Por isso, a sociedade, mesmo assystematicamente, deve colaborar para a formação cidadã dos educandos, como por exemplo, através da realização de saraus.

Na prática do presente estudo, a fim de recolher informações e dados acerca do sarau literário, identificou-se em Aracaju/SE, o sarau “Ocupe a praça”, organizado por jovens que constituem o CJCC – Coletivo de Juventude Contra Corrente, um espaço de construção de conhecimentos através de discussões sobre os problemas vivenciados pela sociedade.

No presente estudo, foi utilizado como instrumento de pesquisa questionários com perguntas abertas e fechadas. Visitou-se o supracitado sarau, em abril do ano de 2017, em que dez jovens foram entrevistados. A partir disso, foi feita a análise dos resultados

obtidos por meio dos questionários, gerados em gráficos, assim como por meio da entrevista, ambos discutidos em comparação ao referencial teórico.

O objetivo geral deste estudo foi de entender qual a importância dos saraus como espaço de construção do indivíduo pensante e crítico, através da liberdade de expressão que a literatura proporciona. Especificamente, buscou-se apresentar esse tipo de evento a sociedade sergipana, sobretudo, aos amantes da literatura, na perspectiva da valorização artística e cultural, além de possibilitar vieses de pesquisas literárias no eixo da literatura e vida social.

## 2 OS SARAUS

Qual a importância dos saraus e como eles são organizados? São os questionamentos essenciais para a composição do presente estudo, referenciado teoricamente à luz de Antonio Candido, em sua obra "Literatura e Sociedade" e outros pesquisadores que se aportam teoricamente de seus estudos.

De *grosso modo*, o sarau é um evento literário informal ou formal, constituído por temas ligados à sociedade, a fim de promover debates, socialização de ideias e afins. Nele, acontecem declamações de poesias, acompanhado de músicas, oficinas diversas, troca de livros, debates. É, pois, um espaço importante para a formação do cidadão pensante e crítico, uma vez que proporciona o compartilhamento de opiniões diversas no que tange os temas político-sociais, como a violência.

Outra definição válida sobre o sarau, para enfatizarmos a sua importância, é a seguinte:

O sarau é um evento cultural ou musical realizado geralmente em casas particulares e em espaços públicos onde as pessoas se encontram para se expressarem ou se manifestarem artisticamente. Envolve, portanto, Arte e Cultura, acontecimento este repleto de muita música, poesias, dança e leitura de livros. No sarau ocorrem também outras formas de arte como a pintura, o teatro e comidas típicas. Suas expressões caracterizam uma troca fantástica de cultura e experiências pessoais que une a turma, aprimorando o interesse pela leitura e pela escrita [...] (FONTES, et al., 2015, p. 25052).

De acordo com Serogl (2013), os saraus, muito comuns na atualidade, são práticas literárias que tiveram seus auge no período imperial brasileiro:

As reuniões familiares com intuito artístico ganham força no Brasil Imperial, sobretudo, para apresentar os dotes musicais das moças... as oportunidades que possuíam as mulheres de realizar uma aproximação aos círculos de música ou às academias de arte estavam bastante dificultadas pelo fato de que as atividades artísticas eram, nesse momento, consideradas somente aos homens (SERGL, 2013, p. 3).

Essas reuniões festivas se caracterizam por utilizar-se da arte para expressar-se de modo livre e engajador. Essa potencialidade é fortemente possível graças ao encontro da arte e da cidadania, pois "a arte fala, a arte diz o indivisível do ser, a arte revela as vozes do silêncio primordial porque contém em si a capacidade de revelar o excedente da linguagem" (CASTRO, 2011, p. 130).

### **2.1 Os saraus como espaço de cidadania**

Em se tratando dos saraus como espaço de cidadania, cabe citar Candido (2006, p. 56), quando afirma que,

[...] A função social independe da vontade ou da consciência dos autores e consumidores de literatura. Decorre da própria natureza da obra, da sua inserção no universo de valores culturais e do seu caráter de expressão, coroada pela comunicação (CANDIDO, 2006, p. 56).

Deste modo, os escritores e todos os sujeitos ativos no engajamento e condução do sarau, acabam por si próprios constituindo função social, uma vez que, através da comunicação, é possível inserir valores no tocante à arte e à cultura. A Literatura tem esse importante poder na vida social: permitir a reflexão e oportunizar debates sobre temas inerentes ao ofício da cidadania (Candido, 2006). Portanto, é preciso que práticas educativas, como o sarau literário, sejam levadas a sério, pois seu ato de realização produz grandes avanços na construção de uma sociedade mais crítica e tolerante e, conseqüentemente, menos ignorante.

É através da literatura que o sujeito vislumbra o emaranhado que envolve vida, sociedade e política, mediante a catarse (purificação da alma), a verossimilhança (a possibilidade dos fatos literários acontecerem) e mímese (a arte da imitação). Por isso, a literatura está intercalada com o ofício da cidadania. Ressalta-se, portanto, que:

Ser cidadão é ter direito à vida, à liberdade, à propriedade, à igualdade perante a lei: é, em resumo, ter direitos civis, é também participar no destino da sociedade, votar, ser votado, ter direitos políticos. Os direitos civis e políticos não asseguram a democracia sem os direitos sociais, aqueles que garantem a participação do indivíduo na riqueza coletiva: o direito à educação, ao trabalho, ao salário justo, à saúde, a uma velhice tranquila. Exercer a cidadania plena é ter direitos civis, políticos e sociais (PINSKY, 2015, p. 9-).

### 3. METODOLOGIA

Na coleta dos dados, buscou-se ouvir representantes do coletivo CJCC, bem como participantes que pudessem ter voz para pontuar seus pontos de vistas. Identificou-se o sarau em Aracaju/SE, o sarau "Ocupe a Praça", a fim de recolher diretamente dados sobre esse tipo de manifestação social. Para tanto, foram utilizados questionários, composto por duas questões objetivas e quatro questões abertas, que previam informações dos entrevistados sobre hábitos de leitura, participação em saraus e a importância deles para o exercício de cidadania, conforme Marconi e Lakatos (2003, p. 204):

Perguntas abertas. Também chamadas livres ou não limitadas, são as que permitem ao informante responder livremente, usando linguagem própria, e emitir opiniões. Possibilita investigações mais profundas e precisas; entretanto, apresenta alguns inconvenientes: dificulta a resposta ao próprio informante, que deverá redigi-la, o processo de tabulação, o tratamento estatístico e a interpretação. A análise é difícil, complexa, cansativa e demorada.

No dia 08 de abril de 2017, na praça Tobias Barreto, bairro São José, Aracaju/SE, participaram do sarau mencionado, jovens e adultos, caracterizados por serem uma comunidade heterogênea, isto é, de vários bairros da capital sergipana, a maioria do bairro 18 do Forte, considerado um bairro populoso e com uma grande concentração de jovens. Na oportunidade, foram entrevistados 15 participantes.

Inicialmente, foi observado como era a organização do sarau e qual a frequência das pessoas que por ali passavam. Era um sábado, e o público crescia na medida em que o sarau ia acontecendo, chegando a um total aproximado de 50 pessoas.

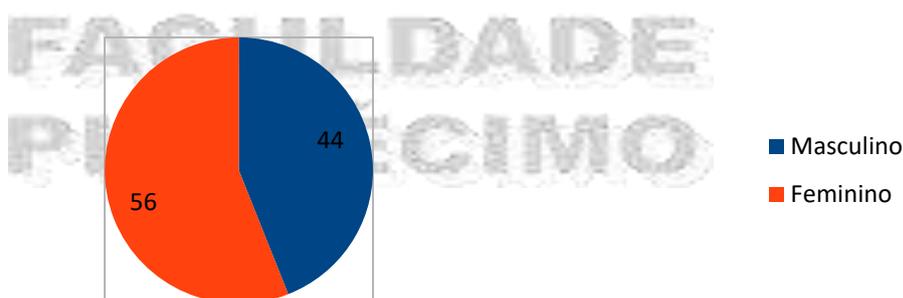
## 4 ANÁLISE DOS DADOS

### 4.1 Perfil dos participantes

Por meio dos questionários aplicados a 15 participantes do sarau "Ocupe a Praça", foi possível gerar dois gráficos que pudessem auxiliar na compreensão dos dados obtidos, além de pontuar alguns trechos das respostas abertas dos entrevistados, a fim de validar a hipótese de que a prática deste evento literário possibilita formações relevantes para o ofício da cidadania.

Acerca do gênero dos participantes, questão 1 (Gênero: ( ) masculino / ( ) feminino), constatou-se o seguinte:

**Gráfico 1: GÊNERO DOS ENTREVISTADOS**



*Gráfico 1: Questão 1: a respeito do gênero.*

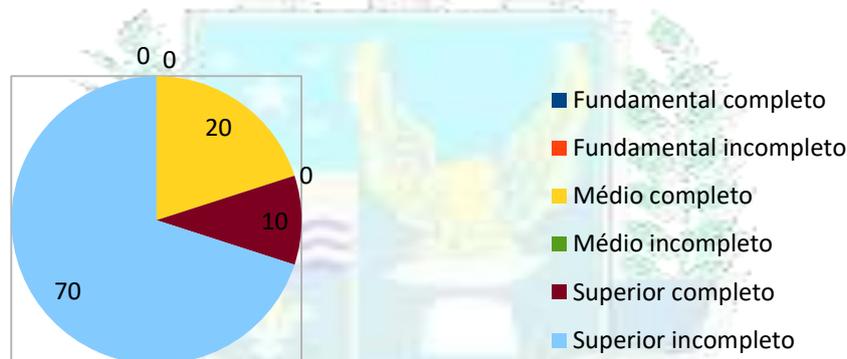
Através da análise do Gráfico 1, entende-se que o público deste sarau é equilibrado quanto ao gênero (56% do gênero feminino; e 44% do gênero masculino).

A maioria dos participantes frequentavam pela primeira vez o sarau, sendo que ele era realizado desde 2016, talvez isso ocorresse pela pouca divulgação ou outra hipótese semelhante. Por outro lado, dois jovens afirmaram frequentá-lo "desde sempre" (Alexsson

Keven), pois entendiam ser “muito válido para resgatar a tradição de ocupar as praças” (Raiane Carvalho).

Esses jovens possuíam, em sua grande maioria (70%), conforme gráfico 2, o nível superior incompleto:

**Gráfico 2: NÍVEL DE FORMAÇÃO ACADÊMICA**



*GRÁFICO 2: Questão 3: Sobre o nível de formação acadêmica*

Como decorrência disso, percebeu-se que os participantes costumavam ler textos científicos e literários. Alguns entrevistados que não tinham o ensino superior completo, afirmaram que gostariam de “ter tempo de ler obras literárias, mas a faculdade exige as leituras científicas” (Lucas Bomfim).

#### 4.2 Análise dos resultados

Em relação a questão 4, que demandava aos participantes dizer palavras ou expressões que viessem a mente quando se pensava em leitura, sarau e cidadania. Com base nas respostas, buscou-se pontuar linguisticamente as mais pertinentes. O quadro 1 é circundante desta questão:

**QUADRO 1: O que a leitura propicia?**

LEITURA	Prazer
	Conhecimento
	Comunicação
	Liberdade
	Viagens

Fonte: elaborado pelo autor (dados questionário).

Pode observar, pela análise do quadro 1, que a leitura propicia aos entrevistados, desde ao entretenimento e lazer, ao conhecimento e libertação da ingenuidade. Encontra-se, portanto, no quesito leitura, uma forma de comunicar-se com o meio em que se vive. Já na questão 5, buscou-se analisar como os entrevistados viam o sarau dentro de sua comunidade. O resultado disto, foi mais um quadro objetivo, com a seleção das respostas mais pertinentes à questão.

106

### QUADRO 2: O sarau possibilita...

SARAU	Encontro
	Protesto
	Lazer
	Criatividade
	Engajamento social

Fonte: elaborado pelo autor (dados questionário).

Como defende Antonio Candido (2006, p. 177), "a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação". Esta afirmação pode ser apurada nos dados acima, quando os entrevistados alegam ser o sarau um espaço que, além de ser um encontro de lazer e criatividade, possibilita aos participantes dizer o que pensam a respeito de temas sociais.

Por fim, na última questão, os entrevistados foram interrogados quanto à arte como manifestação política, conforme quadro 3:

### QUADRO 3: Arte como manifestação política requer...

ARTE	Liberdade
	Voz e vez
	Reconhecimento
	Humanização
	Interação

	Resistência
--	-------------

*Fonte: elaborado pelo autor (dados do questionário).*

107

Diante disto, pode-se perceber que os participantes do sarau estudado, têm plena consciência da importância dos vieses literários para a construção de uma sociedade mais justa e menos ignorante, haja vista as suas posturas frente aos questionários, assim como pela entrega deles na realização do sarau.

Pode-se validar que estes participantes entendiam que o sarau "Ocupe a praça" era um espaço social para a construção de cidadania, uma vez que "a arte fala, a arte diz o indivisível do ser, a arte revela as vozes do silêncio primordial porque contém em si a capacidade de revelar o excedente da linguagem" (CASTRO, 2011, p. 130).

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É comum haver saraus em todo o país, em virtude de sua aceitação por parte de jovens poetas e também de professores de Literatura. A realização destes eventos tem demonstrado sua relevância na construção de cidadania e na promoção de lazer e de entretenimento, assim como constitui uma metodologia de ensino que pode ser trabalhada nas escolas. O sarau "Ocupe a praça" – nosso objeto de estudo, propôs aos indivíduos que frequentam esse espaço, a oportunidade de formular reflexões quanto aos temas abordados e promover o exercício de cidadania, conforme pôde constatar-se nos resultados obtidos, apurados na fase da coleta e análise dos dados.

O referido estudo concluiu que é possível utilizar a arte como espaço social, tanto para dar voz e vez aos sujeitos de uma sociedade, quanto para instigar a leitura, o lazer e a cultura, como por exemplo, a inserção de músicas, danças, peças teatrais e oficinas intercaladas com a cultura de um povo.

### **REFERÊNCIAS**

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. 40 ed. São Paulo: Saraiva, 2007.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9.<sup>a</sup> edição. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CASTRO, Gabriela. "A arte na educação". In: **Desafios dos Açores para o Século XXI**, 129-230. ISBN: 978-972-8625-21-4. Ribeira Grande: Expresso das Nove, Tinta Permanente, 2011.

FONTES, Maria A. de Oliveira, *et. al.* O Sarau de poesias no processo ensino/aprendizagem na Educação do Campo. **Anais...** XII Congresso Nacional de Educação, 2015. Disponível em <[http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/22644\\_9854.pdf](http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/22644_9854.pdf)>. Acesso em: 01 de mai. 2018.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Atlas 2003.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **História da cidadania**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 592.

SERGL, M. J. **Saraus, récitas líricas, bailes e concertos ituanos**: as sinhazinhas, e seus donsmusicais, embebidos em gengibirra e quitutes, disponível em <[http://musimid.mus.br/9encontro/wp-content/uploads/2013/11/9musimid\\_sergl.pdf](http://musimid.mus.br/9encontro/wp-content/uploads/2013/11/9musimid_sergl.pdf)> Acesso em: 01 de mai. 2018.

## UMA ANÁLISE DAS REPRESSÕES NA LITERATURA INFANTIL

Jennifer Valéria Cardoso de Rezende Santos (FPD) <sup>1</sup>Tatiana Cíntia da Silva (PIC / NELL / FPD) <sup>2</sup>

109

### RESUMO

O presente trabalho tem como meta fazer uma análise mais aprofundada do ensaio "Contos de Fadas" da escritora Marilena Chauí na obra *Repressão Sexual* (1984) e, para tanto, serão abordadas questões sobre a representação da repressão em contos de fadas e na Literatura Infantojuvenil, ressaltando pontos em que as obras explicitam comportamentos pouco racionais, além de demonstrarem a maldade implícita na magia e no encantamento. Ademais, tendo em vista tais enfoques, o diálogo ainda será construído com Bettlheim (2002), Palo (2006), Lajolo e Zilberman (1984).

**Palavras-chave:** Literatura Infantojuvenil. Repressão. Representatividade. Maldade.

### RESUMEN

El presente trabajo tiene como meta hacer un análisis más profundo del ensayo "Cuentos de Hadas" de la escritora Marilena Chauí en la obra *Represión Sexual* (1984), abordando cuestiones sobre la representación de la represión en cuentos de hadas y en la literatura infantojuvenil, ressaltando puntos en que las obras explicitan comportamientos poco irracionales, demostrando la maldad detrás de la magia y el encantamiento.

**Palabras clave:** Literatura Infantojuvenil. Represión. Representatividad. Maldad.

### 1. OS CONTOS DE FADAS E SUAS COMPLEXIDADES

As primeiras obras tidas como infantis surgiram em meados do século XVIII, enquanto a literatura "não infantil" crescia muito. A literatura infantil foi, por muito

<sup>1</sup>Graduanda do Curso de Letras Português/Espanhol da Faculdade Pio Décimo (FPD) e pesquisadora da obra de Arriete Vilela.

<sup>2</sup>Especialista em Letras, Linguística e Literatura; Mestre em Literatura e Cultura. Além de cátedra em Literatura na Faculdade Pio Décimo (FPD), tem como linhas de pesquisa a prosa machadiana e a poética intertextual entre o medievo e o sertão em Elomar Figueira de Mello pelas trilhas da memória e das metáforas de saudade. Outrossim, faz parte do Projeto de Iniciação Científica (PIC) através do Núcleo de Estudos em Literatura do Curso de Letras (NELL) como orientadora da Linha de Pesquisa: Literatura, Regionalismo, Memória e Ensino.

tempo, marginalizada e encarada como inferior por ter um público considerado como minoria. É preciso lembrar que os clássicos da literatura infantil quando foram criados não eram destinados a esse público, uma obra infantil não é definida unicamente por sua estrutura interna, mas pela função exercida no desenvolvimento do consciente da criança.

Lembremo-nos ainda, que não se sabe ao certo a origem dos contos de fadas, se são sonhos, experiências psicológicas, medos ou frutos do nosso inconsciente, mas essas histórias foram criadas para deixar na mente uma impressão eterna, sendo assim, algo para ser lembrado para sempre.

Conhecemos por contos de fadas as histórias que tipicamente apresentam seres fantásticos, mágicos e encantados. Dentre os mais conhecidos teremos: anões, dragões, bruxas, fadas, elfos, sereias, unicórnios etc. Os contos de fadas podem ser traduzidos de forma livre como "algo improvável" ou que "dificilmente aconteceria", devido a série de coisas inanimadas, irrealis e ilógicas contidas em suas narrativas, nesse ponto se difere das lendas, pois não se acredita que sejam reais.

Os contos de fadas não precisam necessariamente conter fadas, apenas magia ou encantamentos e sempre envolvem um núcleo problemático e existencial, há a necessidade de existir herói e vilões, sendo que todas as dificuldades enfrentadas pelo "mocinho" serão um meio de prepará-lo para ser um verdadeiro herói. Por isso, os contos de fadas parecem tão atrativos, porque a criança acha que irá acontecer a mesma coisa com ela, se for obediente, se tornará um herói ou heroína. Como explica Bettelheim:

A questão para a criança não é "Será que quero ser bom?" mas "Com quem quero parecer?". A criança decide isto na base de se projetar calorosamente num personagem. Se esta figura é uma pessoa muito boa, então a criança decide que quer ser boa também. (BETTELHEIM, 2002, p. 10)

Por isso, os contos se estruturam numa sequência de funções, todas as suas personagens desempenharam um papel para que, ao final daquela história, heróis sejam recompensados e vilões punidos, mantendo a estrutura básica de construção. Os que muitos pais temem é que as crianças sintam prazer ou torçam pelos vilões, porque sem perceber a criança poderá identificar-se com eles. Há uma racionalidade por meio dos adultos nos contos de fadas porque querem que seus filhos acreditem que os humanos são bons ou ruins, mas as crianças percebem que nem todas as pessoas são sempre boas ou más e isso acaba por descreditar a prática maniqueísta.

Outro ponto importante é que, com o estabelecimento de um estereótipo familiar, a criança passou a fazer parte da sociedade e ocupar um papel "ativo" nela, por esse motivo, passaram a ser confeccionados produtos específicos para elas, como: brinquedos, jogos e livros. Além de novos rumos da ciência que foram destinados a esse público. Também foi necessário que a escola desempenhasse o papel de mediadora entre a criança e a sociedade, utilizando-se da literatura para reafirmar ideologias sociais.

A literatura infantil, orientada de antemão a um consumo muito específico e que se dá sob a chancela de instituições sociais como a escola, cria problemas sérios para o teórico e o historiador que dela se aproximam munidos dos instrumentos consagrados pela história e pela teoria literárias. (LAJOLO, 2007, p.13)

Questões como a ilustração, a linguagem sutil e o enredo têm o seu papel definido para reforçar a ideia do infantil. Vale lembrar que a literatura infantil sempre assumiu o papel de mercadoria por ser considerada um auxílio para o desenvolvimento e para a repressão dos desejos infantis, uma válvula de escape, dando à criança a visão de um mundo perfeito, porém distante.

Podemos considerar que a nossa sociedade tem acabado com a inocência e nos forçou a aceitar a realidade, eliminando mitos, crenças e fantasias. Cremos que os contos/histórias servem para auxiliar na preparação dos jovens e das

crianças para um mundo onde os perigos parecem mais assustadores que os temidos e malvados dos contos.

Não se trata necessariamente de um espelhamento literal de uma dada realidade, pois, como a ficção para crianças pode dispor com maior liberdade da imaginação e dos recursos da narrativa fantástica, ela extravasa as fronteiras do realismo. E essa propriedade, levada às últimas conseqüências, permite a exposição de um mundo idealizado e melhor, embora a superioridade desenhada nem sempre seja renovadora ou emancipatória. (LAJOLO, 2007, p. 19)

112

Como sabemos, os contos de fadas originalmente não foram criados para criança, mas para divertir adultos. Uma característica notável dos contos é que esse tipo de estória faz parte da tradição cultural passada de geração em geração, seus ensinamentos são considerados como uma sabedoria popular, pois se essa transmissão da herança cultural for feita de maneira correta, poderá ajudar as crianças em seu desenvolvimento e no encontro do significado da vida que, na infância, torna-se um problema por ser uma época de conhecimento, deixando as crianças a mercê das dúvidas e dos pensamentos inquietos.

Quando isso ocorre, as crianças que se identificam com as personagens más, passam a contradizer o que lhes foi dito pelos pais e acreditam que são monstros. A escritora Marilena Chaui (1984, p. 44) defende que isso ocorre porque para as crianças: "os 'bons' lhes parecem muito longínquos e inalcançáveis, enquanto os 'maus' lhes parecem muito mais próximos e poderosos".

Por isso, é preciso que a criança estabeleça uma personalidade fixa de identidade para que, só depois, sejam apresentadas a ambiguidade, porque nos contos as personagens não são ambivalentes, como na vida real, ou seja, boas e más ao mesmo tempo. Franz (2002, p. 8) diz que: "a sombra é tudo aquilo que faz parte da pessoa mas que ela desconhece".

## 2. A HUMANIDADE ENTRE AS FADAS E AS SOMBRAS

A questão dos contos de fadas e da humanidade, é que não se admite que a sombra existe e faz parte de todos nós de forma consciente ou inconsciente, porque ela representa a brutalidade dos nossos sentimentos, ela é o vazio, um demônio que nos assombra. Por isso, os pais querem expor a criança somente às coisas boas e agradáveis porque, a partir delas, pode-se encarar a vida de forma mais fácil. Vanz (2002) relaciona essa sombra a uma questão coletiva e se essa “escuridão” nos afeta, é porque temos algo dela em nós.

A psicanálise acredita que o homem deve aceitar a sua natureza problemática, sem tornar-se refém ou precisar escapar dela. Sendo, segundo Vanz (2002, p. 8-9), a sombra uma construção “das qualidades reprimidas, não aceitas ou não admitidas porque incompatíveis com as que foram escolhidas”. Devido a isso, a sombra sempre será transferida para alguém ou algo mais fraco, transformando em uma coisa que deve ser evitada, tornando-se responsável por carregar em si a sombra de todas as pessoas, juntamente com seus medos e repressões.

Podemos encarar os contos como uma visão superficial e ilusória de um possível mundo onde as coisas, por pior que pareçam, acabarão em um final feliz, isso ocorre principalmente porque há neles importantes mensagens, direcionadas ao consciente e inconsciente que adequam o conteúdo às fantasias. Porém, a criança não está preocupada com a questão de a bondade vencer a maldade, mas de que lado da história ela está, por conta da identificação que as crianças têm com os personagens e suas lutas.

Embora o alvo seja entreter e ensinar, conseguimos compreender nos contos uma forte repressão dos desejos da criança, dessa vontade inconsciente de ir além. Há nos contos um poder sobre os conflitos enfrentados na infância, sendo

eles, a maneira mais fácil e prática de solucionar problemas como a desobediência, a inveja, a gula, a preguiça, por exemplo, porque segundo Bettelheim,

Através deles pode-se aprender mais sobre os problemas inferiores dos seres humanos, e sobre as soluções corretas para seus predicamentos em qualquer sociedade, do que com qualquer outro tipo de estória dentro da compreensão infantil. (BETTELHEIM, 2002, p. 5)

Eles são considerados bons por possuírem um caráter polissêmico como forte característica: por um lado, liberta o lúdico, o fantasioso, o desejoso da criança, dando a ela um recurso para lidar com toda a questão do imaginário. Por outro, possuem um aspecto pedagógico que reforçando os padrões de uma sociedade que visa reprimir esse lado imaginário das crianças.

Extremamente pragmática, essa função pedagógica tem em vista uma interferência sobre o universo do usuário através do livro infantil, da ação de sua linguagem, servindo-se da força material que palavras e imagens possuem, como signos que são, de atuar sobre a mente daqueles que as usa, no caso, a criança. (PALO, 2006, p. 13)

Esse aspecto pedagógico assume um papel crucial no desenvolvimento das crianças pois, a partir dele, as crianças recebem orientação sobre o que é considerado lícito ou ilícito, das punições e que comportamentos são aceitos ou não pela sociedade. A partir dela, são reforçados estereótipos não somente da oposição entre maldade e bondade, mas também da feminilidade e masculinidade, riqueza e pobreza, de certo e errado.

Nessa “prática pedagógica”, o primeiro sinal notável é a repressão dos desejos infantis, apesar de essa função libertar o lado lúdico da imaginação, ela também serve para punir se os limites forem ultrapassados, vale constar que esses limites são impostos pela sociedade. Essa função equivale a uma divisão estabelecida por Freud (1920 – 1925) em um dos seus estudos, por um lado temos

o princípio do prazer (os excessos, o desperdício e a curiosidade), por outro temos o princípio da realidade (controlar o prazer, discriminar afetos e impulsos).

É como se existissem nos contos dois tipos de superfícies opostas: o lado seguro, que asseveram à criança o retorno ao seio familiar e à sociedade e; o lado inseguro, que é o partido, desejável e bom. Esses caminhos podem deixar a criança confusa caso ela não receba uma direção, pois apesar de desejar todo aquele cenário fantasioso, não está preparada para encarar a realidade e tem medo de ser punida pelas regras sociais.

Para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. (BETTLHEIM, 2002, p. 5)

Devemos entender que, por mais que a criança tenha uma noção vaga da existência de um futuro, ela vive intensamente o presente, porque por mais que os livros de literatura infantil tragam conceitos e regras básicas de convivência social, não ajudam a criança a lidar com todos os seus problemas existenciais. Se levadas pelo emocional, elas ficam à mercê dos acasos de uma vida cheia de confusão. Segundo Bettlheim (2002, p. 4): "Grande parte desses livros são tão superficiais em substância que pouco significado pode-se obter deles".

A criação desses contos envolve a reprodução das personagens em membros familiares, desse modo, a criança não vive somente aquela fantasia, mas também a transporta para a vida real onde ocorrem as distinções entre pessoas boas ou más, do amor e do ódio.

Em geral, o adulto teme, inconscientemente, ser identificado com os "maus", sem perceber que essa identificação é sempre contrabalançada pela identificação com os "bons" e, sobretudo, que ela é saudável para ele e para a criança que pode, pela fantasia, fazer

discriminações que lhes seriam difíceis ou quase impossíveis sem o material imaginário. (CHAUÍ, 1984, p. 43)

A criança experimenta uma explosão de sentimentos, devido a isso é mais fácil considerar que a criança não gostará de seus padrastos, madrastas e meios-irmãos por levarem em consideração as personagens dos contos em que tais personagens nunca representam o sentimento de bondade.

116

E o livro, como mais um produto através do qual os valores sociais passam a ser veiculados, de modo a criar para a mente da criança hábitos associativos que aproximam as situações imaginárias vividas na ficção a conceitos, comportamentos e crenças desejados na vida prática, com base na verossimilhança que os vincula. (PALO, 2006, p. 8)

Outro aspecto que pode ser observado é a representação de conduta das crianças após a leitura, espera-se que ela “escolha” que tipo de personagem será e dependendo do lado que escolha serão divididas em crianças obedientes (dignas de receber carinhos, afetos etc) ou desobedientes (excluídas, mal exemplo). Nesse conceito, entra também a questão do merecimento, se você é bom, merece ter um final feliz, mas se for um mau menino, merece ser castigado.

Isso ocorre principalmente porque as histórias são constituídas de personagens que cumprem funções específicas, ou seja, elas são qualificadas conforme suas ações no enredo. Segundo Palo (2006, p. 21) são: “herói, falso herói, agressor, doador, mandante, auxiliar, pessoa procurada”. As crianças são ensinadas que uma pessoa boa não pode cometer ações ruins, apesar de termos exemplos claros de desobediência por parte de algumas personagens, sendo que essa desobediência leva a um tipo de punição que, na maioria das vezes, consiste em ser afastado da família e da segurança do seio familiar e social.

### **3. AS IMPOSIÇÕES SOCIAIS E OS CONTROLES PSICOLÓGICOS**

A criança necessita receber ajuda para dar sentido aos sentimentos em desordem para que, a partir das ideias expostas no livro, ela seja capaz de criar ordem para entender essa crise existencial presente nela. Por isso, essa necessidade de uma educação moral, mas que deve ser feita de maneira sutil e que implica na exposição de conceitos éticos. Porém, se esses conceitos e regras morais forem apresentados aleatoriamente não farão nenhum sentido para a criança, deixando a confusão maior, por isso os contos de fadas são essenciais porque eles parecem corretos e apresentam significação na mente infantil, o problema é que os textos tradicionais se voltam mais à prática utilitária pelo controle e pela admoestação.

Outro ponto de vista para essas punições surge da psicanálise e parte do pressuposto de que há nos contos uma fonte de repressão não só social, mas também sexual. Marilena Chauí diz que:

Se a psicanálise estiver certa ao diferenciar fases da sexualidade infantil, podemos observar que a repressão atua nos contos seguindo essas fases: as crianças são punidas se muito gulosas (fase oral), se perdulárias ou avarentas (fase anal), se muito curiosas (fase física ou genital). (CHAUÍ, 1984, p. 32)

Quem não lembra das peripécias de Pinóquio? Ele é um exemplo claro do que a desobediência pode causar, ele foi castigado por sua curiosidade, assim como a Bela Adormecida (não estamos falando que a criança não deve ser curiosa, mas que conforme o que se espera das regras sociais, é necessário que a curiosidade seja refreada), eis que entra a função utilitário-pedagógica para mostrar que se Pinóquio não desobedecesse ao pai, não teria passado por tantos perigos.

Assim, utilizando-se da história de Pinóquio, muitos pais ensinam regras básicas para que seus filhos não passem por tantos riscos, mostrando que se escolherem o caminho da desobediência, acabarão como ele: machucado, sozinho, sem pai. Mas a história não acaba com um final feliz? Pois é, isso serve também para mostrar que existe o perdão, mas que não será permitido que a criança

cometa os mesmos erros, que toda aquela narrativa dolorosa foi um meio de demonstrar que não se deve levar em consideração os desejos primitivos e lúdicos de uma liberdade inexistente.

Podemos observar também que por mais que as crianças gostem de contos e histórias com personagens animados e mágicos, não estão familiarizados com as fábulas, por serem uma literatura criada por adultos para adultos. Apesar de sabermos que toda a literatura infantojuvenil foi criada por adultos, a mente da criança não compreende esse nível avançado de moralismo presente nas fábulas, a exemplo de "A Cigarra e A Formiga", onde aparecem duas personagens totalmente opostas (uma trabalhador e uma preguiçosa), mas que no fim a formiga que trabalhou todo o verão tem que dividir seu alimento com a cigarra em nome de uma falsa moral criada pela sociedade e isso se insere no inconsciente do jovem leitor.

Acarretando na sociedade o medo de deixar as crianças "soltas" porque a infância é uma fase muito delicada e que requer um acompanhamento maior para que não haja nenhuma distorção da realidade, mesmo que sejamos levados a acreditar que esses contos são a maior arma para controlar, distorcer e modificar o pensamento. Conforme Marilena Chauí:

A adolescência é atravessada submetida a provações e provas até ser ultrapassada rumo ao amor e à vida nova. Nesses contos, a adolescência é um período de feitiço, encantamento, sortilégio que tanto podem ser castigos merecidos quanto imerecidos, mas que servem de refúgio ou proteção para a passagem da infância à idade adulta. (CHAUÍ, 1984, p. 35)

Essa fase de mudança consiste numa espera, é quase uma metamorfose, um rito de passagem. As personagens dos contos passam por isso para que as crianças estejam prontas ou sintam-se à vontade quando sua vez chegar, a exemplo da "Branca de Neve", que esperou em um caixão de vidro pelo príncipe encantado ou a Bela que foi aos poucos conquistando a Fera e esperou até que o

encanto acabasse para que pudessem ficar juntos, evidentemente, acaba servindo como um controle na psiquê do pequeno leitor.

Os contos escondem muitas mensagens que não podem ser percebidas quando se é criança, cenas violentas, discriminações, guerras, submissão e tantos outros temas são recorrentes, mas que são mascarados pelo maravilhoso e/ou pelo lúdico.

Eles prometem que no final tudo ficará bem, que seremos “felizes para sempre”, acreditamos que nada poderá nos atingir ou que surgirá uma fada madrinha, que seremos herói e derrotaremos bruxas, dragões, mas são apenas utopias, mentiras criadas para cativar as crianças e torná-las dóceis, como explicita Marilena Chauí (1984, p. 50): “encontramos adultos fabricando a ‘boa criança’ com quem possam conviver sem medo”, ou seja, adultos criam indivíduos passivos e moralmente amedrontados para que isso não se inverta no futuro, em outras palavras, há apenas uma manutenção entre dominantes e dominados.

Isso ocorre porque as pessoas têm medo da fantasia, ela é perigosa e transforma a criança em um ser curioso e a curiosidade as transforma em seres pensantes, conscientes e inteligentes. O maior exemplo dessa curiosidade pode ser vista na obra de Monteiro Lobato, uma vez que as crianças são sabidas e questionadoras, além de buscarem explicações, pois não há repressão no enredo, logo, não existe motivo para elas se sentirem amedrontadas ou presas a alguma norma padronizada pelo adulto castrador.

## Conclusão

Conforme o que foi apresentado, conclui-se que a literatura infantojuvenil é utilizada como instrumento para reprimir não somente a imaginação, mas também os instintos da criança e sua liberdade de expressão, a fim de tornar as crianças seres que vivem à mercê de regras, valores e ideologias sociais,

desconsiderando que a infância é a época ideal para que se aprenda os verdadeiros valores e ensinamentos na vida, deixando os infantes alheios a um absurdo de ideias repressores e conservadores em que a criança aparece como um indivíduo a ser “domesticado”.

## REFERÊNCIAS

BETTLHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão Sexual: essa nossa desconhecida**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

FRANZ, Marie-Louise von. **A sombra e o mal nos contos de fada**. São Paulo: Paulus, 2002.

FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Uma Neurose Infantil e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.

\_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Totem e Tabu e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996d.

LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira – história & histórias**. São Paulo: Ática, 1984.

PALO, Maria José. **Literatura infantil: voz da criança**. São Paulo: Ática, 2006.

## A AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM NA CRIANÇA COM AUTISMO

Joelma Ferreira Santos<sup>1</sup>

121

### Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar longitudinalmente a aquisição da linguagem de uma criança com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA), a partir de processos dialógicos e de uma abordagem discursiva, bem como exemplificar diversas estratégias existentes na comunicação alternativa, servindo como instrumentos para a produção da comunicação. Trata-se de um estudo qualitativo a partir da imersão histórica no que tange os sentidos do termo linguagem, numa perspectiva Chomskyana. Justifica-se este estudo a relevância de entender que linguagem humana parte da criatividade na associação de sons e ideias e se configura como uma capacidade específica, remetendo a habilidade de produção e compreensão de construções linguísticas potencialmente infinitas e adequadas para novas situações. A metodologia proposta contempla oficinas e recursos pedagógicos, como a adaptação de livros, materiais didáticos e jogos de linguagem, como elementos que auxiliam no desenvolvimento da linguagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Linguagem. Transtorno do Espectro Autista (TEA). Comunicação e desenvolvimento.

### Resumen

Esta pesquisa tiene con objetivo general analizar longitudinalmente la adquisición del lenguaje de un niño con diagnóstico de Trastorno del Espectro Autista (TEA), a partir de procesos dialógicos y de un abordaje discursiva, así como ejemplificar diversas estrategias existentes en la comunicación alternativa, sirviendo como instrumentos para la producción de la comunicación. Se trata de un estudio cualitativo a partir de la inmersión histórica en lo que toca a los sentidos del término lenguaje, en una perspectiva Chomskyana. Se justifica este estudio en la relevancia de entender que el lenguaje humano parte de la creatividad en la asociación de sonidos e ideas y se configura como una capacidad específica, remitiendo la habilidad de producción y comprensión de construcciones lingüísticas potencialmente infinitas y adecuadas a las nuevas situaciones. La metodología propuesta considera talleres y recursos pedagógicos, como la adaptación de libros, materiales didáticos y juegos de lenguaje, como elementos que auxilian en el desarrollo del lenguaje.

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade Tiradentes, Pós-Graduada em Transtorno do Espectro Autista pela Faculdade Jardins, Graduando no curso de Letras Português e Espanhol da Faculdade Pio Décimo, membro do grupo de pesquisa NÚPITA Educação Inclusiva e formação de professores pela Universidade Federal de Sergipe. Participando do GEPED pela faculdade Pio Décimo.

**PALABRAS-CLAVE:** Lenguaje. Trastorno del Espectro Autista (TEA). Comunicación y desarrollo.

## INTRODUÇÃO

O seguinte artigo fará análise longitudinalmente da aquisição de linguagem em crianças com transtornos de espectro autista, através de discursos dialógicos dando uma abordagem discursiva, utilizando estratégias existentes na comunicação alternativa. Assim, para elaboração deste trabalho, utilizamos pesquisas bibliográficas e eletrônica, na qual priorizamos a discussão a respeito da comunicação do indivíduo autista, muitas vezes percebida como mecanizada, devido ao método utilizado a perspectiva do desenvolvimento da linguagem, apoiado em um sistema alternativo de comunicação. Vale ressaltar que se trata de um estudo qualitativo a partir da imersão histórica no que tange os sentidos do termo linguagem, numa perspectiva chomskyana. Pautamos nossos estudos em entender que a linguagem humana parte da criatividade na associação de sons e ideias configurando-se como uma capacidade específica.

Nesse sentido, Chomsky nos esclarece que:

“O homem tem uma faculdade, peculiar à espécie, um tipo único de organização intelectual, que não pode ser atribuído a órgãos periféricos ou relacionados à inteligência geral e se manifesta naquilo que podemos designar como “aspecto criador” do uso ordinário da língua, tendo a propriedade de ser ao mesmo tempo ilimitada em extensão e livre de estímulos”

Como podemos ver, Chomsky quanto à natureza da linguagem, defende que, ao se considerar a Gramática Universal como parte da dotação genética do homem, a linguagem seja, portanto, eminentemente de natureza biológica. Sobre esse aspecto, a maturidade orgânica e a formação da linguagem da criança normal

acontecem, segundo Vygotsky (1989) através da fusão entre os planos de desenvolvimento natural e cultural. Já na criança com defeito, essa fusão de dá de modo diferenciado, e a deficiência orgânica é a principal causa dessa dissensão. Percebemos essa contradição ao analisarmos que, historicamente, a cultura da humanidade foi constituída e destinada a certo tipo biológico de indivíduo: ‘ ‘o homem normal` `’ .

Conforme afirma Vygotsky (1989, p17):

‘ ‘O defeito originado pelo desvio do tipo biológico estável do homem, ao provocar o desaparecimento de algumas funções, a insuficiência ou o deterioramento dos órgãos e a reorganização mais ou menos essencial de todo o desenvolvimento em novas condições, seguindo o novo tipo, como o natural, altera desta forma o transcurso normal do processo de arraigo da criança na cultura. Em verdade, a cultura está adaptada ao homem típico, normal, a sua constituição, e o desenvolvimento atípico condicionado pelo defeito não pode arraigar-se na cultura de um modo diferente e indireto como tem lugar na criança normal` `’ .

## 1. Retomando ditos sobre T.E.A.

Na contextualidade histórica do autismo, encontramos pesquisadores importantes por suas colocações sobre a síndrome, sobre os critérios internacionais para seu diagnóstico e, ainda, por trabalharem as possíveis hipóteses que poderiam ocasionar o seu surgimento.

### 1.1 Origem da palavra:

Autismo é uma palavra de origem grega (autos), que significa por si mesmo. É um termo usado, dentro da psiquiatria, para denominar comportamentos humanos que si centralizam em si mesmos, voltados para o próprio indivíduo.

### 1.2 Kanner, o início dos estudos:

Na década de quarenta, Léo Kanner, psiquiatra austríaco, residente nos

Estados Unidos, dedicou-se ao estudo e à pesquisa de crianças que apresentam comportamentos estranhos e peculiares, caracterizados por estereotípias, por outros sintomas aliados a uma imensa dificuldade no estabelecimento de relações interpessoais. No ano de 1943, publicou um informe: ‘ ‘Alterações autistas do contato afetivo` `’, em que descrevia o caso das onze crianças, por ele estudadas, que apresentavam características fortes de distúrbio do desenvolvimento.

Em sua conclusão diagnóstica, Kanner (1943) afirma:

‘ ‘Devemos, portanto, presumir que essas crianças vieram ao mundo com uma incapacidade inata para estabelecer o contato afetivo usual e biologicamente determinado com pessoas, precisamente como outras crianças vêm ao mundo com anomalias físicas ou intelectuais inatas. Se essa suposição estiver correta, um estudo posterior sobre nossas crianças poderá ajudar a fornecer critérios concretos no tocante às noções ainda difusas sobre os componentes constitucionais da reatividade emocional. Parece que menos aqui exemplos puramente culturais de um distúrbio artísticos inato de contato afetivo` `’

## **2. Os sinais do autismo.**

Antes dos três anos de vida já podem ser observados padrões de comportamentos distintos em relação aos outros indivíduos da mesma idade. Ainda bebês, podem apresentar alterações no sono deixando muitos pais surpresos com a quietude da criança ou com seu choro incessante. À medida que vão crescendo, chama a atenção o fato de não parecerem escutar os comandos dados. Podem apresentar, ainda, comportamento estranho e retraído, uma maneira inadequada de brincar, com ausência da reação de surpresa ou dificuldade para realizar o faz de conta.

### **2.1 O diagnóstico.**

Deve ser realizado por um profissional treinado, capaz de, através da observação e entrevista com pais e pacientes, identificar sinais e sintomas

peculiares (psicológicos, psiquiatras, neurologistas). A criança, para ser considerada autista nos critérios médicos, deve apresentar três aspectos essenciais, a ‘tríade autista’.

1. Aspecto social- não olha o que você olha: não atende quando é chamada; busca interesses só dela; não brinca com outras crianças; não demonstra emoções como as outras pessoas.

2. Aspecto linguagem e comunicação- dificuldade ou impropriedade na comunicação. A criança pode não olhar nos olhos, não se comunicar nem mesmo por gestos e expressões faciais.

3. Aspecto imaginação- dificuldade em brincar; fazer de conta; pode ter rotinas rígidas; rituais; não sabe para que servem os brinquedos.

### **3. O desenvolvimento da linguagem da pessoa com autismo.**

Uma das grandes dificuldades das crianças com autismo é o desenvolvimento da linguagem. Estas dificuldades podem variar de uma criança para outra, mas sempre estão presentes. Entre as alterações de linguagem destas crianças as mais significativas dizem respeito às funções comunicativas. Portanto, nem tudo que venha dar resultado para uma pessoa com autismo, serve de referência positiva à outra pessoa com a mesma síndrome. Por isso é necessário ajudá-las a perceber essa função e para isso muitas vezes é preciso organizar situações planejadas, que busquem ampliar os meios de comunicação, os recursos utilizados para se comunicar e a aquisição de novas funções comunicativas. Para Dirlene (2014) ‘A partir do momento que a criança entende que a sua fala, vocalização produz um efeito no outro e que esta é uma forma eficaz de alcançar seus objetivos, como pedir um objeto, uma ação ou protestar ela começa a utilizar intencionalmente a

linguagem oral`. No entanto, o fato da criança autista apresentar número menor de comportamentos comunicativos, muitas vezes leva o adulto a tomar iniciativas de comunicação como necessário deixar um espaço para que a criança possa também se comunicar. Logo, citaremos alguns métodos de intervenções comportamentais, métodos adotados pela família ou escola para ajudar na comunicação da criança e colaborar no desenvolvimento de habilidades e competências.

### **3.1 O programa TEACCH e a modificação do comportamento.**

O TEACCH (treatment and Education of Autistic and Related communication Handicapped Children). Tratamento e Educação para autistas e crianças com déficits relacionados à comunicação surgiu em 1966, como uma prática psicopedagógica, na Escola de Medicina na Carolina do Norte. Atualmente, é um dos métodos frequentemente utilizados no Brasil e no mundo por instituições que trabalham com autistas e tem seus princípios baseados na teoria comportamental. O programa TEACCH visa indicar, especificar e definir de maneira operacional os comportamentos que devem ser trabalhados.

### **3.2 Análise aplicada ao comportamento ABA.**

È uma área do conhecimento que desenvolve pesquisas e aplicações a partir dos princípios básicos da ciência da Análise do comportamento. Assim, ensina a criança com TEA a desenvolver habilidades de comunicação e habilidades sociais, comportamentos de autocontrole, controle de autoagressão e heteroagressão e redução de estereótipos.

## **4. Metodologia**

A partir das dificuldades enfrentadas na aquisição da linguagem da criança

com TEA, sugerimos elaboração de recursos metodológicos para auxiliar nesse processo.

- Oficina e recursos pedagógicos- construção de materiais pedagógicos adaptados
- Adaptação de livros e materiais didáticos- os livros serão adaptados individualmente para atingir a cada necessidade.
- Jogos de linguagem- serão confeccionados através de materiais reciclados.

### **5. Considerações finais.**

Contudo, este trabalho propôs mostrar que há possibilidade de atuação educacional que permite a expansão dos conhecimentos fundamentados através de uma abordagem histórico-cultural, utilizando meios de comunicação alternativa, elaboração de oficinas com recursos pedagógicos para servir de instrumentos para o 'professor', auxiliando, assim, no desenvolvimento da linguagem da criança com transtorno do espectro autista.

### **Referências:**

ANAIS DE XIV JORNADA DO HISTEDBR: Pedagogia Histórica-Crítico, Educação e Revolução: 100 anos da Revolução Russa. UNIOE STE-FOZ DO IGUAÇU-PR. ISSN: 2177\_8892.

GONÇALVES, Rodrigo T. Chomsky e o aspecto criativo da linguagem. Revista virtual de Estudos da linguagem\_ Revel.V.5. n.8. março de 2007 ISSN: 1678\_8921.

HALL, J.A e KNAPP, ML. Comunicação não verbal na interação humana. Trad.Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: JSN Editora, 1999.

KANNER, Léo. Autist Disturbances of Affective Contact Nervous Child, 2: 217\_250



ISSN: 2359 1250

# VII SEMANA DE LETRAS

E SEMINÁRIO DE PESQUISA EM LINGUAGENS E PRÁTICA DOCENTE

A Base Nacional Comum Curricular e os Direitos e Objetivos de Aprendizagem

28, 29 e 30 de maio  
Auditório do Bloco C  
Campus Jabotiana

(1943)\_ Child Psychiatry, 2ª ed. Springfield: Charles C. Thomas, 1948.

ORRÚ, Sílvia Ester. A constituição da linguagem de alunos autistas apoiada em comunicação suplementar alternativa. Piracicaba, SP.2006.

128



FACULDADE  
PIO DÉCIMO

## **A INTOLERÂNCIA E A VIOLÊNCIA EM "A FEITICEIRA" DE INGLÊS E SOUZA**

Joyce Rocha dos Santos (PIC / NELL / FPD) <sup>1</sup>  
Orientadora: Tatiana Cíntia da Silva (PIC / NELL / FPD) <sup>2</sup>

129

### **RESUMO**

O presente trabalho tem como objetivo analisar "A Feiticeira", texto do livro *Contos Amazônicos*, de Inglês e Souza. Teremos como principais enfoques a intolerância e a violência que são causadas às pessoas que não seguem o padrão de cultura e religiosidade impostos por uma sociedade preconceituosa. O medo e a ciência serão pautados como elementos cruciais, uma vez que aparecem evidentes no conto em estudo, ou seja, tais elementos são ratificados pelas verdades absolutas, as quais negam as outras possibilidades de crença, cultura e religiosidade, componentes descartados bruscamente e apresentados na obra, pois o autor realista/naturalista traçava as linhas entre a cultura popular e a tradicional, desse modo, ainda poderemos perceber como o Cientificismo Positivista exacerbado pode oprimir indivíduos e, às vezes, aplicar intolerâncias, ademais, a opressão e a retirada de direito das pessoas como menos conhecimentos científicos foram e sempre serão dispositivos para realçar a violência e a intolerância cultural no Brasil.

**Palavras-Chave:** Intolerância. Violência. Medo. Ciência.

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Letras Português/Espanhol da Faculdade Pio Décimo (FPD), aluna pesquisadora do Projeto de Iniciação Científica (PIC) através do Núcleo de Estudos em Literatura do curso de Letras (NELL), Linha de Pesquisa: Literatura, Regionalismo, Memória e Ensino, orientado pela professora Mestra Tatiana Silva.

<sup>2</sup> Especialista em Letras, Linguística e Literatura; Mestra em Literatura e Cultura. Além de cátedra em Literatura na Faculdade Pio Décimo (FPD), tem como linhas de pesquisa a prosa machadiana e a poética intertextual entre o medievo e o sertão em Elomar Figueira de Mello pelas trilhas da memória e das metáforas de saudade. Outrossim, faz parte do Projeto de Iniciação Científica (PIC) através do Núcleo de Estudos em Literatura do Curso de Letras (NELL) como orientadora da Linha de Pesquisa: Literatura, Regionalismo, Memória e Ensino.

### RESUMÉ:

El presente trabajo tiene como objetivo analizar "La Hechicera", texto del libro *Cuentos Amazónicos*, de Inglés y Souza. Tendremos como principales enfoques la intolerancia y la violencia que son causadas a las personas que no siguen el patrón de cultura y religiosidad impuestos por una sociedad preconcebida. El miedo y la ciencia serán pautados como elementos cruciales, una vez que aparecen evidentes en el cuento en estudio, o sea, tales elementos son ratificados por las verdades absolutas, las cuales niegan las otras posibilidades de creencia, cultura y religiosidad, componentes desechados bruscamente y presentados en la obra, pues el autor realista / naturalista trazaba las líneas entre la cultura popular y la tradicional, de ese modo, todavía podremos percibir cómo el Cientificismo Positivista exacerbado puede oprimir a individuos y, a veces, aplicar intolerancias, además, la opresión y la retirada de el derecho de las personas como menos conocimientos científicos han sido y siempre serán dispositivos para realzar la violencia y la intolerancia cultural en Brasil.

### 1. INTRODUÇÃO

O Conto "A Feiticeira" do livro *Contos Amazônicos*, de Inglês e Sousa, tem como objetivo mostrar as diferenças de classes já existidas na época, a ciência como verdade absoluta, a violência contra uma mulher idosa e o medo como forma de punição para quem é intolerante às crenças. Além disso, temos a apresentação de um tenente como maior autoridade. Os atos ocorridos no decorrer do conto são de extremas atrocidades, humilhação e insensibilidade. Todos que conviviam na região da Amazônia temiam e respeitavam qualquer tipo de situações que lhes eram contadas, isso era uma das características asseguradas por quem moravam em cidades do interior, tais elementos serão observados e aprofundados neste artigo.

A opressão e a retirada dos direitos das pessoas com menos conhecimentos científicos foram e sempre serão pontos chaves para que sejam construídas a violência e a intolerância religiosa na sociedade. Desde a "descoberta do Brasil" que uma grande parte da população sofre com isso, algo tão comum no passado torna-se um espelho para quem vive o presente. A verdade absoluta é centro e quem vai de encontro à corrente sofre o preconceito que parece estar internalizado

entre as gerações. Assim como as culturas são vivas, o preconceito também se encontra em várias dimensões sociais. O cientificismo positivista da época concretizava ainda mais a intolerância e a opressão para quem seguia uma religião.

O Movimento Literário da época foi o Naturalismo, por isso Inglês de Sousa com suas vertentes evidenciou a realidade entre a cultura popular e a tradicional, trazendo um personagem alienado pelo cientificismo e mostrando que todo conhecimento adquirido como único, pode ser opressor para quem possui outras crenças. Nessa perspectiva, os atos de violência colocados na obra são mais explícitos devido ao movimento literário vigente, pois o ideal seria retratar como vivem pessoas que habitam os interiores e sertões que, por uma divisão geográfica, tendem ser oprimidos por pessoas que vêm de outras localidades, e é exatamente isso que podemos encontrar em obras Naturalistas configurará o objeto desta pesquisa.

## **2. A VIOLÊNCIA E A INTOLERÂNCIA**

A violência e a intolerância foram pontos cruciais na obra "Contos Amazônicos" de Inglês de Souza, principalmente em "A Feiticeira". As personagens centrais são: Maria Mucoim e Antônio Sousa. Este, um jovem tenente que não acredita em crenças e julgava não ter medo de nada (dono da "razão" e do "poder"), enquanto aquela, uma mulher idosa cheia de crenças populares e místicas. O referido moço lança uma batalha impiedosa e desumana à senhora simplesmente por discordar dela e, talvez, por medo da simbologia que ela carrega na comunidade.

Lembremo-nos de que, no passado, as crenças e as culturas eram mais fortes, principalmente no Brasil, pela questão da miscigenação, era crença de branco, crença de índio e crença de negro em um período em que a segregação racial e a religiosa não estavam ainda tão arraigadas ao Cientificismo.

Ora, todos sabem que a transmissão dos padrões culturais se dá através do contato entre povos no processo civilizatório. Assim, pois, com os primeiros portugueses aqui chegados com a missão de firmar domínio do império luso nos trópicos americanos, não vieram em seus malotes volumes d'Os Lusíadas nem das Rimas de Luís de Camões, publicados em edição princeps apenas, respectivamente, em 1572 e 1595. Na bagagem dos nautas, degredados, colonos, soldados, e nobres aportados em nosso litoral, entretanto, se não vieram exemplares impressos de romances populares da Península Ibérica nem os provenientes da Inglaterra, Alemanha e França, pelo menos aqueles homens trouxeram gravados na memória os que divulgavam pela reprodução oral das narrativas em verso. Assim, desde cedo, e à mingua de uma Idade Média que nos faltou, recebemos um repositório de composições mais do que representativo da Literatura oral de extração geográfica e histórica, cujas raízes estão postas na Europa ibérica do final da Idade Média, justamente quando ganhavam definição as línguas românicas (PONTES, 1999, p. 01).

Sabe-se que a junção de duas culturas ou mais pode trazer elementos novos para uma determinada sociedade e é exatamente isso que ocorre no Brasil. Por esse viés, não se pode deixar de lado o cientificismo, que, naquela época (1893), era colocada acima de qualquer religião e cultura para quem acredita. Os movimentos literários da época eram o Realismo e o Naturalismo, por isso que o conto citado retrata de forma nítida as opressões que sofriam aqueles que acreditavam em credices, principalmente se essas crenças fossem colocadas como bruxarias, no caso da Feiticeira que era tida como espécie de bruxa.

O que principalmente distinguiu e afeioou este nosso movimento espiritual ou mais propriamente literário posterior ao Romantismo foi o pensamento científico e filosófico triunfante por meados do século XIX – caracterizado pelo preconceito da infalibilidade da ciência e por uma exagerada opinião da sua importância. Esse pensamento, aqui como em toda a parte, recebeu a denominação pouco precisa, mas em suma bastante significativa, de pensamento moderno. Aqui produziu ele maior e mais raciocinado desapego às crenças tradicionais religiosas ou políticas, gerou o acatolicismo ou o agnosticismo em grande número de espíritos e o republicanismo ainda em maior número. (VERISSIMO, 2000, p. 8)

Nessa perspectiva, esse período era muito comum desacreditarem das convicções religiosas, principalmente os jovens que saíam para estudar fora e

voltavam com um pensamento modernizado, alguns aproveitavam da falta de conhecimento das pessoas para serem mais intolerantes e desrespeitosos com quem acreditava, principalmente se tratando de senhoras que moravam sozinhas como é o caso citado no conto “A feiticeira”. O poder de mostrar que a ciência é uma verdade que tem de ser seguida e as crenças tradicionais fossem deixadas de lado, não afastava a possibilidade de as pessoas sentirem medo de coisas que aconteciam em cidades pequenas. “Acredito no que vejo e no que me contam pessoas fidedignas, por mais extraordinário que pareça. Sei que o poder do Criador é infinito e a arte do inimigo varia”. (SOUSA, 2017. p.16).

As pessoas que moravam na cidade pequena Paranamiri eram pessoas religiosas, acreditavam em tudo que os mais idosos contavam por uma questão de respeito e consideração e até por certa representatividade cultural e isso é evidenciado pelo Velho Estêvão, o narrador, que sabia muito das coisas perversas que aconteciam naquele interior, era um senhor muito respeitoso e católico, muito crente no seu Deus. Para ele, era de grande pecado apenas pronunciar o nome do Diabo, o mesmo achava aterrorizante ouvir pessoas dizerem que não acreditavam em Deus e/ou pronunciarem com frequência o nome do Diabo e, o tenente Sousa, encaixava-se perfeitamente nesse perfil.

Quando a gente se habitua a venerar os decretos da Providência, sob qualquer forma que se manifestem, quando a gente chega à idade avançada em que a lição da experiência demonstra a verdade do que os avós viram e contaram, custa ouvir com paciência os sarcasmos com que os moços tentam ridicularizar as mais respeitáveis tradições, levados por uma vaidade tola, pelo desejo de parecerem espíritos fortes, como dizia o Dr. Rebelo. (SOUSA, 2017, p. 16)

O tenente Souza era um rapaz que já tinha adquirido muito conhecimento científico, pois estudou em universidades no Rio de Janeiro e em Recife, voltou para Paranamiri e virou tenente do batalhão devido aos seus conhecimentos. O jovem desacreditava de qualquer coisa que lhe contavam e logo queria tirar satisfação com as pessoas que seguiam os rituais de suas crenças, chegando a ser

opressor e desrespeitoso com a cultura do povo. O Velho Estêvão não gostava muito dessas atitudes do tenente Sousa, “desde que lhe descobri esse lastimável defeito, previ que não acabaria bem. Ides ver como se realizaram as minhas previsões”. (SOUSA, 2017, p. 17). Devido saber muitas histórias e pela sabedoria do vivido, o senhor Estêvão conseguia prever o que daria certo e o que daria errado.

É certo que o autor da obra, nesse caso, Inglês de Souza, expõe em seu conto fatos de um ser criado pela mente e pelos medos das pessoas, que é a Feiticeira, a presença dessa personagem, inclusive, traz marcas de uma época sombria e, por isso que “O determinismo reflete-se na perspectiva em que se movem os narradores ao trabalhar as suas personagens. A pretensa neutralidade não chega ao ponto de ocultar o fato de que o autor carrega sempre de tons sombrios o destino das suas criaturas” (BOSI, p 145-146).

### **3. A OPRESSÃO E A FALTA DE CONHECIMENTO CIENTÍFICO**

O tenente Sousa poderia ter sua sabedoria em conhecimentos científicos, mas o velho Estêvão tinha o conhecimento de mundo, acreditava no que era passado de geração em geração e não aceitava o fato do desrespeito ao seu Deus. Isso fica evidente quando o mesmo nega a academia por ela aniquilar todo conhecimento advindo da cultura popular.

O Próprio afirma:

Quereis saber uma coisa? Filho meu não frequentaria esses colégios e academias onde só se aprende o desrespeito da religião. Em Belém, parece que todas as crenças velhas vão pela água abaixo. A tal civilização tem acabado com tudo que tínhamos de bom. A mocidade imprudente e leviana afasta-se dos princípios que os pais lhe inculcaram no berço, lisonjeando-se duma falsa ciência que nada explica, e a que, mais acertadamente, se chamaria charlatanismo. (SOUSA, 2017, p. 17)

Notadamente temos uma oposição entre a ciência, religião e magia já na imagem de Estêvão, mas é com a Maria Mucoim, que isso é melhor destacado. “A fronteira entre a ciência e a magia passava sobretudo pela consciência moral, e muitos santos, precursores da pesquisa científica, foram considerados feiticeiros” (CHEVALIER, 2015, p. 420). Por isso, a Maria Mucoim, a Feiticeira do conto, era uma senhora que morava sozinha e uma presa “fácil” para o tenente Sousa violentar e oprimir, pois diante da sociedade era uma mulher sem consciência moral.

O jovem tinha muita vontade de conhecer a velha, pois o seu prazer era desmentir tudo aquilo que ouviu falar sobre a mesma. Já na primeira vez que a observou, temos um arco no olhar do rapaz:

O tenente Sousa viu na Maria Mucoim uma velhinha magra, alquebrada, com uns olhos pequenos, de olhar sinistro, as maçãs do rosto muito salientes, a boca negra, que, quando se abria num sorriso horroroso, deixava ver um dente, um só, comprido e escuro. A cara cor de cobre, os cabelos amarelados presos ao alto da cabeça por um trepa moleque de tartaruga, tinham um aspecto medonho que não consigo descrever. A feiticeira trazia ao pescoço um cordão sujo, de onde pendiam numerosos bentinhos, falsos, já se vê, com que procurava enganar ao próximo, para ocultar a sua verdadeira natureza. (SOUSA, 2017, p. 18)

O preconceito do tenente e a verdade que trazia consigo de não acreditar em “crendices”, não deixou que o moço apenas observasse a senhora, o rapaz foi à mulher com desaforo e autoritarismo, além de palavras de desprezo e desaforado: “— Então, tia velha, é certo que você tem pacto com o diabo? — É certo que você é feiticeira? — Falas ou não falas, mulher do...?” (2017, p.19). O tenente se apropria de um vocabulário nada receptível para uma primeira conversa e que não condizia com o cargo que possuía. Dessa forma, ele só conseguiu o afastamento da senhora pela sua indelicadeza, e recebeu dela um olhar impiedoso, assim:

O riso murchou na boca de Antônio de Sousa. A gargalhada próxima a arrebentar ficou-lhe presa na garganta, e ele sentiu o sangue gelar-se-lhe nas veias. O seu olhar sarcástico e curioso submeteu-se à influência dos olhos da feiticeira. Quiçá pela primeira vez na vida soubesse então o que era medo. (SOUSA, 2017, p. 20)

Outrossim, o medo veio à tona mesmo ele se mostrando até aquele momento como um cético. Dalí para frente, sua ousadia lhe cobraria à memória histórias que o aproximaria dos medos da Era das Trevas em que se tinha medo de bruxas/feiticeiras e se acreditava em forças do mal.

O homem europeu do final da Idade Média e inícios da Época Moderna acreditava na existência de humanidades monstruosas que habitavam os confins do mundo então conhecido. Com a inserção do Novo Mundo no horizonte europeu, verificou-se um deslocamento no universo imaginário: as humanidades monstruosas se associaram aos habitantes das terras americanas, mas, à diferença do que acontecia na Europa, passaram a ser demonizadas. (SOUZA, 2002, p. 371). A página é essa mesma?

As heresias de Maria Mucuí são tidas como atos diabólicos e, por ser uma pessoa que não se apropriava de conhecimentos, tanto científico quanto religioso (católico) a mulher era considerada um ser demonizado. É certo que a Feiticeira é uma mulher pobre e negra, o que a deixa mais exposta a sofrer o preconceito, já que o tenente Sousa é um homem rico e branco, o que ajuda a esse indivíduo praticar atos intolerantes e violentos com essa senhora. Já que desde a povoação dos portugueses no Brasil, o que ocorre são os homens brancos praticando a violência e o preconceito a negros, mulheres e índios, que sofrem com esses atos.

Não bastava ter sido preconceituoso e ser rude com a velha, o tenente achou-se no direito de ir até a sua casa e tirar-lhe satisfações, como notamos em: “— Sou eu — disse. — Lembra-se de ontem? A velha não respondeu. Antônio de Sousa continuou depois de pequena pausa: — Venho disposto a tirar a limpo as suas feitiçarias. Quero saber como foi que conseguiu enganar a toda esta vizinhança. Hei de conhecer os meios de que se serve.”. (SOUSA, 2017, p. 22). A

Feiticeira como qualquer outra pessoa normal, não permitiu a entrada do homem em sua casa, direcionava-se para ele dizendo,

— Ora me deixe, branco. Vá-se embora, que é melhor. — Não saio daqui sem ver o que tem em casa. E o atrevido moço preparava-se para entrar na palhoça, quando a velha, erguendo-se de um jato, impediu-lhe a passagem. Aquele corpo, curvado de ordinário, ficou direito e hirto. Os pequenos olhos, outrora amortecidos, lançavam raios. Mas a voz continuou lenta e arrastada: — Não entre, branco, vá-se embora. (SOUSA, 2017, p. 22).

Um homem desconhecido e pronto para invadir a sua casa, claro que mesmo sem forças e velha, a mulher ainda tentou que a entrada do tenente em sua casa não fosse autorizada.

Esgotados os meios brandos, Antônio de Sousa perdeu a cabeça, e, exasperado pelo sorriso horrendo da velha, pegou-a por um braço, e, usando toda a força do seu corpo robusto, arrancou-a dali e atirou-a ao meio da sala de entrada. A feiticeira foi bater com a fronte no chão, soltando gemidos lúgubres. (SOUSA, 2017, p. 22 - 23.).

O ato de violência explícito, o poder e o desejo da busca por uma verdade, daquilo que para ele não poderia ser explicado, e era por esse motivo que o tenente ia adentrando a casa da senhora. A vontade de provar para todos que a feitiçaria não era concreta e que o mesmo estava certo por não acreditar, a sua coragem é levada mais para o ponto de orgulho, pois o tenente já havia sentido medo da mulher, não demoraria para sentir novamente, já que foi tão afrontoso ao invadir a casa da Feiticeira e encontrou vários animais medonhos, urubu, gato preto, coruja branca e um bode preto. O medo e o orgulho começam a confundir a sua própria mente, “mas era um valente moço, e o perigo lhe redobrava a coragem. Num lance certo, conseguiu ferir o bode no coração, ao mesmo tempo que dos lábios lhe saía inconscientemente uma invocação religiosa. — Jesus, Maria!” (SOUSA, 2017, p. 23).

O tenente que não era religioso, começou a proferir palavras dignas de pessoas crentes em um Deus, e é assim que é válido pautar como a cultura e a religião de um povo interfere de maneira subjetiva no falar e no pensar de cada indivíduo. Por consequência da convivência, estamos sempre expostos em uma sociedade mista, por isso a importância de valorização das culturas e credências por mais “estranhas” que sejam para nosso meio.

A Mucoim, vendo o efeito daquelas palavras mágicas, soltou urros de fera e atirou-se contra o tenente, procurando arrancar-lhe os olhos com as aguçadas unhas. O moço agarrou-a pelos raros e amarelados cabelos e lançou-a contra o esteio central. Depois fugiu, sim, fugiu, espavorido, aterrado. Ao transpor o limiar, um grito o obrigou a voltar cabeça. A Maria Mucoim, deitada com os peitos no chão e a cabeça erguida, cavava a terra com as unhas, arregaçava os lábios roxos e delgados, e fitava no rapaz aquele olhar sem luz, aquele olhar que parecia querer traspassar-lhe o coração. (SOUSA, 2017, p. 24).

O medo apoderou-se do seu ser e o tenente mais uma vez aplicou um ato de violência contra a senhora, mas o mesmo recebia punição pelo ato cometido, a sua intolerância e o seu desrespeito que tinham se virado contra si em forma de medo e desespero, pois o mesmo estava sozinho, no escuro e na chuva no meio da mata de Paranamiri. “[...] ele ia prosseguindo sem olhar para trás, porque temia encontrar o olhar da feiticeira, e estava certo de que o seguia uma legião de seres misteriosos e horrendos”. (SOUSA, 2017, p. 24).

Nessa perspectiva do medo de olhar para trás e ir de encontro com algo que não seja desejável de se ver, podemos citar o fato do regionalismo colocado nesse parágrafo, pois geralmente esse aspecto vem de gerações passadas e mais comuns em regiões de interiores e sertões, sendo também uma característica do Naturalismo, que deixa os fatos ocorridos mais explícitos. “Sob o influxo do Naturalismo surgiria depois um segundo regionalismo, em reação ao Romantismo, rejeitando vários de seus achados e propondo outras sondagens”. (GALVÃO, p. 48).

A natureza também entra em cena com as suas rebeldias e por uma questão regional e própria da Amazônia. Além disso, as árvores e o vento ganham sons e criam clímax tenebrosos, comuns em noites chuvosas, como temos na obra naturalista em estudo, principalmente no ápice do medo de Sousa descrito nos mínimos detalhes:

139

Um espetáculo assombroso ofereceu-se-lhe à vista. O Paranamiri transbordava. O sítio do Ribeiro estava completamente inundado, e a casa começava a sê-lo. Os cacauais, os aningais, as laranjeiras iam pouco a pouco mergulhando. Bois, carneiros e cavalos boiavam ao acaso, e a cheia crescia sempre. A água não tardou em dar-lhe pelos peitos. O delegado quis correr, mas foi obrigado a nadar. A casa inundada parecia deserta, só se ouviam o ruído das águas e, ao longe, aquela voz: — A cheia. (SOUSA, 2017, p.25).

Os atos de rebeldia e o abuso de autoridade do tenente se voltavam contra ele. No seu interior, o homem sabia e, por medo, arrependia-se do que tinha praticado contra a Feiticeira, mas já era tarde, pois pagava em vida pelas suas práticas de violências físicas e verbais que lançara àquela mulher. A ciência que era tida como centro pelo rapaz, ficara de lado e não era usada como mecanismo de defesa, pois, no momento, Antônio Sousa só poderia pedir ajuda a quem menos mencionava e acreditava, a Deus, pois o mesmo se afogava em um rio profundo, trazido pela Maria Mucuí, ao menos em seu pensamento, depois, “De súbito viu aproximar-se uma luzinha e logo uma canoa, dentro da qual lhe pareceu estar o tenente Ribeiro. Pelo menos era dele a voz que o chamava”. (SOUSA, 2017, p. 25).

O Homem que era dono da verdade e do poder, via-se no desespero e pedia ajuda. “— Socorro! — gritou desesperado o Antônio de Sousa, e, juntando as forças num violento esforço, nadou para montaria, salvação única que lhe restava, no doloroso transe”. (SOUSA, 2017, p. 25). O delegado estava enfeitiçado e, para o seu desespero, a única que poderia lhe salvar seria a mesma que lhe enfeitiçou, a Maria Mucuí. Por questão de instantes, achou mesmo que seria salvo, “Mas não

era o tenente Ribeiro o tripulante da canoa. Acocorada à proa da montaria, Maria Mucoim fitava-o com os olhos amortecidos, e aquele olhar sem luz, que lhe queria traspasar o coração..." (SOUSA, 2017, p.26).

Desse modo, Maria Mucoim conseguiu "vingar-se" das maldades cometidas pelo tenente, pois "As feiticeiras materializam essa sombra odienta, da qual não podem libertar-se, e se revestem, ao mesmo tempo, de uma força temível". (CHEVALIER, p.419, 2015). E é dessa forma que as feiticeiras conseguem manter um equilíbrio e usar feitiços para fazer com que as pessoas paguem em vida, pelas atrocidades cometidas.

O causador de violência, intolerância e opressão, tem como refém o medo pelas coisas que deixou de acreditar e respeitar. Essa questão traz como marca o Cientificismo positivista que deixava as pessoas acreditarem que a ciência era superior a tudo e só ela seria capaz de trazer verdades absolutas.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi estudado, pode-se dizer que a opressão por falta de conhecimento científico e a violência contra pessoas que acreditam em credices vêm sendo uma pauta fundamente desde os séculos passados. Maria Mucoim é só um exemplo de inúmeras mulheres negras e pobres que sofreram por não seguirem um padrão imposto pela sociedade, já o tenente Antônio de Sousa é apenas mais um jovem branco com o poder em suas mãos, descrente de qualquer religião e cultura, acreditando somente na ciência como verdade absoluta.

O abuso de poder é ponto chave para começar as práticas de preconceitos sem fim, por isso essa obra Naturalista vem retratar de modo explícito como o cientificismo exacerbado afeta as pessoas, pois o indivíduo julga quem é diferente de si e o conceitua como "errado" por praticar aquilo que foge do comum. Dessa forma, o cientificismo induz o modo pelo qual as pessoas vão pensar e essas

acabam praticando atos desrespeitosos contra uma minoria que segue suas culturas, no entanto, isso ocorre não só com a ciência. Qualquer ato que prese pelo uno e desrespeite o outro, tende a se perder.

Lembremo-nos, por fim, que o Naturalismo aparece na obra como influenciador de modo direto para o aprendizado desmitificar, pois o enredo leva o leitor a perceber como não importa o grau de instrução dos indivíduos, mas o respeito e a compreensão da alteridade, seja religiosa ou outra qualquer

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2001.

CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alian. **Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, formas, figuras, cores, números**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **Anotações à margem do Regionalismo**. Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/ls/article/view/18327/20390>> Acesso em: 07 jun. 2016.

PONTES, Roberto. **Entrevista sobre a Teoria da Residualidade**, com Roberto Pontes, concedida à Rubenita Moreira, em 05/06/2006. Fortaleza (mimeografado), 2006. Disponível em <<http://www.ufjf.br/darandina/files/2014/09/Artigo-Res%C3%ADduos-da-Bruxaria-Medieval-em-A-feiticeira-de-Ingl%C3%AAs-de-Sousa.pdf>> Acesso em: 15 mai. 2018.

SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SOUSA, Inglês de. **A feiticeira. In. Contos amazônicos**. Apresentação de Sylvia P. Paixão. São Paulo: Martins Fontes, 2017.



ISSN: 2359 1250

# VII SEMANA DE LETRAS

E SEMINÁRIO DE PESQUISA EM LINGUAGENS E PRÁTICA DOCENTE

A Base Nacional Comum Curricular e os Direitos e Objetivos de Aprendizagem

28, 29 e 30 de maio  
Auditório do Bloco C  
Campus Jabotiana

VERISSIMO, José. **História da Literatura Brasileira**. São Paulo: [Jose Olympio](#), 2000.



FACULDADE  
PIO DÉCIMO

142

## **SIMÃO DIAS E O CORTIÇO: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE AS PERSONAGENS LUISA, POMBINHA E DO CARMO**

Rosa Gabriely Monteiro Fontes (PIC, Faculdade Pio Décimo)<sup>1</sup>

Luciana Novais Maciel (Mestre, Faculdade Pio Décimo)<sup>2</sup>

143

### **RESUMO**

O presente trabalho tem por objetivo abordar questões do romance *Simão Dias* (2015), de Alina Paim e *O Cortiço* (2014) de Aluísio de Azevedo, trazendo consigo características que representam a mulher dentro da obra e que podem ser percebidas no contexto social atual, tendo em vista uma pauta principal o papel das personagens Luísa, Pombinha e do Carmo como representação feminina dentro dos dois romances, são personagens de obras diferentes, de épocas diferentes, mas que não deixam de trazer traços semelhantes que marcam a trajetória da representatividade feminina nas obras, em um primeiro momento há um sofrimento entre ambas, para depois se tornarem mulheres livres, independentes, que lutam e vão em busca daquilo que almejam. Além disso, abordar o conceito e a importância da Literatura comparada, trazendo como teóricos Sandra Nitrini (2010) e Tânia Franco Carvalho (2001) que abordam a teoria e conceito da Literatura Comparada no mundo e no Brasil.

**Palavras-chave:** Simão Dias. O Cortiço. Representação feminina. Literatura comparada.

### **RESUMEN**

Este trabajo tiene por objetivo enfocar las cuestiones del romance "*Simão Dias*" (2015) de Alina Paim, y "*O Cortiço*" (2014) de Aluísio de Azevedo, trayendo como foco principal la representación de la mujer en los dos romances y que pueden ser percibidos en el contexto social actual, teniendo como objetivo principal el papel de las personajes Luísa, Pombinha e Do Carmo como representación femenina de los dos romances, son personajes diferentes, de épocas diferentes, pero llevan aspectos que marcam el camino de la representatividade femenina em los romances, em un primer momento hay um sufrimiento entre ambos para convertirse en mujeres libres, independientes, que luchan y van en busca de lo que desean. . Además, abordar el concepto y la importancia de la Literatura

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Letras Português/Espanhol da Faculdade Pio Décimo, aluna pesquisadora do projeto de Iniciação Científica através do NELL (Núcleo de Estudos em Literatura do curso de Letras), Linha de Pesquisa: Literatura de Escritores sergipanos e metodologia do ensino de Literatura. Pesquisadora de Literatura Comparada pelo viés crítico Aluísio de Azevedo e Alina Paim, respectivamente nas obras *O Cortiço* e *Simão Dias*.

<sup>2</sup> Professora e Coordenadora do Curso de Letras Português/Espanhol da Faculdade Pio Décimo, Mestre em Literatura Brasileira (UFAL), Orientadora da linha de pesquisa: Literatura de escritores sergipanos e metodologias do ensino de Literatura que compõe o NELL (Núcleo de Estudos Literários do curso de Letras).

Comparada, trayendo como teóricos Sandra Nitrini (2010) y Tânia Franco Carvalhal (2001) con la teoría y concepto de la Literatura Comparada en el mundo y en el Brasil.

**Palabras Claves:** "Simão Dias". "O Cortiço". Representación femenina. Literatura comparativa.

## INTRODUÇÃO

Esse trabalho foi fruto da curiosidade que tinha em fazer uma comparação entre Simão Dias – Alina Paim e o Cortiço – Aluísio de Azevedo, por trazer temáticas tão semelhantes que são vistas até os dias atuais, mesmo havendo um distanciamento de épocas entre os dois romances e a contemporaneidade, pode ser visto aspectos na sociedade que são trazidos pelos seres humanos até atualmente, por esse motivo surgiu a curiosidade de compará-lo.

Nessa comparação, um dos aspectos que mais chamou atenção foi das personagens Luísa e Do Carmo – Simão Dias e Pombinha – O Cortiço, pois são representações femininas dentro das obras que passa por um processo de mudanças, assim como a história das mulheres, que primeiro sofreu com a submissão sobre o masculino e aos poucos foi conseguindo sua liberdade, partindo desse pressuposto, nota-se que as personagens analisadas nessa pesquisa é a representação feminina desde o sofrimento até a sua liberdade.

Aluísio de Azevedo faz parte do movimento literário naturalista, segundo Candido (1993), no Naturalismo a obra era essencialmente uma transposição direta da realidade, como se o escritor conseguisse ficar diante dela na situação de puro sujeito em face do objeto puro, registrando as noções e impressões que iriam constituir o seu próprio texto.

De acordo com esse pensamento, pode-se perceber na obra O Cortiço uma transposição direta da realidade, mesmo que o leitor sinta um pouco de exagero nas expressões, mas é o que acontece, a obra em si traz como características os comportamentos muito influenciados pela natureza, dentre eles características dos seres humanos e os seus vícios, assim como a miséria presentes no cotidiano das pessoas. O naturalismo e realismo estão entrelaçados, ao tratar do natural o autor também está trazendo consigo uma realidade que ele ver naquele

contexto, isso pode ser visto em aspectos na obra que de alguma forma denunciam a realidade vivida naquela época, um exemplo é a saúde pública, a falta de higiene nos cortiços, a miscigenação de culturas que pode ser percebida entre o relacionamento das personagens Rita Baiana e Jerônimo, a discriminação ao negro, a ambição que a sociedade tem pelo dinheiro, assim como a desigualdade social, e a questão da posição das mulheres na sociedade. Dessa forma, trata-se de temas que denunciam a podridão da sociedade naquela época e que estão presentes até os dias atuais.

Alina Paim faz parte do movimento literário modernista, pois além de trazer nas suas obras uma realidade vista até hoje, ela também aborda a sua liberdade de expressão, de escrita, como é visto em Simão Dias, considerado um romance autobiográfico onde a autora, por ter passado a sua infância na cidade do interior de Sergipe, tem conhecimento dos acontecimentos e narra traços do tipo de gente que habita aquele lugar. Nesse contexto pode-se destacar um aspecto do Modernismo, pois há uma aproximação do psicológico humano, ela envolve o que viveu em Simão Dias na sua obra mantendo assim um teor autobiográfico do romance, não substituindo os verdadeiros nomes dos personagens, no intuito de aproximar o leitor do cotidiano da cidade e de seus habitantes.

Além disso, em suas obras ela traz uma realidade vista na sociedade como forma de denúncia do que acontecia naquele tempo e que até os dias atuais é possível ver basicamente as mesmas situações. De acordo com a professora Ana Leal Cardoso (2010), as obras de Paim abordam desde as questões políticas no Brasil (A hora Próxima), a educação (Estrada da liberdade e Simão Dias), à situação do idoso na atualidade (A sétima vez), dentre outras, a luta das mulheres por melhores condições de vida parece ser o foco principal. Assim, entende-se que a obra e a vida desta escritora, incansável lutadora pelos direitos não só das mulheres, mas do ser humano na sua completude, está a exigir uma pesquisa que lhe dê visibilidade, colocando-a no patamar de algumas escritoras brasileiras já conhecidas no meio acadêmico, tais como Clarice Lispector, Lygia Fagundes Teles, Raquel de Queiroz, entre outras.

## **TRAJETÓRIA FEMININA: DESDE A SUBMISSÃO AO PROCESSO DE LIBERDADE**

Sabe-se que a história da mulher começa desde a submissão, desde a falta de direito para esse sexo até o processo de liberdade em que as mesmas conseguiram reverter essa problemática e unidas mostraram que o lugar do mulher é onde ela quiser, seja em questão do trabalho ou sociais. O sexo feminino lutou para ingressar na academia, pelo reconhecimento do voto, pelas melhores condições de vida, incluindo a diferença de sexos, sobretudo as desigualdades de gêneros, pela sua libertação sexual. As lutas femininas ao longo da história proporcionaram uma progressão para as mulheres atuais.

Antes a mulher era vista apenas para cuidar do lar, dos filhos, dos afazeres domésticos e não tinham os mesmos direitos que os homens, dentre eles o direito a leitura que estava destinado somente para o masculino, pois o tempo do feminino estava voltado somente para o lar, não podendo assim ocupar-se com outras questões. O sistema patriarcal machista alegava que o sexo feminino não tinha necessidade alguma de ler e escreve, pois era tarefa somente para o masculino, impondo assim superioridade ao homem, durante muito tempo elas viveram assim, mas que aos poucos foram conquistando o seu direito de leitura e escrita, segundo Muzard apud Duarte (2003) no século XIX, as mulheres que escreveram, que desejaram viver da pena, ter uma profissão de escritoras, eram feministas, pois só o desejo de sair do fechamento doméstico já indicava uma cabeça pensante e um desejo subversão e eram ligadas à literatura.<sup>1</sup>

Dentro do mundo literário, a mulher ainda que escritora era vista de uma forma diferente, por esse motivo muitas escreviam e era publicado com autoria masculina para que fosse visto com um melhor olhar pela sociedade, mas que com muita luta a mulher foi conquistando seu espaço na escrita e leitura e hoje temos grandes e ilustres exemplos na literatura.

<sup>1</sup> Ideia criada a partir da leitura da conquista da mulher pelos seus direitos escrito por Daiane Leite Gomes, encontrado em: <https://www.webartigos.com/artigos/a-conquista-da-mulher-pelos-seus-direitos/129757/>, acesso em 21 de maio de 2018.

A questão do direito ao voto também foi um quesito importante na trajetória e luta do feminino, pois antes a mulher também não possuía direito as decisões políticas, estas eram somente para o sexo masculino. Em 1922, surgiu o movimento para a conquista do voto das mulheres brasileiras, foi organizado por Bertha Lutz junto com a federação pelo progresso feminino, que obteve sucesso e assegurou as mulheres o direito de votar, no começo não era obrigatória, mas foi um viés importante na luta pela igualdade de gênero, pois foi mais uma conquista que reconhecia a mulher e sua capacidade de decidir sobre sua vida e a representação na política. Com essa conquista, hoje é visto mulheres inseridas dentro da política, por mais que seja minoria, mas foi um grande avanço para a representação feminina, tendo como exemplo a ex presidenta Dilma Rousseff.

Então, são movimentos importantes que mostram o avanço da mulher na sociedade, e como símbolo desse movimento, destaca-se Simone de Beauvoir que foi uma pensadora do movimento feminista durante os anos 1960 que ganhou destaque pela busca de desconstruir o papel então convencionado para a mulher na sociedade.

Pode-se perceber que esses movimentos citados acima contribuíram para a inserção da mulher no mercado do trabalho, ao longo do tempo ela vem lutando e conquistando seus direitos, hoje é possível ver uma aproximação de igualdade de gêneros, há mulheres com mesmas profissões do homens, há mulheres com mais destaque que os homens no mercado de trabalho, porém a sua luta é interminável, pois ainda há um clamor pela igualdade do salário, pelo fato da mulher ainda ser considerada um sexo frágil, o seu salário muitas vezes é menor do que o do masculino. Mas que é possível afirmar que foi grande seu progresso ao longo do tempo, pois de uma representação submissa, passou a ser uma representação liberta com direitos a fazer o que quiser, hoje pode ser visto mulheres professoras, mulheres caminhoneiras, mulheres mecânicas, engenheiras, delegadas, policiais,

## **POMBINHA, LUÍSA E DO CARMO: A REPRESENTAÇÃO FEMININA EM O CORTIÇO E SIMÃO DIAS**

De acordo com o foi analisado acima, foi visto que a mulher em um primeiro momento sofreu com a submissão do masculino, com a sua falta de liberdade, mas que aos poucos conseguiu conquistá-la, tornando assim uma integrante ativa da sociedade. Nos romances *O Cortiço* e *Simão Dias*, pode ser visto essas características nas personagens Pombinha, Luísa e Do Carmo, pois em um primeiro momento sofrem para depois conseguir a sua total liberdade.

No romance *O Cortiço* (2014), Pombinha é vista como uma garota inocente admirada por todos os moradores da estalagem, a espera de se tornar mulher, ter o que todos desejam, a menstruação. Após esse acontecimento, ela se transforma em uma pessoa diferente daquela que todos admiravam, casa-se mas não se sente feliz e separa-se logo em seguida para encontrar a liberdade que tanto deseja e se tornar o que ela quer, independente do que as pessoas falem ou pensem; muda-se para o Rio de Janeiro e vira prostituta, sentindo-se, dessa forma, liberta e feliz.

Pombinha, só com três meses de cama franca, fizera-se tão perita no ofício como a outra; a sua infeliz inteligência, nascida e criada no modesto lodo da estalagem, medrou logo admiravelmente na lama forte dos vícios de largo fôlego; fez maravilhas na arte; parecia adivinhar todos os segredos daquela vida; seus lábios não tocavam em ninguém sem tirar sangue; sabia beber, gota a gota, pela boca do homem mais avarento, todo o dinheiro que a vítima pudesse dar de si. (AZEVEDO, 2014, p. 135)

A partir dessa citação, percebe-se a mudança da menina-mulher, antes no lodo da estalagem, agora vivendo livremente o seu novo estilo, dominando os homens e fazendo tudo do seu jeito, como é visto na citação em que deixa claro

que ela era quem dominava o momento e isso fazia com quem os homens ficassem nas suas mãos, dando-lhe todo o seu dinheiro.

No romance Simão Dias (2015) é possível averiguar também o desejo e poder de liberdade encontrados nas personagens Luísa e em Do Carmo. Ao Contrário de Pombinha que se separou do marido para então buscar a satisfação dos seus desejos, tornando-se assim prostituta; Luísa só conseguiu se sentir liberta após a morte do seu marido, com isso surgiu julgamentos da sociedade por uma mulher jovem, viúva, morar sozinha, mas ela mostrou não se importar com a opinião alheia e prosseguiu seus desejos, sentindo-se feliz dessa forma.

Que a cidade continuasse condenando sua atitude. Queria morar sozinha com uma menina, apesar de ter a casa dos pais a dois passos: a loja pertencia-lhe e ninguém podia arrogar-se o direito de arrancá-la do que era seu. Que lhe importava a opinião alheia? Tinha culpa de ser jovem, de ter ficado viúva? – “Negócios em mão de mulher dão em água de barrela”. Mostrasse erros de direção nos últimos quatro meses: a loja progredia, a malhada continuava no mesmo, o leite partindo no lombo do animal todas a madrugadas. (PAIM, 2015, p. 259)

É perceptível, a partir dessa citação, que Luísa também é uma representação do progresso da mulher, em um primeiro momento sofre por não poder se separar do marido para não ir morar nas casas dos pais, em um segundo momento após a morte do seu marido encontra sua liberdade e luta pelos seus objetivos, o primeiro dele era morar sozinha e cuidar dos negócios, mesmo sendo considerado papel do homem, Luísa não desistiu e mostrou que poderia fazer melhor do que o seu marido fizera enquanto vivo.

Luísa é a representação de que a mulher pode fazer várias coisas ao mesmo tempo e obter sucesso em cada uma delas, continuava como professora, cuidava dos negócios que o falecido havia deixado e ainda queria mostrar para as outras mulheres de Simão Dias que cada uma poderia ser igual, bastava apenas ter força de vontade e encarar as diversas situações.

Pela primeira vez, experimentava independência, tinha consciência de liberdade agora que rompera com a escravidão afetiva, abandonara

as lentes falsas herdadas de mãe Carolina, partira a continuidade de submissão mantida pelas mulheres da família através de gerações. Escolhia o caminho, dirigia o voo mesmo contra o vento, era livre e, sem apoio, começava a conhecer segurança, compreendia que ela estava dentro de si mesma, nascia da confiança nas próprias forças. Poderia viver em Simão Dias, em qualquer parte do mundo, e permanecer independente, mantendo a liberdade conquistada. (PAIM, 2015, p. 262)

É notório que assim como Pombinha (O Cortiço), em um primeiro momento Luísa também foi subjugada pelas vontades paternas, era submissa e não era essa vida que desejava. Então foi em busca de outro caminho onde pudesse encontrar sua liberdade e conseguiu e essa conquista ninguém mais podia tirar-lhe.

Assim como as personagens Pombinha e Luísa, Do Carmo também foi a representação da liberdade feminina na obra Simão Dias, pois em um primeiro momento era uma criança órfã, sofrida pelos mal tratos das tias solteironas para depois junto com Luísa adquirir sua liberdade.

Não queria voltar nunca ao tempo de criança, sofrer sem piar, engolir choro quando o coração doía ferido por palavras imprudentes e injustas, sufocar lágrimas com um nó na garganta, porque menina que chora sem apanhar está fazendo manha, e para manha só há um remédio – palmatória. Criança aguenta muita judiação, recebe o torto e direito pontapés dos grandes. Sentia alívio quando se media com tia Luísa. (PAIM, 2015, p. 254)

A partir dessa citação, percebe-se o sofrimento da menina e a sua angustia ao falar do ser criança, mas também é perceptível o alívio que ela sentia ao se juntar com sua tia Luísa e foi dessa forma, com a união das duas que venceram os obstáculos e conquistaram a sua liberdade. “Juntas abandonariam Simão Dias. Longe daquelas serras, havia de revelar-lhe o segredo da liberdade da mulher, para que Maria não ferisse as mãos despedaçando as amarras do balão cativo.” (PAIM, p. 265)

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Infere-se que, as duas obras trazem consigo uma caracterização da mulher em dois momentos, o primeiro é vista como submissa, como representação do

sofrimento, para depois conquistar o seu segundo momento que é representado pela liberdade. Elas também mostram que o sexo feminina consegue dar a volta por cima de qualquer situação e se tornar aquilo que deseja, não submissa ao masculino e ao lar, mas sim cheia de liberdade, transgressora; No caso de Pombinha, que em uma primeira perspectiva tem-se uma criança centrada ao se tornar mulher, a menstruar, querida por todos e ao crescer foi para o Rio de Janeiro, em busca da sua independência, mesmo virando uma prostituta, profissão ainda criticada na atualidade, mas que dentro da obra transmite a liberdade conquistada pela personagem de ser o que ela deseja. No caso de Luísa e Do Carmo, sofreram muito, uma pela rigorosa educação das tias solteironas, a outra por não se sentir feliz em seu casamento, por está casada somente para sair da casa dos pais, por querer ser além do que era, mas que com a união das duas conseguiram conquistar a independência e também tornaram-se o que tanto desejavam. Por conseguinte, os dois romances em uma perspectiva mostra o trajeto da mulher através da submissão do masculino e em outra mostra o feminino conquistando o seu espaço, a sua independência e progredindo na sociedade.

Então, percebe-se que a história real das mulheres só se deu por base de muita luta, antes não tinham direito de leitura e escrita, do voto, mas que ao lutarem foi conseguindo seu lugar na sociedade, deixando de cuidar do lar e se posicionando nas suas escolhas e direitos, tornando-se assim mulheres ativas na sociedade, com profissões escolhidas por elas mesmas, independente que sejam impostas como profissões para o homem, hoje há mulheres advogadas, juízas, motoristas, secretarias, contadoras, escritoras, delegadas, entre outras. É possível comparar a luta da mulher ao longo do tempo com a luta da mulher dentro dos dois romances, como foram vistos eram submissas e depois de muita luta conseguiram conquistar o seu lugar na sociedade, tornando-se assim mulheres libérrimas e ativas para fazerem as suas próprias escolhas.

## REFERÊNCIAS:

AZEVEDO, Alúcio. O Cortiço. São Paulo, Martin Claret, 2014.

CANDIDO, Antonio. **O discurso e a cidade**. São Paulo: Duas cidades, 1993.

CARDOSO, Ana Maria Leal. **Alina Paim uma romancista esquecida nos labirintos do tempos**. Aletria: Revista de Estudos de Literatura, v. 20, p. 131, 2010.

DUARTE, Constância Lima. **Feminismo e Literatura no Brasil**. Estudos Avançados, volume 17, número 49, São Paulo, 2003.

PAIM, Alina. **Simão Dias** 3. ed. Aracaju: Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe – EDISE, 2015.



FACULDADE  
PIO DÉCIMO

## **A PERDA DA INOCÊNCIA INFANTIL EM "NAS ÁGUAS DE DALILA", DE ANTONIO CARLOS VIANA**

Terezinha da Silva Mendes Souza<sup>1</sup> 153Jefferson Matheus Lima dos Santos<sup>2</sup>

### **RESUMO:**

O presente artigo apresentou uma análise feita sobre a perda da inocência infantil visualizada no conto "Nas águas de Dalila", do livro "O meio do mundo e outros contos" (1999), de Antonio Carlos Viana, com o objetivo de explorar essa temática percorrendo pelas questões socialmente polemizadas – sobretudo, na adolescência. No Referencial teórico, temos um recorte publicado pela editora *Chão da feira* de uma tradução da pesquisa feita pela Revista romana *Nuovi Argomenti*, a qual os críticos literários Moravia, Morante e Calvino, desmistificaram as questões subjacentes ao presente artigo. Fez-se uma análise de acordo com a psicanálise freudiana, assim como referenciou-se Candido na discussão sobre o conto analisado e a vida social. Portanto, concluiu-se que esta temática contribui no processo de ensino e de aprendizagem, em relação a vida social, bem como possibilita-nos várias reflexões acerca da sexualidade infantil.

**Palavras-chave:** Antonio Viana. Conto erótico. Puberdade. Literatura e vida social.

## **LA PÉRDIDA DE LA INOCENCIA INFANTIL EN "EN LAS AGUAS DE DALILA" DE ANTONIO CARLOS VIANA**

### **RESUMÉN:**

El presente artículo presentó un análisis sobre la pérdida de la inocencia infantil visualizada en el cuento "En las aguas de Dalila", del libro "El medio del mundo y otros cuentos" (1999), de Antonio Carlos Viana, con el objetivo de explorar esta temática recorriendo las cuestiones socialmente polemizadas, sobre todo en la adolescencia. En el Referencial teórico, tenemos un recorte publicado por la editorial Chão de la feria de una traducción de la encuesta hecha por la Revista romana *Nuovi Argomenti*, a la que los críticos literarios Moravia, Morante y Calvino, desmitificaron las cuestiones subyacentes al presente artículo.

1 Graduanda em Letras Português e Espanhol (Faculdade Pio Décimo). E-mail: terezinhamendes@gmail.com

2 Graduando em Letras Português e Espanhol (NELL/Faculdade Pio Décimo); atua na área de projetos educacionais, com ênfase na leitura. E-mail: jefferson.teorialiteraria@gmail.com

Se hizo un análisis de acuerdo con el psicoanálisis freudiano, así como se referenció a Candido en la discusión sobre el cuento analizado y la vida social. Por lo tanto, se concluyó que esta temática contribuye en el proceso de enseñanza y de aprendizaje, en relación a la vida social, así como nos posibilita varias reflexiones acerca de la sexualidad infantil.

**Palabras-clave:** Antonio Viana. Cuento erótico. Pubertad. Literatura y Vida social.

## 1. INTRODUÇÃO

O conto "Nas águas de Dalila", faz parte da coletânea de contos embutidos no livro *O meio do mundo e outros contos* (1999), de Antonio Carlos Viana (1946-2016) – um dos mais renomados contistas brasileiros. Constituindo-se, o nosso objeto de estudo para esta análise literária da infância que perde sua inocência. O conto foi escolhido tendo em vista a relevância da produção contista em que o escritor sergipano se utiliza de uma linguagem simples, de fácil entendimento e que traz sempre uma reflexão para seus leitores em todos os seus trinta contos, bem como pela riqueza de vertentes a serem exploradas como possibilidades de pesquisa, uma vez que a sua escrita erótica é desvinculada da ideia de prazer.

Na obra analisada, editada pela Companhia das Letras, de São Paulo/SP, os contos apresentam questões desde morte, miséria – ocasionada pela vida infame e pobre –, o casamento, a exclusão social até a perda da inocência infantil. O que elas têm em comum é uma reação nojenta tanto pelas personagens, quanto para nós leitores que, dá-se pela *catarse* (purificação da alma), isto é, de *grosso modo*, que os sentimentos vividos pelas personagens se transportam para os leitores, muitas das vezes, causando até náuseas, haja vista que a narrativa apresenta um sentimento de medo, o qual nos faz refletir e desmistificar o nosso medo também. Fato que ocorre devido à inexperiência dessas personagens com o contato sexual.

Desse modo, fez-se necessário analisar esta temática percorrendo pelas questões socialmente polemizadas – sobretudo, na adolescência –, com ênfase nas complexas questões de puberdade. Especificamente, buscou-se salientar a importância de

desconstruir certos tabus, seja no âmbito educacional, seja no social, no tocante à adolescência e erotismo.

No Referencial teórico, temos um recorte publicado pela editora *Chão da feira* de uma tradução da pesquisa feita pela Revista romana *Nuovi Argomenti*, intitulada em português de “*Sobre o erotismo na Literatura*”, a qual os críticos literários Moravia, Morante e Calvino, desmistificam as questões subjacentes ao presente artigo. Tendo em vista o pressuposto de que a criança é inocente, fizemos uma análise de acordo com a psicanálise freudiana numa perspectiva de estudo literário. Além disso, discorreu-se sobre as contribuições da literatura para a vida social, à luz dos estudos de Antonio Candido, mediante a sua obra *Literatura e Sociedade* (1965).

O desenho do texto se apresenta a partir desta Introdução ao tema; Referencial teórico; Análise da temática; Considerações finais e as Referências que são circundantes ao presente estudo.

## 2. ASPECTOS ESTRUTURAIS DO CONTO

O conto “*Nas águas de Dalila*”, objeto de estudo para a composição desta pesquisa, foi escrito em 1981 (como marca no livro, p. 112) e foi desdobrado em cinco páginas. De acordo com o Dicionário Português (s/d, p. 70), editado pela Ciranda Cultural, a palavra *conto* “é uma narração ficcional, falada ou escrita”, sendo que constitui um gênero literário, o qual permite-nos inúmeras reflexões sobre a sociedade em que se vive. Deste modo, embora não seja uma verdade científica, estudar um conto, é, pois, buscar entender os múltiplos contextos inerentes à produção literária.

Por meio da estonteante narrativa de Antonio Carlos Viana, fica perceptível o cenário e o contexto em que se passa a história contada. Como marca peculiar de Viana, o cenário trata-se de um lugar distante, no “meio do mundo” (termo intitulado do livro), como podemos visualizar através dos relatos de referências de estradas e cachoeiras no trecho:

Saí correndo para dentro de casa, vestir o short vermelho que tia Dalila tinha trazido para mim. Só assim eu ia poder tomar banho de cachoeira. Nunca me deixavam ir sozinho, como se eu fosse ainda uma criança. Por isso que, quando ela chegou, fui eu quem ficou mais contente, pra dentro e pra fora enquanto não vi o carro de tio Claudionor apontar na estrada (VIANA, 1999, p. 108).

O contexto da história narrada é de uma vida isolada, infame e pobre, cercada por preconceitos e machismo, pertinentes da antiguidade. No trecho “no começo, quando se soube do casamento, foi um chorar sem fim de vovó porque o filho ia casar com uma moça que nem sabiam quem era” (VIANA, 1999, p. 108), observa-se um destaque nesse sentido: o conceito de casamento que a família do protagonista, narrador da história vivida por ele, tinha. Um casamento regido por um consenso, em que os pais avaliavam a noiva com a qual seu filho devia casar. Ademais, temos o contexto de uma transição da fase infantil para a fase da adolescência, a qual iremos nos aprofundar nesse estudo.

O enredo do conto se dá, *a priori*, pelo encantamento do narrador personagem – iremos chamá-lo assim, porque o autor não o batizou com nome algum – para com a esposa de seu tio Claudionor, a personagem Dalila: uma imagem feminina diferente do que ele convivia em sua casa, portanto desconhecida, oriunda de uma vida cercada de estruturas características da cidade, sendo que ela ainda seria apresentada para a família, por isso a vinda de Claudionor para a casa de seus pais teria sido ocasionada. Esse tal encantamento se fortaleceu ainda mais quando o narrador personagem avistou o que não via por trás do sutiã:

Logo de longe, notei o faiscar dos cabelos louros sobre a pedra e ela sem a parte de cima da roupa de banho. Assim que me viu, sentou-se segurando o sutiã com uma das mãos enquanto me acenava com a outra. A água estava uma delícia, estava só me esperando pra cair de novo. (VIANA, 1999, p. 109).

### 3. A PERDA DA INOCÊNCIA INFANTIL

Após essa descrição de cena, o enredo do conto acelera para o lado erótico, em que o narrador personagem, protagonista do conto, passou por uma série de constrangimentos ocasionados pela inexperiência com o contato íntimo, a priori, com Dalila e, depois, consigo mesmo, como veremos a seguir. Era inicialmente a descoberta de seu corpo e suas reações:

Bateu palmas quando viu o short, 'ótimo', alisando minha cabeça e puxando-me para a correnteza com a outra mão. Ainda acrescentou que eu já era um homem e 'que cabelos bonitos!'. Soltava gritinhos debaixo da água, agarrava-se a mim sem prestar atenção onde pegava, abrindo a boca, a água empastando os cabelos sem lhe tirar a beleza [...] quando ia quase escorregando é que passei molemente um abraço em sua cintura, que estava numa temperatura agradável. Uma coisa me tomou por dentro, o corpo inteiro respondeu. Ela se afastou, olhou-me de modo sério e estranho (VIANA, 1999, p. 109-110).

Acontece, portanto, que o protagonista foi surpreendido e, ao mesmo tempo, constrangido pelo contato íntimo entre ele e Dalila, devido a sua inocência sexual – caso este, em que muitos adolescentes não se adaptam positivamente nessa fase de descobrimento, da puberdade, sem falar do sentimento de medo provocado pela puberdade neles, uma vez que não sabem de certa forma como agir no momento dessa descoberta; como agir na “primeira vez”; ou ainda, o medo de se expor quando estão excitados por causa do estranhamento da reação alheia, como podemos ver no trecho: “deitei-me de bruços, um medo danado dela me chamar pra cair de novo. Minhas pulsações eram visíveis [...] nem me sentia em condições de ficar em pé diante dela” (VIANA, 1999, p. 110).

Logo, uma consequência desse contato foi a descoberta da sua sexualidade, em que ele pôde experimentar as sensações sexuais, o calor, o desejo sexual, as pulsações em sua parte genital, como sendo uma ativação da região que dá o prazer sexual masculino. Podemos visualizar ainda mais esse descobrimento sexual quando o protagonista descreve

detalhadamente a reação do seu corpo ocasionada pela atração feminina adulta: “meu corpo sem controle, o short se deformando” (VIANA, 1999, p. 110).

### 3.1 Adolescência e puberdade

Viana ao compor este conto, certamente atentou-se em narrar sobre o que acontece com os adolescentes na puberdade, sobretudo com as primeiras experiências eróticas, ao descrever fielmente as reações sexuais do protagonista como a excitação e, posteriormente, sobre as suas “marcas” deixadas no banheiro, oriundas do orgasmo pós-masturbação; bem como em tirar esse assunto dos tabus sociais sobre adolescência e sexo, este que, de acordo com Moravia (1999), é resultado do amor, por isso está presente na literatura moderna, sobretudo, nos romances e contos eróticos.

É importante destacar também que na adolescência é normal ter-se a curiosidade pela parte genital do outro, no caso da nossa personagem em questão, não foi diferente: ele tinha curiosidade em ver o que estava por trás do biquíni de Dalila.

Sabe-se, porém, que quando a puberdade é abordado na sala de aula, gera-se um desconforto por parte de alguns alunos e, em alguns casos, por parte dos professores. Por isso, é importante a seguinte indagação: por que falar de sexo na literatura? De acordo com Moravia (2015, p. 6) “em outras palavras, o erotismo da literatura moderna nasce não de um fato natural, mas, sim, de um processo de liberação das proibições e dos tabus preexistentes”. Essa explicação é evidentemente relevante na composição desse e outros contos de Viana. Para compor o enredo e adentrar na temática, como sendo um autor contemporâneo e pelo fato do conto ter sido publicado no final do século XX, precisamente em 1999, Viana buscou justamente quebrar os tabus preexistentes em seu contexto social.

O que podemos constatar sobre os tabus em torno da temática é que:

A opinião popular tem ideias bastante definidas sobre a natureza e as características desse instinto sexual. Ele estaria ausente na infância, apareceria na época da puberdade, ligado ao processo de maturação desta, e se revelaria nas manifestações da irresistível atração que um sexo exerce sobre o outro; e sua meta seria a união sexual, ou, pelo

menos, as ações que se acham no caminho para ela (FREUD, 1901/2016, p. 21).

Desse modo, pode-se validar que é um senso comum dizer que a criança é inocente, bem como que a criança não tenha instinto sexual. Contudo, Segundo Sigmund Freud (1901/2016) essa afirmação ainda precisa ser mais estudada, pois nesse senso comum há um quadro infiel da realidade. Freud (1901/2016) esclarece ainda que, há alguns desvios no tocante ao objeto sexual, seja pela relação sexual por meio de sexos semelhantes, seja pela quebra de tabus provenientes da sexualidade na adolescência, como acontece no conto de Viana:

Quando as crianças em tão tenra idade assistem à relação sexual entre adultos, o que é ensejado pela convicção dos mais velhos de que a criança pequena não pode entender nada de sexual, elas não podem deixar de conceber o ato sexual como uma espécie de sevícia ou subjugação, ou seja, de encará-lo num sentido sádico. A psicanálise também nos permite verificar que uma impressão dessa natureza na primeira infância contribui em muito para a predisposição a um deslocamento sádico posterior do alvo sexual. Ademais, as crianças se ocupam muito com o problema de saber em que consiste a relação sexual, ou, como dizem elas, em que consiste ser casado, e costumam buscar a solução do mistério em alguma atividade conjunta proporcionada pelas funções de micção ou defecação (FREUD, 1901-1905/2016).

Neste sentido, o conto "Nas águas de Dalila" é mais um precursor da quebra do tabu sexual que, através da literatura, possibilitou uma abertura para desmistificar a ideia de que certas pessoas tinham sobre a puberdade, pois segundo a psicanálise freudiana (1901-1905/2016), a criança em seu desenvolvimento também pode sentir as pulsações do prazer e que esses contatos sexuais poderiam até trazer um resultado positivo na relação sexual futura.

Portanto, Viana traz-nos, ao tratar da perda da inocência infantil, um conceito de inocência falsa: uma inocência que é experimentada pelas crianças ao serem cercada pelos

desejos sexuais atraídos pelo sexo oposto ou semelhante. Podemos explicitar esta conclusão a partir de Freud (1901-1905, p. 118):

Ao mesmo tempo em que a vida sexual da criança chega a sua primeira florescência, entre os três e os cinco anos, também se inicia nela a atividade que se inscreve na pulsão de saber ou de investigar. Essa pulsão não pode ser computada entre os componentes pulsionais elementares, nem exclusivamente subordinada à sexualidade. Sua atividade corresponde, de um lado, a uma forma sublimada de dominação e, de outro, trabalha com a energia escopofílica. Suas relações com a vida sexual, entretanto, são particularmente significativas, já que constatamos pela psicanálise que, na criança, a pulsão de saber é atraída, de maneira insuspeitadamente precoce e inesperadamente intensa, pelos problemas sexuais, e talvez seja até despertada por eles (FREUD, 1901-1905, p. 118).

Sendo assim, apreende-se da teoria freudiana, que a inocência infantil se caracteriza, portanto, pelo não contato com o sexo, uma vez que as crianças, sobretudo, entre três e cinco anos de idade, sentem-se atraídas sexualmente por outras pessoas, instigando-as a investigar mais sobre seu corpo e suas pulsações sexuais. Junto a isto, o narrador do conto "Nas águas de Dalila", descobre-se física e sexualmente, através do contato com a personagem Dalila. A partir deste contato, o narrador, de fato, perde a sua inocência infantil.

### 3.2 O conto e o meio social

Como o conto analisado plasma o meio? Qual a influência exercida pelo meio social sobre o supracitado conto? Essas questões podem ser respondidas à luz dos estudos de Antonio Candido, mediante sua obra *Literatura e Sociedade* (1965/2006, p. 28-29):

Há neste sentido duas respostas tradicionais, ainda fecundas conforme o caso, que devem todavia ser afastadas numa investigação como esta. A primeira consiste em estudar em que medida a arte é expressão da sociedade, em que medida é social, isto é, interessada nos problemas sociais [...]. A segunda tendência é a de analisar o

conteúdo social das obras, geralmente com base em motivos de ordem moral ou política, redundando praticamente em afirmar ou deixar implícito que a arte deve ter um conteúdo deste tipo, e que esta é a medida de seu valor (CANDIDO, 1965/2006, p. 28-29).

Com efeito, o resultado deste estudo atesta a relação existente entre literatura e sociedade, uma vez que os contos abordam temas de problemas sociais, narrados com intuito persuasivo e catártico, formulados por personagens existentes na sociedade, característica da verossimilhança, isto é, da possibilidade dos fatos fictícios se assemelharem com realidades alheias. Cabe, pois citar Candido (1965/2003), quando ele postula que a literatura constitui a expressividade de realidades assiduamente presenciadas pelo autor. Este ponto de vista conclui o porquê de tais temas sociais estarem intercalados com a obra literária: por haver embricamentos entre autor, obra e público (CANDIDO, 1965/2006), já que seria mais atrativo falar de questões polêmicas do que apenas repercutir contos de fadas.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Numa era em que as crianças jogam videogame, em que temos acesso à internet, Coca-Cola, avião, faz-se necessário fomentar algumas discussões no contexto educacional, a fim de remediar as informações acerca da vida social, desconstruindo e construindo alguns conceitos pertinentes à adolescência e vida sexual.

Nesta perspectiva, o conto analisado contribui para o processo de ensino e de aprendizagem em relação a vida social, bem como possibilita-nos várias reflexões acerca da sexualidade infantil. Em virtude dessa reflexão, podemos concluir o presente estudo trazendo uma crítica sobre o senso comum em que limita a criança e/ou adolescente a aprender sobre o sexo, pois as ideologias tradicionais precisam ser repensadas a partir de uma perspectiva mais científica, como os estudos da psicanálise.

É preciso ainda, que tenhamos consciência de que a criança em seu pleno desenvolvimento, experimenta as pulsações oriundas do erotismo e que, é de suma importância esclarecermos esses e outros tabus para os nossos adolescentes, uma vez

que os beneficiará quando de sua prática sexual futuramente, precavendo-os, então, dos problemas sexuais.

## REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. — 9ª ed. — Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CULTURAL, Equipe Ciranda. **Dicionário Português**. S/l: Equipe Ciranda Cultural, s/d, p. 70.

FREUD, Sigmund, 1856-1939. **Obras completas, volume 6**: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos (1901-1905); tradução Paulo César de Souza. — 1ª Ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2016. Disponível em

<<http://www.companhiadasletras.com.br/trechos/14199.pdf>>. Acesso: 15 de jan. 2018.

MORAVIA, A.; MORANTE, E.; CALVINO, I. Sobre o erotismo na Literatura. **Chão da feira**. Disponível em <<http://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2015/06/cad24.pdf>>. Acesso: 01 de abr. 2018.

VIANA, Antonio Carlos. **O meio do mundo e outros contos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

## Monteiro Lobato: Começo da literatura que faltava às crianças brasileiras

Thais Luene Freire de Araujo<sup>1</sup> 163  
Tatiana Cíntia da Silva<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo mostrar a importância da contribuição de Monteiro Lobato na Literatura Infantojuvenil brasileira e, para isso, será evidenciado como foi o surgimento da Literatura para as crianças, qual foi a sua função e seus principais escritores na época do surgimento até chegar no ápice Nacional da voz de Lobato. Será trilhado um caminho que se envereda pelas construções dos vocábulos e das ideias dos primeiros momentos até o estilo inovador lobatiano. Para esclarecer esses fatos, foram utilizadas as teorias de Lígia Cadermatori (2010), Nelly Novaes Coelho (2003), Marisa Lajolo (1993-2007), Maria Antonieta Antunes Cunha (1999) e Regina Zilberman (2005) que abordam as características de escrita de Monteiro Lobato, suas adequações ao tratar de um texto infantil, temas contemporâneos que valorizava a linguagem coloquial nacional e dessa forma impulsionou a literatura infantil brasileira.

**Palavras-chave:** Literatura infantil brasileira. Monteiro Lobato.

### RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo mostrar la importancia de la contribución de Monteiro Lobato en la Literatura Infantojuvenil brasileña y, para ello, será evidenciado cómo fue el surgimiento de la Literatura para los niños, cuál fue su función y sus principales escritores en la época del surgimiento hasta llegar en el ápice Nacional de la voz de Lobato. Se trillará un camino que se transforme por las construcciones de los vocablos y de las ideas de los primeros momentos hasta el estilo innovador lobatiano. Para aclarar estos hechos, se utilizaron las teorías de Lígia Cadermatori (2010), Nelly Novaes Coelho (2003),

<sup>1</sup> Graduanda de Letras Português e Espanhol pela Faculdade Pio Décimo (FPD).

<sup>2</sup> Especialista em Letras, Linguística e Literatura; Mestre em Literatura e Cultura. Além de cátedra em Literatura na Faculdade Pio Décimo (FPD), tem como linhas de pesquisa a prosa machadiana e a poética intertextual entre o medievo e o sertão em Elomar Figueira de Mello pelas trilhas da memória e das metáforas de saudade. Outrossim, faz parte do Projeto de Iniciação Científica (PIC) através do Núcleo de Estudos em Literatura do Curso de Letras (NELL) como orientadora da Linha de Pesquisa: Literatura, Regionalismo, Memória e Ensino.

Marisa Lajolo (1993-2007), Maria Antonieta Antunes Cunha (1999) y Regina Zilberman (2005) que abordan las características de escritura de Monteiro Lobato, sus adecuaciones al tratar de un texto infantil, temas contemporáneos que valoraba el lenguaje coloquial nacional y de esa forma impulsó la literatura infantil brasileña.

**Palabras-clave:** Literatura infantil brasileño. Monteiro Lobato.

### O SURGIMENTO DA LITERATURA INFANTIL

Surgida no século XVII com Fenélon (1651-1715), a literatura infantil nasceu justamente com a função de educar moralmente a criança. As histórias possuíam um enredo maniqueísta, como o fim de dividir claramente o bem e o mal, que o bem deveria ser aprendido e o mal totalmente desprezado. A maioria dos contos de fadas, fábulas e mesmo muitos textos contemporâneos incluem-se nessa tradição. A literatura infantil, é uma vertente da literatura geral que prioriza a escrita direcionada à determinada faixa etária, possui obras capazes de estimular o imaginário infantil e auxiliar na compreensão e na resolução de conflitos internos. Nascida de preocupações educacionais, quando se deu na necessidade de despertar na criança o gosto pela leitura e de deixar mais fácil o aprendizado em conhecimentos gerais, tudo dentro de uma representação da arte. Sua finalidade é a de se tornar um elemento emocionante, símbolo de aventura ou algo dramático, pelo efeito catártico nas crianças, tudo para despertar a imaginação e aguçar os pequenos leitores, além de servir como maior procedimento de ensino. Aliás, Coutinho fala no seguinte trecho:

A literatura é funcional. Não podemos, portanto, estudá-la dissociada do seu leitor, que é a sua razão de ser. Enquanto o escritor pode produzir emoções diferentes, e uma mesma situação ou um mesmo personagem ser interpretado diferentemente, no livro infantil tem destino marcado: recrear a criança, educando, se possível, e favorecendo o desenvolvimento de sua inteligência. (2004, p. 200).

O livro para a criança precisa ser um objeto de satisfação, fazendo com que ele crie amor pelo hábito de leitura e curiosidade pelas coisas, através do enredo e dos seus finais.

A leitura precisa ser fácil e necessita ser escolhido um enredo de simples compreensão, isso pela perspectiva tradicional. Nesse gênero literário, leva-se em consideração a ideia e o estilo, a idade e o desenvolvimento mental da criança ou do adolescente

Cunha (1999), diz que a literatura infantil começou a ter uma maior atenção no início do século XVIII, quando foi percebido que a criança possui características próprias e que são diferentes do adulto. Por causa disso, foi preciso criar uma educação diferenciada e voltada para o preparo da vida adulta.

De acordo com Lajolo e Zilberman (2007), algumas histórias foram consideradas como literatura e direcionadas à infância como as *Fábulas*, de La Fontaine, e os *Contos de Mamãe Gansa*, de Charles Perrault. Porém, o gênero teve problemas para ser legitimado por possuir um destinatário específico marcado pelo adjetivo infantil.

Segundo Cunha (1999), “no Brasil, como não poderia deixar de ser, a literatura Infantil tem início com obras pedagógicas e, sobretudo, adaptadas de produções portuguesas, demonstrando a dependência típica das colônias” (p. 20). Pode-se dizer que a literatura infantil brasileira teve início com Monteiro Lobato, com uma literatura centralizada em alguns personagens em especial.

Se no século XVII temos o francês Charles Perrault com suas coletâneas e lendas da Idade Média em adaptação; no século XIX, as vozes dos alemães irmãos Grimm, assim como o dinamarquês Christian Andersen, ao Brasil, desporto o bardo Monteiro Lobato, uma verve ideológica, crítica e sem importar soluções pré-fabricadas ou andar pelo ornado exótico nacionalista ufânico.

Em Lobato, não temos a ingestão passiva dos moldes europeus, temos inquietações em torno de um nacionalismo, um tom de conhecimento identitário, denúncia e, inclusive, advertência.

Cademartori (2010) lembra que em Lobato temos dois elementos até então negados: o leitor crítico e a consciência social das crianças, o que possibilitou um redimensionamento do presente a se pensar em uma prospecção de um futuro pela mente dos leitores, que passaram a ser compreendidos pelo olhar apurado da investigação partindo dos enredos.

Os primeiros passos dados no Brasil com Figueiredo Pimentel e Olavo Bilac se aprofundaram com Monteiro Lobato

### **MONTEIRO LOBATO, O CRIADOR DA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA**

166

Em uma carta enviada a Godofredo Rangel em 1916, Monteiro Lobato expressa sua vontade de escrever obras infantis e mostra a sua preocupação com as histórias direcionadas à leitura infantil, despertando também a necessidade de trabalhar uma linguagem que desperte o lado crítico da criança.

Ando com várias ideias. Uma: vestir à nacional as velhas fábulas de Esopo e La Fontaine, tudo em prosa e mexendo nas moralidades. Coisas para crianças. Veio-me diante da atenção curiosa com que meus pequenos ouvem as fábulas que Purezinha conta. Guardam-nas de memória e vão recontá-las aos amigos- sem, entretanto, prestarem nenhuma atenção à moralidade, como é natural. A moralidade nos fica no subconsciente para ir se revelando mais tarde, à medida que progredimos em compreensão. Ora, um fabulário nosso, com bichos daqui em vez dos exóticos, se for feito com arte e talento dará coisa preciosa. As fábulas em português que conheço, em geral traduções de La Fontaine, são pequenas moitas de amora do mato- espinhentas e impenetráveis. Que é que nossas crianças podem ler? Não vejo nada, Fábulas assim seriam um começo da literatura que nos falta. (LOBATO, 1912 apud VIEIRA, 1999, p.45).

Como vemos na citação acima, Lobato se mostrou motivado a escrever para o público infantil com histórias capazes de provocar o interesse e que estimulassem a imaginação da criança. Mas foi somente em 1920, com a publicação de *A menina do nariz arrebitado*, que o autor iniciou seu trabalho na literatura infantil, com um projeto tipicamente brasileiro criando um estilo próprio, acessível, agradável, trazendo determinado encanto em seus livros e com uma concepção estético-ideológico oposta às origens do gênero, que até então eram destinadas à instrução e formação da criança submissas ao poder adulto. Zilberman (2005):

Carl Jansen, Figueiredo Pimentel e Olavo Bilac são os desbravadores da literatura infantil brasileira. Praticaram, cada um ao seu modo, a lei de Lavoisier, conforme a qual nada se cria, tudo se transforma. Sem eles, talvez os livros nacionais para crianças demorassem a aparecer, mas “fé e orgulho” teremos em Monteiro Lobato, sucessor desse núcleo original, aquele que ainda hoje se lê e relê, graças ao patrimônio literário que legou. (2005, p.19).

Reforçando o que a autora fala, Monteiro Lobato destaca-se por ser o primeiro autor a apostar no intelecto das crianças, com a valorização da curiosidade e o poder de compreensão que elas possuem sobre determinados temas que antes eram tratados com exclusividade pelos adultos. Dessa forma, Lobato transformou a literatura infantil, que antes era uma ferramenta de dominação dos adultos e a reprodução de alguns valores e crenças, em uma motivação para reflexão, questionamento e criticidade.

As tradições pasteurizadas e moralistas pelas produções infantis foram substituídas pela inteligência e esperteza.

Ainda há a moralidade pelo texto, mas em Lobato ela aparece como uma verdade moral conforme a situação e como sinônimo de liberdade.

Dentre tantas inovações, devemos pensar ainda na questão de um herói não mais passivo, como percebemos em:

Ah, assim sim! Dizia ele. - Se meu professor ensinasse como a senhora, a tal gramática até que virava brincadeira. Mas o homem obriga a gente a decorar uma porção de definições que ninguém entende: Ditongos, fonemas, gerúndios. (LOBATO, 2009, p. 20).

Desse modo, verificando que a criança não é denominada pelo adulto e o protagonista é uma criança em ação, o que acaba por criar uma identidade com o leitor, além da oralidade como padrão narrativo.

Para Marisa Lajolo (1993), as obras de Monteiro Lobato possuem características adequadas à literatura infantil. O autor utiliza de um vocabulário muitas vezes distante da realidade infantil, mas mesmo assim, ele disponibiliza mecanismos de auxílio para a criança leitora compreender o texto. O escritor incluiu em suas obras temas contemporâneos, instigantes e, principalmente, adequados para a compreensão da criança. Com uma

linguagem original, criativa e impregnada de simplicidade, valorizava a linguagem coloquial brasileira e assim ele impulsionou a literatura infantil brasileira ao tratar de problemas sociais e dificuldades da época. Para Blazzio:

O Sítio do Pica Pau Amarelo expressa o Brasil sonhado por Monteiro Lobato, com as possibilidades de crescimento e modernização, onde reinam a paz, a sabedoria e a liberdade. Dona Benta, sua dirigente, é culta, liberal e democrata, modelo do político idealizado por Lobato para dirigir o país. Tia Nastácia é a representante do povo, em toda sua sabedoria intuitiva e tradicional e Tio Barnabé legitima o folclore – os domínios do inconsciente coletivo. (2013, p.26)

No mundo retratado em *O Sítio do Pica Pau Amarelo*, sua obra de maior destaque, os personagens principais são crianças inteligentes e aventureiras que possuem independência e liberdade para viverem da forma que bem entenderem e apreciar suas próprias experiências. Pedrinho e Narizinho são a representação de todas as crianças do mundo, ele representando a coragem, ela a determinação. São crianças que sempre estão correndo atrás de aventura e conhecimentos que ao lado da Emília, a boneca questionadora, e do Visconde de Sabugosa, o sabugo sabido, sempre vivem momentos divertidos e de extrema importância para seus conhecimentos. Outros personagens compõem o mundo aventureiro, como o Saci, O marquês de rabicó e a Cuca que fazem parte dos elementos a serem questionados pela moralidade, preguiças ou outras “deformidades”, assim tornam-se personagens que convidam as crianças para uma viagem pelo mundo das aventuras.

O sítio não é apenas o cenário onde a ação pode transcorrer. Ele representa igualmente uma concepção a respeito do mundo da sociedade, bem como uma tomada de posição a propósito da criação de obras para a infância. Nessa medida, está corporificando no sítio um projeto estético envolvendo a literatura infantil e uma aspiração política brasileira. (Zilberman,2005, p.56)

A respeito do mundo fantasioso de Monteiro Lobato, a autora fala que o escritor permitiu através de suas obras que os leitores fizessem reflexões acerca da realidade em

que vive, quando trouxe temas abordando as questões sociais, econômicas e políticas, permitindo a compreensão de forma reflexiva e crítica da sociedade.

Ainda para Zilberman, as crianças do sítio formam um modelo emancipatório, já que a estrutura familiar é incomum. Outrossim, não há o intermédio ou a coerção dos pais. Dona Benta, a avó, só age quando solicitada pelas crianças, ademais, os meninos encontram-se em férias, ou seja, sem a influência do autoritarismo escolar.

Quanto aos narrados, verificamos que há uma mistura de imaginação, ironia e onisciência, não há narrador de cartola e fraque com uma gramática em punhos. Dona Benta, inclusive, aparece em vários livros como a narradora adulta presente, mas após sua leitura, ela refaz, a sua maneira, os principais pontos do enredo, enquanto Pedrinho, Narizinho e Emília são ouvintes ativos e exigentes.

Monteiro Lobato foi, portanto, um autor que se mostrou compromissado com o seu tempo e com a luta por um Brasil mais moderno e assim se fez na literatura infantil. Transformou o ato de ler em algo prazeroso, mostrando que a literatura infantil “deve propor projetos de ação e estimular a consciência reflexiva e crítica de seus leitores, a fim de que eles encontrem a sua direção e tenham capacidade para encontrar um sentido para a vida.” (COELHO, 2003, p. 237).

Noutros termos, Lobato com suas personagens deu a vida ao Sítio ora como lugar edênico ora como um microcosmo do Brasil com metáforas e ambivalências típicas do contexto da época.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao voltarmos nosso olhar para os livros de literatura infantojuvenil, podemos perceber que ainda nos dias atuais os contos de fadas são os mais contados em sala de aula, dessa forma, ocupam um lugar muito significativo no imaginário infantil. Essas narrativas apresentam características culturais europeias, muitas vezes distante da realidade da criança brasileira.

A partir das análises e discussões feitas acerca da contribuição de Monteiro Lobato na construção de uma nova identidade na literatura infantojuvenil, foi confirmado que o

autor tem um papel de muita importância nesse gênero, pois, através dos seus livros literários e paradidáticos, o escritor criou uma escrita tipicamente brasileira para se trabalhar temas não somente sociais, mas também obras que servem como recurso para sala de aula.

170

### REFERÊNCIAS

BLAZZIO, Beatriz Rafante Mendes. Dimensão Simbólica em o sofá estampado, de Lygia Bojunga. 2013. Disponível em: 20 ISSN 2177-8868  
[http://www.repositorio.uniceub.br/bitstream/235/3888/1/MON%20LET%20BEATRIZ%20%2028.JUN.13\\_FINAL\\_corrigeida.pdf](http://www.repositorio.uniceub.br/bitstream/235/3888/1/MON%20LET%20BEATRIZ%20%2028.JUN.13_FINAL_corrigeida.pdf). Acesso em: 18/03/2018.

CADERMATORI, Lígia. **O que é literatura infantil?** SP: Brasiliense, 2010

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**. 3 ed. São Paulo: Ática, 2003. Série Princípios.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: teoria e prática**. 6 ed. São Paulo: Ática, 1999.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1993

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história e histórias**. São Paulo: Ática, 2007.

ZILBERMAN, Regina. **Como e porque ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

## **AS RESSIGNIFICAÇÕES SATÍRICAS DA HISTÓRIA PELO NARRADOR CASMURRO**

Tatiana Cíntia da Silva (PIC / NELL/ FPD)<sup>1</sup>

171

### **RESUMO**

O posicionamento do narrador machadiano pelo viés da ironia é de grande relevância para que se perceba que não cabe ao leitor analisar o "real" pertinente à obra, mas as relações desse enredo com a sociedade pela égide da crítica verossímil e resignificada do autor pela dramatização de Dom Casmurro. Outrossim, a sátira do escritor realista nos servirá como lastro para mostrar um paralelo entre o romance *Dom Casmurro* e a História de seu tempo através de suas personagens e dos acontecimentos do enredo, os quais vão se entrecruzar com alguns episódios que estavam se delineando no século XIX. Por esse motivo, será destacado no presente artigo todo um contexto sociocultural que se interliga às caracterizações das personagens, evidenciando questões como a religião, pensando na promessa de uma mãe que entra em "dívida" para com Deus; fazendo uma ponte entre o enredo verossímil à construção do Brasil Império; formação de família e pensamentos patriarcais, machistas e tradicionais de um narrador parcial perante o que nos conta. Propomos, desse modo, um diálogo com os teóricos Adorno (2003), Gledson (2005), Caldwell (2002), Iser (1983), Schwarz (2000) etc.

**Palavras-chave:** Brasil Império. Formação da família. Sátira. Sociedade.

### **RESUMEN**

El posicionamiento del narrador machadiano por la línea de la ironía es de grande relevancia para percibir que no le cabe al lector analizar a la "realidad" pertinente a la obra, pero la relación de ese enredo con la sociedad por la protección de la crítica verosímil y hecho un nuevo significado del autor por la dramatización de Dom Casmurro. Igualmente a la sátira del escritor realista que servirá para mostrarnos un paralelo entre el romance *Dom Casmurro* y la Historia de su tiempo a través de sus personajes y de los eventos del enredo, los que se van a entrelazar con algunos episodios que estaban delineandose en el siglo XIX. Por ese motivo, será destacado en este artículo científico todo lo contexto sociocultural que se interconecta a las caracterizaciones de los personajes, mostrándonos cuestiones como a la religión, pensando en la promesa de una madre que se queda en

<sup>1</sup> Especialista em Letras, Linguística e Literatura; Mestra em Literatura e Cultura. Além de cátedra em Literatura na Faculdade Pio Décimo (FPD), tem como linhas de pesquisa a prosa machadiana e a poética intertextual entre o medievo e o sertão em Elomar Figueira de Mello pelas trilhas da memória e das metáforas de saudade. Outrossim, faz parte do Projeto de Iniciação Científica (PIC) através do Núcleo de Estudos em Literatura do Curso de Letras (NELL) como orientadora da Linha de Pesquisa: Literatura, Regionalismo, Memória e Ensino.

“deuda” con Dios; haciendo un puente entre el enredo verosímil con la construcción de Brasil Imperio; formación de la familia y los pensamientos patriarcales, machistas y tradicionales de un narrador pasivo delante de lo que cuéntanos. Proponemos, de ese modo, un diálogo con los teóricos Adorno (2003), Gledson (2005), CaldWell (2002), Iser (1983), Schwarz (2000) etc.

**Palabras-Clave:** Brasil Imperio. Formación de la familia. Sátira. Sociedad.

## 1. AVE, MACHADO DE ASSIS!

*"Esta a glória, que fica, eleva, honra e consola."  
Machado de Assis*

Muito já fora escrito e falado sobre Joaquim Maria Machado de Assis. Críticos, acadêmicos e professores sempre estão a volver os olhos às obras do escritor famoso pelo estilo, crítica, retórica e rompimento aos modelos vigentes em sua época. Outrossim, desde o centenário de morte do autor realista<sup>1</sup>, as pesquisas têm crescido.

O Bruxo do Cosme Velho<sup>2</sup> teve notoriedade ainda em vida, a recepção da obra machadiana fora sempre polêmica tanto pelo caráter inovador, quanto pela lente crítica no aprofundamento das personagens machistas, patriarcais, fúteis, mentirosas e traidoras, inclusive da própria essência. Fruto do seu amadurecimento cultural e literário, o menino negro, pobre gago, epilético e de saúde fraca, – que um dia vendeu doces para ajudar à madrasta com a renda da casa – tornou-se o maior escritor das últimas décadas do século XIX no Rio de Janeiro<sup>3</sup> e se transformou no grande emblema literário dentro e fora do país até hoje.

Este artigo tem como foco exatamente o descortinar das relações humanas partindo pelo posicionamento satírico do narrador nada imparcial e de seus elos

<sup>1</sup> O autor nascido em 21 de junho de 1839, faleceu em 29 de setembro de 1908, ou seja, seu Centenário de morte foi em 2008.

<sup>2</sup> Epíteto do autor.

<sup>3</sup> Lembremo-nos de que foi exatamente nesse período que a corte do Segundo Reinado passou à capital da República, proclamada em 15 de novembro de 1889, encerrando a monarquia e, com isso, depondo o imperador Dom Pedro II.

familiares, religiosos, culturais e de suas interações com a sociedade de seu tempo, afinal, a Literatura inebria-se da História para construir atos verossímeis, ainda mais se tratando de uma obra Realista.

O presente estudo tem como corpus a obra *Dom Casmurro*<sup>1</sup>; porém, não nos valem de uma análise acerca da veracidade da traição de Capitu, mas do posicionamento do narrador e do grau de confiabilidade dos fatos narrados por este. Além desse ponto, será feito um paralelo entre a obra e a caracterização de uma sociedade fútil, delineando pontos como: a formação familiar, o Império e a religião.

## **2. UM OLHAR A PARTIR DO NARRADOR "DOM CASMURRO", NÃO MAIS ACERCA DA TRAIÇÃO DE CAPITU**

Capitu é a personagem feminina mais discutida entre os críticos, figura de mulher dependente e tendo ação própria dentro da narrativa, diferentemente do que ocorria com as heroínas do Romantismo, possuidora de um perfil forte, objetivo e decidido, aliás, pensa e decide por ela e seu marido. É inevitável não falar da grande dúvida em que o escritor deixa o leitor sobre o adultério de Capitu, o romance abre-se em um leque com opções a favor e contra o fato. Não se deve ainda deixar de lado, o sensualismo que marca a personagem, construída com a maior sutileza psicológica, mostrando o apelo sexual do comportamento de uma mulher ainda adolescente.

No entanto, afastemo-nos dessa vertente, pois não é o objetivo deste estudo. O que queremos é pensar na narrativa fazendo um paralelo entre questões acerca da confiabilidade de narrador-personagem e a retomada da trajetória de Bentinho pelo olhar paranoico do "Dom Casmurro". Então, o que falar de Bentinho?

---

<sup>1</sup> Obra publicada em 1899.

Narrador-personagem, é ele que retrata tudo e, a seu ver, como o próprio diz, (2003, p.30) tenta “atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência”.

Na verdade, o romance possui um grande enigma elaborado pelo mestre Machado de Assis e uma das chaves para destrinchar esse enigma é o fato da não confiabilidade do narrador, assim como ocorre em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o Casmurro envolve-se com o que conta. Devendo ser sobressaltado ainda a personalidade ciumenta e cruel de Bento ao ponto de destruir aqueles que ama, levando no mínimo suspeitas discutíveis em um leitor atento sobre o ponto medular do enredo.

Um fato curioso é que os narradores em primeira pessoa, tanto em Brás Cubas quanto em Dom Casmurro, acabam agradando intencionalmente a nós leitores e, com isso, simpaticamente convencendo-nos do seu ponto de vista com argumentos sutis, porém persuasivos. É por isso que segundo John Gledson (2005 p. 8-9) “[...] a (possível) inocência de Capitu levou tanto tempo para ser descoberta e, talvez, também por isso, foi descoberta por uma mulher”.

A mulher referida por Gledson é a professora americana Helen Caldwell e o livro em que ela rejeita a visão tradicional acerca do romance, é intitulado *The Brazilian Othello of Machado de Assis*<sup>1</sup> e isso ocorre já em 1960, de certo, pelo fator sociocultural, já que no contexto em que nos encontramos, dispomo-nos de um menor preconceito com a figura feminina, pois, apesar de o mundo ainda ser machista, as proporções estão a cada instante inferiores àquelas do século XIX e é exatamente esse afastamento que faz com que passemos a interpretar *Dom Casmurro* com novas perspectivas. A partir da proposta de releitura do romance sugerida por Helen, apontando Bentinho e não a esposa como problema central a

<sup>1</sup> Hoje já existe uma versão em português.

ser desvendado, o livro foi lido e relido tentando observar o que a escritora destacou, observando pela ótica de Bento, não pelas possíveis ações Capitu.

Provavelmente, por muitos e muitos anos, nem sequer foi cogitada a dúvida sobre o adultério de Capitu através dos críticos pelo fato de procurarem a verdade sobre esta, nela mesma e se esquecendo de proceder sobre a verdade de Dom Casmurro (Bento), seu ciúme, seu ressentimento e sua visão sobre a mulher.

Bento é, de fato, um enganador e tenta nos persuadir de uma dada versão e, talvez, por ser um bom enganador tenta persuadir a si mesmo; porém, vale ser lembrado ainda, que ele é também enganado, já que não pode estar consciente de alguns fatos de sua história.

Os questionamentos de Bento não são puramente destrutivos, já que a partir de suas análises passamos a conhecê-lo melhor e, também, conhecer mais de perto suas influências socioculturais, ou seja, curiosamente percebe-se que a "alma exterior" não é suficiente para Bento tecer suas frustrações e análises do seu eu interior. Valendo lembrar, outra vez, que ele se torna ao mesmo tempo manipulador e prisioneiro.

O que não pode ser esquecido na análise de uma obra machadiana é que ele não se aliou de fato a nenhuma "fórmula", embora seja o maior nome do Realismo brasileiro, o autor rompe não só com o romantismo exagerado, mostrando-nos a realidade da sociedade de sua época, como desconstrói as tipologias para se pensar no narrador realista. Dom Casmurro, ao narrar suas lembranças, não pode, como queriam os realistas, ser imparcial e objetivo. É por esse motivo que José Veríssimo evidencia a maneira singular das narrativas do autor, dizendo:

[...] sua índole literária avessa a escolas, a sua singular personalidade, que lhe não consentiu jamais matricular-se em alguma, quase desde os seus princípios fizeram dele um escritor à parte, que tendo atravessado vários momentos e correntes literárias,

a nenhuma realmente aderiu senão mui parcialmente, guardando sempre a sua isenção. (s.d, p. 416)

Outros fatos que devem ser questionados é se, como Bento diz, ele só começou mesmo a narrar sua história simplesmente porque sua vida estava monótona e tudo só passara mesmo de uma distração de velho, como se ele brincasse de cruzar as histórias das pessoas que viveram ao seu redor, como se cruzam palavras no cair da idade.

176

Por mais que o narrador-personagem passe a escrever realmente apenas por monotonia, essa atitude nos conduz a um motivo muito mais instigante, afinal, como ele relata, seu desejo é “atar as duas pontas da vida”. Assim, ele tenta restaurar no presente o passado, ou melhor, na velhice a adolescência. Logo, nada é tão simples como se tenta passar, a crueldade, por exemplo, não surge do nada e sai fluindo exacerbadamente, ou como menciona John Gledson:

Dom Casmurro não é um romance acerca da maldade pura, sem motivos, nem simplesmente uma série de retratos psicológicos ‘bem delineados’; é um romance sobre um grupo de pessoas que agem de acordo com a lógica de suas condições sociais e familiares. Uma vez compreendidas, bem como a maneira pela qual suas ações caminham juntas para qual o enredo, pode-se começar a enxergar algo do verdadeiro significado do romance. (2005, p.50)

De certo, o romance começa com um tema bem comum na literatura que é a história de dois jovens rebeldes e namorados que lutam por seu amor contra a repressão dos adultos (cap. I - LIV) fazendo com que muitos achem ser apenas mais um livro piegas, mas não paremos por aí, em um dado momento o “casal deixa de ser protagonista” (cap. LIV - CI) e abre espaço para o ciúme de Bento e, nesse processo, o caso de amor torna-se um processo de acusação e é nesse envolvimento que o leitor não mais consegue observar os fatos imparcialmente, sendo conduzido pelo narrador sem perceber e, é por isso, que não notamos que Dom Casmurro trata da observação de Bento e não do adultério de Capitu.

Bento, por exemplo, tendo em vista o fundo psicológico, é a figura mais complexa entre todas as personagens criadas por Machado de Assis e é exatamente por isso que John Gledson sugere que:

[...] Dom Casmurro demonstra um enorme envolvimento entre criador e criatura; e o fato de que Machado imaginou versões mais simples de Bento, pelo menos desde a época de seu primeiro romance, diz muito da orientação coerente que subjaz em todo experimento de Machado. (2005, p.83)

Como já foi mencionado, o grau de verossimilhança de *Dom Casmurro* com a sociedade de seu tempo é muito grande; portanto, há uma necessidade de extrapolar a observação sobre as personagens principais e partir para outros âmbitos também importantes na obra que, conseqüentemente, influenciaram nas ações de Bento e Capitu e no futuro fiasco do casamento deles.

### **3. UM PEQUENO PANORAMA SOBRE A ESTRUTURA FAMILIAR E A HISTÓRIA DO IMPÉRIO**

Em uma sociedade ainda patriarcal, o pai de Bento, o chefe da família, morre e ninguém tem pulso forte para assumir esse papel. Dona Glória, católica estremada e com a promessa de tornar seu filho padre, apenas cultiva o falecimento do marido e mimava o filho Bentinho, devendo ser ele o sucessor de chefe da família.

O tio Cosme, por sua vez, é sinônimo de preguiça e irresponsabilidade em pessoa; portanto, não serve para o "cargó". Prima Justina, apesar de ser parente, faz parte das pessoas que dependem da boa vontade dos demais e, assim, sendo uma subalterna, apenas um sinônimo de solteirona frustrada e maldosa.

Não nos esqueçamos de José Dias, indivíduo de posição paradoxal na família, agregado e de total dependência dos que o acolheram, fazendo parte do núcleo dos sem definição na sociedade do Segundo Reinado e apenas se tornando

um ser parasita. No entanto, tomando proveito da situação em que se encontravam os que o acolheram, começa a ter um papel essencial e influencia a todos; por isso, afirmamos que ele, desejando evitar o casamento de Bento e Capitu, por um motivo egoísta e sendo um ótimo observador dos fatos, de instante a instante recorda à dona Glória a promessa desta de fazer Bento padre e, de forma mascarada, diz defender os interesses da família, porém diferentemente do que diz, só defende seus próprios interesses, temendo a ascendência da futura esposa de Bento e seu protetor (Pádua) usa de artimanhas para superar o perigo. Enfim, de um modo geral, todos viviam do capital acumulado; logo, todos eram parasitas do Império.

Partindo dessa relação toda conturbada da família do narrador-personagem, podemos recapitular questões importantes que estruturavam as famílias do Segundo Reinado, o que se intensificam nas palavras de um dos críticos que mais estudou a obra machadiana ao articular que:

Esta estrutura familiar é o produto de um longo e fascinante desenvolvimento na obra de Machado, que vale a pena acompanhar e que põe *Dom Casmurro* sob uma perspectiva esclarecedora. É um adorável exemplo de como, pela deliberada escolha de desvios de norma, que a aparência atenua os efeitos. [...] a norma patriarcal continua a operar mesmo quando o pai é falecido: de fato, quando ele morre, as conseqüências são ainda mais destrutivas do que se ele fosse vivo. (GLEDSON, 2005, p.58)

Através da breve amostragem de como eram caracterizadas as personagens e suas representações no contexto do século XIX, reafirmando-se um mundo patriarcal, percebemos claramente que História e Literatura não se separam, pelo contrário, justificam-se. Com efeito, a Literatura vai ressignificar a realidade com a multiplicidade de significados que tem a palavra e em se tratando de uma obra realista, esse paralelo é mais próximo ainda. Sobre essa relação entre obra literária e realidade, Wolfgang Iser esclarece-nos:

[...] O texto ficcional contém muitos fragmentos identificáveis da realidade, que, através da seleção, são retirados tanto do contexto sócio-cultural, quanto da literatura prévia ao texto. Assim retorna ao texto ficcional uma realidade de todo reconhecível, posta, entretanto agora sob o signo do fingimento. (1983, p. 400)

Percebendo ser necessário; portanto, o paralelo entre realidade e Literatura, já que essa realidade é recortada para o mundo ficcional, tem-se uma necessidade maior que simplesmente mostrar a caracterização dos agregados às famílias, imagem recorrente no período, assim como ultrapassar a análise acerca das personagens que compõem a família de Bentinho. Devemos retornar ao perfil deste antes de fazermos um paralelo de sua vida com a de D. Pedro II. Contrariamente à personalidade vivaz, forte e marcante de Capitu, Bento é marcado como uma pessoa ingênua, insegura, filho único, órfão de pai aos quatro anos e superprotegido pela mãe; porém, ainda jovem, de acordo com o padrão da época, deveria assumir o papel de homem da casa e é nesse contexto que começamos a observar a relação existente entre o jovem Bentinho e o não tão menos jovem D. Pedro.

Podemos claramente fazer um paralelo direto entre Bento, o regime da época e, é claro, a D. Pedro II. Para tal analogia, é necessário embasar a questão de que ambos ao atingir a maioridade são, de certo modo, forçados a assumir uma responsabilidade a qual não estavam prontos. Há, ainda, críticos que atribuem certa influência das características do imperador na personalidade de Bento, como timidez, teimosia, desconfiança, aversão a montar cavalo etc. Além do que fora mencionado, notamos um fator bem curioso em relação ao apelido de Bento, - "Dom", que como é sabido, uma referência atribuída a fidalgos e mais, no século XIX, esse título era reservado apenas para os imperadores e para os padres.

Todavia, o fim primordial da sátira contida no romance é a instituição do Império e, assim, D. Pedro II é totalmente ridicularizado, lembrando que esse aparece na obra em formato de sonho (cap. XXIX) de Bento, tendo em vista que

se o Imperador pedisse à dona Glória para não obrigar Bentinho a ir para o seminário, ela seria persuadida e mudaria de conduta.

Não deve ser deixado em branco que, politicamente falando, o enredo e seu momento principal no romance situam-se de forma clara em 1871, devendo ser lembrada a formação do ministério Rio Branco e o processo de abolição da escravatura, assim como a descaracterização do tráfico negreiro e o fim do Império.

Voltando ao enredo, no entanto ainda com o elo da crise pela qual o Brasil passava, é necessário salientar que antes de Escobar – amigo de Bento e possível amante de Capitu – se afogar no mar, ele planejava uma viagem à Europa com sua esposa Sancha e seus amigos Bento e Capitu. Nesse panorama, associa-se esta como a primeira viagem do imperador, também para a Europa e no mesmo ano de 1881. Com relação à morte de Escobar, John Gledson (2005, p. 113), diz que a morte deste "... assinala a barreira entre duas épocas, uma de confiança e felicidade, e outra de dúvida angustiosa", transição pela qual o Brasil igualmente passava.

Pela mentalidade da época, um possível equilíbrio só seria dado com a união do nosso país com a Europa. Através do contexto sociocultural e do enredo, percebemos o seguinte: primeiro, a harmonia aparente da união entre Escobar e Bento, retratada através da viagem; segundo, no fim do romance, Capitu acaba indo para a Suíça; terceiro, José Dias, a personificação da hipocrisia, com a desculpa de levar Bento ao papa, quer mesmo é ir para a Europa; em quarto e último, não podemos esquecer-nos de dona Glória, que representa o conservadorismo e, portanto, não faz parte dessa ideologia, não vai à Europa.

Aproximando o romance *Dom Casmurro* à história do Império é válida, também, a comparação da amizade entre Sancha, Escobar, Bentinho e Capitu como a retratação do Primeiro Reinado e o fiasco dessa mesma amizade, caracterizado pelo rompimento através da morte de Escobar como o Segundo

Reinado. E mais, por que não identificar o encontro de Ezequiel – fruto de Bento e Capitu, renegado pelo primeiro, ou fruto da esposa traidora – e Bento como um encontro entre um Império moribundo e a ideologia de um novo mundo? Ou ainda fazer analogias e relacionar Ezequiel ao Terceiro Reinado, o qual jamais começou, partindo da ideia de José Dias, quando esse se refere ao filho de Capitu como “a terceira geração”?

#### **4. ALGUNS PRESSUPOSTOS SOBRE RELIGIÃO, CIÊNCIA E POLÍTICA**

A doutrina presente em *Dom Casmurro* é muito mais influente que o Humanismo presente em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, no entanto, observemos no romance a figura de Bento, que apesar de ter passado por um seminário, onde tem contato com os ensinamentos que nos conduz ao amor para com o próximo, é um ser egocêntrico e, de certo modo, não acredita em Deus, já que foge dos mandamentos do Senhor.

Entre outras presenças do Cristianismo, é válido citar a promessa de dona Glória em tornar Bentinho padre que, por sua vez, é uma espécie de eixo para o desenrolar do enredo e do relacionamento de Bento e Capitu, nitidamente mais uma ironia do autor, pois estávamos historicamente no ápice do Cientificismo e de um mundo empírico.

Outros fatos curiosos podem ainda ser citados como os “*dribles para com Deus*”, como sugere o capítulo XX – Mil Padre-Nossos e Mil Ave-Marias, como uma “metáfora capital”, de modo que o débito com Deus acaba subitamente como se estivesse colocando em xeque a compra do espiritual por algo material.

Escobar também é exemplo nesse perfil, já que ele consegue conciliar religião ao comércio, como o próprio relata. Ou ainda, na busca de resolver o que supostamente Deus fez, José Dias põe o papa como o solucionador do problema e Escobar, por sua vez, acha necessário apenas que o padre Cabral consulte o bispo

– economicamente mais viável – e/ou a mãe de Bento adote uma criança pobre para substituir um filho por outro na promessa. A obrigatoriedade de Bentinho ir ou não para o seminário é, na verdade, uma espécie de sacrifício em que o filho é levado pela mãe, por isso:

Existem indicações, das quais esta é uma, de que Machado de Assis encarava o enredo *Dom Casmurro* como uma parábola sinistra do sacrifício cristão, no qual a mãe, cuja influência nunca se dissipa de todo no livro, sacrifica o filho (eliminando sua esperança de progênie, ou o que dá no mesmo, sua crença na própria capacidade de ter filhos.) (GLEDSON, 2005, p.168-169)

Então, é como se este romance fosse uma obra baseada numa parábola da história cristã, visto que podemos equiparar a imagem de dona Glória à semelhança de Abraão, conduzindo seu filho Isaque ao sacrifício, sendo que este deve ser comparado a Bentinho sendo levado ao seminário.

Além disso, as lacunas do enredo e as nuances da História também se hibridizam pela forte influência católica. O burguês Rio de Janeiro do século XIX possuía ainda um Império fingidamente religioso e escravocrata, ou seja, o tempo real e o tempo imaginário, também dialogam na construção das metáforas religiosas, sempre pela égide da sátira social.

Enquanto os fios da memória de Dom Casmurro se constroem e remontam ao passado ora o relembro ora o recriando, temos um rememorar do período regencial de Dom Pedro II. Juntos, memória individual e memória histórica são construídas e desmoronadas, como fora a sociedade patriarcal, misógina e escravista. Ressaltemos que as relações entre o Imperador e Bento não são apenas pelos elementos já destacados, a religião também é uma fibra que os interliga.

Era natural, naquela época, que o Imperador como maior representante do poder econômico fortalecesse e apoiasse irrestritamente a Igreja Católica, no entanto, na década de 1870, isso fora abalado pela maçonaria. A imponência da igreja e dos representantes do governo sempre se assemelharam até então. A

coroação de Dom Pedro II, aos quinze anos, fora realizada na Capela Imperial em 1841 e isso era apenas mais uma maneira de exaltar o *status* de grandiosidade e nobreza, pois se ostentavam os eventos como grandes rituais políticos e religiosos.

O Rio de Janeiro, capital do Império, vivia a política e as conturbações do momento. Esses elementos são observados por Bento e mencionados pelo olhar, ao estilo adorniano (2003), pela excêntrica e individualidade mesquinhez.

Apesar disso, notemos outra vez a retratação dos primeiros passos da ciência contemporânea, pois Bento diz que enquanto passava com José Dias pelas ruas da cidade, encontraram com o Imperador, (2003, p.64) “que vinha da Escola de Medicina. O ônibus em que íamos parou, como todos os veículos; os passageiros desceram à rua e tiraram o chapéu, até que o coche imperial passasse”. Intriga-se, ainda, que embora o Imperador já estivesse com uma imagem ruim entre muitos moradores, visto não conseguir amenizar certos problemas, seu cortejo era recebido pelas pombas e “respeito” que lhe eram destinados apenas por ele ser um representante político, visto como superior, mais uma teia de aparências tanto dentro quanto fora do enredo.

No governo de Dom Pedro II, destacaram-se ainda as revoltas internas e externas, respectivamente a citar, a Revolução Farroupilha e a Guerra do Paraguai. A cena citada, no entanto, evidencia outro ponto do governo, o Imperador gostava e estimulava as ciências e a cultura e isso o aproximou da Faculdade de Medicina<sup>1</sup>, grande investimento da época.

Embora notadamente um estímulo acadêmico e de diminuição de mortos, já que antes existiam muitos barbeiros<sup>2</sup>, que tinham pouco ou nenhum conhecimento acadêmico trabalhando como médicos, não podemos dizer que o

<sup>1</sup> No enredo é chamada de Escola de Medicina. A *Faculdade de Medicina e Farmácia* fora criada por Dom João VI em 1808, hoje faz parte de Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A mesma foi a primeira instituição educacional de saúde do país, antes os médicos eram formados em Portugal.

<sup>2</sup> Nesse período, os barbeiros não apenas cortavam os cabelos como tiravam dentes e outros pequenos trabalhos médicos. Ficaram famosos por trabalhos malfeitos e que deixavam cicatrizes enormes.

mesmo era ocorrido com as mulheres. A medicina era para os homens, por isso poderia ser sonho de Bento, não de Capitu. Ela, por exemplo, não pôde sequer aprender latim, pois “não era língua de meninas”. O enredo de Machado de Assis evidencia exatamente esse machismo, o estímulo à medicina e aos estudos de línguas era dado a Bento e estimulado pela família, o que não deveria ocorrer com Capitu, mesmo ela sendo curiosa e sempre inquirindo conhecimento.

Por conseqüente, Machado acaba por expor em seu enredo não uma relação entre a mulher de Bento ter o traído ou não. Ele, na verdade, revela as calamidades culturais dos flagelos da sociedade oitocentista pelas ironias e fragmentações de uma narrativa memorialista e pela voz de um narrador Casmurro que, aparentemente, quer apenas contar as angústias pessoas, mas acaba por direcionar o leitor às dialéticas da História.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De maneira geral, o intuito deste trabalho não tomou como ponto questões unicamente voltados para o estilo retórico e/ou recursos da escrita de Machado de Assis e que fizeram deste um cânone. Nossa proposta foi pensar sobre certos princípios históricos que são configurados na obra analisada e, portanto, partir da compreensão das fraquezas e dilemas humanos vigentes no romance, pois ele: “[...] revela verdades de todos os tipos acerca do dinheiro, religião, sexo, família, política e relações pessoais, sobre uso de uma linguagem, da imagem e da metáfora.” (GLEDISON, 2005, p. 08). E, de forma breve, colocamos em evidência algumas dessas verdades, deixando como proposta a abertura para novas pesquisas e olhares; afinal, todo trabalho está aberto para novas perspectivas, assim como a obra *Dom Casmurro* pode ser ressignificada por outro pesquisador também “apaixonado” pelas obras machadianas.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ADORNO, T. **Posição do narrador no romance contemporâneo**. In: Notas de Literatura I. São Paulo: 34 Letras, 2003.

ASSIS Machado de. **Dom Casmurro**. São Paulo: Rideel, 2003.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2003.

CALDWELL, Helen. **O Otelo brasileiro de Machado de Assis**: um estudo de Dom Casmurro. São Paulo: Ateliê, 2002.

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. São Paulo: Global, 2004.

GLEDSON, John. **Machado de Assis: Impostura e Realismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. Tem alguém aí?, **Machado de Assis como você nunca viu**: Revista de História da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Ano 3, n26, p.14-19, set., 2008.

ISER, Wolfgang. Os atos de fingir ou O que é fictício num texto ficcional. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). **Teoria da literatura em suas fontes**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1983.

LE GOFF, Jacques et al. **Memórias – História**. Enciclopédia Emanidi. Lisboa: Imprensa Nacional/ casa da Moeda, 1984.

LOPES, José Leme. **A Psiquiatria de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Agir, 1974.

OLIVEIRA, Clenir Bellezi de. Realismo: Machado de Assis. **Literatura sem segredos**. São Paulo: Escala educacional, 2007.

PEREIRA, Lúcia Miguel -. **Machado de Assis: Estudo Crítico e Biográfico**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis**. São Paulo: Duas Cidades, 2000.



ISSN: 2359 1250

# VII SEMANA DE LETRAS

E SEMINÁRIO DE PESQUISA EM LINGUAGENS E PRÁTICA DOCENTE

A Base Nacional Comum Curricular e os Direitos e Objetivos de Aprendizagem

28, 29 e 30 de maio  
Auditório do Bloco C  
Campus Jabotiana

\_\_\_\_\_. **Que Horas São?** São Paulo: Schwarz LTDA, 2006.

VERÍSSIMO, José. **História da literatura brasileira.** Rio de Janeiro: Edelbra, (s.d).

186



**A IDENTIDADE DO SUJEITO PÓS-MODERNO EM *REPRODUÇÃO*, DE  
BERNARDO CARVALHO**Wagner dos Santos Guimarães<sup>1</sup> 187**RESUMO:**

Este artigo tem como objetivo analisar a obra *Reprodução*, de Bernardo Carvalho, através do personagem principal intitulado "estudante de chinês", ele contém traços do sujeito pós-moderno causado pelos fatores da contemporaneidade. Neste sentido, traçar uma análise com os estudos de Stuart Hall em torno da procura da identidade do sujeito contemporâneo, embasado na sua obra *A identidade cultural na pós-modernidade*. Fazendo relações com o sujeito pós-moderno e o protagonista do romance de Bernardo Carvalho.

**Palavras-chaves:** Identidade. Sujeito pós-moderno. Contemporâneo.

**RESUMEN:**

Este artículo tiene como objetivo analizar la obra *Reproducción*, de Bernardo Carvalho, a través del personaje principal titulado "estudiante de chino", él contiene tracciones del sujeto pos-moderno causado por los factores de la contemporaneidad. En este sentido, trazar un análisis con los estudios de Stuart Hal, en torno a la búsqueda de la identidad del sujeto contemporáneo, basado en su obra *La identidad cultural en la posmodernidad*. Haciendo relaciones con el sujeto pos-moderno y el protagonista de la novela de Bernardo roble.

**Palabras claves:** Identidad. Sujeto pos-moderno. contemporâneo.

O romance *Reprodução*, escrito por Bernardo Teixeira de Carvalho (1960), escritor premiado em seu livro *Mongólia*, recebeu o prêmio pela APCA (associação paulista dos críticos de artes), na edição de 2003, em 2004 obteve o Prêmio Jabuti, com a categoria romance em ambos. Em 2014, recebeu novamente o mesmo prêmio pelo romance *Reprodução*.

<sup>1</sup> Graduando em Letras Português/Espanhol pela Faculdade Pio Décimo e membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Docência (GEPED). E-mail: santttoswagner@gmail.com

O objetivo desse artigo é analisar o personagem principal, “o estudante de chinês” do romance *Reprodução*, ele é um indivíduo que não possui uma estrutura financeira estável, está a procura de oportunidades para progredir na vida. Torna-se estudante de chinês, pois segundo ele será a língua do futuro, que todos os indivíduos devem aprender, pois a china está expandindo o mercado internacional tornando-se uma grande potência econômica.

A obra contém três capítulos intitulados “a língua do futuro, a língua do passado e a língua do presente”. São capítulos que não possuem parágrafos, fazendo que seja um monólogo constante, o trama ocorre quando o estudante vai viajar para China. No momento que está fazendo o check-in ele encontra com a sua ex-professora de chinês Liuli, durante a conversa chega um policial que empurra o estudante e prende a professora, nesse instante ela fala alguma coisa em chinês, porém ele não compreende, mesmo estudando vários anos o idioma.

Na obra de *Reprodução* Bernardo Carvalho cria o personagem principal um crítico desenfreado que faz diversas discursões, porém não busca nenhuma solução, ele se diz que é um blogueiro, uma pessoa que tem contas em redes sociais e com elas em torno de segundos, milhares de pessoas tem acesso em sua a suas críticas e informações. Em toda a narração ele fala sobre a sua vida pessoal, o sistema que a toda a sociedade segue, a homossexualidade, o preconceito racial, intolerância religiosa entre outros assuntos que são comentados pelos meios de comunicação.

O jovem estudante de chinês é extremamente preconceituoso em seus discursos, a todos os momentos, essa é uma forma que o escritor indiretamente fala sobre nós. Percebemos que em suas falas ele faz uma problematização sobre determinado tema, de repente ele já passa para outro, não buscando nenhuma solução, apenas ele transmite informações, não as analisando e muito menos refleti-las.

Ele é um indivíduo que faz discursões sobre todos os temas, mesmo não sabendo todos os fatos que ocorreram de fato, como percebemos na narração.

Na china, não tem direitos humanos, certo? Ser humano não existe na China. Como categoria, digamos assim. Mas e se no país dos Direitos Humanos eles elegem o candidato de extrema direita pra presidente? E aí? Já pensou? O senhor não me diga agora. (CARVALHO, 2009, p. 33)

O personagem principal é um sujeito pós-moderno, segundo o estudioso Hall (2000), diz que esse sujeito é a transformação perante a sociedade, a sua identidade é criada através de contato e influência da atualidade, sobre o sistema vigente, não é considerada biológica, mas sim algum histórico da atualidade do indivíduo. Podemos perceber essa característica durante toda a narração, o sujeito considera-se um crítico por ter meios de conectar instantaneamente com o mundo.

O estudante de chinês considera um crítico em que ele tem capacidade de participar de qualquer discursões sobre física, política, religião, economia e etc. Todas as críticas que constrói ele considera que está havendo uma repercussão positiva é através de curtidas nas redes sociais. Podemos perceber na narração:

Eu também tenho tenho blog. Estou no Facebok. Tenho muita opinião. E seguidores. O endereço é fácil. Não quer? Tudo bem, não precisa anotar. Tenho milhares de amigos e seguidores. Mais um, menos um, pra mim tanto faz. Mas, vou dar minha opinião mesmo. Meu direito de cidadão. (CARVALHO, 2013, p. 33).

O personagem principal não tem uma estabilidade em relação as suas críticas, pois ele estável, não tem um ponto fixo em uma ideia, muda de repente sua opinião, não possui uma essência que seja permanente ou própria, ele se modifica constantemente.

O estudante de chinês não fixa uma ideia em relação aos seus comentários, para ele tudo tem que ser instantâneo através das redes sociais, ele pode se conectar com o mundo em torno de segundo. Com esse poder de informação considera que tem o dever de transmitir tudo o que ele pensa, mesmo não sabendo todos os fatos de uma determinada situação, o importante são as curtidas nas redes sócias. Segundo o estudioso Hall, o estudo de chinês é um individuo um sujeito pós-moderno, pois é a construção da sociedade contemporânea, essa identidade foi criada através da globalidade, entre as diversas informações instantâneas, vejamos o que o teórico comenta.

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas - desalojadas - de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem "flutuar livremente" (HALL, 1999, p. 75).

Esse sujeito não consegue de maneira nenhuma ter propriedade no que dizem, as informações são desenfreadas, logo, não consegue fixar o seu pensamento em algum. Ele procura uma identidade que seja própria, tenta encaixar em grupo através das redes sócias, porém essa procura é ambígua, pois esse sujeito é contraditório em todas as opiniões que ele emite.

A principal característica do sujeito pós-moderno é o instantâneo, o individuo tem a preocupação do que seja durável. O que importa para ele é o agora, em que o momento seja único, não havendo nenhuma preocupação com tempo. Como afirma o teórico Bauman.

A instantaneidade (anulação da resistência do espaço e liquefação na materialidade dos objetos) faz com que cada momento pareça ter

capacidade infinita; e a capacidade infinita significa que não há limites ao que se pode ser extraído de qualquer momento – por mais breve e “fugaz” que seja. (BAUMAN, 2001, p.145)

191

Em toda a narração o estudante de chinês emite comentário em diversos temas, à obra não contém nenhum parágrafo. Ele não possui solidez que ele diz, ou seja, um sujeito que não possui propriedade no que ele mesmo produz, podemos perceber em um trecho do romance:

Gay? Eu? Gay é a puta que pariu! Quem disse que perguntar não ofende?! Só porque não quero ter filhos? [...] Como, que loucura é essa?! Eu? Eu disse!? Dei a entender? Puta que pariu! E o que é que o senhor quer que eu diga?! Preferia nascer morto ou aleijado a nascer gay! Até nascia preto se precisasse, mas gay?! (CARVALHO, 2013, p. 135-136).

Nesse trecho podemos perceber que é um discurso extremamente homofóbico, em que o personagem principal produz, é um discurso produzido por diversos sujeitos da sua atualidade, essa característica que o indivíduo possui é um aspecto da contemporaneidade. Bernardo Carvalho em seu romance podemos notar que ele aborda diversos temas contemporaneidade.

A contemporaneidade faz a criação desse sujeito pós-moderno, através dos fatores da globalidade com as informações desenfreadas. Com a falta da solidez dos valores na sociedade, a formação do indivíduo fica cada vez mais difícil. Os indivíduos absorvem culturas, ideias, e valores de diversas culturas, porém, esse contato para quem não tem uma formação ideias estabelecidos, os valores tornam-se contraditórios, fazendo com que o indivíduo não tenha o tenha uma identidade sólida, como comenta o estudioso Santos.

O pós-modernismo é um ecletismo, isto é, mistura várias tendências e estilos sob o mesmo nome. Ele não tem unidade; é aberto, plural e muda de aspecto se passamos da tecnociência para as artes plásticas, da sociedade para a filosofia. Inacabado, sem definição precisa, eis por que as melhores cabeças estão se batendo para saber se a “condição pós-moderna” – mescla de purpurina em circuito integrado – é decadência fatal ou renascimento hesitante, agonia ou êxtase (SANTOS, 2006, p.18).

Um dos processos da construção do sujeito pós-moderno é através das tecnologias das redes sociais como o facebook, instagram e twitter. Os jovens que são usuários dessas redes sociais com elas transmitem diversas críticas, faz repercussão de algum determinado assunto.

Esses fatores do sujeito pós-moderno, torna-se o indivíduo com enormes dificuldades para que ele possa encontrar uma identidade, pois ele não consegue assimilar tudo que está a sua volta fazendo que sofra diversos problemas na procura de uma identidade, como comenta o estudioso Brauman.

O anseio por identidade vem do desejo de segurança, ele próprio um sentimento ambíguo. Embora possa parecer estimulante no curto prazo, cheio de promessas e premonições vagas de uma experiência ainda não vivenciada, flutuar sem apoio num espaço pouco definido, num lugar teimosamente, perturbadoramente, “nem-um-nem-outro”, torna-se a longo prazo uma condição enervante e produtora de ansiedade (BAUMAN, 2005, p. 35)

O sujeito pós-moderno, tem como característica de fazer reproduções que contém nas mídias, sem fazer uma análise do que está sendo comunicado o próximo. O personagem principal da obra de Bernardo carvalho, é a figura da atualidade das

reproduções online do fruto da contemporaneidade através das mídias e das ferramentas das tecnologias.

Por fim, o Romance *Reprodução* do carioca Bernardo Carvalho, foi possível fazer a análise do sujeito pós-moderno através do personagem principal intitulado "estudante de chinês". Por meio da narrativa é perceptível que o indivíduo não possui uma solidez na sua identidade, ele faz diversas discussões, contudo não buscando a luz.

O mundo da tecnologia é possível que tenha a junção de diversas culturas presentes nelas, contudo essas formas de tecnologias são produzidas sem nenhuma solidez, fazendo com que o indivíduo mudem de pensamentos instantâneos.

A obra faz com que o leitor possa perceber os malefícios que a contemporaneidade através da globalidade faz a criação do sujeito pós-moderno. Bernardo Carvalho através da sua obra, possibilita a reflexão das atitudes dos indivíduos da atualidade, pois, os indivíduos contemporâneos não possui valores de apenas uma cultura, ele absorve de diversas, entretendo, a grande consequência é o sujeito pós-moderno.

### **Referência:**

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

CARVALHO, Bernardo. **Reprodução**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

SANTOS, Jair F. dos. **O que é pós-moderno**. São Paulo, Brasiliense, 1986.

## RESUMOS

194

### ILUSTRAÇÃO E SENTIDOS: EFEITOS DA ILUSTRAÇÃO NOS LIVROS DE LITERATURA INFANTIL



Adriana dos Santos Reis  
Bruna Lopes silva de Souza<sup>1</sup>  
Jéssica Neuma Lopes Oliveira  
Marleide Gomes São Mateus  
Márzio Silva Cardoso  
Mayse Caroline Souza Santos  
Nayara de Jesus Santos  
Rita de Cássia dos Santos Leite  
Tatiane Neres Gomes  
Thalia Silva de França

Orientador: Prof. Me Jackson Francisco de Santana<sup>2</sup>

Segundo (Costa p.68, 2007), "entre as linguagens não verbais sobressai à imagem, considerada hoje inseparável do texto em palavras no livro de literatura infantil." A ilustração é um elemento importante nos livros infantis, visto que traz uma interação entre leitor e texto, para um melhor entendimento. Afinal, ele é quem dá imagem, cor e formas à ideia do texto, ou até mesmo conta uma história por meio das ilustrações. Os livros de imagens, em forma de narrativa não verbal, ou seja, livros que contam histórias através da linguagem visual, de imagens que "falam" por si, dispensando o narrador, é um recurso bastante utilizado nas séries iniciais do Ensino Fundamental. As editoras investem bastante nestes livros de ilustrações que atraem principalmente os olhares curiosos das crianças de forma que determinadas histórias sejam contadas através de fotos, desenhos e de diversas figuras, onde a imagem é um recurso de suma importância. As imagens sempre se fazem presentes na inserção da leitura na vida das crianças, com o intuito de que elas façam sua leitura visual e acabem se encontrando pelo que está vendo. Os personagens das ilustrações da literatura infantil têm quase sempre as mesmas características. Os maus são, em sua maioria, bruxa, gigantes, monstros terríveis com aparências feias e repulsivas, já os bons e ricos são as fadas, as princesas, as

<sup>1</sup> Acadêmicos do 2º Ano do Curso de Pedagogia da Faculdade Pio Décimo.

<sup>2</sup> Mestre em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Professor do Curso de Letras Português e Espanhol da Faculdade Pio Décimo e Professor do Curso de Pedagogia da Faculdade Pio Décimo.

mocinhas quase sempre loiras, corpo esbelto, de aparências agradáveis, tornando, assim, uma aproximação dos leitores das histórias sem texto, pois fazem assim a literatura se aproximar do leitor. Mas devemos analisar as ilustrações com cuidado, pois nem sempre as pessoas têm o estereótipo das personagens, evitando, assim, alguns preconceitos.

Palavras-chave: Contação de história. Ilustração. Leitura. Literatura infantil

## **A FORMAÇÃO DOCENTE NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO BIOCÊNTRICA**

Adryana Siqueira Barreto <sup>1</sup>  
Edelfrancla Gomes dos Reis <sup>2</sup>

A melhoria da qualidade do ensino-aprendizagem requer excelentes professores/educadores que sejam comprometidos com os saberes e as experiências adquiridas através das vivências. Deste modo, o escopo deste artigo vem discutir o paradigma formativo de professores a partir de reflexões acerca dos conceitos de ensino-aprendizagem voltados para a inserção do referencial biocêntrico como base epistemológica da formação da Educação Básica. A indagação que direciona essa reflexão quer analisar: quais os aspectos axiológicos e epistemológicos presentes na formação profissional oferecida dentro das universidades que podem reconstituir nos posicionamentos de educadores e as educadoras em desenvolvimento técnico, concepções que restauram na sociedade contemporânea resoluções de conflitos econômicos, sociais, culturais, políticos e condutas que impeçam a putrefação das relações humanas. Com isso, foram analisados três fatores: os referenciais valorativos e teóricos dos professores da instituição INCA – Instituto Capital Educação Infantil e Fundamental, a importância das universidades como parte integrante de uma sociedade contemporânea e a indicação de como os referenciais biocêntricos contribuem nas práticas formativas e educativas na Educação Básica. O método de estudo foi baseado em pesquisas

<sup>1</sup> Especialista em Magistério Superior (UNIT). Especialista em Gestão Escolar: pedagogia empresarial (FSLF). Graduada em Turismo (UNIT) e Pedagogia (FSLF). Coordenadora Pedagógica da Educação Infantil/ Fundamental I e II do INCA – Instituto Capital. Integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa em Docência – GEPED/FPD. E-mail: drydry7@hotmail.com.

<sup>2</sup>. Especialista em Gestão Escolar e Educação Empresarial pela Faculdade Jardins. Graduada em Pedagogia pela (FSLF). Integrante do Núcleo de Estudo, Extensão e Pesquisa em Inclusão Educacional e Tecnologia Assistiva – NUPITA/UFS e do Grupo de Estudo e Pesquisa em Docência – GEPED/FPD. E-mail: frangomes02@gmail.com

bibliográficas e observações no comportamento dos professores na comunidade escolar da instituição mencionada. . A pesquisa está fundamentada em autores que vislumbram o tema como: Boff, Cavalcante, Gonsalves, Flores, Freire, Toro, entre outros. Como resultados das observações, evidenciamos que o antropocentrismo está muito presente nas interpretações e ações docentes da instituição em questão. Nesse contexto, observamos a importância de uma boa formação profissional oferecida dentro das universidades que deve pautar princípios centrados na valorização da vida, contribuindo de forma qualitativa na transformação de uma sociedade antropocêntrica para biocêntrica. Dessa forma, o estudo é proeminente para pedagogos, acadêmicos e profissionais da educação, pois aborda a valorização afetiva e a integralidade do ser.

**Palavras-chave:** Educação Biocêntrica. Escola. Formação Docente. Papel da Universidade.

### RESUMEN

La mejora de la calidad de la enseñanza-aprendizaje requiere excelentes profesores / educadores que se comprometen con los saberes y las experiencias adquiridas a través de las vivencias. De este modo, el alcance de este artículo viene a discutir el paradigma formativo de profesores a partir de reflexiones acerca de los conceptos de enseñanza-aprendizaje orientados a la inserción del referencial biocéntrico como base epistemológica de la formación de la Educación Básica. La indagación que dirige esta reflexión quiere analizar: cuáles los aspectos axiológicos y epistemológicos presentes en la formación profesional ofrecida dentro de las universidades que pueden reconstituir en los posicionamientos de educadores y las educadoras en desarrollo técnico, concepciones que restaura en la sociedad contemporánea resoluciones de conflictos económicos, sociales, culturales, políticos y conductas que impidan la putrefacción de las relaciones humanas. Con ello, se analizaron tres factores: los referentes valorativos y teóricos de los profesores de la institución INCA - Instituto Capital Educación Infantil y Fundamental, la importancia de las universidades como parte integrante de una sociedad contemporánea y la indicación de cómo los referentes biocéntricos contribuyen en las prácticas formativas y educativas en la Educación Básica. El método de estudio se basó en investigaciones bibliográficas y observaciones en el comportamiento de los profesores en la comunidad escolar de la institución mencionada. . La investigación está fundamentada en autores que vislumbran el tema como: Boff, Cavalcante, Gonsalves, Flores, Freire, Toro, entre otros. Como resultados de las observaciones, evidenciamos que el antropocentrismo está muy presente en las interpretaciones y acciones docentes de la institución en cuestión. En este contexto, observamos la importancia de una buena formación profesional ofrecida dentro de las universidades que debe pautar principios centrados en la

valoración de la vida, contribuyendo de forma cualitativa en la transformación de una sociedad antropocéntrica para biocéntrica. De esta forma, el estudio es prominente para pedagogos, académicos y profesionales de la educación, pues aborda la valoración afectiva y la integralidad del ser.

Palabras clave: Educación Biocéntrica. Escuela. Formación docente. Papel de la Universidad.

## FONÉTICA E FONOLOGIA: DIALETOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Alexsson Keven Mota Silva<sup>1</sup>

Alisson Soares de Almeida

Gleison da Silva Santos

José Laércio Costa Santos Júnior

Lara Mirelly de Oliviera Alves

Luciano Neves Santos

Suellen da Conceição Sá

Orientador: Jackson Francisco de Santana<sup>2</sup>

De acordo com SILVA, (2017), sabe-se que a comunicação verbal, que se dá por meio de uma determinada língua, requer um conhecimento que transpassa a própria língua. Se duas pessoas, falantes de uma mesma língua, começam a interagir por meio de uma conversação, certamente, os envolvidos criam imagens do que se conversa e, conseqüentemente, da outra pessoa, quase que instintivamente. A partir da conversação, podemos definir se um indivíduo é falante nativo ou não de uma determinada língua. O falante nativo pelo fato de ter aprendido tal língua como a primeira ou língua materna apresenta melhor fluidez na compreensão, dicção e construção de frases, enquanto o falante estrangeiro apresenta características específicas de sua língua materna as quais se manifestam na língua que aprendeu posteriormente, considerada como segunda língua. Entretanto, vale ressaltar que os falantes, de modo geral, prestigiam ou estigmatizam determinadas variantes regionais de uma dada língua, considerando o modo como as sequências sonoras são pronunciadas. Assim, temos variantes de prestígio e variantes estigmatizadas. Neste sentido, pretende-se demonstrar a

<sup>1</sup> Acadêmicos do 2º Ano do Curso de Letras Português e Espanhol da Faculdade Pio Décimo (FPD).

<sup>2</sup> Mestre em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Professor do Curso de Letras Português e Espanhol da Faculdade Pio Décimo e Professor do Curso de Pedagogia da Faculdade Pio Décimo.

variação do português do Brasil, por meio da apresentação de amostras de dialetos brasileiros, disponíveis no banco de dados do laboratório de Fonética e Fonologia da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais). Utilizando-se a plataforma digital do referente laboratório, far-se-á a coleta de amostras de fala dos participantes e visitantes da VII Semana de Letras da Faculdade Pio Décimo.

**Palavras-chave:** Dialetos do Brasil. Fonética articulatória. Fonologia. Português brasileiro.

### **A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Amanda Ferreira dos Santos Meneses  
Cledja Gomes da Silva  
Cleidiane de Jesus Silva  
Lívia Menezes de Oliveira  
Nedija dos Santos Meneses  
Marcos Vinícius Barros Siqueira  
Rodrigo dos Santos Mendonça  
Rosivania Santos Cardozo

Orientador: Prof. Me Jackson Francisco de Santana<sup>1</sup>

A contação de história não é uma prática recente. Mateus (2014) apresenta-a como algo intrínseco ao surgimento do homem há milhões de anos. A autora trás a atividade de contar histórias como algo fundamental, de transmissão de valores. Sua atuação tem caráter decisivo na formação e desenvolvimento do ensino-aprendizagem. A contação, enquanto prática pedagógica, caracteriza-se como porta de entrada para o mundo da leitura e literatura infantil; ao contrário de como é introduzido comumente nas escolas, como meio para um fim, a leitura e a literatura ao ser inserida apenas pelo ato de ler, é feita puramente por deleite. Machado (2015), reafirma a importância do processo de contação para a alfabetização e letramento nas séries iniciais, já que vai ser através desta que o mundo da escrita será apresentado para as crianças. Adiante esses aspectos pedagógicos podemos destacar os subjetivos. Segundo Machado (2015), ler e contar histórias é suscitar o imaginário, encontrar novas ideias, desvendar conflitos

<sup>1</sup> Mestre em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Professor do Curso de Letras Português e Espanhol da Faculdade Pio Décimo e Professor do Curso de Pedagogia da Faculdade Pio Décimo.

e impasses da narrativa comuns no cotidiano. O professor deve fomentar o aluno a ingressar no mundo das descobertas, do estímulo à criatividade, da imaginação. O resultado será a formação de leitores críticos e que sentem prazer com leitura. A contação, segundo Abramovich (1997) nos permite viver daquilo que a narrativa propõe de forma ampla "é o ouvir, sentir e enxergar com olhos do imaginário". Nesse sentido, pretende-se demonstrar formas de trabalhar a contação de história para alunos da educação infantil com vistas a fomentar a prática da leitura em sala de aula.

**Palavras-chave:** contação de história, educação infantil, leitura e literatura infantil.

### **SIMETRIA PROFESSOR-ALUNO: RELACIONAMENTO CRUCIAL PARA O DESENVOLVIMENTO DO ENSINO-APRENDIZAGEM EM LINGUAGENS**

Anne Carolyne Lopes Santos<sup>1</sup>

O artigo desenvolve a partir da perspectiva das pesquisas feitas em três escolas (uma estadual e duas particulares) sobre as disciplinas de linguagens em relação às outras e como os próprios discentes e docentes lidam com as situações e problemáticas educacionais diárias. De acordo com alguns teóricos da educação, as soluções para simetrizar a relação professor-aluno nas escolas. Baseada nas tendências pedagógicas freirianas, esse trabalho visa promover questionamentos sobre que tipo de relação que os profissionais da educação, especificamente da área de linguagens, vêm desenvolvendo com seus discentes. De acordo com a pesquisa, foi observado que a maioria dos alunos tendem a desenvolver melhor cognitivamente em uma disciplina quando possuem uma relação agradável com seus docentes. Entretanto, há outros parâmetros que contribuem para a simpatia ou o interesse do estudando. Desse modo, foi perceptível que além da influência comportamental direta e indireta com aluno, a didática utilizada, e com ela o alcance do seu objetivo diário nas aulas (o que essa didática pretende para o desenvolvimento?), e o domínio do conteúdo são fatores de suma importância para que problemas enfrentados em sala de aula, como a falta de interesse, antipatia pela disciplina, a crença de que as disciplinas referente à linguagens (Português, Literatura e Redação) são mais "difíceis" devido a não compreensão dos textos, e

<sup>1</sup> UFS ( Formada em Vernáculos-2014), Pós-graduada em Língua Portuguesa e diversidade linguística (Faculdade São Luís), Professora de Língua Portuguesa, Literatura e Redação

até mesmo dos próprios conteúdos exigidos tanto nas instituições escolares quanto nos vestibulares entre outros, sejam desconstruídos e resolvidos para melhor contribuição social, cultural, política e inclusive cognitiva para nossa sociedade, pois a educação é a base de todo progresso humanitário.

200

**Palavras-chave:** Didática; conteúdo, aluno, professor, relação, simetria.

## **A METÁFORA ZOOMORFOLÓGICA NA POÉTICA DE BANDEIRA**

Bruno das Chagas Oliveira  
Dalila Matias Silva  
Dhenyfa Rafaela Santos Campos

No referente trabalho será ressaltada a metáfora presente na poesia de Manuel Bandeira. A pesquisa será baseada no conceito da temática, dando ênfase no poema "O Bicho", o qual faz parte da terceira fase do Modernismo. O mesmo, além de possuir características marcantes da fase modernista em que foi publicado, como o retorno da valorização da métrica, e inovação linguística, também possui algumas características da segunda fase de tal movimento literário, tais como o uso de versos brancos, linguagem coloquial, e tratamento de assuntos de cunho social, cultural e econômico. No poema, a metáfora é feita por meio de zoomorfização, destacando as ambiguidades entre uma pessoa em condição de miserabilidade com um cachorro, um animal. Visto isso, tais pressupostos serão tratados como instrumentos de estudo.

**Palavras chave:** Manuel Bandeira. Metáfora. Zoomorfização.

## **A IMPORTANCIA DO USO DE MÚSICA NAS AULAS DE LÍNGUA ESPAÑHOLA**

Caionara Mangueira dos Santos<sup>1</sup>Luíza Anália Vieira Santos<sup>2</sup>Rafaela Teles de Oliveira<sup>3</sup>Orientadora: Cláudia Laís Costa da Silva Campos<sup>4</sup>

201

A música é um instrumento facilitador da aprendizagem, por ser uma mídia e um gênero textual de fácil acesso e que dependendo da escolha do professor pode abordar vários assuntos. O objetivo desse trabalho é investigar a importância do uso da música nas aulas de língua espanhola. O trabalho aponta um estudo experimental com os alunos do ensino médio do Colégio Estadual John Kennedy, uma escola pública situada no Bairro Getúlio Vargas em Aracaju. A música foi empregada com a finalidade de facilitar o ensino de língua espanhola, já que ela está presente na vida dos jovens diariamente. Diante do que foi exposto, concluímos que a música é muito importante para o ensino de língua espanhola, pois ela torna a aula mais lúdica, facilitando o desenvolvimento da aprendizagem estimulando conhecimento dos alunos sobre os temas abordados.

**Palavras-chaves:** Música, alunos, aprendizagem, conhecimento.

FACULDADE  
PIO DÉCIMO

<sup>1</sup> Graduanda do curso de licenciatura de letras português e espanhol da Faculdade Pio Décimo. E-mail: <caionarasts@gmail.com>

<sup>2</sup> Graduanda do curso de licenciatura de letras português e espanhol da Faculdade Pio Décimo. E-mail: <luizaanalía21@hotmail.com>

<sup>3</sup> Graduanda do curso de licenciatura de letras português e espanhol da Faculdade Pio Décimo. E-mail: <telesrafaela20@gmail.com>

<sup>4</sup> Graduada em letras português vernácula, especialista em teorias e práticas do texto, mestre em educação e comunicação, professora adjunta da Faculdade Pio Décimo.

## O REGIONALISMO CRÍTICO EM O CABELEIRA

Carlos Henrique (PIC / NELL / FPD)<sup>1</sup>Orientadora: Tatiana Cíntia da Silva (PIC / NELL/ FPD)<sup>2</sup>

202

O presente trabalho tem como objetivo analisar o livro regionalista *O Cabeleira*, de Franklin Távora, tendo como foco as relações entre as linhas do Romantismo e do Realismo, períodos literários presentes na obra. O Romantismo surge como ápice no entorno amoroso de Luisinha e José Gomes, cognome "O Cabeleira"; o Realismo, por sua vez, pela linguagem objetiva e seca do enredo. Outrossim, nossa meta é compreender como são delineados a paisagem, o povo, o linguajar e o *status quo* da cultura nordestina e das vivências na região, principalmente pelas "sagas" e atrocidades no Estado de Pernambuco, século XVIII, cometidas pelo protagonista.

**Palavras chaves:** Regionalismo. Entorno amoroso. Cultura nordestina. Vivências.

## FONÉTICA E FONOLOGIA: FONÉTICA ARTICULATÓRIA

Carlos Henrique Silva Santos;

Elson Matias de Sá;

Hellen Roberta Reis Caduda;

Isaque de Jesus Santos;

Jane Kelly de Santana Silva.

Orientador: Jackson Francisco de Santana<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Graduando do curso de Letras Português/Espanhol da Faculdade Pio Décimo (FPD), aluno e pesquisador do Projeto de iniciação Científica (PIC) através do Núcleo de Estudos de Literatura do curso de Letras (NELL), Linha de Pesquisa: Literatura, Regionalismo, Memória e Ensino, orientado pela professora Mestra Tatiana Cíntia da Silva.

<sup>2</sup> Especialista em Letras, Linguística e Literatura; Mestra em Literatura e Cultura. Além de cátedra em Literatura na Faculdade Pio Décimo (FPD), tem como linhas de pesquisa a prosa machadiana e a poética intertextual entre o medievo e o sertão em Elomar Figueira de Mello pelas trilhas da memória e das metáforas de saudade. Outrossim, faz parte do Projeto de Iniciação Científica (PIC) através do Núcleo de Estudos em Literatura do Curso de Letras (NELL) como orientadora da Linha de Pesquisa: Literatura, Regionalismo, Memória e Ensino.

<sup>3</sup> Mestre em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Professor do Curso de Letras Português e Espanhol da Faculdade Pio Décimo e Professor do Curso de Pedagogia da Faculdade Pio Décimo.

No presente trabalho tem como meta fazer uma análise sobre a fonética articulatória. Na linguística, existem duas disciplinas que se ocupam do nível fônico da linguagem, a saber, a Fonética que se ocupa dos sons da fala e Fonologia que se ocupa da estruturação dos sons vocais em um sistema linguístico. A fonética articulatória ocupa-se do estudo da produção da fala do ponto de vista fisiológico e articulatório. Para se entender os mecanismos de articulação desses sons, precisa-se inicialmente conhecer os diferentes órgãos responsável pela realização dos sons das línguas naturais, ou melhor o aparelho fonador. Além disso, os sons linguísticos ainda podem ser classificados quanto ao modo de articulação e ao ponto de articulação. Utilizaremos apenas os sons realizados na língua portuguesa. Utilizaremos a plataforma digital do referente laboratório para fazer a coleta de amostras dos participantes e visitantes da semana de Letras.

**Palavras-chave:** Fonética articulatória. Fonologia. Sons do português Brasileiros.

### **A UTILIZAÇÃO DO CELULAR COMO SUPORTE PEDAGÓGICO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

FACULDADE  
PIO DÉCIMO

Claudineide Alves de Oliveira<sup>1</sup>

Júlio Gabriel Marcionilio das Neves Barros<sup>2</sup>

Thais Luene Freire de Araújo<sup>3</sup>

Orientadora: Me. Cláudia Laís Costa Da Silva<sup>4</sup>

O dispositivo celular apresenta inúmeras possibilidades ao usuário de facilitar suas demandas, não sendo diferente para pesquisas de cunho escolares. A utilização de smartphones tornou-se uma realidade no âmbito escolar e no cotidiano dos alunos, tornando -se fundamentais na escola. Neste sentido, é necessário que o dispositivo celular seja inserido em sala de aula de forma positiva, assumindo o papel de suporte pedagógico no processo de ensino-aprendizagem, inclusive nas aulas de língua portuguesa. Nesta perspectiva, nosso objetivo é refletir acerca da utilização do celular como suporte pedagógico nas aulas de Língua Portuguesa. A metodologia

<sup>1</sup> Graduanda em Letras Português e Espanhol pela faculdade Pio Décimo. Clau.oliveira1998@gmail.com

<sup>2</sup> Graduanda em Letras Português e Espanhol pela faculdade Pio Décimo. juliogabriel96@hotmail.com

<sup>3</sup> Graduando em Letras Português e Espanhol pela faculdade Pio Décimo. thaisluene@yahoo.com.br

<sup>4</sup> Mestre em Educação e Comunicação pela Universidade Tiradentes. Graduada em Letras Português Vernáculas. Especialista em teoria e práticas do texto. Professora adjunta da faculdade Pio Décimo.

utilizada foram as fontes documentais, respaldadas nas teorias dos autores Marcuschi (2003) e Ingedore G. Villaça Koch (2006).

**Palavras-chaves:** celular; suporte pedagógico; ensino-aprendizagem.

204

### **JOSÉ, DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE**

Clemer Belizario Nunes  
Ingrid Raiane Menezes  
Márcia de Santana Andrade dos Santo

Este trabalho tem como objetivo demonstrar a função social de um texto literário, bem como de seu escritor, procurando ressaltar a importância da relação entre forma poética e estrutura social. Publicado originalmente em 1942, o poema *José* de Carlos Drummond de Andrade, relata um momento de desesperança, de solidão, de situações que parecem sem saída, de miséria. Surge então, uma pergunta que se tem de responder: E agora? *José* é um nome muito comum no Brasil. Repare que, no poema, ele aparece sem sobrenome. Para você, quem *José* representa no poema? O poeta assume influências modernistas como versos livres, há sonoridade, ritmo e ausência de um padrão métrico.

**Palavras-chave:** Social. Solidão. Modernista.

### **À VIDA, OS CORAÇÕES NÃO VOLTAM MAIS**

Crisnanda Melo  
Camila Goes

No presente trabalho será analisado o poema "*As Pombas*" (1883), de Raimundo Correia, poeta de destaque do período Parnasiano da Literatura Brasileira. A escolha desta temática se deu pelo interesse em resgatar os poemas do poeta. Tem-se como objetivo o estudo da presença do eu-lírico sobre o fator relacionado à estrutura textual e significação poética. A análise será desenvolvida a partir de uma pesquisa qualitativa, envolvendo a interpretação com as características temáticas presentes no texto. Observa-se que a movimentação interna e externa ao poema é constante, percebe-se também que as pombas vão e vem, indicando

a existência de vários sentimentos, pois a juventude é uma época de novas descobertas e muito senso para as novas escolhas. Assim como o jovem cresce e vai descobrindo as realidades da vida e, muitas vezes, não há tempo de sonhar ou concretizar os sonhos, concluindo que “*aos corações não voltam mais*”.

**Palavras-Chaves:** *Estrutura textual, Parnasianismo, Significação Poética.*

## **A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE LITERATURA NO ENSINO MÉDIO, PARA FORMAÇÃO DE LEITORES CRÍTICOS E REFLEXIVOS.**

Diogo Daniel Meneses dos Santos  
Joyce Rocha  
Juliana Pinto Santos

A literatura é um bem cultural onde com o seu contato ela nos ajuda na contribuição do desenvolvimento da educação, sensibilidade, estética, intelecto, além de contribuir no favorecimento de acesso nos diversos conhecimentos da cultura daqueles povos e lugares nem se quer reconhecidos. Com a leitura dos textos literários cada um de nós construímos uma bagagem de experiências que irá nos definir como leitores críticos e reflexivos em nossa formação humana e também profissional. O objetivo desse estudo é compreender quais são as contribuições do ensino de literatura na formação dos leitores que estão no ensino médio. Na pesquisa realizada foi utilizado o método explicativo, em que para obter os resultados desejados o tipo da análise foi quali-quantitativa. Como os professores deverão trabalhar esta disciplina deixada para trás em muitas das vezes no âmbito escolar? Evidenciamos também que formar um leitor crítico não depende só de colocar os alunos para ler e sim praticar diariamente uma leitura dos diversos textos e a partir deles extrair tudo aquilo que ele possui de informação.

**Palavras-chave:** Ensino. Literatura. Professores. Leitores. Formação.

## FORMAÇÃO CONTINUADA PARA PROFESSORES: OFICINAS DE CONFEÇÃO DE RECURSOS PEDAGÓGICOS PARA ALUNOS AUTISTAS

206

Edelfrancla Gomes dos Reis<sup>1</sup>Marcos Batinga Ferro<sup>2</sup>Adryana Siqueira Barreto<sup>3</sup>Matheus Luamm Santos Formiga Bispo<sup>4</sup>

O Autismo é um transtorno do desenvolvimento que apresenta como características: comportamento repetitivo, presença de manias e rituais estereotipados, dificuldade na comunicação, compreensão e interação com outros sujeitos, etc. Nessa perspectiva, o artigo tem o objetivo de refletir o uso de recursos pedagógicos para a inclusão de alunos autistas nas aulas de ensino regular. A inquietação sobre o assunto deu-se a partir das discussões com os colegas graduandos em pedagogia na Faculdade São Luís de França que durante os estágios na Educação Infantil e Ensino Fundamental, tiveram o primeiro contato com alunos diagnosticados com o transtorno do espectro autista (TEA) nos seus diversos níveis. A metodologia do estudo consiste em pesquisa bibliográfica e relatos de experiência. Tópicos como: Formação continuada para professores, estratégias de ensino para a educação de alunos com TEA e recursos pedagógicos como ferramenta no processo de ensino-aprendizagem foram elencados em sala de aula a fim de refletir alternativas para que a inclusão educacional aconteça de forma efetiva nas instituições de ensino particular e/ou pública. Vislumbrando atingir resultados favoráveis no processo de ensino e aprendizagem no que se refere à práxis pedagógica dos discentes durante o estágio, oficinas de confecção de recursos pedagógicos para alunos autistas foram ofertadas aos graduandos durante as aulas da disciplina metodologia da matemática. A partir das contribuições dialéticas dos graduandos, ficou evidenciado que os mesmos

<sup>1</sup> Especialista em Gestão Escolar e Educação Empresarial pela Faculdade Jardins. Graduada em Pedagogia pela Faculdade São Luís de França - FSLF. Integrante do Núcleo de Estudo, Extensão e Pesquisa em Inclusão Educacional e Tecnologia Assistiva – NÚPITA/UFS e do Grupo de Estudo e Pesquisa em Docência - GEPED/FPD. E-mail: frangomes02@gmail.com.

<sup>2</sup> Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe - UFS. Especialista em Didática e Metodologia do Ensino Superior. Especialista em Competência Pedagógica, Docência Universitária e Gestão Escolar. Graduada em Pedagogia pela Faculdade São Luís de França – FSLF. Professor na mesma instituição, atuando nos cursos de extensão, graduação, pós-graduação e da Educação Básica da Rede Estadual de Sergipe. E-mail: marcosbating@hotmail.com.

<sup>3</sup> Especialista em Magistério Superior pela UNIT. Especialista em Gestão Escolar: Pedagogia Empresarial pela FSLF. Graduada em Pedagogia pela Faculdade São Luís de França - FSLF e Turismo pela Universidade Tiradentes – UNIT. E-mail: drydry7@hotmail.com.

<sup>4</sup> Especialista em Gestão Escolar e Educação Empresarial pela Faculdade Jardins. Graduada em Letras Português e Respektivas Literaturas da Faculdade São Luís de França - FSLF. E-mail: matheus.luamm@hotmail.com.

ressignificaram suas práticas pedagógicas e didáticas usando os recursos por eles confeccionados, e os sujeitos analisados responderam de forma positiva, participando junto aos ditos normais. Nesse contexto, os graduandos atuaram como agentes de transformação social, utilizando nas suas práticas docente o uso de recursos pedagógicos que favoreceram: aprendizagem, integração, interação dos discentes e estímulo ao desenvolvimento de habilidades e competências necessárias respeitando as particularidades individuais de cada autista para um melhor resultado durante as aprendizagens.

**Palavras-Chave:** Autismo. Formação Continuada. Recursos Pedagógicos.

### A LINGUAGEM POÉTICA DE CECÍLIA MEIRELES

Felipe Ferreira dos Santos  
Gabriela Nobre dos Santos  
Johnata da Cruz Nascimento

No referente trabalho será ressaltado a linguagem poética de Cecília Meireles. A pesquisa será baseada no conceito da temática, dando ênfase no "eu" lírico do poema "Retrato", o qual fez parte da segunda geração do Modernismo brasileiro mas sua obra apresenta influências simbolistas, românticas e parnasianas, A linguagem poética de Cecília tem fortes elementos simbolistas, o que a torna renovadora para época, seus versos curtos, constata as mudanças, as transformações psicológicas e físicas pelas quais foi passando ao longo da vida. Esse poema se estrutura numa comparação entre como a pessoa era no passado e como ela é no presente, com isso, o eu-poético utiliza-se de alguns termos para caracterizar as partes do corpo, mostrando a transitoriedade do tempo passado. Por esse motivo cuja sua estética plural incorpora vários elementos estéticos e sentimentais descritos, o ato da interpretação não pode ficar restrito a sua forma de apresentação sobre única página, mas pelo suporte textual que contém com disposição das palavras, versos, rimas e estrofes. Sendo assim, tais pressupostos serão tratados como instrumento de estudo.

**Palavras chave:** Eu lírico, rosto, transitoriedade, poema.

## **A UTILIZAÇÃO DA MÚSICA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS CONTEÚDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

208

Geslaine Santos Tavares<sup>1</sup>Lidiane Costa dos Santos Andrade<sup>2</sup>Vivianne Maria Lopes Matias<sup>3</sup>Cláudia Lais Costa da Silva<sup>4</sup>

Entende-se que, o papel do professor é o de estar apto aos desafios da profissão, sobretudo, um desses principais desafios é o de proporcionar conhecimento do aluno para a disciplina, e isso não tem sido uma tarefa muito fácil ultimamente, as tecnologias estão cada vez mais presentes na vida dos alunos. Foi pensando na presença das tecnologias em ambiente escolar que foi realizada uma pesquisa com a utilização da música em uma aula de Língua Portuguesa. De acordo com Faria (2001, p.24), "a música como sempre esteve evidenciada na vida dos seres humanos, ela também sempre está presente na escola para dar vida ao ambiente escolar". Nessa perspectiva o objetivo desse trabalho é propor uma reflexão acerca da utilização da música no processo de ensino aprendizagem dos conteúdos de língua portuguesa na turma do 2º ano do Ensino Médio, onde a metodologia de caráter qualitativo consistiu na abordagem da música como ferramenta pedagógica mediada pelo processo de aprendizagem para a conjugação de verbos.

**Palavras-chave:** Música. Tecnologias. Aprendizagem. Língua Portuguesa.

## **A PERSPECTIVA DA VIOLÊNCIA NA OBRA DE ANTÔNIO CARLOS VIANA**

Irla Cássia Oliveira Santos

Maeli Dias dos Santos

A presente pesquisa busca aprimorar os conhecimentos acerca do escritor Antônio Carlos Viana. O que caracteriza sua literatura são lembranças muito fortes da infância, preocupação muito grande com os que estão à margem da sociedade, mas sem a perspectiva de piedade. O livro *Cine Privê*, por exemplo, formado por

<sup>1</sup> Graduanda de Letras Português e Espanhol pela Faculdade Pio Décimo (FPD).

<sup>2</sup> Graduanda de Letras Português e Espanhol pela Faculdade Pio Décimo (FPD).

<sup>3</sup> Graduanda de Letras Português e Espanhol pela Faculdade Pio Décimo (FPD).

<sup>4</sup> Mestra em Educação e Comunicação, Professora Adjunta Nível 4 da Faculdade Pio Décimo (FPD).

vinte contos, narra histórias, na maioria das vezes em primeira pessoa, explanando a ótica de personagens submetidos a certa invisibilidade. Jovem que acabou de matar sua mãe. Ou de um homem alquebrado cujo trabalho é limpar as cabines individuais de um cinema pornô. Ou de uma adolescente pobre que só consegue tratar dos dentes em troca de favores sexuais a um falso dentista. Ler as obras desse escritor leva-nos a reflexão e novos olhares sobre a sociedade.

**Palavras chave:** Antônio Viana, sociedade, literatura.

### **A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO COM OS GÊNEROS TEXTUAIS EM SALA DE AULA**

Jandson dos Santos da Silva  
José Carlos de Jesus Clementino  
Tássia Regina de Santana  
Cláudia Lais Costa Da Silva Campos (Orientadora)

Os gêneros textuais abrangem as práticas orais e escritas as quais os indivíduos estão acometidos na sociedade. Na escola, por vezes, estes gêneros são deixados de lado ou mal apresentados pelos professores aos alunos. Nesta perspectiva, surge a necessidade de serem bem aprofundados, de forma a demonstrar sua funcionalidade nos âmbitos sociais. Sendo assim, o presente trabalho teve como objetivo averiguar bibliograficamente a importância e equívocos nos usos dos gêneros textuais nas aulas de língua portuguesa. Para isso foi realizada uma pesquisa bibliográfica de caráter descritivo, fazendo uma análise de natureza qualitativa, pois busca a compreensão do tema pesquisado. Pode-se observar nos resultados que muitos professores não abordam os gêneros textuais de forma prática, contextualizada e interacional. Contudo, torna-se indispensável à utilização dos mesmos para tornar as aulas mais atraentes e motivadoras.

**Palavras-chave:** Gêneros Textuais. Escola. Professores. Aulas.

## **O EXISTENCIALISMO NO ROMANCE "JANE BRASIL", DE GIZELDA MORAIS**

Jefferson Matheus Lima dos Santos<sup>1</sup>

210

Luciana Novais Maciel<sup>2</sup>

O presente artigo teve como objetivo geral analisar o existencialismo visualizado no romance *Jane Brasil* (1986), da escritora sergipana Gizelda Moraes. É notória a solidão, o medo e a angústia, como constituintes do enredo desta tensa obra, centrada no existencialismo – na busca de uma verdade obscura pelas limitações da vida. O desenho do texto se apresenta a partir da Introdução ao tema; no Desenvolvimento, há uma breve apresentação da autora e da obra, bem como uma discussão teórica a respeito da temática, além disso, analogicamente pontuou-se alguns trechos da obra; há também as Considerações Finais; as Referências são circundantes do presente estudo. Com base nos estudos sobre o existencialismo de João da Penha, e, sobre a representação literária, referenciada por Antonio Candido e Aristóteles, pode-se concluir que há um forte questionamento acerca da existência do ser na supracitada obra.

**Palavras-chave:** Existencialismo. Literatura e Sociedade. Gizelda Moraes.

## **A ESTÉTICA DO POEMA MEUS OITO ANOS DE CASIMIRO DE ABREU**

Juliana Azevedo

Gabriel Rodrigues de Sa

Emilly Ferreira

No presente trabalho será analisado o Ultrarromantismo de Casimiro de Abreu pelo poema "Meus Oitos Anos". A pesquisa será baseada na estética e na temática expostas pelo eu lírico. A infância é idealizada e o eu lírico a privilegia. São evidenciados a saber, mostrando o quanto era melhor ser criança, além disso, o

1 Graduando em Letras Português e Espanhol (NELL/Faculdade Pio Décimo); atua na área de projetos educacionais, com ênfase na leitura. E-mail: jefferson.teorialiteraria@gmail.com

2 Professora e Coordenadora do Curso de Letras Português/Espanhol da Faculdade Pio Décimo, Mestre em Literatura Brasileira (UFAL), Orientadora da linha de pesquisa: Literatura de escritores sergipanos e metodologias do ensino de Literatura que compõe o NELL.

tempo e o espaço míticos da inocência, quando tinha o amor de sua mãe e a carícia de sua irmã, sendo reconhecido pela riqueza de detalhes visuais e de movimento. Desse modo, temos a visão de uma infância "perfeita", a ponto de ser desejada novamente. Em nenhum momento, o Eu lírico descreve a realidade de crianças que passavam fome ou qualquer outra característica social negativa.

**Palavras-chave:** Inocência. Infância "perfeita". Eu lírico. Ultrarromantismo.

### **A INFLUÊNCIA DA TECNOLOGIA NA FORMAÇÃO DE LEITORES EM LÍNGUA PORTUGUESA**

Jennifer Valéria Cardoso de Rezende Santos <sup>1</sup>

Co-autoras: Deysiane de Jesus Santos <sup>2</sup>

Flaviane dos Santos Souza <sup>3</sup>

Orientadora: Claudia Laís <sup>4</sup>

O presente trabalho tem como objetivo mostrar a utilização da tecnologia em sala de aula para formação de bons e novos leitores, visando o uso da tecnologia não somente como um meio de divisão individual, mas como uma ferramenta de aprendizagem coletiva. Servindo-se da modernização tecnológica para incitar o aluno à procura de livros a fim de formar novos leitores por meio de aplicativos e da facilidade que as TIC's oferecem.

**Palavras-chave:** Educação. Formação. Leitores. Tecnologia.

<sup>1</sup>Graduanda do Curso de Letras Português/Espanhol da Faculdade Pio Décimo (FPD) e pesquisadora da obra de Arriete Vilela.

<sup>2</sup>Graduanda do Curso de Letras Português/Espanhol da Faculdade Pio Décimo (FPD)

<sup>3</sup>Graduanda do Curso de Letras Português/Espanhol da Faculdade Pio Décimo (FPD)

<sup>4</sup>Graduada em Letras Verácucas; Especialista em Teorias e Prática do Texto; Mestrado em Educação e Comunicação pela Universidade Tiradentes. Professora Adjunta da Faculdade Pio Décimo.

## **A HISTÓRIA EM QUADRINHOS COMO FORMA DE ENSINO CULTURAL E LITERÁRIO NA SALA DE AULA**

Joan dos Santos Melo  
José Pedro Martins da Silva  
Josivania Ferreira dos Santos

212

O presente trabalho tem o objetivo de fomentar a grande importância da leitura em quadrinhos na literatura, tendo como foco a obra do escritor Sergipano Itamar Freitas, "Aracaju uma história em quadrinhos". A história em quadrinhos é definida como meio de comunicação de massas em formato narrativo constituído por elementos verbais e icônicos. É um gênero narrativo, consumido pela maioria dos alunos das séries iniciais e se mostra como veículo de transmissão de conteúdos conceituais substantivos e estratégias de desenvolvimento de competências metahistóricas, a exemplo de tempo, narrativa e interpretação, e é uma linguagem presente nas escolas. Partido desse pressuposto de linguagem simples presente nas escolas, as histórias em quadrinhos é uma ótima ferramenta para uso em desenvolvimento de aulas, desse modo o professor trabalha tanto a literatura, quanto outros pontos importantes, como leitura, escrita e história. Sabe-se que a literatura está sempre associada a vários fenômenos sociais, culturais, religiosos, políticos, econômicos, etc. Tendo conhecimento que a formação cultural de um povo é de grande importância para a construção cidadã, a disciplina Literatura e Cultura de Sergipe poderão ser apresentadas em sala de aula aos alunos de forma que, os mesmos conheçam tais fenômenos que compõe a história do povo sergipano.

**Palavras-chave:** Educação; Sala de aula; Literatura sergipana; História em quadrinhos; Leitura.

## **A MULHER NA LITERATURA E SEUS ASPECTOS SOCIAIS NO CONTO A BELA E A FERA**

Joelma Ferreira dos Santos **213**  
Yanca Santana da Silva

O artigo tem como objetivo refletir sobre os aspectos sociais e a relação da mulher no conto a *A bela e a Fera*, que buscam um sentido para suas vidas. A nossa intenção é apontar uma escrita clariceana voltada para dois mundos distintos: o primeiro, representado por Carla e a sua autoconsciência da realidade que a separa de outros estratos sociais, e o segundo, pela figura do mendigo da calçada de Copacabana que representa o abandono e a miserabilidade do homem diante de uma sociedade excludente e classificatória. Com isso, procuramos problematizar os dramas interpessoais e as diferenças entre a simetria da estética dos padrões de beleza e dos *status* instituídos pela sociedade do olhar.

**Palavras-chave:** Feminismo. Sociedade. Mulher.

## **A DOR FINGIDA DE UM POETA FINGIDOR?**

Joyce Goés Souza  
Lillian Moreira Cabral

Tainara Santos Costa

No referente trabalho será analisado o poema *Autopsicografia* (1932), de Fernando Pessoa, poeta lusitano nascido em 1888 e falecido em 1935. A iniciativa para este estudo foi devido ao poeta ser de grande relevância para o Modernismo Português. Segundo Massaud Moisés "O Modernismo foi um emaranhado de forças estéticas, a que se sobrepõe a inquietação trazida pela primeira grande guerra." O marco inicial do modernismo português foi à publicação da revista *Orpheu*, em 1915, além de introduzir em Portugal o movimento modernista, associou nesse projeto importantes nomes das letras e das artes, como Fernando Pessoa. O objetivo desta pesquisa é analisar a estrutura e a significação da obra do referido poeta. Optou-se por uma metodologia embasada no estudo analítico a partir da interpretação do poema, seguindo uma leitura da composição da estrutura das estrofes, versos, ritmo, musicalidade e do eu poético. Dessa forma, verifica-se que o poema trata do próprio poeta, que descreve detalhadamente a própria alma, usando a metalinguagem.

**Palavras-chave:** Análise poética, *Autopsicografia*, Metalinguagem.

## **ANÁLISE DE PROCESSOS INTERTEXTUAIS ENTRE OS CONTOS: "O BARBA AZUL" E "A FILHA DO BARBA AZUL"**

Luany Scarlath de Souza Guimarães Ramos <sup>1</sup>

Steffani de Jesus Santos <sup>2</sup>

214

Este artigo apresenta um estudo sobre a intertextualidade entre contos, o primeiro conto é do autor Louis Couperus chamado "A filha do barba - Azul", e o outro do autor Charles Perrault chamado "O barba azul", os dois envolvem questões sobre intertextualidade, com a justificativa de apresentar noções de hipotexto na onde é possível observar e verificar a similaridade de um com o outro. A partir de uma análise mais introspectiva da obra podemos perceber que cada elemento do conto tem sua função, no conto "O Barba Azul" a mágica aparecia na chave do quarto secreto, já em "A filha do Barba-Azul" está nas propriedades que Fátima tem em conseguir esconder seus esposos por bastante tempo. Para concluir, o conto em questão tem uma estilística e traços dos personagens principais iguais, e também com um final feliz para seus esposos parecido, pois herdam a fortuna deles.

**Palavras-chave:** Conto. Intertextualidade. Literatura.

## **PERFIL DA ESCRITA DE HERMES FONTES: Angústia e ternura**

Maeli Dias dos Santos  
Irla Cássia Oliveira Santos

No referente trabalho será exposto o perfil de escrita do sergipano Hermes Fontes que, desde muito cedo já demonstrava habilidade com as palavras. Hermes Floro Martins de Araújo Fontes nasceu na vila de Boquim, hoje atual cidade do Boquim, veio de uma família muito humilde e, seu pai percebendo o grande potencial que Hermes tinha com as letras, decide que seu talento não poderia se perder vivendo em uma pequena vila. Nessa trajetória de mudança de vida, Hermes Fontes torna-se conhecido na sociedade carioca, todavia, a saudade e angústia tomam conta de sua vida, o que acaba caracterizando a escrita de seus sonetos, poemas e cartas. Todas as suas obras são endereçadas a sua família e amigos que outrora deixou

<sup>1</sup> Graduada em Licenciatura Letras Português/Espanhol pela Faculdade Pio Décimo (2017. E-mail: <luanyscarlath@gmail.com>

<sup>2</sup> Graduada em Licenciatura Letras Português/Espanhol pela Faculdade Pio Décimo (2015. E-mail: <stefani80@hotmail.com>

na aldeola de Boquim. Sendo assim, o perfil de escrita de suas cartas será nosso objeto de estudo.

**Palavras-chave:** Hermes Fontes, escrita, angústia e ternura.

### **AS EDIFICAÇÕES DA TRANSITORIEDADE EM *MOTIVO*, DE CECÍLIA MEIRELES**

Marcelo Santos Silva Junior  
Beatriz Luíza da Silva  
Pricila Horrana Gonçalves Lima

O presente trabalho tem como objetivo analisar o poema *Motivo*, de Cecília Meireles, que tem como destaque a alternância das rimas e a presença de metáforas para a transitoriedade da vida, como também é construído por sentidos antitéticos: alegre/triste, noite/dia, desmorono/edifício entre outros. Além disso, no poema de Meireles podemos encontrar métrica e ritmo, uma temática importante.

**Palavras-chave:** Motivo. Sentidos Antitéticos. Transitoriedade.

### **PRESENÇA DOS HETEROSSEMÂNTICOS NO GÊNERO DIGITAL MÚSICA E O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA LÍNGUA ESPANHOLA**

Mateus Melckzedek Monteiro Souza <sup>1</sup>  
Edla Paloma Azevedo de Santana<sup>2</sup>  
Heloisa Santos Andrade<sup>3</sup>  
Orientadora: Me. Claudia Laís Costa da Silva<sup>4</sup>

<sup>1</sup> Graduando do curso de Licenciatura em Letras Português e Espanhol da Faculdade Pio Décimo  
Email: mateusmonteiro1@outlook.com

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Licenciatura em Letras Português e Espanhol da Faculdade Pio Décimo  
Email: paloma551@hotmail.com

<sup>3</sup> Graduanda do curso de Licenciatura em Letras Português e Espanhol da Faculdade Pio Décimo  
Email: loisasantos2015@hotmail.com

<sup>4</sup> Graduada em Letras Vernáculas; Especialista em teorias e práticas do texto; Mestrado em Educação e Comunicação pela Universidade Tiradentes. Professora Adjunta da Faculdade Pio Décimo.

As línguas espanhola e portuguesa assumem algumas funções sintáticas e morfológicas semelhantes, que são decorrentes do fato de pertencerem ao grupo de línguas neolatinas ou românicas. No entanto, há muito o que trabalhar na relação entre ambas, fatores como cultura e semântica influenciam bastante no desenrolar das aulas de língua estrangeira, com isso, o presente trabalho tem como objetivo analisar a presença dos heterossemânticos no gênero digital música e sua atuação no processo de ensino-aprendizagem da língua espanhola que está presente na interação de várias culturas simultaneamente. Neste sentido, abordaremos como subsídio teórico as autoras GRAEFF e RIBEIRO (2010), LOPES (2012), que nos embasaram na elaboração deste trabalho. A metodologia foi feita através de fontes documentais, que nos possibilitou uma reflexão acerca do aperfeiçoamento da tecnologia nas aulas de língua estrangeira. Com a pesquisa, concluímos que, devido à uma série de situações comunicativas que implicam na má compreensão dos âmbitos sintático, morfológico e semântico, as atividades propostas em classe utilizando o gênero digital música possibilita ao alunado o estímulo por conta da curiosidade em descobrir e relacionar os heterossemânticos dentro dos objetivos acerca de uma melhor aprendizagem na aula de língua estrangeira.

**Palavras-chave:** Heterossemânticos; língua espanhola; ensino-aprendizagem.

## **A PRÁTICA DO PROFESSOR DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Matheus Luamm Santos Formiga Bispo<sup>1</sup>

A Educação de Jovens e Adultos é entendida como o conjunto de processos educacionais formais e não formais, aos quais as pessoas cujo entorno social consideram-se adultos, desenvolvem suas capacidades, enriquecem seus conhecimentos e melhoram as suas competências técnicas, profissionais ou as reorientam a fim de atender suas próprias necessidades e as da sociedade. O objeto de pesquisa é a prática do professor na EJA. Para construção dessa pesquisa foi realizada pesquisa bibliográfica, com embasamento teórico em Freire (2002; 2006), Gadotti (2002), Moll (2011), Libâneo (2005), Zabala (1998) e outros. Pode analisar como é realizada a prática docente do professor de EJA com base na teoria e nas observações do cotidiano da sala de aula, a fim de constatar a práxis

<sup>1</sup> Especialista em Gestão Escolar e Educação Empresarial pela Faculdade Jardins. Graduado em Letras Português e Respectivas Literaturas pela Faculdade São Luís de França. E-mail: matheus.luamm@hotmail.com.

pedagógica desse profissional. Para aos educadores desta modalidade é necessário propor cursos de capacitação e formação contínua, para uma reflexão sobre suas práticas em sala de aula e criação de estratégias para modificar tal prática, a fim de contagiar e estimular o educando da classe da EJA.

**Palavras-chave:** Educação de Jovens e Adultos. Prática docente. Professor.

### **A CONTRIBUIÇÃO NA OBRA DE AMANDO FONTES "OS CORUMBAS" PARA A LITERATURA SERGIPANA**

Patriciá Militão Alves<sup>1</sup>

Sara Rogéria Santos Barbosa<sup>2</sup>

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a obra "*Os Corumbas*", de Amando Fontes (1889-1967), junto à contemporização histórica e à estética literária do decênio de 30 orientadas as temáticas sociais pelas quais foram pertinentes na obra, enfatizando, as características neorealistas presentes no contexto histórico e social. A partir, dessa análise será especificada a importância de Amando Fontes, autor modernista brasileiro, levando em consideração a obra "*Os Corumbas*", e sua relevância para a literatura brasileira e sergipana. Partindo dessa observação, especificamente, julgar-se-á necessário utilizar os pressupostos teóricos orientados aos aspectos de caráter históricos e sociais. Dessa forma, serão utilizados para coleta dados bibliográficos de livros e artigos através da investigação da crítica literária brasileira e sergipana, enfocando a escola regionalista do decênio de 30. A fim de, especificar à influência do autor ao descrever as mudanças e transformações sociais que decorriam naquela época no cenário brasileiro e aracajuano.

**Palavras-chave:** Os Corumbas. Amando Fontes. Neorealismo. Literatura Brasileira.

<sup>1</sup> Pós-Graduada do Curso de Letras com habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas.

<sup>2</sup> Professora orientadora do desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso.

## **A INFLUÊNCIA DAS MÍDIAS SOCIAIS COMO FERRAMENTA METODOLÓGICA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

Rayllanee de Assis Vieira

Iasmin Bianke de Souza **218**

Elenice Alves Mendes

O estágio supervisionado possibilita ao discente uma aproximação com a realidade, entre as estratégias de ensino que o estagiário pode recorrer a fim de fazer com que o aluno desperte o interesse pelas aulas. Nesse sentido, o presente trabalho tem por finalidade apresentar as possibilidades de ferramentas metodológicas no estágio supervisionado, sobretudo, aos discentes de Letras com enfoque nas mídias sociais e as suas várias formas de uso e o que oferecem para uma mediação pedagógica sob os preceitos de teóricos com Cordão e Alves (2014) no que tange as normas para organização e realização do estágio, assim como os pensamentos de Pinheiro (2013) que defende que a escola não pode ignorar a relação que se estabelece entre os jovens e a máquina. Nessa perspectiva Couto Jr. (2013), ressalta que a utilização de mídias sociais, como o Facebook possibilita ao estagiário realizar diferentes atividades com seu corpo discente, como a criação de *post*, debates, comunicados importantes e o compartilhamento de notícias e materiais de interesse.

**Palavras-chave:** Mídias sociais; Tecnologia; Discente; Estágio; Ferramentas.

## **A METALINGUAGEM NA PÓETICA DE MÁRIO DE ANDRADE**

Renata de Santana Santos

Sarah Beatriz Barbosa dos Santos

No referente trabalho será ressaltado a metalinguagem na poesia de Mário Quintana. A pesquisa será baseada no conceito da temática, dando ênfase nos versos de "Os Poemas", o qual fez parte da segunda fase do Modernismo, embora as características pertençam ao contexto sociocultural da terceira fase. Por esse motivo, possui o uso da temática cotidiana e linguagem coloquial, além de inovações linguísticas e a função metalinguística, com uma linguagem mais objetiva. No poema há a presença de metáforas, comparando os poemas com os pássaros. Sendo assim, tais pressupostos serão tratados como instrumento de estudo.

**Palavras-chave:** Modernismo. Metalinguagem. Poema.

## **A INFLUÊNCIA DA MÚSICA NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM NAS AULAS DE LÍNGUA ESPANHOLA**

219

Roalysson Correia Silva<sup>1</sup>  
Maria Ione Santos de Jesus<sup>2</sup>  
Floriano Euclídes Gomes da Silva<sup>3</sup>  
Claudia Laís Costa da Silva<sup>4</sup>

Na perspectiva de aperfeiçoar o trabalho docente, a música se torna um recurso chamativo para ser inserida no ambiente escolar através de recursos como Datashow e o aparelho de som. O presente estudo propõe investigar a importância de trabalhar com a música no ensino da Língua Espanhola, entendendo como ela pode ter influência no processo de ensino aprendizagem durante as aulas. Assim, é de fundamental importância mostrar como esse recurso facilita no desenvolvimento das capacidades para o domínio da língua meta. Entendendo que o docente vai implementar métodos para facilitar a aprendizagem e mediar o conhecimento de cada aluno, foi aplicada uma metodologia voltada à utilização da música como artifício facilitador da Língua Estrangeira.

**Palavras-chave:** Música. Ensino. Língua Espanhola. Aprendizagem. Docente.

<sup>1</sup> Graduando do curso de Letras Português/ Espanhol na Faculdade Pio Décimo.

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Letras Português/ Espanhol na Faculdade Pio Décimo.

<sup>3</sup> Graduando do curso de Letras Português/ Espanhol na Faculdade Pio Décimo.

<sup>4</sup> Mestra em Educação e Comunicação e Professora Adjunta Nível 4 da Faculdade Pio Décimo.

## **A ATUAÇÃO DO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA E A CONSTRUÇÃO DE SABERES NO CONTEXTO DO ALUNO SURDO**

Steffani de Jesus Santos<sup>1</sup>

220

Luany Scarlath de Souza Guimarães Ramos<sup>2</sup>

O presente trabalho tem como objetivo retratar a atuação do professor de Língua Portuguesa através da construção de saberes dentro da sala de aula inclusiva onde o professor é o principal elemento para que o aluno, surdo ou ouvinte, venha a se espelhar. O processo de não compreensão entre alunos surdos ocorre porque alguns professores não sabem LIBRAS, e com a falta de um intérprete a comunicação entre professor e aluno se torna difícil. A partir de uma pesquisa bibliográfica foi possível adquirir, mas conhecimento para aperfeiçoar o trabalho e realizar a pesquisa a campo que abrangeu as questões relativas à atuação do professor de língua portuguesa e a construção de saberes no contexto do aluno surdo. Portanto os professores de língua portuguesa não estão preparados para utilizar a língua de sinais com alunos surdos em escola inclusiva, pois, eles não possuem nenhum curso ou especialização na área de ensino, onde dificulta a aprendizagem do aluno caso o intérprete não possa comparecer a aula.

**Palavras-chave:** Atuação. Estudo. Libras. Português.

## **O ESTÍMULO DA LEITURA ATRAVÉS DO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Sylvia Geórgia Meneses  
Jefferson Matheus Lima dos Santos  
Terezinha da Silva Mendes

A escola é um espaço de construção do indivíduo para a vida social, sendo a leitura, o elemento primordial para esta formação. O professor deixou de ser o protagonista da aula, tornando-se, de fato, o mediador da aprendizagem. Deste modo, discutiu-se no presente estudo algumas estratégias de práticas de leitura na aula de Língua Portuguesa, utilizando-se, especificamente, do livro didático

<sup>1</sup> Graduada em Licenciatura Letras Português/Espanhol pela Faculdade Pio Décimo (2017. E-mail: <luanyscarlath@gmail.com>

<sup>2</sup> Graduada em Licenciatura Letras Português/Espanhol pela Faculdade Pio Décimo (2015. E-mail: <stefani80@hotmail.com>

denominado "Português: linguagens, 1.", referenciado por CEREJA & MAGALHÃES (2013), editado pela Saraiva (São Paulo). Tivemos, portanto, como objetivo geral apresentar possibilidades de ensino de Língua Portuguesa, com ênfase na leitura. O presente estudo validou que há inúmeras possibilidades de estimular a leitura através do livro didático, embora seja um recurso didático com algumas deficiências em seus aspectos didático-pedagógico.

**Palavras-chaves:** Leitura. Livro Didático. Língua Portuguesa.

## **PROUNI: UM ESTUDO SOBRE A IMPORTÂNCIA DO PROGRAMA PARA A FORMAÇÃO DE FUTUROS PROFESSORES**

Tássia Regina de Santana  
Jandson dos Santos Silva

O Programa Universidade Para Todos – ProUni é uma ferramenta que oferece aos indivíduos, que estudaram em escolas públicas, o ingresso em faculdades ou universidades particulares com bolsas de estudos de 25%, 50% e até 100%. O programa ajuda na formação de muitos indivíduos que almejam tornarem-se professores. Nesta perspectiva, o presente artigo teve como objetivo tratar sobre a importância do ProUni para a formação de docentes, dissertando sobre sua abrangência, a quem ele pode servir, quais são os requisitos necessários para o ingresso e permanência, dentre outros pormenores. Para tal, foi realizada uma pesquisa bibliográfica de caráter descritivo, e foram-se também consideradas as experiências dos produtores do artigo. A partir destas pesquisas constatou-se que o referido programa se mostra eficaz para o processo de formação de educadores. Logo, observa-se que o ProUni é uma ótima forma de acesso ao ensino superior, pois auxilia àqueles que não podem arcar financeiramente com seus estudos.

**PALAVRAS-CHAVE:** ProUni. Importância. Ensino Superior. Docência.

## **A IMPORTÂNCIA DOS CLÁSSICOS DA LITERATURA BRASILEIRA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO LEITOR**

222

Wagner dos Santos Guimarães<sup>1</sup>Katarine Soares Andrade de Barros<sup>2</sup>Ana Paula Brandão de Oliveira<sup>3</sup>Claudia Laís Costa da Silva<sup>4</sup>

O presente trabalho se propõe analisar a importância dos clássicos na formação do leitor crítico reflexivo, durante as aulas de Literatura, com a estimulação de leituras e discussões, tendo como foco principal a utilização da literatura brasileira. A formação teórica está pautada nos estudos de TODOROV (2009), com a relevância da leitura na sala de aula. A metodologia foi produzida através das leituras de contos e crônicas dos autores da Literatura Infanto-juvenil brasileira, pelos alunos do Colégio Estadual Pe. Gaspar Loureço, com a turma do Primeiro Ano "A" do Ensino Médio. Os resultados obtidos com a realização desta pesquisa, foram satisfatórios, conseqüentemente, após os contatos com as obras os discentes obtiveram grandes desenvolvimentos nas produções textuais e senso crítico.

**Palavras-chave:** Discentes. Leitura. Literatura.

<sup>1</sup> Graduando em Letras Português/ Espanhol da Faculdade Pio Décimo e membro do Grupo de Pesquisa Formação de Professor (GEPED)

<sup>2</sup> Graduando em Letras Português/ Espanhol da Faculdade Pio Décimo

<sup>3</sup> Graduando em Letras Português/ Espanhol da Faculdade Pio Décimo

<sup>4</sup> Graduada em Letras Português Vernácula, Especialista em Teoria de Texto, Mestre em Educação e Comunicação e Professora Adjunta da Faculdade Pio Décimo